

DFrancisco de Portugal, 1.º Conde de Vimeiro (c.1485-1549), é um dos exemplos da perfeita simbiose das armas com as letras, típica do gentil-homem de finais de Quatrocentos: homem de estado, militar e digno expoente cultural dos reinados de D. Manuel e D. João III, grande moralista, atingiu tal notoriedade, ainda em vida, que foi apelidado de «Catão português», evidentemente por causa das suas «Sentenças», citadas ainda ao longo do século XVII, época em que foram parcialmente impressas. A sua conspícua produção poética, que reflecte todos os cânones da lírica *palaciana*, também deve ter gozado de apreço, constando do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Completamente esquecido na sua vertente literária, querem-se tirar do olvido, com este volume, as «cousas de folgar e gentilezas» por si compostas, bem como o acervo sapiencial que nos deixou – talvez o primeiro do género em língua portuguesa. Esta edição, dirigida a um público heterogénico, apresenta os seus textos ponderadamente actualizados na ortografia, com um estudo introdutório e notas que procurem proporcionar alguns instrumentos histórico-literários para os podermos apreciar devidamente: fontes e modelos, referências a usos e costumes, estruturas gramaticais e retóricas peculiares.

Na capa: *Livro de Horas* dito de D. Manuel, 1517-c.1526, fol. 9v – *Alví* (pormenor).
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

POESIAS E SENTENÇAS DE
D. FRANCISCO DE PORTUGAL
1.º CONDE DE VIMIOSO

POESIAS E SENTENÇAS DE
D. FRANCISCO DE PORTUGAL
1.º CONDE DE VIMIOSO

Fixação do texto, introdução e notas
por Valeria Tocco



Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

LISBOA 1999

C o l e c ç ã o O u t r a s M a r g e n s

Série *Poesia do Tempo dos Descobrimentos*

Título: *Poesias e Sentenças*

Autor: D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso

Fixação do texto, introdução e notas: Valeria Tocco

© Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Revisão: Francisco Paiva Boléo

Capa: Fernando Felgueiras

Paginação: Caligrama, Publicações e Artes Gráficas, Lda.

Fotolitos: Atelier de Imagem, Publicações e Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamento: Gráfica Maiadouro, S. A.

1.ª edição: Setembro de 1999

ISBN: 972-8325-93-2

Depósito legal: 140 759/99

CNCDP – Catalogação na Fonte

PORTUGAL, Francisco de, 1485?-1549

Poesias e Sentenças / D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso; fixação do texto, introdução e notas por Valeria Tocco. – Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999. – 268p; 24cm. – (Outras Margens: Poesia no Tempo dos Descobrimentos). – ISBN-972-8325-93-2.

1 – PORTUGAL, Francisco de, Conde de Vimioso; 2 – TOCCO, Valeria

NOTA PRÉVIA

O trabalho que agora se apresenta é o resultado da reelaboração da minha tese de Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa, defendida na Universidade de Pavia (Itália) em 1990. Muitos são, na verdade, os factores que o distinguem da sua formulação inicial. Antes do mais, a língua utilizada, já que a tese tinha sido primeiramente redigida em italiano. No que concerne, pois, tanto à tradução quanto à revisão global da versão portuguesa, devo exprimir os meus agradecimentos a Arlindo José Castanho. Também a organização interna da obra sofreu alterações significativas, em conformidade com os critérios próprios da colecção em que se pretende integrar. Foram eliminadas as passagens consideradas desnecessárias a um público português, procurando-se ainda (na medida do possível) suprir as diversas insuficiências de que enfermava a versão original.

Muitas foram as pessoas que me ajudaram durante estes anos, quer em Itália quer em Portugal. A todas estou muito agradecida: aqui fica um testemunho da minha gratidão para com Giovanni Caravaggi, Sílvio Castro, Ivo Castro, Giuseppe Mazzocchi, Luciana Stegagno Picchio e Bernardo Sá Nogueira. Todos contribuíram para a elaboração e o aperfeiçoamento do meu trabalho: cada um, à sua maneira, foi igualmente importante e a sua ajuda igualmente fundamental. Como fundamental foi a disponibilidade e o profissionalismo de Clara Boléo e Francisco Paiva Boléo.

Uma menção particular merece, contudo, Margarida Vieira Mendes, que me convidou a participar no projecto por ela dirigido e de quem nunca deixarei de sentir profundas saudades.

Dedico, então, o livro a todos eles, pois foram eles que o tornaram possível.

Valeria Tocco

1

D. FRANCISCO DE PORTUGAL,
1.º CONDE DE VIMIOSO:

DOCUMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA

A figura de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso, destaca-se durante os reinados de D. Manuel I e de D. João III. Não faltam documentos¹ que testemunhem a sua presença activa na corte, seja no campo político seja no campo cultural. Todos os testemunhos que nos chegaram sublinham, com a retórica do género historiográfico a que pertencem, a sua grandeza de espírito e vivacidade intelectual, além da importância política e do valor militar que o Conde soube demonstrar ao serviço dos seus soberanos, a que o ligam, também, vínculos de parentesco.

D. Francisco é filho de D. Afonso de Portugal. Este era, por sua vez, filho do Marquês de Valença, primogénito do primeiro Duque de Bragança (que era filho bastardo de D. João I). Por conseguinte, D. Francisco pertence à família real, sendo primo do rei D. Manuel.

D. Afonso é compelido por D. João II a seguir a carreira eclesiástica: em 1485 é nomeado bispo de Évora após a cruenta morte do seu predecessor, D. Garcia de Meneses, implicado na conspiração urdida contra o Rei pelo Duque de Viseu, D. Diogo².

É conhecida a luta desapiedada de D. João II contra a casa de Bragança, que tanto poder e tanta influência tinha exercido durante o reinado de D. Afonso V. Tendo subido ao trono em 1481, na sequên-

¹ As principais fontes consultadas são: CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, pp. 533 e ss.; BRAAMCAMP FREIRE 1931, vol. III, pp. 378-380; BARBOSA MACHADO 1965, vol. II, pp. 225-227; GEPIB, artigo *Vimioso (Condes de)*. Existe também uma interessante carta escrita pelo próprio D. Francisco, endereçada ao rei D. João III e nunca acabada, que nos resta como *Memorial*: o ms. 7, n. 4 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Nesta carta o Conde lamenta-se com o Rei dos poucos benefícios recebidos nos anos do seu reinado, do muito dinheiro gasto ao serviço da Coroa e nunca devolvido, e revela alguns aspectos obscuros de acontecimentos que o envolveram durante os anos de permanência na corte. A carta é reproduzida no **Apêndice** deste capítulo.

² D. Diogo, Duque de Viseu, irmão do rei D. Manuel, é cunhado do Duque de Bragança, D. Fernando, uma vez que este tinha desposado a sua irmã, D. Isabel. Os dois são os artífices da conspiração contra o rei D. João II. Também no *Cancioneiro Geral de Resende* é confirmada a data da nomeação como bispo de D. Afonso: nas trovas do Coudel-mor, «Repartição dos bispados que el-rei D. João deu em Sintra, o ano de oitenta e cinco» (fl. 19r-v), é incluído D. Afonso *eborensis*.

cia da morte de seu pai D. Afonso V, D. João, o «Príncipe Perfeito» de maquiavélica memória, refreia com severas leis a grande prodigalidade de privilégios nepotistas característica da aliança política entre D. Afonso V e o 3.º Duque de Bragança, D. Fernando: em 1483 manda executar este último, por alegada conspiração contra a sua pessoa, e confisca os seus bens. A casa de Bragança só será reabilitada por D. Manuel, através de um documento datado de 18 de Junho de 1496, e isto «contra a expressa determinação testamentária de D. João II»³. Não admira, pois, que D. Afonso de Portugal, «neste tempo em que el-Rei tinha tanto escândalo e ódio as cousas de Bragança e do Duque de Viseu»⁴, se tenha visto obrigado a envergar o hábito talar.

D. Francisco nasce em Évora, antes de o seu pai tomar as ordens: os testemunhos que nos chegaram não dão, porém, fé da data precisa do seu nascimento. Põe o problema Anselmo Braamcamp Freire⁵: se, quando D. Francisco nasceu, D. Afonso era ainda secular (como ele próprio afirma na carta dirigida a D. Manuel, na qual solicita a legitimação do filho⁶), deve então ter nascido antes de 1485, data da consagração de D. Afonso como bispo de Évora, pouco após o assassinio de D. Garcia de Meneses, como já referido. Se é o primogénito dos três irmãos⁷, como a sua posição faz supor, o nascimento deve então situar-se por volta de 1483. No entanto, K. von Schowingen⁸ propõe uma data aproximada entre 1474 e 1480, construindo dedutivamente tal cálculo a partir das vicissitudes conhecidas da vida do Conde: este autor parte do facto de D. Francisco ter integrado em 1498 o séquito que acompanha o rei D. Manuel a Castela, para concluir que o futuro Conde de Vimioso deveria ter então

³ BRAAMCAMP FREIRE 1944, p. 152.

⁴ RESENDE 1545, cap. lvi.

⁵ BRAAMCAMP FREIRE 1931, vol. iii, p. 378.

⁶ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 539 e BRAAMCAMP FREIRE 1931, vol. iii, p. 378.

⁷ Os outros filhos de D. Afonso são: D. Martinho de Portugal (nascido da relação do já então bispo D. Afonso com D. Briolanza de Freitas), arcebispo do Funchal, primaz da Índia, bispo de Évora, em seguida *Camareiro secreto* do Papa Pio V e do Papa Gregório XIII, personagem central na introdução e difusão do erasmismo em Portugal (cf. SILVA DIAS 1969, pp. 106-126 e BATAILLON 1952, pp. 49-99); e D. Brites de Portugal, que morre solteira e deixa os seus bens em *morgado* ao sobrinho D. Afonso, filho de D. Francisco. Cf. CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 538 e, a propósito da doação de D. Brites ao sobrinho, veja-se a carta-memorial de D. Francisco, fl. 4r (cf. **Apêndice 1**).

⁸ SCHOWINGEN 1981, p. 16.

cerca de 18 anos — o que não constitui evidência absoluta. Se nos ativermos, contudo, aos cálculos de Schowingen, D. Francisco devia ter pouco mais ou menos 35 anos aquando da campanha de Marrocos, em 1509, e, apodado de «velho» nas crónicas da época, devia morrer (em 1549) com uma idade compreendida entre os 69 e os 75 anos.

De qualquer maneira, aprende-se pelas próprias palavras do Conde, que ele entra na Corte por volta de 1494. Na carta-memorial, transcrita no **Apêndice 1**, datável de 1544, D. Francisco afirma: «Neste Outubro fez L anos que sirvo continuamente» (fl. 3r).

A mãe é D. Felipa Macedo, filha de D. João Gonçalves Macedo, fidalgo e cavaleiro do rei D. João I, solteira ao tempo em que com D. Afonso conviveu. Há quem insinue um matrimónio secreto entre D. Afonso e D. Felipa, mas a hipótese carece de provas concretas⁹.

A 15 de Fevereiro de 1505 o rei D. Manuel, a pedido do bispo de Évora, seu primo, assina a legitimação de D. Francisco, posteriormente confirmada por D. João III em 1534.

Dez anos depois, no documento de 2 de Fevereiro de 1515, declara D. Manuel: «(...) por esta presente carta lhe damos [a D. Francisco] o título de Conde da vila do Vimioso e o fazemos Conde dela, com todas as honras, preeminências, prerrogativas, autoridades, graças, liberdades, privilégios e franquias»¹⁰. A nomeação foi motivada pela prerrogativa de parentesco, como o Rei fez questão de salientar na carta em que enumera as razões da decisão tomada «esguardando (...) ao muito devido que connosco tem D. Afonso Bispo de Évora, meu muito amado primo» e pelos «muitos serviços que temos recebido de D. Francisco, seu filho»¹¹. A atribuição do título de Conde tem, porém, outro objectivo: em 1515 encontra-se D. Francisco já viúvo e, sobretudo, sem sucessão. De facto, a mulher, D. Brites de Vilhena, filha de Rui Teles de Meneses e de D. Guiomar de Noronha, morre deixando-lhe apenas uma filha, D. Guiomar de Portugal e Vilhena. A necessidade de obter uma descendência varonil torna, pois, imperativas as segundas núpcias, e o próprio Rei «tratou de o casar, creando-o para este fim conde»¹². A contemplada é D. Joana de

⁹ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 537.

¹⁰ Cf. CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 323.

¹¹ GEPB, artigo *Vimioso*.

¹² CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 542. O próprio Conde refere o facto na carta-memorial (cf. **Apêndice 1**), no fl. 3v: «... ele [o Rei D. Manuel] pelo que lhe fiz, me casou e fez Conde no ano de 1515».

Vilhena, filha de D. Álvaro, primo direito do pai de D. Francisco¹³. Deste segundo casamento nascem, em 1516, D. Afonso, que vem a ser o 2.º Conde de Vimioso; em 1517, D. João, depois Bispo da Guarda; e em 1521, D. Manuel, que será embaixador em Castela e Comendador de Vimioso na Ordem de Cristo.

A notoriedade que D. Francisco alcança durante os reinados de D. Manuel e de D. João III é suficiente para justificar a edição das suas *Sentenças*, mais de meio século após a sua morte, em 1605¹⁴. O promotor da edição é D. António de Ataíde, 2.º Conde de Castanheira, que, numa carta ao cunhado D. Henrique de Portugal, neto de D. Francisco¹⁵, lhe exalta e sublinha o aviso e a sapiência do famoso avô, solicitando a publicação da obra do «ilustre varão & generoso»¹⁶. Para delinear a personalidade e a função de D. Francisco de Portugal na corte, poder-se-ia seguir a tripartição ideal em campos de acção nos quais ele se distinguiu, evidenciada precisamente nesta carta introdutória às *Sentenças*. Diz António de Ataíde: «E assi rendeo na guerra os inimigos com esforço, na paz os competidores com entendimento, na corte os galantes com estilo.»¹⁷

Na guerra. «Era naquelle tempo a guerra de África o teatro em que o valor dos portugueses brilhava»¹⁸: D. Manuel tenta, de facto,

¹³ D. Álvaro é, com efeito, filho de D. Fernando — que era Conde de Arraiolos, 2.º Duque de Bragança, e tio de D. Afonso de Portugal.

¹⁴ Sobre as *Sentenças*, veja-se mais adiante, *Introdução*, 2.5.

¹⁵ O matrimónio de D. Henrique de Portugal com Ana de Ataíde, filha do 2.º Conde de Castanheira, reforça a paz entre as duas famílias, sancionada já — segundo a tradição — pelo matrimónio do próprio Conde de Castanheira com D. Maria de Vilhena, filha da primogénita do Conde de Vimioso, D. Guiomar. Os dissabores entre as duas famílias remontam ao tempo de D. Francisco e do 1.º Conde de Castanheira, quando este, jovem favorito de D. João III, gozava de privilégios e benefícios que o então idoso Conde de Vimioso encarava com maus olhos. Em CAMPOS ANDRADA 1937, p. XIV, são apresentados os dois *Vedores* (o Conde de Castanheira é nomeado *Vedor*, de parceria com D. Francisco, em 1530) como «aborrecidos e descontentes um ao outro», e aí se referem como «notórias as cousas que entre eles passaram».

¹⁶ Além da introdução de D. Henrique de Portugal, a carta de D. António de Ataíde e a advertência ao leitor, precedem o texto propriamente das *Sentenças* ainda três sonetos em louvor do Conde de Vimioso, compostos por D. António de Ataíde, por D. Nuno Mendoça e pelo próprio neto D. Henrique: a expressão citada integra um dos versos do soneto deste último (ed. MENDES DOS REMÉDIOS 1905, p. 17).

¹⁷ MENDES DOS REMÉDIOS 1905, p. 10.

¹⁸ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 540.

conciliar a expansão imperialista através dos oceanos com a expansão militar no Norte de África, fazendo-se assim herdeiro quer da política joanina, que tinha privilegiado a descoberta de novas terras, quer da política afonsina que tinha levado à conquista de Alcácer Ceguer, Arzila e Tânger, aumentando assim para quatro o número das praças portuguesas em Marrocos (contando com Ceuta, conquistada durante o reinado de D. João I).

Em 1509, D. Francisco encontra-se em Arzila, que o rei de Fez então cercava com o fito de a reconquistar. É Capitão Fronteiro¹⁹ e leva consigo, a expensas próprias, como era costume, um grande número de fidalgos e de montadas²⁰, com os quais «serviu o tempo que assistiu nesta praça e durou o sítio»²¹. As crónicas do tempo assinalam a presença do futuro Conde nesta campanha, mencionando apenas um seu cometimento digno de nota²²: toma a iniciativa de organizar uma incursão «à Serra de Benagorfate», com o recalcitrante consenso do Governador D. Vasco Coutinho, Conde de Borba. Decide expor-se na primeira linha, avançando «na dianteira», ainda que com tal desobedecesse às ordens do Conde de Borba. Começa o combate: D. Francisco é atingido por uma «pedrada (...) sobre o capacete (...) de maneira que se salvou encostado a D. Álvaro de Abranches» conseguindo, contudo, capturar 16 mouros e voltar ao acampamento «com muito descontentamento por aver perdido quatro o cinco homens sem causa»²³. Existe, contudo, uma versão menos dramática e mais desencantada deste episódio — mais realista, se quisermos —, que conta como D. Francisco escapasse da batalha arrimado a D. Álvaro de Abranches, porque a pedrada «no

¹⁹ BRAAMCAMP FREIRE 1907, p. 277, cita um documento (*Corpo Chronológico*, parte 3a, molho 4, doc. 25) que demonstra que D. Francisco é Capitão Fronteiro de 1 de Agosto de 1509 a 15 de Março de 1510.

²⁰ RODRIGUES 1929, vol. I, p. 45, relata como «antre todos o que mais resplandecia em nobreza e gasto de casa era D. Francisco de Portugal». Cf. também BRAAMCAMP FREIRE 1907, pp. 276-277. No *Cancioneiro Geral* entra também notícia disso, nas trovas de Garcia de Resende *estando el-rei em Almeirim a Manuel de Góios que estava por Capitão na Mina e lle mandou pedir que lle escrevesse novas da corte* (fls. 215v-217r). Na estrofe XXIII, lê-se: «Dom Francisco no lugar / era então e bem no quente, / / por isto quero passar, / mas de quão honrada gente / levou, vos quero contar. / Esta só cousa não calo: / cinquenta de cavalo / tev'oitto meses consigo / e o al qu'aqui não digo, / é muito mais que o que falo.»

²¹ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 540.

²² Cf. o que dizem GÓIS 1566, III, 8 e 9 e RODRIGUES 1929, vol. I, pp. 45-48.

²³ GÓIS 1566, III, 8 e 9. Entre os caídos, SCHOWINGEN 1981, p. 19 menciona Afonso da Silva e Martim de Sousa Chichorro.

capacete, lho levou da cabeça e caindo-lhe aos pés lhe pisou os dedos de maneira que não se podia afirmar no pé»²⁴.

Depois de ter servido a Coroa em Arzila por um ano²⁵, regressa à pátria.

Em 1513 participa na famosa expedição do 4.º Duque de Bragança, D. Jaime, que culmina com a conquista de Azamor. Também nesta ocasião demonstra ser «homem em que ouve muitas partes e calidades dignas de muito louvor»²⁶; o Duque de Bragança, forçado a um súbito regresso a Portugal, confia-lhe o governo da cidade conquistada e a tutela da sua própria família, que lá ficava.

Estas experiências em «terras d'além» proporcionar-lhe-ão na Pátria, a partir de 1541, o papel de intermediário entre os informadores de Marrocos ao serviço de Portugal e o Rei, participando deste modo na consecução da aliança entre Lisboa e Fez. Remontam a este período, com efeito, algumas cartas em que o Conde de Vimioso é apontado como interlocutor de Jacob Rute — escriba em língua árabe, nomeado por D. João III em 1523 «intérprete de Safi»²⁷ — e de Sebastião Vargas²⁸, agente do Rei em missão na corte de Fez²⁹.

Na paz. São muitos os encargos e os favores que recebe da parte do rei D. Manuel. Garcia de Resende inclui-o entre os muitos fidalgos que em 1498 acompanham este rei a Castela³⁰, para que este seja reconhecido como legítimo herdeiro do trono, em consequência do casamento celebrado um ano antes com a filha dos Reis Católicos, D. Isabel, viúva do desventurado Príncipe D. Afonso. Integra depois a embaixada que acompanha a Sevilha a filha de D. Manuel, D. Isabel, para o matrimónio com o «César» austríaco (1526).

Pela carta-memorial (cf. **Apêndice 1**), aprende-se que no ano de 1514 toma o hábito e recebe a comenda de Arraiolos da Ordem de Cristo.

²⁴ RODRIGUES 1929, vol. I, p. 48.

²⁵ As fontes mencionam outra acção militar — sem importância nenhuma — em que D. Francisco participou durante a sua estada em África: a chamada do «córrego de Benamourel». Cf. RODRIGUES 1929, vol. I, p. 49.

²⁶ GÓIS 1566, III, 6.

²⁷ RICARD 1951, vol. IV, p. 106; e SOUSA VITERBO 1905, pp. 68-72.

²⁸ RICARD 1951, vol. IV, pp. 102-104; e RODRIGUES 1929, vol. II, pp. 340-341.

²⁹ RICARD 1951, vol. III, pp. 176 e ss.

³⁰ RESENDE 1545, *A entrada de D. Manuel em Castela*. Para uma listagem mais restrita, relativa aos poetas que acompanharam o rei, cf. DIAS 1978, nota 1, p. 21.

Em 1516, D. Manuel legitima o pacto que o Conde tinha estipulado com o então Vedor da Fazenda, Conde de Vilanova, para suceder a este no cargo. D. Francisco ocupa, portanto, dessa data em diante, o importante posto que, por vontade testamentária do mesmo D. Manuel, lhe é concedido a título vitalício (mas na companhia do Barão de Alvito³¹) e hereditário. Acerca das intrigas que certamente se terão tecido em torno da Vedoria da Fazenda, diz o próprio Conde na referida carta-memorial endereçada a D. João III (fl. 3v): «No ano de quinhentos XVIII quis [o rei D. Manuel] que eu fosse Veador da Fazenda só, e quis satisfazer o Barão d'Alvito e D. Pero de Castro e porque o houveram por deshonra e teve fortes resistências, leixou de ser.»

Sempre por benefício de D. Manuel, é Alcaide-mor de Tomar, em 1518³². Faz parte do Conselho de Estado, quer durante o reinado de D. Manuel quer durante o de D. João III.

D. Francisco de Portugal era, justamente, na corte deste último, «o principal e o mais antigo do seu Conselho e de que ele [o rei D. João] fazia muita grande conta por assim ser razão e pelo dever às grandes qualidades da sua pessoa»³³.

O soberano atribui ao Conde alguns benefícios, mas sem grandes entusiasmos. Ele, que tinha sido suficientemente privilegiado por D. Manuel, durante o reinado do filho, D. João, não parece gozar da mesma consideração. A este propósito é muito eloquente a acima mencionada carta-memorial de D. Francisco, dirigida ao rei D. João III, na qual se lamenta de ter sido diminuído de cargos, mercês e dinheiro — sobretudo do dinheiro pago do seu bolso, e nunca restituído pelo soberano. Diz o Conde (fl. 3v): «Não sei homem nestes reinos que de sua própria fazenda, não contando o que despenderam das mercês e das rendas, tanto tenha despeso em Vosso serviço e de Vosso pai, como eu» e acrescenta, depois de ter enumerado os benefícios veniais obtidos até então (fl. 4r): «Isto é o que em renda e dinheiro tenho aproveitado em todos estos cinquenta anos e algumas coisas me tirou V.A. destas que el-Rei Vosso pai me fez mercê (...) e meus filhos nenhuma mercê receberam, nem de uma agulheta.»

Em 1530, porém, D. Francisco torna-se Alcaide-mor de Vimioso,

³¹ Cf. CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 545.

³² Na carta-memorial diz o Conde que D. Manuel o fez Alcaide de Tomar em 1516.

³³ CAMPOS ANDRADA 1937, pp. xii-xiii.

e em 1534 Senhor de Aguiar da Beira³⁴ e de Vimioso³⁵, vilas até então realengas e que, portanto, não aceitam de bom grado a decisão de D. João III. O soberano designa-o, no mesmo ano, Camareiro-mor do Príncipe D. Manuel e, na sequência da prematura morte deste, do Príncipe D. João, futuro pai de D. Sebastião. No entanto, este encargo não é mais que um *pro forma*: D. Francisco não é, realmente, a pessoa mais predisposta à boa execução das funções que lhe requerem, e ele próprio afirma, ainda na carta-memorial (fl. 5r): «E se V. A. deste ofício não faz a conta que lhe mereço, chamar-lhe-ia ofício novo de pano velho e tão velho que há três meses que nunca ũa só vez pude ir a sua casa [do Príncipe D. João] para poder andar após ele pelas varandas e pela horta», concluindo que «pela sua idade o não posso servir.»

Em 1542, como procurador de D. João III, ainda que não concorde com a decisão do Rei, assina os contratos de matrimónio dos príncipes D. João e D. Maria com os filhos de Carlos V, D. Juana e D. Felipe, o futuro Felipe II³⁶.

O Conde recebe, além de missões, privilégios económico-financeiros (ainda que, como testemunha a carta-memorial, se lamenta, precisamente, da sua condição financeira): em 1533 os seus débitos podem ser saldados através do mesmo procedimento executivo destinado aos débitos da casa real; é-lhe concedida a isenção do pagamento da décima sobre os produtos provenientes do estrangeiro,

³⁴ A posse, porém, só se torna efectiva a partir de 1539: cf. CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 546. No fl. 5v da carta-memorial (transcrita no **Apêndice 1**), D. Francisco explica que o senhorio de Aguiar da Beira não passa, afinal, de uma compensação oferecida em troca de Cuba. De facto, Cuba pertencia à jurisdição de Beja, cidade realenga. D. João III concede ao Conde de Vimioso, em segredo, o senhorio daquela vila: a concessão deve, porém, ser revogada quando Beja — e, portanto, também Cuba — é dada em senhorio ao Infante D. Luís. Como «satisfação» pela expropriação sofrida, D. Francisco é nomeado Senhor de Aguiar. Ressente-se, contudo, do desmando, pois «nunca com tamanha deshonra se tirou a nenhum homem o que tinha por doação».

³⁵ O que parece ser apenas a confirmação da nomeação já estabelecida por D. Manuel. Vimioso era, por carta de 9 de Março de 1510, vila da Coroa, com a promessa de que nunca passaria a outra família: está documentado o protesto levantado pela população contra a doação a D. Francisco. O mesmo se passou com Aguiar. A este propósito, cf. GEPB, artigo *Vimioso (Condes de)* e CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 546.

³⁶ SARAIVA, p. 111. O veto de D. Francisco é pertinente à cláusula da parte espanhola que previa a hereditariedade do trono português pela Infanta D. Maria, unida a D. Felipe, no caso de D. João não apresentar descendência varonil.

que, para mais, não são gravados por nenhuma taxa de importação ou chancelaria.

Já «com idade» e doente³⁷, é substituído pelo filho D. Afonso na Vedoria, em 1543: sai da cena pública, retirando-se primeiro para Belém³⁸ e depois para Évora, com a sua segunda esposa.

Desta última fase da sua vida, as fontes destacam sobretudo os seus gestos de liberalidade. Frei António da Purificação narra, com grande alento lírico³⁹, como D. Francisco ajudou a Misericórdia de Lisboa com uma doação de 3000 cruzados de ouro feita com toda a discrição, «em tanto segredo que (...) por muito tempo foi oculto o nome de quem lhe dava tão grandiosa esmola»⁴⁰.

Doa terras e dinheiro à Ordem de Santa Catarina para a constituição do seu convento, no qual reserva para si próprio a Capela-Mor, pedindo em troca às religiosas um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pela sua alma «quando acabasse o coro da prima»⁴¹.

Morre a 8 de Dezembro de 1549: é sepultado em Évora, na Capela-Mor do Convento de Nossa Senhora da Graça⁴² que D. João III lhe tinha dado em patronato em 1534⁴³. Reza o seu epitáfio: «Aqui jaz D. Francisco de Portugal, Conde do Vimioso, por amor de Deos um pater noster e uma ave maria pela sua alma. Faleceo a 8 dias de dezembro do ano 1549.»

Na corte. «Homem de muito crédito e autoridade e mui sesudo e prudente e de muito bom conselho»⁴⁴: esta é a opinião dos letrados da época. A sua cultura, o seu espírito grave, a sua postura moralística levam os seus contemporâneos a identificá-lo antonomasticamente como o *Catão Português*. Confirma Damião de Góis:

³⁷ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 552. O historiador refere-se às precárias condições de saúde do Conde, sublinhando a presença de médicos e mencionando regras dietéticas que D. Francisco devia seguir. Lê-se, além disso, em CAMPOS ANDRADA 1937, p. xiv: «Foi o Conde de Vimioso envelhecendo e aborrecendo-se de suas indisposições que eram muito graves.»

³⁸ Encontra-se um eco da sua permanência em Belém na lírica «Isto acho em Belém»: cf. o texto n.º 42 da presente edição.

³⁹ MENDES DOS REMÉDIOS 1905, nota 1, p. x, cita a passagem da *Crónica da antiquíssima província de Portugal*, Lisboa, 1656. Cf., também, BARBOSA MACHADO 1965, vol. II, p. 225.

⁴⁰ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, pp. 551-552.

⁴¹ CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 552.

⁴² O monumento fúnebre encontra-se agora no Museu Arqueológico de Évora.

⁴³ A este propósito cf. CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, p. 550.

⁴⁴ RESENDE 1545, cap. lvi.

«com razão podemos chamar [o Conde de Vimioso] outro Catão censorino no saber e na prudência porque tal o foi ele vivendo, assim nas cousas da paz como nas da guerra, como no conselho dos Reis que serviu»⁴⁵. Esta sua «grave madureza, suma penetração do seu juízo»⁴⁶ encontra expressão nas *Sentenças*, espécie de aforismos em prosa e em verso, de tom predominantemente senequiano, que contêm a «necessária doutrina para todos os que quisermos aprender a ser honrados e a conservar a verdadeira nobreza e os bons costumes dela»⁴⁷.

D. Francisco é, contudo, principalmente poeta: «coltivou desde os primeiros anos a poesia, em que fez admiráveis progressos na maior idade»⁴⁸. A sua produção lírica está reunida principalmente no *Cancioneiro Geral de Resende*, e dá conta de todos os estilemas palacianos da época.

D. Francisco participa, pois, na vida cultural da corte, não apenas praticando a convenção literária então vigente mas dispondo-se ainda aos jogos galantes que nela florescem, quer no papel de destinatário quer no de glosador de trovas. São famosas as trovas dedicadas ao Conde pelo máximo expoente da vida intelectual da época, Gil Vicente. Na *Copilaçam* de 1562, lê-se (fl. 258r): *Trovas de Gil Vicente ao Conde do Vimioso a quem o el-Rei remeteo sobre um despacho seu. Foi isto em tempo de peste e o primeiro rebate dela deu por sua casa, e andava então na corte um Gonçalo d'Ayola, castelhano, muito falador e medrava muito*. A. Braamcamp Freire data as trovas de 1518 e não exclui que este castelhano pudesse ser um pretendente da filha do Conde, D. Guiomar⁴⁹.

Já em 1511, de resto, Gil Vicente se tinha referido a D. Francisco no *Auto das Fadas*. Nos vv. 116-119 diz a feiticeira:

⁴⁵ GÓIS 1567, cap. xvii.

⁴⁶ BARBOSA MACHADO 1965, vol. II, p. 225.

⁴⁷ Da introdução de D. Henrique de Portugal às *Sentenças*, em MENDES DOS REMÉDIOS 1905, p. 6.

⁴⁸ BARBOSA MACHADO 1965, vol. II, p. 226. D. Francisco herda provavelmente a predisposição literária do pai, D. Afonso, autor de *De indulgentis* e de *Numismate*, obras dedicadas ao rei D. João II. Conforme as informações contidas em CAETANO DE SOUSA 1955, vol. x, *passim*, os filhos de D. Francisco que seguem as pisadas do pai e do avô são: D. Guiomar, que escreve um livro de *Considerações pias sobre a vida de Nossa Senhora*, e D. João, que escreve um livro de *Cantos* (ed. 1605), *Sentenças*, *Diana dos Ermitões* e *Deserto do seu entendimento*.

⁴⁹ BRAAMCAMP FREIRE 1944, pp. 165-166. D. Guiomar casará, porém, com D. Francisco da Gama, 2.º Conde da Vidigueira, Almirante da Índia. Transcrevemos estas trovas no **Apêndice 3**.

E se me rogar Dom Francisco
que lhe enfeite a Benim
se eu não for muito roim,
não lhe posso negar cousa.

D. Francisco é ainda incluído, na obra de Gil Vicente, no número dos *Senhores de Portugal* que devem reverenciar o recém-coroadado rei D. João III (fls. 255v-257r). Diz Gil Vicente:

O Conde do Vemioso
como quem sabe d'açor
deria, com grande amor:
«Assi como sois fermoso,
tal será Vosso lavor.
Conselho-vos, Rei, meu Senhor,
por Vossa honra e proveito,
que deis ao bom servidor
antes rendas que favor
muito estreito»⁵⁰.

Entre os *Senhores de Portugal* surge também o Bispo de Évora, pai de D. Francisco (ele morre, de facto, em 1522, um ano depois da coroação de D. João III).

O Conde manifesta-se ainda, e sempre dentro da convenção literária da época, solicitando, tal como tantas damas — autênticas detentoras de tal função — o faziam, um *rifão* a Gil Vicente, em resposta àquele de Afonso Lopes Sapaio (fl. 259r). Diz a rubrica da *Copilaçam*: *Afonso Lopes Sapaio, christão novo, que vivia em Tomar, fez um rifão que andava no Cancioneiro Português, ao qual rifão fizeram muitos muitas trovas e boas. Pedio o Conde do Vimioso a Gil Vicente que fizesse também e ele fez esta trova. Diz o rifão: «Matou-me moura e não mouro / e quem ma lançada deu / moura ela e mouro eu.»*

A. Braamcamp Freire estuda este episódio mas não chega a identificar nem o cristão novo a quem o Conde se refere nem o Cancioneiro Português⁵¹ em que o rifão deveria estar inserido. No decurso da sua pesquisa, Braamcamp encontra alguns Afonso Lopes,

⁵⁰ Haverá nestas palavras alguma alusão biográfica, do género das recriminações do próprio D. Francisco, na carta-memorial que dirigiu ao mesmo soberano?

⁵¹ Não será, por acaso, este o *Cancioneiro Português* pertencente à Rainha D. Catarina, existente na sua biblioteca privada? (Cf. SOUSA VITERBO 1901, n. 3, p. 32.)

nenhum de alcunha Sapaio, mas ainda assim todos ligados à Vedoría da Fazenda: todos, pois, dependentes do Conde de Vimioso. Não seria, por conseguinte, excessivamente arriscada a hipótese de que, como diz o estudioso português, «por qualquer motivo (D. Francisco) poderia embirrar com um seu subordinado e mandá-lo apodar por Gil Vicente»⁵².

Enfim, Manuel de Goios dirige-lhe as estrofes *em que lhe dá conta do que passou com seus amores depois que o deixou de ver* (*Cancioneiro de Resende*, fl. 112r) e Garcia de Resende dedica-lhe as *trovas*, incluídas no *Cancioneiro Geral* que ele próprio compilou, *estando em Évora ao Conde de Vimioso que se partiu d'i para a corte, sobre negócios do pai* (fl. 218 v)⁵³.

Está, pois, demonstrado que D. Francisco estava de pleno direito integrado na corte de D. Manuel e de seu filho D. João III: profundamente embrenhado na vida cortesã, o Conde respeita e reflecte os códigos da época. Intrigante e calculista, soube sempre movimentar-se bem, mesmo quando parecia prestes a perder o apoio real. Soube, pela sua arte, sobressair ainda no plano cultural.

Este último aspecto será privilegiado nos capítulos seguintes, em que se analisará a sua produção literária.

⁵² BRAAMCAMP FREIRE 1944, p. 316.

⁵³ Estas duas composições leem-se no **Apêndice 3** do presente volume.

APÊNDICE 1

**Uma queixa ao rei D. João III:
o ms. 7, n.º 4, da Biblioteca Nacional de Lisboa.**

Este manuscrito é conservado nos Fundos Gerais da Biblioteca Nacional: é um manuscrito adéspota, sem algum título ou intestação. A letra é cursiva, pequena, regular, claramente do século XVI. Pelo conteúdo e pelas referências internas, conclui-se que foi redigido em 1544 pelo Conde de Vimioso, estando ele em Évora, e que é dirigido ao rei D. João III. Transcrevemo-lo integralmente, conforme às regras de transcrição estabelecidas no parágrafo 2.8.1 do presente trabalho.

[fl. 3r] Deus sabe a pena que é pera mim tal escritura, e se cuidava hoje há L anos que desta minha idade nela me havia de ocupar. E é verdade que de seis meses para cá nunca passou dia que não cuidasse que devia a V.A., e muitas maneiras se me ofereciam mas de nenhũa me satisfazia: porque se de minhas obras não faço conta que devo fazer das palavras, mas agora que me sinto muito mal desposto e são contente de não querer outra cousa para mim senão pedir a Deus que ele seja sempre com V.A. e me dê a salvação, me pareceu que são obrigado, porque tenho filhos, a lhe fazer esta recordação de minha vida pelas obrigações que me tem, para V.A. por seu serviço e vosso d[...] de lembrar.

Eu fui sempre tão descontente de pequenas cousas que todas as que fiz não somente as não afermosentei, mas sempre desfiz nelas, porque na verdade como os homens que de nós-outros por letras ou por armas se não perpetuam, por formigas se devem de ter, e se per regra tão costumada quisera falar em minhas obras, fora mais sabido que em nenhũa cousa de nenhũa qualidade me acertei, onde não devesse ser muito louvado de todos e sempre o fui dos verdadeiros. Mas já que assi se ordenou a vida, esta honra me fica: não querer nenhũa senão fora muito grande, e por isso somente das outras cousas que não são merecimento da pessoa, faço esta lembrança a V.A., sabendo bem quanto mais val que

todas as do mundo a honra e a verdade, que nasce com quem a tem.

Neste Outubro fez L anos que sirvo continuamente, tirando dous de casado que estive fora da corte, e em todos eles nunca fiz cousa por que me el-Rei vosso pai, que Deus tem, nem V.A. dessem castigo, nem lho merecesse, nem repreensão e a maneira de que servi co trabalho e coa fazenda, e prouvesse a Deos que aqueles que o viram passar e o ouviram o dissessem como são obrigados a Deus, ou não o negassem para o que me compre com V.A. que pera mais o não quero.

Nestes L anos tenho desposos II centos mil cruzados nas contínuas despesas da corte e das f[...] da guerra. Co vosso pai fui a Castela, e então até hoje em todo-los recebimentos que se [...], [fl. 3v] fui a raia, e em todas as festas sendo mancebo fui tão contino que desejava [...] de ver algũa de fora, nem os dias me tiraram a despesa delas, mas acrescentaram-me a de meus filhos. E estes II centos mil cruzados que despendi foram de minha própria fazenda, e além das novidades de toda a renda que tenho recebida de mercê. E digo II centos mil cruzados porque isto é o menos, como poderei mostrar per conta, e quem souber como sempre gastei e em tão comprido tempo, verá que falo como quem sempre diz verdade. E não sei homem nestes reinos que de sua própria fazenda, não contando a que despenderam das mercês e das rendas, tanto tenha despeso em vosso serviço e de V. pai como eu.

Neste tempo me naceram filhos: um há XXVIII anos, outro XVII, outro XXIII. E estes na Corte naceram e sempre nela serviram, tirando D. João de que V.A. se devia d’haver muito servido pela maneira de que gastou seu tempo conforme a seu hábito, porque de idade de seis anos até hoje nunca alevantou os olhos dos livros e de nove era um dos milhores clérigos que havia nesta Sé, e daqueles IX até hoje que há XVIII sempre estudou latim e grego e artes e theologia.

Os trabalhos de minha pessoa nestes XXIII anos que há que V.A. reinou, rezão seria que lhe lembrassem, posso dizer que em todos eles até este, casi nunca soube quando *es manhana*, servindo continuamente os meus ofícios e os alheos. E porque não trato de merecimento de pessoa, não falarei nos contentamentos que V.A. me deu de meus serviços e me mostrou de dez anos pera cá, nem se por ventura muitas cousas passei que por elas podia dizer *Mementu Domine David*.

O que ganhei co este cabedal que empreguei no serviço de vosso pai e vosso? Ele, pelo que lhe fiz, me casou e f[...]de no ano de qui-

nhentos xv, e no ano de quinhentos xvi me fez mercê do ofício de Veador da Fazenda [...] fez mercê da Alcaidaria-mor de Tomar, dizendo-me que ma dava porque daquela vila e daquela comarca o poderia servir com viii mil homens quando a seu serviço comprisse. E no ano de quinhentos xviii quis que eu fosse Veador da Fazenda só, e quis satisfazer o Barão d’Alvito e D. Pero de Castro, e porque o houveram por deshonra e teve fortes resistências, leixou de ser. E logo me fez mercê de seu Camareiro-mor com a rezão que me deu de o não dever de ser Dom Bernaldo, e com a vinda da Rainha de França, porque vinha D. Álvaro da Costa seu aceito, e que havia de satisfazer e por fazer com Dom Bernaldo que não tomasse a satisfação que S.A. lhe dava. Durou todos aqueles dias o negócio, até que Deus foi servido de levar el-Rei para si, e me fez mercê de C mil reais de tença que V.A. por me fazer mercê houve por bem que passasse em minha fazenda quando casou. E me fez mercê de C mil reais para Índia, e de L quintais d’azougue e vermelhão por um ano. Mas muito mor mercê me fez que todas em me conhecer e em tal conta me tinha que sendo muito mais macebo que os outros, fui o primeiro nas suas derradeiras palavras, com que vos encomendou que V.A. se governasse. E bem se pode V.A. lembrar quão diferente estima me agora tem, procedendo vinte e três anos de tais serviços.

V.A. nos fez mercês dos ditos C mil reais para a Índia, ao Barão e a mim em Santos logo como reinou, e assi fez deles mercês ao Conde da Castanheira logo como lhe [fl. 4r] deu ofício; fez-me mais V.A. mercê de xxxvii mil reais com o ofício de Camareiro-mor do Príncipe nosso Senhor, e de lx mil reais de tença que comprei de Dom Manuel de Sousa, nos livros do Cardeal vosso irmão, que Deus haja, como vagaram por ele. É verdade que por falecimento de minha irmã ficaram l mil reais que ela tinha comprados e os quisera vender para leixar o dinheiro a Dom Afonso meu filho, e eu não quis, parecendo-me que V.A. lhos não tirasse. E V.A. foi servido de lhe não fazer deles mercê. E assi me fez V.A. mercê de ãas capelas que foram de um cantor, que valem xxxv mil reais cada ano, e de casamento para minha filha, no qual casamento, sendo nós concertados, cometeu o Barão, a que Deus perdoe, ao Conde Almirante que o não fizesse e lhe disse que lhe dizia da parte de V.A., e que casaria seu filho com Dona Isabel d’Alencastro, e lhe faria muitas mercês, e que o Conde e eu não demos crédito, e ele lhe respondeu como quem era. Fez-me V.A. mais mercê de xx quintais de seda quando foi Dom Estêvão a Índia, que me custaram casi tanto como o porque as vendi.

Isto é o que de renda e de dinheiro tenho aproveitado em todos estes L anos e algũas cousas me tirou V.A. destas que el-Rei vosso pai me fez mercê, e doutras como abaixo declararei, e meus filhos nenhũa mercê receberam, nem de ãa agulheta, somente servir Dom Afonso por mim o meu ofício; e das pessoas a que V.A. estas serventias de seus ofícios para seus filhos deu em suas vidas pode ser lembrado.

Em todos estes anos fui presente antes V.A. nos despachos de todos os homens, sem tirar disso outro nenhum fruto, o que não seguiu a regra do tritुरante havendo nesta minha prove casa tantos azos para V.A. me fazer mercê, porque tenho o hábito há xxx anos, com que até hoje nenhũa cousa houve da Ordem senão a comenda d'Arraiolos, que me o Papa deu. Tem Dom Afonso o hábito há xvii sem pão e água; e, pois V.A. manda chamar os escudeiros a Trá-los-Montes para lho dar, porque o há por obrigação de sua consciência, bem se podera lembrar de Dom Afonso, que nenhũa cousa tem co ele, porque os frutos da comenda d'Arraiolos como-os eu em minha vida. E foi a Túnis e lá não mostrou mau lembrante, louvado Deus, e despendi co ele nisso v mil cruzados. Também me podera fazer mercê, porque sempre os reis a fizeram aos homens de algũa calidade co hábito no peito por suas honras, como pode ver pelos passados e presentes, nas Ordens que tiveram, qu'assi podera fazer mercê a Dom Manuel porque, inda que tenha comendas para o V.A. não fazer com obrigação de consciência [fl. 4v] como com Dom Afonso, aqui vos naceu e sempre serviu, e não tem nada, nem as comendas de V.A. Em Dom João não sei falar porque verdadeiramente se fora filho de um vosso sapateiro, com seu trabalho, letras e costumes, V.A. lhe fizera mercê em tantas vagantes como aos outros a que a fez, e por meu filho e pelos outros seus merecimentos não sei quem melhor merecia um bispado, que ele pois pelos merecimentos das pessoas, V.A. as prove, e também polos costumes destes reinos, que o filho de Álvaro Gonçalves d'Almeida de xxiii anos sem letras foi bispo de Coimbra, e Dom João de Melo, irmão do Conde d'Oliveira, de xx anos foi Bispo do Algarve e de xxiii arcebispo de Braga, e outros muitos porque com os de bom sangue e bons costumes é serviço de Deus de compensar o Papa com a idade, quanto mais sendo de xxvii anos. E ante V.A. meus pecados são os que tudo me estorvam, e certo, Senhor, que me não fui com tal agravo ò Azambujal, mas doente e com medo de morrer, me lembrou quantas coresmas havia que tinha posto em minha vontade de as não ter na corte e o que tinha dito a V.A. E em Almeirim estive

para me ir a Belém, se me V.A. não mandara que o não fizesse pelas rezões de que deve ser lembrado, e por me parecer que não havia cousas de importância e inda que as houvera, bem podera fazer conta da que V.A. para elas faz de mim, e mandei dizer a V.A. que estava muito perto que cada vez que comprisse me podia mandar que viesse. E espantou-me como pôde cuidar de mim, que me hei de mostrar agravado sem lho primeiro dizer, e se me fosse agravado, o que Deus não quererá nunca, que me havia de tornar como os outros fazem, sem mui inteira satisfação, mas em tudo me posso haver por acabado ante V.A., e assi o são ante mim. Quando vim, recebeu-me V.A. como que tivesse feito moeda falsa e assi me tem trazido o tempo que esta comparação me vem conforme, e se V.A. cuidava que me fora agravado como me não mandava contentar por Damião Dias, como fez a Cristóvão Esteves, que com muita mais rezão me podia agravar de V.A. em tantas vagantes não fazer nenhũa mercê a meu filho, que ele de lha não fazerdes de Chancel-mor. E se dizem a V.A. que tenho que comer e que meu filho tem, eu senhor nunca vi que os reis não façam mores mercês aos que mais tem, e com mais o servem, e se assi houvesse Deus melhor, me veriam os meus II centos mil cruzados que tenho gastados e ter poupado a compreição que tê-los gastados e a mim com os trabalhos e tristezas que dá a vida, que não tem os que vivem em suas casas com que me não posso ter assentado em ãa cadeira. E se V.A. nestas vagantes fez algũa mercê para se manterem também, coubera em meu filho que tem III mil reais de renda muito mal pagos e deve mil e tantos cruzados porque se não pode soster, e agora terá menos I reais de ãa minha conezia porque os VI mil reais que dizem a V.A. que ele tem são de nome. E certo é, Senhor, se aos reis chegassem verdadeiras enformações [fl. 5r] não seriam uns tão bem-aventurados e outros tão mal, nem pode ser mor seu deserviço que não lhes falarem verdade.

V.A. me tem feito mercê do ofício de Camareiro-mor do Príncipe nosso senhor. Não sei duas vezes ou ãa, parece-me que ãa, pela nota desta minha carta e pelo que me dizem, mas para o conhecimento dela, tenho que me fez dele mercê duas vezes. E se V.A. deste ofício não faz a conta que mereço, chamar-lhe-ia ofício novo de pano velho, e tão velho que há três meses que nunca ãa só vez pude ir a sua casa para poder andar após ele pelas varandas e pela horta, pois que doutras cousas pela sua idade o não posso servir. E não me queixo da pouca conta que V.A. faz de mim na prática e nos ofícios da sua casa, posto que sei os comprimentos que os reis

sempre fizeram em tais casos com as pessoas que os merecem, e como V.A. tão inteiramente os guarda aos que folga de dar honra e contentamento no que lhes toca.

O trato de minha pessoa é conforme a pouca conta que V.A. faz de mim e nisso não falo. Quanto ao espírito, que já digo que não trato do merecimento de minha pessoa, mas quanto ao trabalho, canso eu no uso e costume dos meus joelhos, porque me ajudo deles assi como quando era de xx anos, e sempre os velhos se trataram doutra maneira. E a mesa da Rainha vossa mãe, vi o Conde de Marialva assentado em sua cadeira, no qual tempo não era necessário estar ele ali, e ainda que ele fosse aleijado, eu mui mal posto são, e vejo entrar escabelos diante de muitos o que nunca vi custumar, mas como são cousas de que não trato mais, que pela carne vai-me pouco nelas, enquanto ela poder cos trabalhos de vosso serviço, porque cada vez que me sinto para o não poder fazer, me pesa.

Cousa é sabida que para soste a vida pouco basta, e os pensamentos são os que atormentam, e no engano deles tudo são comparações, o prove lavrador com o seu vezinho compite, e os reis com os reis. E se isto assi é, queira V.A. ver o que sentirei vendo as mercês que a tantos tem feitas e de que lhe faço lembrança por outro papel e não de todas, para se dever de lembrar de que me toca: a uns de honras, a outros de fazendas, a outros de dinheiro, a outros de ofícios e de cargos, e a outros de tudo junto; que são tanto mores sem comparação do que nessa terra se fizeram, quanto o vosso ânimo é mais para as fazer. Desque V.A. reinou, de quarenta títulos fez mercê afora o do Barão que não houve efeito. A uns achou V.A. bispos: por falecimento de vosso pai, fê-los arcebispos; a outros Condes, fê-los Marquesses; a outros Marquesses e sem títulos, fê-los Duques; a outros que não sonhavam que podiam ser Condes nem bispos, fê-los V.A. bispos e Condes; outros que cuidavam que o mereciam, [fl. 5v] a que vosso pai o não quis fazer, V.A. lhes deu os títulos e os lugares e as jurdições para serem Condes. Não sei como caí ante V.A. para não achar em mim mercê de tantas honras e tão grandes proveitos como tantos outros. Da Cuba me fez V.A. mercê, de que tinha muito contentamento: nunca com tamanha deshonra se tirou a nenhum homem o que tinha por doação. E não podia haver em mim culpa ante o senhor Ifante, porque nunca a houve ante ninguém. E V.A. será lembrado que me não quis dar licença para o praticar co ele, senão por escrito e ainda daí a muito tempo, e não pode ser que S.A. se esqueça que sempre me disse que não queria Beja, e a não pedia senão por negócio, para o V.A. mandar a

Arzila; nem V.A. se esquecia que sempre me disse que lha não havia de dar. E eu o servia nisto como fiel servidor, assi como ele mandava que o fizesse, porque o que ele me mandava era o verdadeiro serviço de V.A. e seu. Pois, que culpa lhe podia ter na Cuba se ele não queria Beja, nem V.A. lha queria dar? Ou como havia de cuidar que V.A. me fazia mercê dela sem o ele saber, ou como lho podia dizer se V.A. mo deu em segredo? E mal me podera parecer então que ele a não pedira a V.A. para mim, e além disto, como passou Deus o sabe, e eu tenho tanto mor conta com minha verdade e meu segredo que com tudo o al, que quando as rezões acima ditas craramente me não desculparam, antes quisera haver-me por culpado sem o ser, que descobrir como passou. E quando ele quis Beja e V.A. lhe fez dela mercê, nunca disso soube parte, nem chegou à minha notícia tal prática, e o houve depois por novas de vila. Tendo-me V.A. feito mercê da Cuba havia muito quando lhe deu Beja, fez-me V.A. mercê d'Aguiar da Beira por ela. Muitas vezes lhe disse que não queria satisfação: quis V.A. que a tomasse, fi-lo porque o meu bom ensino nunca se nega ante vós. Jurei ao Conde da Castanheira aos Evangelhos que por 11 mil vassalos na Beira a não daria, que V.A. o julgasse como quisesse, pois queria que tomasse satisfação, que me não havia de pôr em preço. Mandou-me dar Aguiar, o qual V.A. pode saber que cousa é. E desta maneira aceitei agora o mosteiro para meu filho, não o querendo como o disse o dia dantes ao senhor Ifante, e me quis escusar a V.A., e se fora livre me não parecera igual mercê para a receber pelas outras comparações, quanto mais de maneira que verdadeiramente é como ãa história de Joseph, e a maneira de que passou ante V.A. será lembrado.

O que me deve são xv mil cruzados do meu com ãa certa prata que me mandou tomar quando reinou, e meu pai, que Deus haja, faleceu sem me querer ouvir co justiça, dizendo eu a V.A. que um só letrado assinasse que podia fazer aquilo com justiça, e que a nenhum de todos queria pôr sospeição e que [fl. 6r] fosse por minha honra, por não me parecer que mo tomava. Não o houve V.A. por bem, mas então dava grande crédito ao Barão e a Luís da Silveira que me queriam destruir, e estava por eles mesmos, em vida de vosso pai, posto em descontentamento de mim, Deus lhes perdoe, porque em mim não havia culpa ante V.A., mas havia muito merecimento, como ele bem sabia. E fui aconselhado de todos os com que o pratiquei, que foram sete ou oito velhos honrados, que me fosse de vosso serviço, pois me tomáveis o meu sem me querer guardar justiça. Somente Rui Teles, que me aconselhou o em que eu estava, que primeiro me

V.A. conhecia por si, que me apartasse de seu serviço, porque então os meus imigos me faziam de que nunca fui imigo antes por Luís da Silveira; co vosso pai fiz sempre o que pude, mas causa havia para isso, pois o Barão passara pelo descontentamento de lhe querer tomar o ofício e satisfazer-lho para eu ser Veador da Fazenda só, no que lhe eu não tinha culpa. E depois lembrei a V.A. que me tornasse a minha posse, não o houve por bem e me disse que se visse a justiça da propriedade, e sempre disse a V.A. que com tal disfavor não me me atrevia com seus letrados. E porém, por derradeiro vim ao querer e pedi a V.A. que mandasse ao secretário que viessem aqui a Évora os papéis de meu pai que ele tinha em Lisboa, porque neles havia declaração de minha dívida, e V.A. lho mandou. Disse-me o secretário que lhe veu o cofre dos papéis e que lhe vieram todos roídos dos ratos e que se não podiam ler, porque vinha tudo em farelos — cousa poucas vezes acontecida — assi que perdidos os papéis, morreram também muitas testemunhas, e já agora são mortas todas senão ãa, da prata que me tomaram que tinha de minha mão em seu poder em casa de meu pai. E assi perdi o meu, e não digo o mais que ficou de meu pai que todo o podera haver se quisesa sem me provar; mas como cheguei ao seu falecimento, entreguei as chaves do seu e do que me devia e as casas ao Corregedor, e um papel que havia mês e meo que meu pai fizera escrito de sua mão, em que declarava toda sua fazenda, que bem podera romper, guardei e meti na mão a V.A., e ficaram a V.A. de meu pai de L para LI mil cruzados em dinheiro, prata, trigo e dívidas. E destes, xv mil cruzados, para o mundo não tenho outra prova senão que o leixo assi declarado em meu testamento, ao que V.A. dará o crédito que quiser, mas não são horas de mentir. E assi me tomou V.A. Montagraço que por o costume do Reino me não devera tirar, porque havia quinze anos que o comia, e o deu a Luís da Silveira. Mas foi tudo naquela conjunção do mesmo Luís da Silveira e o Barão aconselharem V.A. contra mim, dos quais dinheiros de meu pai e meus ele gastou em Castela grande parte e a ele ficaram cavalos e escravos meus, que em casa de meu pai estavam e todos os outros seus.

[fl. 6v] Deve-me V.A. xii mil cruzados, pouco mais ou menos, do meu assentamento do tempo que o não levei e el-rei vosso pai me disse, sem lhe eu nisso falar, quando me fez mercê de Veador da Fazenda no ano de quinhentos e xvi, que logo mo assentara; e com negócios que socederam, em que andava para me fazer mercê, nunca lhe mais nisso falei, porque o que tinha certo não o havia de perder.

E em Torres Novas dei a V.A. um rezoado de minha justiça per Diogo Barradas e por Afonso Fernandes com pauto que fizeram comigo que lhe desse 11 cento cruzados e que eles me seguravam que seria por mim a sentença, por ser a justiça crara. Dei-o a V.A. e pedi-lhe por mercê que ma mandasse guardar e quisesse não o dilatar. Cinco anos me não respondeu, lembrando-lho muitas vezes, se não que ele seria lembrado, nem soube a quem V.A. dera o rezoado, e depois me disseram que a Brás Neto, e no cabo deste tempo, quando V.A. me falou que queria fazer o Conde da Castanheira Veador da Fazenda passando comigo as práticas de que se deve lembrar, daí a poucos dias me saiu com o assentamento, assi como por justiça lho pedia, porque lhe beijei a mão. E em V.A. me dever este dinheiro daquele tempo que o não levei, bem deve de ver que não há dúvida, nem é cousa para que cumpra letrados, pois V.A. nos disse per si mesmo no seu conselho em Lisboa que os 11 mil cruzados que dera a Dom Francisco de Noronha quando partira para França, fora por saber de letrados, que quando os homens requeriam suas moradia naquelas contias, que as deviam d'haver e lhas vinham a dar, que todo o tempo que durou o requerimento venciam as moradias. Pois, Senhor, mais próprio é isto nos assentamentos, porque eles em lugar de moradias se dão aos que merecem e vencem-se sem os pontos dos apontadores. E pois isto está de rigor de justiça, não mo deve V.A. de negar a mim; e quando fora por mercê, queira V.A. ver que o melhor merece, porque inda que Dom Francisco seja tão boa pessoa, meus filhos cotejaram co ele os merecimentos da pessoa.

Deve-me V.A. a terça parte da renda que me quebrou em Tomar nas moendas que Frei António fez, em que me não foi guardada justiça; antes, V.A. mandou para um seu alvará que se fizesse a obra sem embargo, do que nisso tinham mandado os Veadores da Fazenda, e daí a anos quis V.A. saber a perda que recebi per Frei António, a que Deus perdoe, e per sua carta disse a V.A. que perderia xv mil reais cada ano, os quais não quis aceitar; mas há já tantos anos que fazem soma e mais para quem ele tanto aperta por x mil reais de foro de ãa quinta que pago ao mosteiro de Tarouca. E pois a sua recadação é tão pobre que assi me aperta por estes x mil reais, não são eu tão rico que V.A. me não deva de dar pagar o que me deve dos xv mil reais, e que eu deles por este exemplo não deva fazer conta, e isto é afora outras cousas da alcaldaria muito mais principais e outras pequenas em que não falo.

Deve-me V.A. a lizira de Ratões, de que el-rei vosso pai me tinha feito mercê para fazer nela ãas moendas que me dezião que

me custariam [fl. 7r] [...] mil reais e me renderiam sessenta moios, o que é mais verdade que outra nenhũa enformação que a V.A. disse dessem sem eu ser ouvido, e mais sete moios de semente nela, a qual mercê V.A. confirmou e depois mandou tomar a lizira e aproveitá-la para si, sem antes nem depois me dizer ãa só palavra, nem me fazer por isso nenhũa satisfação nem mercê.

Deve-me V.A. o ofício d'Escrivão dos Órfãos desta cidade, de que vosso pai me fez mercê para um filho de Diogo Mendes, ainda que ele por erro o perdesse, e que se não pudesse nunca partir o ofício; e V.A. mo confirmou tudo assi, e sendo confirmado, lho tirou há onze ou doze anos e o mandou servir por um Moço d'Esporas de Pero Carvalho e por outro criado de Cristóvão Esteves e por outro escrivão, os quais té hora o servem por ventura, com mais erros que os que cometeu Diogo Mendes. Falei mil vezes a V.A. e se lhe mandei falar pelo arcebispo que é de Braga, sem haver por seu serviço de me comprir os alvarás de seu pai e seus, nem me dar nenhũa satisfação, nem haver por bem que apresentasse pessoas que o servissem, de melhores gerações e costumes que os criados de Pero Carvalho e Cristóvão Esteves.

Deve-me V.A. os III mil cruzados que agora houve por seu serviço que lhe emprestassem, havendo tantos dos vossos continos e não de tanto tempo como eu que nenhũa cousa emprestaram e outros muitos a que V.A. o não pediu, que todos com mais rezão o deveram emprestar, inda que não quisessem, por quão grandes honras e mercês tem recebidas e V.A. para suas calidades.

Na casa da Índia me são devidos há XXVII anos VI cento cruzados, que nunca pedi, Deus sabe o porque, e não digo porque era pequice minha em tão pequena cousa.

Fez-me V.A. mercê do que tenho para meus filhos e ainda não entrou nisto os cem mil reais da Índia: eu lha tive e tenho em mui grande mercê, mas, Senhor, de cem anos para cá poderia V.A. ver como ficaram muitos filhos de muitos homens que com os ofícios dos reis foram continos em seus serviços e dos que o foram no vosso, e as mercês que para eles houvera, pois certo, Senhor, eles não serviram melhor que eu, nem mais tempo, nem com tanta despesa, porque a não tinham. E também deve V.A. olhar como se contentaram que seus filhos fiquem os que agora a si o servem.

Assi que, o que de renda tenho medrado é del-rei vosso pai CL mil reais que valia a Alcadaria de Tomar, e CLX mil reais que val o ordenado do ofício de Veador da Fazenda, e cem mil reais de tença, que val tudo IIII cento X mil reais. Em moradia e assentamento não

falo, porque entram à conta de me fazer Conde para o assentamento e d'estar em seus livros para a moradia.

[fl. 7v] V.A. me fez mercê de xxxvii mil reais com o ofício de Camareiro-mor do Príncipe, e de lx mil reais de tença, e de xxxv mil em ãas capelas, e de c mil reais para a Índia, que uns anos pelos outros valem iii cento l mil reais, que val tudo iiicento lxxxii mil reais. E isto com os descontos e dívidas acima ditos que em renda somente valem casi tanto, de maneira que até hoje de meus serviços não tenho de V.A. havida nenhũa satisfação, além do que me deve de meu em foro de consciência.

Se em algũas destas cousas houver réprica, queira V.A. que seja eu ouvido, porque com minha enformação verá que todas assi passaram e que é justiça e rezão a que digo que nelas tenho.

Polo qual peço a V.A. que consirando bem todas estas cousas, meta a mão em sua vertude e com elas se lembre de mim e o faça em tudo como lhe bem parecer. E quanto mais em geral lho peço, melhor espero que o veja e o determine. E peço por mercê a V.A. que já que assi me acho quebrantado e cansado e cortado, que o modo de viver que tomo enquanto me não achar melhor é para poder viver e me resturar, pera o poder servir e com algũa pequena delembrança de minha alma.

Pode ser que do merecimento da pessoa e das pessoas lhe farei outro papel pera ser satisfação dele estimar-me V.A. como mereço e pagardes-me com amor, o que eu sempre tive ao vosso verdadeiro serviço.

A OBRA DO CONDE DE VIMIOSO

2.1 Introdução

A obra de D. Francisco de Portugal chegou até nós, principalmente, graças ao *Cancioneiro Geral de Resende*. Algumas composições das que estão representadas nesta colectânea encontram-se também no Cancioneiro do Museu Condé de Chantilly¹, geralmente considerado cópia do de Resende. Apenas outros dois textos², que não foram recompilados no cancioneiro resendiano, aparecem no *Cancioneiro de Évora*, no *Cancioneiro de Corte e de Magnates*³ e no cód. 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Um discurso à parte merecem as *Sentenças*, espécie de aforismos em verso e em prosa, em consonância com uma diversa tradição literária. Iremos analisá-las, pois, separadamente (cf. 2. 5).

As líricas do Conde representam a contribuição do nosso poeta para a poesia de tipo cancioneril, que naquela altura, entre os séculos XV e XVI, era indiscriminadamente cultivada nas cortes de Castela e Portugal.

D. Francisco dedica a maior parte do seu trabalho poético à temática amorosa, e reserva uma parte menor, mas não marginal ou insignificante, às composições de circunstância, de carácter colectivo ou não.

¹ São todas composições satíricas, sendo o Cancioneiro de Chantilly (Ms. 605-1085, estudado por DIAS 1966) uma recolha de «obras de burla». Nomeadamente: as Trovas do Braseiro; as dirigidas a Dom Luís da Silveira por *umas mangas de cetim com o avesso para fora*; a resposta às trovas de Dom Luís da Silveira dirigidas ao Conde *porque trazia no barrete um coração d'ouro*; as trovas de participação na sátira de Aires Teles contra Jorge de Oliveira.

² Trata-se das composições n.ºs **29** e **42** do presente trabalho. Para detectar a maioria (se não a totalidade) das líricas do Conde, além de nos servirmos dos repertórios de poesia tardo-medieval (STEUNOU-KNAPP 1975 e DUTTON 1982), conduzimos pesquisas pessoais nos arquivos portugueses.

³ Ms. CXVI 1-17 e ms. CXVI 2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Existem deles as edições críticas: cf. HARDUNG 1875, ASKINS 1965 e ASKINS 1968.

2.2 A lírica amorosa

A lírica amorosa do Conde respeita a concepção do amor que, convencionalmente, os poetas palacianos peninsulares tratavam com tonalidades trágicas e ostentação retórica, essencialmente preocupados com o resultado estilístico, e não com a autenticidade dos sentimentos expressos ou com a «originalidade» do tema proposto. Não é, pois, lícito procurar uma autenticidade de tipo romântico no lamento *cancioneril*, uma vez que tudo se resolve no jogo palaciano, menos balanceado sobre a veracidade sentimental do que sobre a habilidade retórica e a iteração (quase monotonia) dos temas, cujo valor estético não assenta, portanto, na *inventio*, mas sim na *dispositio*. Os poetas palacianos medem-se essencialmente com motivos codificados pela tradição *stilnovistica* e trovadoresca, levando às extremas consequências aquelas estruturas expressivas já em voga há séculos e revitalizadas pelas experiências dos *rethoriqueurs* franceses e pelos poetas tardo-trovadorescos da vizinha Espanha.

Os textos amorosos do Conde, portanto, não se realçam pela originalidade temática — nem era de esperar: a rigidez da convenção deixava muito pouco espaço à escolha pessoal em relação à matéria a tratar. Todavia, apesar da uniformidade da orientação que D. Francisco mostra nas suas composições, aqui e acolá emergem nas suas líricas umas notas peculiares, que representam a sua própria reformulação dos *topoi* recorrentes.

A visão do amor que esta tradição poética nos liga privilegia a perspectiva negativa da história sentimental e o contraste íntimo que esta determina (programáticas e elucidativas de toda esta concepção são as trovas n.º 18 do Conde). A natureza contraditória do sentimento amoroso que, em vez de prodigalizar contentamento, apenas provoca sofrimento é reforçada também do ponto de vista lexical, através da obsessiva repetição de sintagmas convencionais: a *glória* e o *consentimento*, sempre negados; o *perdimento* que daí resulta; a *memória*, sede da idealização e do desejo; o *contentamento*, a *esperança* inevitavelmente *perdida*; o *encubrimento* da paixão, a discrição amorosa como norma fundamental do *ethos* amoroso; e o *galardão*⁴ que a «morte» representa.

D. Francisco não infringe as regras: ele também parece sujeitar-se

⁴ No sentido feudal de recompensa, este termo passou para a linguagem da literatura cortês e da literatura espiritual (DCECH, III, 29b, 58-61; 30a, 1-47). Para uma interpretação erótica da morte como *galardão*, cf. WHINOM 1981.

a uma vida de sofrimento insuportável por causa da sistemática não-correspondência de sentimentos por parte da sua dama, da sua crueldade ou, simplesmente, da sua distância. A desmedida dor de que o enamorado padece transforma a sua vida em morte (cf. n.ºs **10**, **24**) e só na morte ele encontraria libertação, abrigo e prémio (cf. n.ºs **24**, **28**, **32**, **33**). É frequente, nas poesias do Conde, a dilogia do sintagma «morte», entendido, ao lado do seu sentido comum (fim da existência), também metaforicamente, como sofrimento inenarrável, ou como fim do sentimento. Relativamente a este último aspecto, é de realçar que, para a totalidade dos poetas palacianos a única condição existencial possível é a baseada no amor, mesmo que este sentimento proporcione apenas angústia: não amar determinaria uma desgraça ainda maior, a perda da «vida» (cf. n.ºs **4**, **13**, **20**). Eloquentes são os versos de Diogo Brandão: «muito mais vivo penado / quando não são namorado»; ou ainda, as palavras de Juan de Mena: «Mi dolor es mayor gloria / que la bida sin amar»⁵.

A esta concepção é consequente a atitude, tópica nesta convenção — como o tinha sido para os poetas galego-portugueses —, do masoquismo do amante que, com um acto de vontade, decide sofrer a sua condição de enamorado não correspondido (cf. n.º **11**).

Este acto de livre arbítrio, porém, tem duas consequências certas: a derrota psicológica da razão pela paixão e a impotência do *amador* de resistir à sua própria auto-destruição (cf. ainda n.º **11** e n.º **12**). Isto associa-se ao motivo da prisão de amor (com os sintagmas característicos *prender*, *preso*, *cativar*, *cativo*), que se liga frequentemente ao da derivação medieval da psicomauia (cf. n.º **25**): característica da «guerra de amor» é a personificação das forças racionais e irracionais envolvidas na luta contra o enamorado (como no *Castillo de Amor* e na *Escala de Amor* de Jorge Manrique, por exemplo). No caso da cantiga **25** são, precisamente, a Razão e o Siso que pretendem tomar de assalto a psique do *amante* (quando habitualmente figuram como seus aliados). Do que se segue, pois, a inevitável derrota, após uma débil tentativa de defesa, e a incondicional rendição do enamorado, forçado a escolher o cativo no lugar da morte, ou seja, da libertação.

O Conde, com um subtil jogo conceptista, explora a arrevesada «lógica» desta visão nas décimas n.º **19**: se, por um lado, admite a sua responsabilidade (vv. 11-12), pois foi voluntariamente que se submeteu a todo este sofrimento, por outro insinua a tirania das

⁵ Diogo Brandão: vv. 4-5 da cantiga «Que viva neste cuidado», fl. 93r. Para Juan de Mena, cf. a edição de NIGRIS 1988, p. 169

paixões, que o forçaram a querer sujeitar-se à sua própria auto-destruição (vv. 21-25). Na esteira, pois, do *Siervo libre de amor* e da interpretação psicomáquica da experiência amorosa, o enamorado chega a reduzir-se ao gozo do seu próprio cativeiro⁶: o *amador* masoquista retira prazer do seu próprio sofrimento, da negação do prazer, da negação do desejo de que a situação dolorosa termine, e tem que aceitar, inevitavelmente, o paradoxo pelo qual a dor provocada pela impossibilidade de coroar o seu sonho de amor deve ser considerada como prazer, pois é o único sentimento de que lhe é permitido fruir (cf. n.ºs 4, 28, 30).

D. Francisco explora ainda o conceito, de cariz estóico, da imutabilidade da situação dolorosa (cf. n.ºs 7, 13) que muito sucesso teve nos cancioneiros. Paralelamente, outro tópico recorrente nos seus versos é o da passagem da condição existencial de favorável a desfavorável — o que pertence ao âmbito temático da Fortuna. O tema da sorte como regedora dos casos de amor está presente no Cancioneiro, relacionado com o aspecto da mutabilidade que ela determina⁷. Mas a acção da Ventura não envolve, contudo, a alteração da *vontade*, da pulsão passional do enamorado, tornando assim a *firmeza*, ao lado da *fé* no próprio sentimento, uma das «virtudes cardeais» da sua ética amorosa.

A submissão voluntária e completa do *amador* à dama é relacionada frequentemente com a crueldade desta⁸ (cf. n.º 11). Também a mulher é, neste tipo de convenção literária, uma figura contraditória. A dama é origem do sofrimento, dispensadora de alegrias e desesperanças, rainha e senhora da psique do *amante*, tirando até satisfação dos sofrimentos que inflige ao seu enamorado: a sua presença é tormento, e a sua ausência angústia⁹. Mas há casos (por exemplo, os vv. 69-72 da lírica n.º 18 e mais explicitamente a n.º 50) em que o *amador* já não suporta os sofrimentos infligidos pela mulher amada, e então se vinga de tanta crueldade atacando-a, mais ou menos injuriosamente, ou advertindo-a das consequências negativas da sua atitude¹⁰.

⁶ Pense-se, por exemplo, nas palavras de Diego de San Pedro: «Tan usado bevir triste, que me consuelo con las mismas tristezas por causallas tu» (Ed. WHINNOM 1971, II, p. 125).

⁷ Sobre este tema, cf. MENDOZA NEGRILLO 1973, pp. 237-253.

⁸ Sobre este tópico, cf. LE GENTIL 1981, I, pp. 117-121.

⁹ Para a casuística deste difundidíssimo tema, cf. TORNER 1966, n. 100, pp. 176-183; n. 161, pp. 271-274; n. 182, pp. 310-312; e CARAVAGGI 1971, pp. 43-66.

¹⁰ O tema da advertência à dama é, aliás, já galego-português (cf. RUGGIERI 1931, pp. 151-152).

O amor cantado pelo Conde desenvolve-se exclusivamente a partir da vista, sem qualquer vertente carnal ou erótica. A conexão entre olhos e coração (cúmplices do amor, contra o indefeso enamorado), é assumida por gerações e gerações de poetas, desde os provençais (lembre-se a seta que fere o personagem do *Roman de la Rose* de Loris) aos petrarquistas do século XVI¹¹. A vista é considerada, desde a concepção hipocrática, passando pela reformulação aristotélica e pela interpretação dos Padres da Igreja, a intermediária entre a bela forma (o objecto exterior) e os «sentidos internos», determinando a excitação da imaginação, com o consequente ofuscamiento das faculdades racionais: Andreas Capellanus, por exemplo, no *De Amore*, I, 2, explica: «Amor est passio quaedam innata procedens ex visione et immoderata cogitatione forme alterius sexus.»¹²

Tema habitual nas líricas de amor palacianas, relacionado com o motivo da *vista*, é a *partida* (n.ºs 17, 30): o afastamento de um dos dois intervenientes do lugar onde se encontram. Geralmente, este distanciamento é para o enamorado causa de reflexão sobre o seu caso amoroso, reflexão que se desenvolve conforme os lugares-comuns da tradição de cancionero: o motivo da *presença* — *ausência*, segundo o qual o enamorado sofre em presença da dama, porque não lhe pode manifestar o seu sentimento, sofrendo também, e de modo ainda mais profundo, na ausência dela, por a não poder ver; a equiparação da vida com a morte, por causa do sofrimento amoroso; o motivo do desespero, que leva o *amante* a preferir não ter nascido a suportar um sofrimento assim tão desmedido, neste caso representado pelo afastamento da dama.

Pelo que diz respeito à concepção da *memória*, o Conde repete a interpretação tópica desta como fonte de deleite ou de dor¹³: é fonte de deleite porque nela reside a imagem da amada e dos tempos felizes (n.º 10¹⁴); e é fonte de dor porque a lembrança do bem passado aumenta o sofrimento nas adversidades presentes (n.º 32).

Os eixos passado-presente sobre os quais muitas vezes se articulam as líricas (onde o passado representa o tempo da serenidade,

¹¹ Cf. LE GENTIL 1981, I, pp. 171-175, e RUGGIERI 1931, pp. 168-173.

¹² «O Amor é uma paixão inata que se desenvolve através da visão e da imoderada cogitação sobre a figura do outro sexo» (tradução nossa). Para uma descrição das reacções psico-fisiológicas que a visão produz no enamorado, cf. CIAVOLELLA 1986.

¹³ Cf. LE GENTIL 1981, I, pp. 148-154.

¹⁴ A propósito desta cantiga, LE GENTIL 1981, I, p. 150, nota 163, diz que se trata de «un des rares passages où le souvenir ne soit pas accompagné de tristesse».

ao passo que o presente é o da dor), proporcionam a reelaboração do tema que tanto êxito teve na literatura ibérica quatrocentista e quincentista, segundo o qual lembrar-se de um passado agradável é pior do que morrer, baseado nos vv. 121-123 do *Inferno* de Dante: «Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo passato nella miseria»¹⁵ (cf. n.ºs **12**, **27**, **32**). Mas na lírica n.º **31**, este princípio veiculado pelo motivo dantesco parece usado «às avessas»: aqui o mal presente é de tal maneira intenso que até cancela a memória do passado feliz.

Foi posta em ressaltado por vários estudiosos¹⁶ a coincidência de algumas formas da expressão amorosa — como *glória*, *consentimento*, *perdimento*, *fé*, *firmeza*... — com a linguagem mais propriamente religiosa, como técnica de «volta ao profano» de termos típicos do discurso litúrgico. Além da tradicional comparação da paixão do enamorado à de Cristo, e da ainda mais usual equivalência entre a danação espiritual e a danação amorosa, com os seus sintagmas típicos *salvar* e *perder* (cf. n.ºs **20**, **40**), até os poetas escolhem frequentemente, como cenário das suas composições, a igreja, que representa, durante toda a Idade Média, o lugar privilegiado dos encontros sociais¹⁷ (cf. n.º **5**). Igualmente se encontram verdadeiras paródias «ao profano» de textos sagrados e de ritos litúrgicos: antes do mais, da Missa, que se torna *Misa de Amor* (cf., por ex., as de Suero de Ribera ou de Juan de Dueñas). Na mesma tradição se insere a cantiga n.º **8** do Conde, ainda que a confissão, de per si, seja um género bastante raro¹⁸.

Uma nota original na exposição de conceitos convencionais é dada pelo recorte estoico e senequiano que o Conde dá a certos aspectos do acontecimento que descreve (cf. n.ºs **2**, **3**, **9**). Este «senequismo» será fruto, mais verosimilmente, de uma assimilação das doutrinas do filósofo não por via directa (ainda que circulassem na península, à época, as obras de Séneca, seja na sua versão original, seja em tradução), mas antes por via indirecta. De facto, frequentemente a assunção de Séneca como autoridade moral e ética não reflectia, nos escritores do século xv ibérico, um interesse particular pelo filósofo, nem um conhecimento profundo das suas doutrinas, revelando, antes, a grande popularidade do pensamento senequiano

¹⁵ Quanto à popularidade do *topos*, cf. FARINELLI 1929, I, p. 118, nota 1.

¹⁶ PERIÑAN 1968, pp. 24-32; LIDA DE MALKIEL 1977, pp. 291-309; WHINOM 1981; TILLIER 1985; PRESOTTO 1997, pp. 30-36.

¹⁷ HUIZINGA 1986, p. 220.

¹⁸ Cf. LE GENTIL 1981, I, pp. 441-447.

difundido através de escritos apócrifos e, sobretudo, de citações das suas máximas éticas que, durante toda a Idade Média, são recolhidas em florilégios e colecções de aforismos e tratados morais¹⁹.

Na cantiga n.º 2, distinguem-se traços do pensamento senequiano, especialmente os que se relacionam com a *Carta a Lucílio*, 101.10: «In spem viventibus proximum quoque tempus elabitur subitque aviditas et miserrimus ac miserrima omnia efficiens metu mortis»: é melhor não esperar nada para não se iludir a si próprio, cair no engano e viver em sofrimento. Na n.º 3, ressentido-se ainda o programático *substine et abstine*. Aqui, a condenação da condescendência ao prazer é justificada pela evidência, de raiz estoica (apesar de bíblica, também) de que «Qui multum habet, plus cupit» (*Carta a Lucílio*, 119.6): pois é natural que, tendo alcançado um «bem», logo se queira ainda mais, é melhor não querer nada. E ainda, na n.º 9, a fugacidade das coisas da vida, a mutabilidade da sorte, devem provocar a imperturbabilidade perante as causas comuns do sofrimento e, igualmente, perante as do prazer. Ouvem-se, portanto, ecos dos preceitos senequianos do tipo «Aequo animo excipe necessaria» (*Cartas a Lucílio*, 99, 22), ou «Nihil necesse sapienti est» (*Cartas a Lucílio*, 9, 14): a sabedoria do «sábio» *amador* reside, pois, na opinião de D. Francisco, em não participar nem nas dores nem nos prazeres da vida — ele faz-se porta-voz da recusa em condescender com o prazer.

Uma particular menção merece o debate do Conde de Vimioso com Aires Teles (n.º 21), endereçado a uma dama, D. Margarida de Sousa, com função de *juiz*²⁰.

As trovas de Aires Teles²¹ e do Conde reflectem e perpetuam o

¹⁹ Sobre o assunto cf. BLÜHER 1983. Veja-se, mais à frente, o capítulo dedicado às *Sentenças*: 2.5.

²⁰ O apelo ao *juiz*, habitual no *joc-partit* e esporádico na *tensó*, é muito frequente nos *debates* dos cancioneiros quatrocento-quincentistas. Cf. CUMMINS 1964; CUMMINS 1965; LE GENTIL 1981, I, p. 461.

²¹ As informações sobre Aires Teles são múltiplas. A GEPB, artigo *Teles de Meneses (Aires)* e BRAGA 1871, p. 313 dizem que ele era filho de Fernão Teles de Meneses, senhor de Unhão, e de Maria Vilhena, e que foi Alcaide-mor da Covilhã. Cunhado de João de Meneses, 1.º Conde de Tarouca, pois este desposa a sua irmã Ana de Vilhena, assistiu à morte de D. João II em Alvor: depois da morte do rei, toma o hábito de S. Francisco. Morre entre 1515 e 1520. Mas mais recentemente, o artigo a ele dedicado no DLMGP 1993, afirma que havia dois fidalgos com este nome: Aires Teles da Silva (o poeta) e Aires Teles de Meneses, que morre em 1514 em Marrocos. Aires Teles o poeta terá morrido entre 1535 e 1549. As suas poesias estão incluídas na colectânea de Resende, nas fls. 198r-199r.

debate, que a tradição medieval cortês alimentou, entre o amor concebido enquanto pulsão carnal e o assumido como idealização platónica, pois a questão que enfrentam é se ama mais quem *deseja* a sua dama, ou quem apenas lhe *quer bem*²². Numa época em que coexistem estas duas tendências, Aires Teles e o Conde fazem-se porta-vozes de cada uma delas: a primeira, de mais geral aceitação²³, expressa por Aires Teles, que considera o *desejar* uma manifestação directa e necessária do amor; a segunda, defendida pelo Conde, herdada da temática amorosa da geração precedente, que vê o desejo como estranho ao sentimento de amor e inteiramente desrespeitoso, até, da excelência da dama.

Os conceitos defendidos pelos dois poetas estruturam-se em torno da oposição *razão* — *vontade*, ou seja, em torno da dicotomia racionalidade — sentimento irracional, vista como charneira da atitude amorosa²⁴.

O debate dispõe-se em oito composições que, ao contrário do que é habitual²⁵, não se atêm à repetição dos mesmos esquemas métricos e estróficos, antes adoptando formas diversificadas. O único paralelismo formal que se encontra diz respeito aos vilancetes: mote tripartido, recuperação parcial das rimas do primeiro no segundo, repetição da estrutura de alguns versos com variação sintagmática, e função recapitulativa das posições tomadas pelos respectivos contendedores.

Abre o debate Aires Teles (vv. 1-34), que afirma a complementaridade de *desejar* e *bem querer* (o primeiro directa consequência do segundo), sendo, pois, a presença concomitante de ambos que caracteriza o Amor verdadeiro. Segundo Aires, se falta o desejo, falta um dos elementos sem os quais o verdadeiro amor não pode ser definido como tal: o desejo pode existir de per si, sem se basear no *bem querer*; o verdadeiro Amor, pelo contrário,

²² E, de facto, *desejar* no léxico *cancioneiro* define a manifestação passional do amor, ao passo que *bem querer* indica a sua manifestação espiritual (cf. AA.VV. 1986, p. 330 e p. 342).

²³ Recorda CRABBÉ ROCHA 1949, p. 41, que a «reabilitação do amor carnal» é «patente em muitas páginas do Cancioneiro Geral».

²⁴ São muitos os exemplos de como era sentida esta oposição: pense-se em Diego López de Haro, «Entre la razón y el pensamiento», *Canc. General 1511*, fls. 64r-65v; ou no *contraste* de Mexía do «Seso al Pensamiento», *Canc. General 1511*, fls. 69v-70r. Lembrem-se também, no *Cancioneiro Geral de Resende*, as trovas de Francisco de Sousa «aqueixando-se da razão e vontade» (fls. 213v-214r).

²⁵ Cf. LE GENTIL 1981, I, pp. 459-519.

não se manifesta senão pela presença simultânea desses dois impulsos.

A tal obsta o Conde (vv. 35-74) com uma posição que segue ainda o código ético-amoroso dos trovadores: o *desejar* é tido como impertinência, como falta de respeito, atitude contrária à norma estabelecida. Era o pensamento aristotélico-tomista que considerava o desejo, enquanto tensão em função de alguma coisa, um sinal de imperfeição humana. D. Francisco predica, pois, a negação da aspiração ao *contentamento*, à *glória*, ou seja, à correspondência, à realização física do amor. Quase declaração do *sustine et abstine* de proce-dência estoíca, ou seja, negação da paixão enquanto perda da racionalidade, a atitude do Conde, apesar de representar uma posição pouco partilhada pelos seus contemporâneos (pelo que ele próprio afirma nos vv. 67-69), ainda encontra eco na época. Pense-se, por exemplo, nas palavras de Tullia de Aragona: «l'amore onesto, il quale è proprio degli uomini nobili (...) non è generato nel desiderio, ma nella ragione»²⁶. A luta pela supremacia entre o desejo e a razão ressurge nos textos do Conde também sob a forma da psicomauquia (cf. n.º 25) e reentra nos temas praticados pelos poetas coevos.

Aires Teles replica (vv. 75-115) a D. Francisco sustentando a posição exactamente antitética, utilizando o *topos* da completa sujeição do amante ao próprio sentimento que o priva de autonomia decisória (perda da razão) e o força a seguir o curso dos sentimentos, que lhe subjugam a vontade. Nesta base, portanto, Aires afirma a inevitabilidade do desejo enquanto pulsão passional que nasce do próprio sentimento amoroso. Quem, como o Conde, não sente esta pulsão, não deverá imputar essa sua atitude a um abstracto «bem querer», mas, pelo contrário, à sua própria natureza, à sua própria impotência amorosa. Ele rejeita, pois, a tese estoicizante da *adiaforia* para propor, pelo contrário, a exaltação do *sintir*.

D. Francisco, por sua vez (vv. 116-165), defende a sua tese com argumentos herdados dos galego-portugueses: *desejar* significa desprezar a dama e cuidar egoisticamente apenas nos próprios baixos instintos. Além disso, D. Francisco define o amor como uma «gostosa amizade» (v. 148), exprimindo, desta maneira, um conceito tomista: S. Tomás distinguia, com efeito, o «amor de amizade», livre de pecado, definido de acordo com a razão, do «amor de concupiscência», ou seja, o desejo carnal²⁷. A estrutura da argumentação (vv.

²⁶ *Dialogo delle infinità di Amore*, em POZZI 1980, p. 222.

²⁷ Cf. *Summa Theologica*, 2ª-2ªe q. 26, a. 3.

146-155) enfileira na tradição literária do *De natura amoris*, que constrói o topos definatório do amor sobre a série anafórica do tipo *Amor es*, como em Jorge Manrique «Es amor fuerça tan fuerte», ou em Cartagena «Es amor donde se esfuerça».

O vilancete (vv. 166-175) confirma essa mesma atitude de respeito quase religioso para com a mulher amada: é este que não permite ao amante ousar desejar o que quer que seja, para não cair na *sanha* da amada. Ainda eco da ética amorosa trovadoresca é o receio de faltar ao respeito à dama, ou de a indispor, com a expressão do desejo e a expectativa de satisfação.

Concluindo, Aires Teles (vv. 176-216) reitera as suas posições e, com uma tonalidade irónica, sublinha a natureza concreta do desejar e o pendor abstracto do bem querer: só da união dessas duas vertentes nasce o verdadeiro amor. Portanto, só aquele que ame e deseje será digno do *merecimento*: pode-se desejar sem merecer, mas nunca merecer sem desejar.

O vilancete final (vv. 217-226) reforça o conceito utilizado também por outros poetas do Cancioneiro de Resende, como, por exemplo, Duarte de Resende (fl. 199v): «Que seguir sempre razão / / e não mil vezes vontade, / é negar sensualidade / cujo é o coração».

2.3 A poesia de circunstância

Um dos géneros cultivados nos cancioneiros de finais de Quatrocentos é o das poesias de circunstância, de carácter individual ou colectivo: sátiras e motejos a propósito de vestidos, modas, comportamentos; debates, ajudas, perguntas e respostas, e louvores desenvolvidos a partir de um tema geralmente descrito e definido na rubrica (para estes últimos, veja-se 2.4).

As composições de circunstância escritas pelo Conde têm geralmente carácter lúdico, e podem tocar vários campos: o do costume; o da coprologia; o da invectiva pessoal, verdadeiro *mal-dizer*. No primeiro caso, D. Francisco moteja a propósito de peculiaridades do vestuário, discorre sobre as atitudes que se podem ou não podem manifestar na sociedade, ou refere notícias da vida e dos feitos de personagens do seu círculo. No segundo, compõe ou promove trovas em que o assunto principal são excrementos humanos; e no último, ataca frontal e injuriosamente personalidades conhecidas. Mas D. Francisco, pelo menos em dois casos (n.^{os} 42 e 43), inspira-se na sua biografia para compor verdadeiras «queixas» do próprio estado existencial.

Os interlocutores principais do Conde pertencem todos à Corte. Já vimos que se mede no debate com Aires Teles, a quem dirigirá a única verdadeira *cantiga de mal dizer*, ridicularizando o seu empenho em aprender latim (n.º 36)²⁸.

Existe um filão *cancioneril* em que são os vestidos, ou os ornamentos, o assunto da sátira: geralmente porque são tidos como demasiado luxuosos e portanto ridículos, ou porque são considerados fora de moda, ou, ainda, porque denunciam a falta de meios económicos do seu proprietário. D. Francisco, por exemplo, zomba dos punhos do Barão de Alvito (n.º 34) sublinhando-lhes a estreiteza, que provavelmente estaria fora de moda; escarnece também a moda de usar as mangas dobradas, com o forro para fora, imputando-a à escassez do próprio tecido (n.º 46)²⁹ e insinuando, com isso, que o dono não pôde permitir-se comprar mais. Ainda moteja trajos e arreios.

Os seus alvos preferidos são o Barão de Alvito³⁰ (n.ºs 34, 35, 37), Jorge da Silveira e, sobretudo, Luís da Silveira³¹ (n.ºs 35, 46, 47). O afincio do Conde contra o Barão e Luís da Silveira terá sido originado não apenas pelo simples jogo palaciano, mas também por questões de ordem pessoal. De facto, na carta-memorial (cf. **Apêndice 1**), D. Francisco conta das intrigas tecidas pelo Barão e por Luís da Silveira contra a sua pessoa (fl. 6r).

Ao lado da sátira que tem como objecto modas de vestir-se e outras atitudes sociais, existe também um género literário, fre-

²⁸ Sobre o o grande incremento dos estudos latinos na época, cf. FERNÁNDEZ 1984.

²⁹ A escassez e a vetustez dos tecidos e o facto de, em consequência daquela, os mesmos serem virados do avesso, foi frequentemente objecto de ridicularização no *Cancioneiro Geral*: basta pensar no pelote de Leonel de Melo (fl. 166v) *que pouse em forro doutro*, ou nas mangas estreitas e forradas de velhas martas de Jerónimo d'Eça (fls. 181v-182r).

³⁰ O 2.º Barão de Alvito, D. Diogo Lobo da Silveira, era filho de João Fernandes da Silveira e da sua segunda esposa, Maria de Sousa Lobo. Era cavaleiro do conselho de D. João II e vedor da Fazenda, «um dos principais apodistas do *Cancioneiro*, conhecido pelo título *o Barão*»: cf. BRAGA 1871, p. 259, BRAAMCAMP FREIRE 1910 e GEPEB, artigo *Alvito (Barões de)*.

³¹ Jorge da Silveira era o filho do Coudel-mor Fernão, também poeta do *Cancioneiro*, e irmão de Francisco da Silveira, cavaleiro da Ordem de Cristo, igualmente poeta do *Cancioneiro*. Participa na Batalha de Toro com seu pai e seu irmão e é Vedor da Fazenda do Duque de Viseu (BRAGA 1871, pp. 273-274, p. 365, pp. 382-384 e DLMGP 1993, pp. 364-365). Luís da Silveira é filho de Nuno Martinho da Silveira e de D. Felipa de Vilhena, nasce por volta de 1481 e participa nas expedições para Azamor (1507) e Tânger (1514) (cf. BRAGA 1871, pp. 386-401 e DLMGP 1993, p. 428).

quentemente utilizado entre os provençais e os franceses da Idade Média, que visa a sistematização de regras de comportamento do perfeito cortesão. Este género, que encontrará perpetuação nos famosos *Galatei* quinhentistas, encontra-se também nos Cancioneiros peninsulares de Quatrocentos: pense-se, por exemplo, nas *Reglas a los galanes* de Suero da Ribera³² ou no *Doctrinal de Gentilezas* do Comendador Ludueña³³. Da mesma maneira, encontram-se trovas deste tipo também no *Cancioneiro Geral de Resende*: por exemplo, as de «Fernão da Silveira Coudel-Mor a seu sobrinho Garcia de Melo de Serpa dando-lhe regra para saber vestir e tratar do paço» (fl. 20 r-v).

O caso da composição n.º 39 do Conde de Vimioso é um pouco anómalo, no que concerne ao cânone do género: apresenta, por assim dizer, um esquema às avessas. De facto, D. Francisco não enumera as regras que um cortesão tem que seguir para se bem portar no paço, mas pede a Simão de Sousa³⁴ que lhe diga se aquilo que ele tenciona fazer corresponde às regras aceites pelo código palaciano. A sua preocupação principal é a de regressar ao paço sem cair em erros de etiqueta. O Conde quer apresentar-se como guerreiro (v. 12) e, de facto, os seus versos contradizem as principais regras dos galantes. Conforme a classificação de Suero de Ribera³⁵, o verdadeiro cortesão deve ser «dissimulador en risa» (v. 22), «a los grosseiros esquivo» (v. 24); o cortesão autêntico não tem que «tomar cuenta del gasto» (v. 55), pois «damas e buenos olores al galán es grant folgura» (vv. 73-74). Nenhum destes princípios se encontram nos versos do Conde: antes pelo contrário, encontram-se exactamente princípios opostos (comparem-se os vv. 11, 14, 15, 16 de D. Francisco com os acima citados de Suero de Ribera).

Estas trovas representariam um dos poucos casos em que os dados biográficos servem de arranque à invenção poética. De facto, D. Francisco está presente em Arzila de 1509 a 1510 (cf. o cap. 1) e, muito provavelmente, antes do seu regresso à Pátria, escreve a D. Simão de Sousa para que lhe forneça informações sobre as modas

³² Ed. PERIÑAN 1968, pp. 98-109.

³³ Ed. MAZZOCCHI 1998.

³⁴ Provavelmente o filho de Pedro de Sousa, poeta do *Cancioneiro* e da sua primeira esposa D. Catarina Anriques (BRAGA 1871, p. 215). No DLMGP 1993, p. 613, pelo contrário, este Simão de Sousa é identificado com Simão de Sousa de Sem, filho de António de Sem e de Filipa de Sousa.

³⁵ Cf. PERIÑAN 1968, p. 102.

do *paço*. Portanto, pode-se, sem correr o risco de nos afastarmos da verdade, datar estas trovas de 1510.

O aspecto lúdico da poesia palaciana tinha conquistado também os domínios da coprologia. Encontram-se muitos exemplos desse repugnante *divertissement* no *Cancioneiro Geral*³⁶. E assim se justifica a composição n.º 37 do Conde, sem esquecer a articulada invectiva contra *quem cagou num brazeiro*, solicitada pelo próprio D. Francisco (n.º 52: discutiremos esta mais à frente, 2.4).

Frequentemente as composições servem como verdadeiras «gazetas», e contam, com tonalidades jocosas, as novidades do paço e das personagens mais em vista. A n.º 38 insere-se neste filão. O Conde manda a D. Rodrigo de Castro notícias de três damas, as «três Guiomares». É Braamcamp Freire que nos dá informações biográficas acerca destas três senhoras³⁷: as Guiomares referidas nesta composição seriam D. Guiomar de Meneses, D. Guiomar de Castro (filha do regedor D. João da Silva) e D. Guiomar Henriques, mulher de Garcia de Melo, o *Brazeiro* (veja-se, mais à frente, o comentário à n.º 52). O estudioso demonstra ainda que estas trovas foram escritas depois do contrato de matrimónio entre D. João Lobo e a filha de D. Rodrigo de Castro, o *Monsanto*, D. Antónia de Castro (1509), mas antes de Dezembro de 1513, data da morte de D. João Lobo: mais precisamente em Março ou Abril de 1511, pois a corte permaneceu em Santos de Fevereiro até fins de Abril desse ano. Este D. Rodrigo de Castro, o *Monsanto* (pois que era filho do Conde com este título) encontrava-se provavelmente na Covilhã, já que era o Alcaide-mor desta vila.

É de destacar, neste conjunto de poesias de circunstância, o *breve* com cantiga elaborado pelo Conde (n.º 40). As longas discussões acerca da existência de um teatro português anterior ao surto da produção dramática de Gil Vicente passaram necessariamente (dada a escassez dos testemunhos até agora disponíveis) pela análise dos diálogos de Henrique da Mota e deste texto do Conde de Vimioso³⁸, geralmente definido *O entremês do anjo* — apesar de ser mais propriamente um *momo*.

³⁶ Cf. LE GENTIL 1981, I, p. 208. MARTINS 1987, pp. 76-78, fornece uma lista dos mesmos.

³⁷ Para todos os elementos, cf. BRAAMCAMP FREIRE 1907, pp. 292-297; BRAAMCAMP FREIRE 1910, pp. 23-26; BRAAMCAMP FREIRE 1944, p. 283, nota 778.

³⁸ A este propósito, cf. CRABBÉ ROCHA 1951; STEGAGNO PICCHIO 1969, p. 326; RUGGIERI 1931, p. 30; SARAIVA 1981, p. 43; MILLER 1982; e REBELLO 1984, pp. 62-67.

Baseado principalmente na acção mímica, que não na palavra, o *momo* insere-se no mais abrangente género das mascaradas, de tão larga difusão ao longo da Idade Média europeia. Em Portugal, o *momo* designa primariamente a máscara, o homem mascarado, e só mais tarde (*grosso modo*, a partir do século xv³⁹) a representação em si, o espectáculo *in maschera*. Os elementos constitutivos são, portanto, a acção cénica, a mímica e o disfarce: os textos, designados *breves*, como neste caso, ou *letras*, são reduzidos ao mínimo e muitas vezes não são sequer recitados, mas antes entregues por escrito ao destinatário, como parece acontecer no caso em apreço.

Nesse *momo*, os personagens do diabo e do anjo são mudos, e é de supor que acompanhassem com uma representação mímica a leitura do *breve* (prosa e cantiga). Não nos parece verosímil, tendo em conta a estrutura tradicional do género, a reconstrução cénica empreendida quer por Francisco Rebello quer por Jole Ruggieri⁴⁰. O primeiro lança a hipótese da presença em cena de um *cavalheiro*, e a segunda da da alma do *amante*, que leria o texto em prosa, encarregando-se o anjo da recitação da cantiga. Que o *cavalheiro*, a sua alma ou o próprio Conde lessem o texto em prosa, à maneira de prólogo, é algo admissível na estrutura do espectáculo. A rubrica faz-nos, porém, saber que o anjo entrega a cantiga à dama, como era de uso nestas representações. Será portanto a dama quem lerá a cantiga, restando apenas o diabo e o anjo como únicos protagonistas mascarados do jogo cénico do entremês.

No que respeita ao conteúdo, tanto a prosa como a cantiga exemplificam abundantemente a visão cortês do amor, expressa de acordo com a linguagem e os lugares comuns da tradição *cancioneril*, construindo-se em torno da alegoria da tentação, que, por sua vez, alude à experiência de Cristo. Com efeito, o *amante*, tentado pelo demónio, mantém a fé e a *firmeza* do seu sentimento, e não perde a esperança, ainda que tal lhe possa custar a vida: só o *engano* virá perturbar, não a sua fé, mas a sua esperança, fazendo-o cair nas mãos do diabo. O *engano* determinará, pois, o seu *perdimento*, de acordo com o tradicional paralelismo entre a danação amorosa e a danação espiritual. Mas eis que o Anjo da Guarda intervém, facultando à alma do enamorado a visão salvífica da dama.

³⁹ Cf. STEGAGNO PICCHIO 1964, p. 16; STEGAGNO PICCHIO 1969, pp. 48-49; e REBELLO 1984, p. 46.

⁴⁰ Cf. REBELLO 1984, pp. 62-63 e RUGGIERI 1931, p. 30.

2.4 As composições colectivas

Uma forma particular de actividade poética que se encontra nos cancioneiros tardo-medievais é a composição de carácter colectivo: não só debates, perguntas e respostas ou ajudas, em que, de norma, os contendores são apenas dois, mas também longas composições em que o número dos intervenientes é indefinido e ilimitado.

Várias intervenções do Conde se inserem na categoria das *perguntas e repostas*, em que a uma composição de um autor se segue a «reposta» de outro que utiliza, normalmente, o mesmo esquema rimático («pelos consoantes»). Este tipo de composições pode verter sobre assuntos amorosos, continuando deste modo a tradição das *questioni d'amore*⁴¹, ou sobre questões mais variadas. A n.º 43, por exemplo, integra-se no terceiro dos quatro tipos de *perguntas y respuestas* de temática amorosa, evidenciados por Cummins⁴². O estudioso diferencia, de facto: «The straightforward love-song which arouses a *respuesta* ...; the enquiry after the state of a friend's love affair or the identity of his lover ...; the plaintive demand for advice or solace ...; and the *joc-partit*»⁴³. A n.º 45, pelo contrário, é propriamente um *enigma*⁴⁴, modalidade particular do género das *perguntas e repostas*. O Conde associa o verso grave da *arte maior* à forma popular da adivinha, para dar ao jogo uma aparência mais séria e uma maior obscuridade, ao debater um assunto que parece verter sobre a essência do favor real.

Grande parte das composições facultadas pelos cancioneiros são poemas em cuja elaboração participam vários poetas, como se disse. Um poeta fixa num vilancete ou numa cantiga o tema, que pode ser o elogio de uma dama, ou um comentário sobre um acontecimento do paço: segue-se-lhe, então, um número indefinido de *ajudas*, compostas tomando em consideração a estrutura métrica da composição inicial, em que os intervenientes dão a sua opinião, propõem a sua interpretação dos factos.

Famosas são as *Trovas do Brazeiro* promovidas pelo Conde (n.º 52), em que 22 poetas comentam o «feito tão atrevido» de um fidalgo da armada do Conde de Tarouca, que fez «os seus feitos num brazeiro».

⁴¹ Sobre este tema, cf. LE GENTIL 1981, I, pp. 465-467.

⁴² CUMMINS 1965, p. 13, n. 1.

⁴³ Cf. também, a propósito deste tipo de *perguntas*, LE GENTIL 1981, I, p. 484, e sobre este género em geral, as pp. 461-487.

⁴⁴ Cf. LE GENTIL 1981, I, p. 486.

Não se pode, a partir das informações de Teófilo Braga⁴⁵, identificar com clareza a expedição a que se refere a rubrica: o estudioso afirma, na p. 217, que «em 1480 o Bispo de Évora D. Garcia de Meneses é mandado com uma grande frota contra os turcos», e que «encontramos uma referência a este sucesso nos apodos *a um fidalgo que no serão del-rei se meteu em ãa chiminé...*»; mas, na p. 354, data a partida de Belém da mesma frota de 15 de Junho de 1501. É de excluir a primeira datação uma vez que, muito provavelmente, D. Francisco não tinha sequer ainda nascido. Por outro lado, tendo em conta o hábito cortesão de tecer comentários jocosos a acontecimentos recentes, resulta muito pouco plausível que os *apodadores* tenham recuperado e glosado um acontecimento a tal ponto recuado no tempo.

Por seu lado, a segunda datação parece inteiramente aceitável, já que a única expedição em que se sabe ter participado seguramente como Capitão-Mor o 1.º Conde de Tarouca, D. João de Meneses, foi a da armada que D. Manuel mandou em auxílio de Veneza, contra os turcos. Outras referências internas da composição (a referência a Cabral do v. 7, por exemplo, ou os versos de João da Silveira, «S'a Veneza for mandado / compre-lhe não ir por mar / sem levar a bom recado / um navio despejado / para s'ele despejar») apontam para tal solução.

As fontes⁴⁶ indicam que *o Braseiro* era Garcia de Melo, marido de D. Guiomar Henriques (cf. n.º 38). De qualquer forma, não é possível encontrar confirmação ou desmentida deste dado ao longo das trovas em questão. Só na intervenção de Diogo de Sepúlveda (fl. 176r) se lê: «Não queiramos nada não / de nenhum grande padreiro, / / pois antre nós há barão / que fez câmara em brazeiro, / fundada sobre carvão» (sublinhado nosso). Mas aqui, o termo «barão» pode indicar tanto o título do fidalgo quanto apenas «homem nobre».

Interessantes também são as trovas promovidas por Aires Teles contra o cristão-novo Jorge de Oliveira (n.º 59), «gordo castelhano»⁴⁷, e rendeiro da Chancelaria, isto é, o cobrador dos impostos desta. Braamcamp Freire informa-nos que foi criado pela Infanta D. Beatriz e foi por vontade dela que D. Manuel o nomeou Recebedor da Chancelaria da Corte, com carta de 11 de Dezembro de 1500.

⁴⁵ BRAGA 1871.

⁴⁶ BRAGA 1871, p. 217 e BRAAMCAMP FREIRE 1910, p. 25.

⁴⁷ Sobre Jorge de Oliveira, BRAAMCAMP FREIRE 1907, pp. 316-317. Esta citação pertence à p. 316.

Foi-lhe até concedida uma especial «habilitação *de genere* para gozar dos privilégios do ofício»⁴⁸, pois era cristão-novo. Ficou no ofício até à sua morte ocorrida em 15 de Agosto de 1527. O estudioso acrescenta que estas trovas devem ter sido compostas depois de Fevereiro de 1506, pois a 5 deste mês falecera Dom João Rodrigues de Mascarenhas que aparece na sátira como intervindo *do Inferno*.

Uma particular modalidade de composição colectiva é o *louvor*. Nele, um poeta dá o arranque para um elogio coral de uma senhora. Nestas composições emerge, geralmente, uma imagem sublimada da dama, de derivação platónica e de reformulação *stilnovistica*, que se exprime de acordo com os estereótipos do elogio cortês, com os conceitos cortesões medievos da *fin amors*, que se baseiam na equiparação, de derivação cristã, das qualidades físicas e morais, e no emprego de sintagmas que definem a superioridade da própria dama, o seu *merecimento*.

Geralmente os poetas, a partir de uma cantiga composta por um deles, articulam as suas intervenções com base nos *topoi* retóricos característicos do panegírico⁴⁹: a *tópica do indizível*, a iterada declaração da superioridade do personagem (o *sobrepujamento*), a falsa modéstia. Estes expedientes retóricos servem à construção de uma imagem da «dama como obra maestra de Dios» — na definição de Lida de Malkiel⁵⁰ —, ou seja, de uma senhora mais divina do que humana, em tudo superior, emanação directa da vontade de Deus. O motivo da «dama como obra maestra de Dios» alia-se amiúde ao *topos* do inefável, trasladado da literatura místico-teológica. A partir de Cavalcanti, este *topos* passa para o campo profano: a natureza do objecto de admiração (na literatura profana, a dama; na religiosa, Deus) transcende *a priori* a capacidade do sujeito de se referir a ele, ou de compreendê-lo: «Non fu sí alta già la mente nostra / e non si pose'n noi tanta salute, / che propriamente n'avian conoscenza» (Cavalcanti, «Chi è questa che vèn», vv. 12-14). No entanto, só com Dante o «motivo dell'ineffabilità diviene strumento retorico preferenziale dell'iperbole elogiativa»⁵¹. Alguns versos do *louvor* do

⁴⁸ BRAAMCAMP FREIRE 1907, p. 316.

⁴⁹ CURTIUS 1984, pp. 127-131, 231-239.

⁵⁰ LIDA DE MALKIEL 1977, pp. 179-290. O referente cultural imediato da concepção da *dama como obra maestra de Dios* encontra-se na lírica mariana, reelaborada em campo profano pelos poetas *stilnovisti* italianos, e, posteriormente, pelos provençais e galego-portugueses. Aliás, é comum o hábito de transferir para o campo profano temas e motivos do sagrado.

⁵¹ Cf. COLOMBO 1987, p. 35.

Conde de Borba⁵² a Dona Lianor Anriques (n.º 53) exemplificam este processo estilístico: «Não há siso, nem saber / descrição ou ousadia / que não possa dar poder / quanto se dizer devia» (Duarte da Gama, fl. 143v); «Creo e tenho por fé / que por tão grão parecer / / quanto se pode dizer / e escrever / é nada pera o que é» (João Fogaça, fl. 143v); «Para servir e adorar / fui eu nacido / e vós só para passar / o que não pod'alcençar / nenhum humano sentido» (D. João de Meneses, fl. 144r).

2.5 As Sentenças

Uma recolha de provérbios morais do Conde de Vimioso é publicada por vontade do neto, D. Henrique, em 1605⁵³, como foi dito no cap. 1 do presente trabalho. Recolhas deste tipo, geralmente compiladas *ad usum Delphini*, isto é, dos Infantes ou mais simplesmente dos próprios filhos, para a sua formação moral e ética, são frequentes durante toda a Idade Média⁵⁴. A grande difusão de colecções como os *Disticha Catonis* ou os *Proverbia Senecae* geram uma proliferação de recolhas de sentenças morais, como, por exemplo, para nos limitarmos à Península Ibérica, os *Castigos y Exemplos de Catón*, os *Provérbios de Salomão*, os *Provérbios de Dom Sem Tom*. Em finais do século xv, os mais conhecidos textos deste tipo são, sem dúvida, a tradução dos provérbios atribuídos a Séneca acima mencionados, levada a cabo por Pedro Díaz de Toledo, os *Provérbios* (ou *Centiloquio*) do Marquês de Santillana, fonte directa ou indirecta de alguns passos do *Auto das Fadas* de Gil Vicente⁵⁵, e os *Proverbes moraux* de Christine de Pisan, que tiveram edição portuguesa (*Espelho de Cristina*, Lisboa, 1518).

⁵² D. Vasco Coutinho, filho do marechal Fernando Coutinho e de Joana de Castro, foi um dos delatores da conspiração do Duque de Viseu contra D. João II: por isso, em 1486, o rei concede-lhe o condado de Borba. Mas em 1496, Borba é dada ao Duque D. Jaime de Bragança, e ele vai como Capitão para Arzila. Em 1500 é nomeado Conde de Redondo, mas sempre foi conhecido como «Conde de Borba». Morre em 1522. Como poeta, é inserido na compilação de Resende na fl. 71r-v e *passim*.

⁵³ Publicada em Lisboa pelo impressor Jorge Rodrigues. A aprovação do Santo Ofício foi deliberada em 1598, o livro estava pronto em 1601 e o privilégio foi concedido em 1605. Não se encontraram rastros numa edição precedente a esta, datada de 1553 (veja-se ANSELMO 1926), ao contrário do que afirmam tanto SARAIVA – LOPES 1985 quanto DLMGP 1993, artigo *Francisco de Portugal*.

⁵⁴ Sobre este tema, veja-se BLÜHER 1983.

⁵⁵ Cf. MARTINS 1972.

Também o Conde de Vimioso, por sua vez, compõe uma série de aforismos sobre vários temas, mas todos ligados à vida cortesã: amizade, princípios éticos, juízos morais, atitude do «perfeito *cortigiano*», privilegiando, contudo, o motivo da antítese entre bem e mal, entre bom e mau, sábio e ignorante, discreto e indiscreto, verdadeiro e falso⁵⁶.

Este tipo de obras, normalmente, não brilham pela originalidade; são significativas, a este propósito, as anónimas palavras preliminares da edição de 1605: «Se ouuer algũ estudioso que tenha lido o concerto d'algũas destas sentenças que seram poucas, em outros authores, aduirta que sempre o Conde andou tam ocupado no seruiço da guerra, e da paz que não teue lugar para empregar no estudo», concluindo que «nenhũa cousa ha de nouo no mundo... assi fica quasi forçado o encontro dos engenhos» (p. 13). Contudo, podemos apontar, como característica peculiar das especulações do Conde, a insistência nos temas da chamada *circumstantia linguae* (as regras da conversação), do *peccatum linguae* (a indiscrição), do conselho e dos conselheiros. Os modelos não apenas temáticos mas também formais são os dos *Provérbios de Salomão* e, entre os autores mais imitados, é patente a escolha, como *auctoritas maxima*, de Séneca.

Os aforismos do Conde podem dividir-se em dois grupos: um primeiro de frases em prosa, e um segundo de quadras com rima encadeada ou emparelhada. O número dos aforismos varia conforme os códices e as edições: coligindo todos os provérbios dos manuscritos e da edição de 1605, chega-se ao cômputo de 271 em prosa e 242 em verso⁵⁷.

As sentenças de D. Francisco encontram-se, pelo menos, nos seguintes códices manuscritos e com as seguintes rubricas:

1. Ms. 50-V-31 da Biblioteca do Palácio da Ajuda, fls. 178v-180r. *Sentenças do Conde de Vimioso* [A].

Trata-se de um códice miscelâneo mandado copiar pelo «Conde da Castanheira D. João por outro que tinha seu tio senhor D. Nuno António de Ataíde». É preciso lembrar que as relações entre a casa de Vimioso e a de Castanheira eram muito estreitas (cf. cap. 1). A ficha dos catalogadores da Biblioteca indica que este códice remonta ao século XVII. O 4.º Conde de Castanheira, D. João, morre em 1637, sucedendo-lhe no título e nos haveres o seu tio, D. António de Ataíde.

⁵⁶ Na nossa edição das sentenças encontra-se o estudo sobre as fontes e a língua dos aforismos de D. Francisco (TOCCO 1997, pp. 22-48).

⁵⁷ Levantam-se, contudo, problemas de autoria que, neste tipo de compilações, dificilmente podem ser resolvidos.

2. Cód. 1080 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fls. 47r-54r: *Do primeiro Conde do Vimioso* [C].

Flores de poesias de diversos autores é o título desta colectânea, que deve remontar pelo menos ao segundo quartel do séc. XVII, pois nela está contida uma composição à morte do Conde de Vilamediana (fl. 60), que se deu em 1622. De qualquer modo, o manuscrito foi acabado de copiar mais tarde, já que, nas últimas folhas, aparecem trabalhos de António Barbosa Bacelar (1610-1663), Jerónimo Bahia (1620-1688) e outros autores barrocos.

3. Cód. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (fls. 62r-68r e fls. 71r-76v): *Proverbios do Conde do Vimioso o Velho. Trovas do Conde do Vimioso. Outras d'outro Autor acrescentadas a estas do Conde do Vimioso* [E].

O códice foi editado por Arthur Lee-Francis Askins com o nome de *Cancioneiro de Corte e de Magnates*⁵⁸: o estudioso data este cancionero entre 1608 e 1610.

4. Cód. 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 24r-35r: *Proverbios do Conde do Vimioso o Velho* [L].

O manuscrito foi completado depois de 1580, isto é, depois do regresso de Diogo Bernardes do cativo marroquino, pois nele se encontram as elegias que o poeta escreveu justamente durante a sua prisão⁵⁹.

5. Cód. 3563 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 41r-42v: *Sentenças do Conde do Vimioso* [L2].

É um manuscrito miscelâneo. Apesar de o copista e compilador, Gil Nunes de Leão, afirmar que «nada disto vai impresso», não podemos considerar a miscelânea anterior a 1605, data da edição das *Sentenças* do Conde de Vimioso. O manuscrito não deve ter sido copiado antes de 1619, pois contém a «falla que o dr. Inacio Ferreira, vereador de Lisboa, fez a el-rei Dom Felipe 3.º na entrada della (*sic*) dia 5 p.º do anno 1619» (fls. 335v-336v).

6. Cód. 3551 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 1r-29v: *Do Conde do Vimiozo Dom Francisco* [L3]⁶⁰.

Pela letra, parece remontar a finais do século XVI ou inícios do século seguinte.

7. Ms. 12-26-8/D 199 da Biblioteca de la Historia de Madrid, fls. 219v-222r: *Sentenças do Infante Dom Luis* [M].

⁵⁸ ASKINS 1968. Nesta edição, as sentenças ocupam as pp. 148-165 e pp. 173-180.

⁵⁹ Veja-se a propósito deste códice o artigo de JANSEN – CIRURGIÃO 1973.

⁶⁰ Cf. BUESCU 1996, p. 286, nota 168. Tivemos conhecimento deste manuscrito só depois da nossa edição das sentenças (veja-se a nota 56).

O manuscrito foi estudado por García Soriano⁶¹, o qual conclui que foi copiado entre 1580 e 1595.

8. Ms. 2209 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fls. 123v-124r: *Avizos do Ifante Dom Luís* [T].

Arthur Lee-Francis Askins estuda este manuscrito e faz remontar a parte deste volume miscelâneo que nos interessa aos anos por volta de 1580⁶².

Já esclarecemos que no ms. 2584 da Biblioteca de Coimbra, indicado por Mendes dos Remédios, fl. 30, se encontra apenas a rubrica que anuncia os *Provérbios* do Conde de Vimioso, *o velho*, mas estes nunca foram copiados, provavelmente porque já circulava a edição impressa. De facto, uma nota a seguir à rubrica esclarece: «Achão-se impressas no anno de 1605». Efectivamente, como foi dito, os provérbios em verso e em prosa do Conde de Vimioso foram publicados justamente em 1605 [I]⁶³.

Pelo que diz respeito ao número de aforismos recopilados nos vários testemunhos, talvez seja mais claro este breve esquema:

abreviatura	em verso	em prosa	abreviatura	em verso	em prosa
A	—	67	L2	—	61+15 (76) ⁶⁴
C	150	—	L3	152	246
E	77+73 (150) ⁶⁵	243 ⁶⁶	M	19	—
I	138	246	T	20	—
L	—	244			

⁶¹ Cf. GARCÍA SORIANO 1925.

⁶² Cf. ASKINS 1978, p. 131.

⁶³ Cf. nota 53. As sentenças tiveram reedição ainda no nosso século: MENDES DOS REMÉDIOS 1905 e SCHOWINGEN 1981. O texto da edição de Mendes dos Remédios é reproduzido também em BORGES DE MACEDO 1987. É de realçar que o exemplar de que se serviu Mendes dos Remédios apresenta algumas lacunas e diferenças com respeito à cópia do livrinho guardada na Biblioteca Nacional (RES 139 P): de facto, faltam catorze sentenças em verso, e a ordem de alguns provérbios em prosa está invertida. Poder-se-á supor dois estados da mesma edição? Terá trabalhado Mendes dos Remédios com um exemplar em mau estado? Por seu lado, Schowingen publica a tradução alemã dos aforismos em prosa do Conde e a versão original portuguesa daqueles em verso, todos coligidos a partir de três fontes apenas (a versão de Mendes dos Remédios, o *Cancioneiro de Cortes e Magnates* e o ms. 1080 da Biblioteca de Coimbra).

⁶⁴ A rubrica *Outras* separa as duas séries.

⁶⁵ As quadras explicitamente atribuídas a D. Francisco são 77, e 73 as encabeçadas pela rubrica que diz «Outras doutro autor acrescentadas a estas do Conde do Vimioso» – mas efectivamente são do próprio D. Francisco.

⁶⁶ Na edição moderna (ASKINS 1968) a numeração chega até ao n.º 242: mas há um n.º 31 e um n.º 31bis: portanto, o total é de 243 aforismos.

Através da análise das variantes, que conduzimos tendo como base a edição de 1605⁶⁷, pode-se chegar à conclusão de que o manuscrito **E**, pelo que diz respeito aos aforismos em prosa, segue de muito perto **L**: os erros fazem supor o descuido do leitor-copista do cancionero *de Corte e de Magnates*, tendo à vista o códice da Biblioteca Nacional. Esta conclusão vem corroborar a tese defendida por Jansen e Cirurgião, segundo a qual **L** seria umas das fontes de **E**. Para mais, como aconteceu aos dois estudiosos mencionados, também neste caso não nos foi possível encontrar provas indiscutíveis de que o próprio **L** esteja também na base de **M**⁶⁸. Aliás, podemos só supor o parentesco entre **M** e **T**, já que nos dois manuscritos foram copiados apenas os mesmos 20 provérbios em verso (19 no ms. madrileno), praticamente na mesma ordem, e atribuídos, só nestas duas copilações, ao Infante D. Luís. Ainda se pode reparar que **L2** deve ser antecedente de **A**: será o testemunho lisboeta o manuscrito que, como indica o dono do códice da Ajuda, serviu de base para a copilação deste último? Infelizmente, não encontrámos provas certas desta relação. Finalmente, podemos supor que a edição **I** teve como base **L3**, ou que ambos os testemunhos tiveram um antígrafo comum.

Neste breve espaço não é possível adiantar mais sobre o assunto, pois os aspectos envolvidos são múltiplos – nomeadamente, o *stemma codicum*, bem como o estudo das fontes directas ou indirectas que o Conde utilizou para a elaboração das Sentenças. Estas poucas palavras visam servir, somente, de apresentação da matéria em questão.

2.6 Retórica e métrica

A textura retórica acompanha a arrevesada concepção amorosa que descrevemos, bem como a faceta lúdica deste tipo de poesia. A contorção lógica, de um lado, e o *divertissement* palaciano, por outro, conduzem os poetas desta tradição literária a utilizar o maior número possível de artifícios retóricos.

D. Francisco, não demonstrando particular refinamento formal, privilegia, contudo, os tropos da iteração (anáfora, *derivatio* e, sobre-

⁶⁷ Apresentam-se apenas as conclusões do trabalho empreendido em TOCCO 1997, pp. 16-21. Pelo que diz respeito ao cód. 3551 [**L3**] e às suas relações com os outros testemunhos, falaremos só dos dados essenciais, confiando a um trabalho posterior os pormenores da análise ecdótica.

⁶⁸ Cf. JANSEN – CIRURGIÃO 1973, pp. 16-17.

tudo, poliptoto) e de oposição (antítese, oxímoro), não renunciando, porém, aos virtuosismos estilísticos baseados no quiasmo, no trocadilho, na bissemia, na antífrase, na apóstrofe, na exclamação, na hipérbole e na dilogia.

Todos estes expedientes servem para melhor exprimir as manifestações contraditórias do sentimento *cancioneril*⁶⁹ e, muitas vezes, são entrelaçados ao ponto de conferir às composições um verdadeiro aspecto de teia de aranha, onde a compreensão é comprometida também pelo abuso do hipérbato e do anacoluto.

Por exemplo, a n.º 7 apresenta a figura etimológica encadeada de *perco* (v. 4) — *perder* (v. 5) — *perdido* (v. 6) — *perder* (v. 12); o poliptoto associado a antítese de *(sem) ventura* (v. 2) — *ventura* (v. 4) — *desventura* (v. 13); a iteração dos paradigmas do negativo *(sem v. 2, nenhum v. 3, não — nem v. 4, nem v. 10, não vv. 11, 12, 13)*; e o paradoxo dos vv. 6-7. A glosa n.º 32 apresenta o poliptoto, disposto em quiasmo com a *derivatio* (vv. 2-3: *olvidar — biba — bibe — olvido*); a antítese *cobrar — perdido* (v. 1) e, ainda, a antítese estruturada em forma quiástica: *gloria, sosiego — un momento — pera siempre — sospiros, lagrimas, fuego*. Ou ainda, nas décimas n.º 20, os termos *salvar* e *perder*, característicos da linguagem religiosa, que proporcionam a tópica comparação entre a experiência do enamorado e a do danado ou do pecador, estão concatenados numa alongada série de figuras etimológicas: *salvei — salvei-me — salvação* (vv. 45, 46 e 47) e *perder — perdição* (vv. 46 e 47). Sempre nesta composição, notam-se ainda as antíteses *certa — duvidoso* (v. 26 e v. 27), que determina também um paradoxo, e *certa — encuberta* (v. 26 e v. 28); a rima derivada *certa — concerta* (v. 26 e v. 29), e a figura etimológica em anadiplose *concerta — desconcerto* (v. 29 e v. 30).

Frequentemente, a negatividade da situação é marcada pela iteração do prefixo privativo *-des*, como, por exemplo, na n.º 14 (vv. 1, 3 e 4: *des-contente, des-amor, des-cuberto*⁷⁰).

A anáfora também serve muitas vezes para hiperbolizar a situação amorosa já *de per se* paradoxal, como no caso da composição n.º 38, em que a anáfora do vocativo age para dispor numa estrutura

⁶⁹ A antítese, a antilogia e o oxímoro são artifícios de evidente antecedente petrarquista, baseados no tão famoso tipo estrutural iniciado no esquema do soneto de Petrarca «Pace non trovo e non ho da fare guerra»: para a tradição desta estrutura de Catulo a Jordi de S. Jordi, cf. AA. VV. 1986, p. 142.

⁷⁰ Sobre o uso dos prefixos negativos para acompanhar o contraste dos sentimentos, cf. MORREALE 1968, p. 281.

antitética (v. 1/v. 2 e v. 3/v. 4) os conceitos-chave, que serão desenvolvidos ao longo de toda a composição.

A apóstrofe é um dos artifícios retóricos mais repetidos pelos poetas palacianos⁷¹: D. Francisco dirige-a à dama amada (n.º 18) ou aos próprios sentimentos personificados (n.º 13 ou n.º 31).

Além destes artifícios mais frequentes, o Conde utiliza ainda o *calembour* na cantiga n.º 6 e na cantiga n.º 22. Na primeira, aquele estabelece-se entre *guerra* (substantivo comum) e *Guerra* (nome próprio), e joga sobre o eixo metafórico da guerra (que neste contexto é amorosa) e sobre a ambiguidade que o *calembour* produz, em consequência do princípio da retórica clássica «nomina est consequentia rerum»⁷². Na segunda, entre *Esperança* (nome próprio) e *esperança*: a lírica, dado o jogo semântico proporcionado pelo nome da *moça*, funciona perfeitamente, quer se tome por *Esperança* a criada quer o sentimento personificado.

No que respeita à definição dos tipos métricos, vimos-nos na contingência de adaptar com frequência as denominações castelhanas, por ausência de um estudo aprofundado do tema para o quadrante português⁷³.

Com efeito, Amorim de Carvalho, nos seus *Tratado de versificação portuguesa* e *Teoria geral da versificação*⁷⁴, descreve e nomeia principalmente esquemas estróficos de importação italiana (soneto, canção, décima clássica), relegando o vilancete e a glosa a uma descrição sumária e imperfeita, ignorando a cantiga, a esparsa e todos os géneros de estrofe amplamente documentados no *Cancioneiro Geral*. Saraiva e Lopes, por seu lado, compreensivelmente, não puderam aprofundar o tema na sua *História da Literatura Portuguesa*, e dedicam à medida velha só algumas indicações, sublinhando a sua «inspiração castelhana»⁷⁵.

O grande influxo da moda literária castelhana estende-se tam-

⁷¹ Cf. LE GENTIL 1981, I, p. 182; RUGGIERI 1931, pp. 163-165.

⁷² Sobre a tradição da *interpretatio nominis*, cf. CURTIUS 1984, pp. 692 e ss.: para uma amostragem do artifício nos textos *cancioneriles*, cf. AA. VV. 1986, p. 228.

⁷³ Lamenta Aguiar e Silva: «Não possuímos qualquer estudo amplo e fundamentado sobre a história da versificação portuguesa. Dadas as estreitas relações existentes na época entre a poesia portuguesa e a poesia espanhola, é de útil consulta uma boa obra sobre métrica espanhola» (AGUIAR E SILVA 1971, p. 159). BAHER 1984, ou NAVARRO TOMÁS 1986, acrescentamos nós.

⁷⁴ CARVALHO 1987 e CARVALHO 1991.

⁷⁵ SARAIVA – LOPES 1985, p. 163.

bém, portanto, às fórmulas métricas, como Le Gentil tornou bem claro⁷⁶. Por esse motivo nos pareceu plausível adaptar as definições castelhanas ao escasso repertório lexical à disposição da versificação lusitana, para denominar as formas utilizadas pelo Conde.

Com efeito, Saraiva e Lopes não dão conta da estrutura tripartida de vilancetes e cantigas⁷⁷, já que falam de «mote», «glosa» e «volta», mas parecem confundir estas duas últimas. Assim, mantendo o termo «mote» (ou «cabeça», ou «rifão») para designar o primeiro núcleo das cantigas e dos vilancetes, preferimos chamar «mudança»⁷⁸ à parte que mais propriamente comenta o tema, e «volta» somente ao elemento final, que retoma as rimas e o conteúdo do mote.

A principal diferença entre *cantigas* e *vilancetes* consiste no tipo de esquema rimático, e não no número de versos ou no tipo de verso, de norma heptassílabo. De uma forma geral, o vilancete tem de preferência três versos no mote, mas não é regra: uma cantiga tradicional tem geralmente o esquema ABBA CDCD (ou CDDC) ABBA, ao passo que num vilancete as rimas da volta são retomadas de maneira diferente: ABB CDDC (ou CDCD) CBB. Uma particular forma «mista» é o que Le Gentil chama *vilancete em forma de cantiga*, em que as rimas da «volta» são retomadas como numa cantiga, isto é, em vez de ter o usual esquema ABB CDCD (ou CDDC) CBB, tem ABB CDCD (ou CDDC) ABB⁷⁹.

De qualquer forma, os esquemas acima mencionados não são dogmáticos: os poetas podem, de facto, alterá-los um pouco. Assim, também as cantigas do Conde apresentam por vezes algumas variações: no que diz respeito ao verso, D. Francisco alterna o heptassílabo com o pé quebrado; pelo que diz respeito ao esquema, a variação pode afectar os motes e as voltas, quando estes são de três ou cinco versos (mantendo-se a mudança, contudo, de quatro versos),

⁷⁶ LE GENTIL 1981, sobretudo no vol. II.

⁷⁷ E não só eles: cf. ALMEIDA RIBEIRO 1993, p. 31, TARRACHA FERREIRA 1993, pp. 36-37, DLMGP 1993, artigo *cantiga*. No artigo *vilancete* do DLMGP 1993, porém, aponta-se timidamente para a estrutura tripartida deste tipo de composições.

⁷⁸ Preferimos não nos servirmos do termo «glosa» para designar esta parte da composição porque, além de Saraiva e Lopes o confundirem com a «volta», tal palavra serve ainda, na época, para nomear uma forma poética precisa. Cf. BAHER 1984, pp. 330 e ss. Aliás, o termo «mudança» era usado, com o sentido em que nós o usamos, nos tratados de versificação dos séculos XVII e XVIII (cf. NUNES 1615, BORRALHO 1724 e FONSECA 1777).

⁷⁹ LE GENTIL 1981, II, p. 248. Vejam-se, por exemplo, os vilancetes do debate com Aires Teles (n.º 21).

ou, ao contrário, apenas a mudança, quando esta conta cinco versos (mantendo-se mote e volta de quatro versos).

No que concerne a definição das composições mais longas, na total ausência de uma terminologia portuguesa, mantivemos a castelhana. Definimos, portanto, *copla castelhana* aquela estrofe de oito versos a quatro rimas; *décima real*, o conjunto de duas quintilhas com esquema rimático igual (2x5) ou diferente (5+5); *coplas manri-quianas*, a sextina com três rimas e pé quebrado no 3.º e no 6.º verso.

Nas escolhas métricas, o Conde, ainda que não demonstrando um grande apuro, utiliza os géneros típicos das composições de cancionero: as *glosas de motes*, que se tinham tornado um jogo de sociedade muito em voga entre os poetas de cancionero⁸⁰, ou as *glosas de cantigas*, em que o Conde respeita a unidade metafórica apresentada pela cantiga glosada, segundo o esquema típico do género⁸¹, as *esparsas*. Privilegia todavia a *cantiga* tradicional tripartida (mote, mudança, volta) ou a *décima real*. Utiliza preferencialmente o heptassílabo, só em duas ocasiões se servindo da arte maior⁸² e uma, apenas, da redondilha menor.

2.7 D. Francisco, poeta bilingue

É conhecido o fenómeno do bilinguismo castelhano-português com que, do século XV ao século XVII, a grande maioria dos escritores lusitanos se exprimem. O problema já foi enfrentado por muitos estudiosos, quer do ponto de vista das razões da escolha bilingue⁸³ quer do ponto de vista da própria realização gráfica, morfológica e sintáctica⁸⁴.

Não queremos debater nesta sede as motivações que levaram autores portugueses a escrever em castelhano, pois já o fizemos⁸⁵.

⁸⁰ Cf. LE GENTIL 1981, II, p. 293.

⁸¹ Identificado por JANNER 1943, p. 183.

⁸² A oitava de *arte maior*, caracterizada pela oscilação silábica (um verso pode contar desde 8 a 13 sílabas) e pela variação prosódica, é paradigmática em composições, cultas e elaboradas (veja-se, por exemplo, Luís de Azevedo, a «um homem que não cria que lhe fizera ãas trovas de arte maior porque levavam muita poesia», fl. 102r). Cf. sobre o tema CARRETER 1979 e LE GENTIL 1981, II, pp. 384-440.

⁸³ Os estudos mais importantes são: JORGE 1921, CIDADE 1948, VÁSQUEZ CUESTA 1981 e VÁSQUEZ CUESTA 1987.

⁸⁴ Por exemplo, GONÇALVES VIANA 1910, ALONSO 1942 e TEYSSIER 1959.

⁸⁵ TOCCO 1993.

Quanto à concreta realização linguística de tal fenómeno, os especialistas da questão têm-se dedicado exclusivamente à análise da obra de Gil Vicente. Contudo, é interessante conhecer como, além do grande dramaturgo, outros autores participam desta convenção literária. Vejamos o caso do Conde de Vimioso. Das 47 líricas suas apresentadas no *Cancioneiro Geral* (sem contar com as participações nas poesias colectivas, nem as duas trovas dos cancioneiros de Évora), 12 são compostas em castelhano: sete cantigas, três glosas, uma esparsa e um *dezir* (os n.ºs **22-33** do presente trabalho). Não se reconhece qualquer caracterização estilística ou hierarquização temática que permita distinguir as líricas em português das elaboradas em castelhano, ainda que estas últimas surjam mais ou menos ordenadas em bloco no *corpus* das poesias do Conde. Identificámos nos textos castelhanos do Conde alguns lusismos que, segundo a análise tipológica de Teyssier, se podem definir como: lexicais, arcaísmos do espanhol e lusismos propriamente ditos.

Pelo que diz respeito aos lusismos gráficos, que atingem a realização gráfica da nasal e da lateral palatal (que nunca são realizadas, nos textos do Conde, à maneira castelhana) e da nasal final (apenas em preposições, e em posição tal que não influencie o cômputo métrico⁸⁶), decidimos conformá-los à norma gráfica castelhana, pois o fenómeno é geral no *Cancioneiro de Resende* e, como tal, estas incorrecções são, de certeza, imputáveis ao compositor tipográfico do cancionero e não ao próprio Conde. Prova disto está nas glosas n.º **32** e n.º **33**: de facto, a lição originariamente incorrecta *com* (v. 14 da cantiga de Secutor, n.º **32**, e v. 4 da cantiga anónima, n.º **33**) vem inserida, nas glosas, na sua forma castelhana correcta (v. 60 e v. 17, respectivamente).

Pela mesma razão, também não consideramos a supressão do hiato (lusismo que Teyssier insere na categoria de «lusismos propriamente ditos») que se manifesta na lírica **32**. Aqui *deseo* (v. 11) rima com *posseio* (v. 14) e *veio* (v. 15). Mas na glosa n.º **33** as mesmas palavras rimam correctamente: *deseo* (v. 41) — *veo* (v. 43) — *posseo* (v. 44). O facto de, no primeiro caso, o lusismo quebrar a rima serve de ulterior confirmação de que se trata de um erro cometido na

⁸⁶ Cf. CORNU 1883, pp. 278-280, sobre a «sinalefa» entre vogais nasais e vogais orais (na verdade, não se trataria de «sinalefa», mas de eclipse). Não se consideram os casos como *emdobró*, (n.º **30**, v. 75) ou *emtanto* (n.º **31**, v. 2), pois não representam um lusismo, mas antes o fenómeno corrente de oscilação na realização gráfica da nasal, presente, ainda, com certa frequência nos textos portugueses do Conde (cf. as normas de transcrição, 2.8.1).

transcrição ou, no máximo, de uma adaptação gráfica espontânea, não imputável a D. Francisco.

Os lusismos lexicais podem ser, nas líricas do Conde, de dois tipos: funcionais, ou não funcionais ao cômputo métrico. São do primeiro tipo:

30: viesse v. 11 por viniese; então v. 38 por entences.

As versões castelhanas provocariam, efectivamente, a hipermetria dos versos.

Pertencem ao segundo tipo todos os vocábulos que contam o mesmo número de sílabas que os seus homólogos castelhanos ou que, de qualquer modo, não influenciam o cômputo métrico:

23: dantes v. 7; **30:** vosso v. 8, nadia⁸⁷ v. 53; **32:** gosto v. 1, quem v. 3, galardão v. 53, desgostar⁸⁸ v. 38; **33:** arreda v. 7, quem v. 16.

O castelhano do Conde apresenta também exemplos daquela categoria classificável como inexactidão, mais do que incorrecção propriamente dita, pois o lusismo coincide com formas arcaicas do espanhol, mas ainda vigentes, embora esporadicamente, no castelhano do século XVI⁸⁹, isto é:

— **A dissimilação e a dilação vocálica:** O Conde emprega a dissimilação quase exclusivamente sobre o verbo *vivir*, que, em 17 ocorrências, aparece 11 vezes (contando com aquelas em que surge conjugado) na forma dissimilada *vevir*:

27: bevir v. 9, v. 13; **30:** bevir v. 21, v. 82, v. 91, quesistes v. 60; **31:** bevi v. 14; **32:** bevir v. 4, v. 21, v. 48; **33:** bevir v. 12, vevir v. 46, v. 52.

— Forma arcaica **do possessivo de segunda pessoa do plural.** A forma *vuesso/a* é a mais usada nas líricas do Conde⁹⁰:

32: vuessa v. 26, vuesso v. 44; **33:** vuesso v. 8, vuessa v. 25, v. 54.

Perante um caso destes, é lícito perguntarmos se a forma foi concebida como arcaísmo, ou se, pelo contrário, estamos perante um caso de hipercorreção na realização do ditongo, baseado na forma portuguesa *vosso* (cf. mais adiante).

⁸⁷ Neologismo formado nas palavras *nadie* e *nada*, estudado por TEYSSIER 1959, p. 396.

⁸⁸ Não indicará, pelo contrário, este vocábulo, juntamente com *gostoso*, presente na mesma glosa, com o qual forma uma figura etimológica (v. 38), a oscilação de *u* e *o* átonas ainda existente em Castela? Cf. LAPESA 1986, § 95, 2.

⁸⁹ D. Francisco utiliza, obviamente, também umas formas arcaicas do espanhol que nada têm a ver com o lusismo, como, por exemplo, *verná* (n.º 33, v. 59) em lugar de *vendrá* (LAPESA 1986, § 95, 3).

⁹⁰ 5 presenças, contra 1 *vosso* e 1 *vuesso*.

— **Oscilação do timbre das vogais pretónicas**, viva em português, mas em via de desaparecimento em castelhano⁹¹:

30: sofrer⁹² v. 28, sofrido v. 41, sofrer v. 55, sospiros v. 64, sofriré v. 87, sospirar v. 91; **32**: gostoso v. 38, desgostar⁹³ v. 38.

Não nos parece o caso, contrariamente a Teyssier, de incluir nesta categoria de lusismos o uso da desinência *-stes* na segunda pessoa do plural do perfeito — forma normal no português —, pois nesta altura era também normal no castelhano. Elucida Menéndez Pidal que «hasta el siglo XVII sólo se decía amastes» e só sucessivamente «se generalizó *-steis*»⁹⁴.

Os lusismos propriamente ditos são todas aquelas incorrecções ao nível fonético, sintáctico ou morfológico, no uso do castelhano, pelas quais o hábito articulatório ou gramatical da língua-mãe «va s'insinuer partout»⁹⁵. As que se encontram nos textos do Conde são:

— **Tratamento das átonas (pré ou pós-tónicas) + r**: é um fenómeno muito importante para o cômputo métrico, pois que estas vogais ou desaparecem mesmo na grafia, ou, embora presentes, podem não ser contadas no verso⁹⁶. Os versos 28 e 29 da n.º **30** seriam, de facto, hipermétricos, se não se tomasse em consideração este hábito articulatório que cria a impressão de que o português «“mange” les voyelles autres que la tonique»⁹⁷: *ásperos* (v. 28), *devería* (v. 29) devem, pois, ser contados como *ásp(e)ros*, *dev(e)ría*⁹⁸.

— **Metátese**: sobretudo em palavras iniciadas com *pre-lpro*, por causa do mesmo tipo de fenómeno atrás descrito, ou seja, da redução da vogal tónica + r:

32: profia v. 26⁹⁹.

— **Confusão de r-l**: fenómeno ainda hoje presente na fala popular. Nas líricas do Conde, contudo, esta incorrecção é bastante

⁹¹ Cf. também LAPESA 1986, § 54, 5; § 70, 4.

⁹² Na mesma glossa encontra-se, no entanto, *sufre* v. 82.

⁹³ Cf. nota 89.

⁹⁴ MENÉNDEZ PIDAL 1987, p. 280.

⁹⁵ TEYSSIER 1959, p. 338.

⁹⁶ TEYSSIER 1959, p. 345. A síncope pode ter lugar também nas proparoxítonas com *l*, *s*, *c*, *x*, *z*: cf. sempre TEYSSIER 1959, p. 341.

⁹⁷ TEYSSIER 1959, p. 340.

⁹⁸ A não ser que, neste caso, a forma pensada pelo autor fosse a do espanhol medieval *debría*, e a forma portuguesa que aparece no *Cancioneiro* e que rende o verso hipermétrico seja um «erro» do tipógrafo.

⁹⁹ Em TEYSSIER 1959, p. 355 são analisadas todas as variações possíveis, derivadas da aplicação da metátese a esta palavra.

limitada: para a palavra *plazer*, por exemplo, em 7 formas, 5 estão correctas; e para *gloria*, só 1 caso em 5 apresenta rotacismo:

30: decrarar v. 47, endobró v. 75, grolia v. 83; **31:** prazer v. 10; **33:** prazer v. 27¹⁰⁰.

— **Excesso ou ausência de ditongo:** para um português *castellanizante* o uso correcto da ditongação deve provocar grandes dificuldades. Também os versos do Conde testemunham esta dificuldade em assimilar a variedade do ditongo castelhano e demonstram ainda, pela oscilação entre forma correcta e forma incorrecta, a incerteza quanto ao seu uso.

Excesso: **30:** fuera v. 13, afeición v. 49 (directamente influenciado por *afeição*); **33:** sojeición v. 34 (directamente moldado no português *sujeição*).

O caso de *fuera* é particular: dada a rima com *hora* (v. 16 do n.º **30**), torna-se óbvio que a lição originária era em português, e que alguém (não o autor) emendou sucessivamente, deteriorando a rima.

Ausência: **22:** sempre v. 7; **25:** quisera v. 2; **26:** merecimento v. 3, v. 11, padecimento v. 9; **30:** sentimento v. 67; **31:** tempo v. 5 e v. 15 (presente no mote); **33:** sentimento v. 20, padecimento v. 42.

A maior parte destes lusismos por ausência de ditongo são em função da rima, e quase todos emparelhando com uma palavra castelhana na qual a ausência de ditongo é correcta¹⁰¹: será, pois, lícito pensar que estas incorrecções sejam introduzidas em função da correcção da rima. Todavia, são vários os casos em que o Conde faz rimar palavras ditongadas com outras não ditongadas, como acontece frequentemente na época¹⁰².

— **Confusão f-h:** Teyssier situa-o entre os lusismos propriamente ditos, analisando-o em palavras com prefixos, nas quais as dúvidas de Gil Vicente acerca do uso correcto são «très limités et n'ont pas grande signification car des hésitations analogues sur *f-h* se trouvent sporadiquement dans la plupart des textes espagnols du début du XVI^e siècle»¹⁰³. No que concerne aos textos do Conde, o fenómeno só se realiza em posição inicial de palavra, e com notável frequência. Efectivamente, só em raras ocasiões D. Francisco não

¹⁰⁰ Na cantiga glosada, porém, encontra-se a forma correcta *plazer*, v. 6.

¹⁰¹ A maior parte das vezes, a palavra com que estas formas rimam é *tormento*, que, contrariamente à análise de Teyssier dos textos vicentinos (TEYSSIER 1959, pp. 354-355), nunca se encontra, nas composições do Conde, erroneamente ditongado.

¹⁰² Cf. ROMEU FILGUERAS 1965, p. 172 e CLARKE 1949.

¹⁰³ TEYSSIER 1959, p. 371.

utiliza o *f*- inicial: *holgando* (v. 70 da n.º 30), *hallé* (v. 3 da n.º 25) e *hallo* (vv. 8 e 10 da n.º 28).

Na nossa opinião não se trataria, contudo, de um verdadeiro lusismo, mas antes de um caso em que lusismo e arcaísmo do espanhol coincidem, dado que «la literatura» castelhana deste período «conserva abundantes restos de *f* inicial (...)» e «la *h* (...) se impone por completo entre 1500 y 1520»¹⁰⁴.

22: fallé v. 8; **30:** faga v. 27, fallassen v. 37, fallasse v. 79; **32:** folgastes v. 30; **33:** faze v. 3¹⁰⁵, v. 36, fallo v. 35.

Podem-se ainda encontrar outros tipos de lusismos de entre os classificados por Teyssier¹⁰⁶:

— **Lusismos respeitantes à morfologia do verbo:** encontra-se apenas um caso, concernente à terceira pessoa do verbo *ser*, que geralmente aparece correcta nos textos do Conde (*es*):

31: é, v. 9.

Mas, neste caso, como em outros já analisados, não podemos estar certos quanto ao autor do lusismo: D. Francisco ou o tipógrafo?

— **Lusismos semânticos:** nas líricas espanholas do Conde encontra-se um único lusismo deste tipo: *hallar*, utilizado 4 vezes em 7, como equivalente do português *achar*, no sentido de «entender, julgar»:

22: fallé v. 8; **25:** hallé v. 3; **28:** hallo v. 10¹⁰⁷; **33:** fallo v. 33.

Em conclusão, notamos que, apesar da exiguidade da amostragem, o facto de o castelhano do Conde não apresentar os muitíssimos traços linguísticos de substrato português que coloram, por exemplo, os textos de Gil Vicente, não obsta a que permaneça, contudo, representativo das particularidades que tornam o espanhol utilizado em Portugal um sistema linguístico quase autónomo, com características internas próprias a que nenhum *português castellanizante* alguma vez renuncia.

¹⁰⁴ LAPESA 1986, § 72, 1.

¹⁰⁵ Emendo o v. 21 em <f>*azer*, e não <h>*azer*, e em analogia com estas formas do verbo: efectivamente, em nenhuma das cantigas do Conde se encontra o verbo *hacer* realizado com *h* inicial.

¹⁰⁶ Não considerámos, entre os lusismos sintácticos, formas como *tenía olvidado* (v. 5 e v. 14 de 23) ou *tengo aprovechado* (v. 3 de 22), pois que em Castela, nesta época, *tener* e *haver* ainda não especializaram as suas funções (cf. LAPESA 1986, § 97,1). Também a forma *reformóse* (23, v. 6) não pode ser considerada um lusismo, já que é utilizada em Castela até ao século xvii (cf. LAPESA 1986, § 58, 2 e § 93, 3).

¹⁰⁷ As duas excepções coexistem na mesma cantiga: *hallo*, v. 8, com o significado de «encontrar», e no v. 10 com o significado de «julgar».

2.8 Critérios de edição

Os textos são lidos pela edição fac-similada da *princeps* do *Cancioneiro Geral de Resende*, na posse da Hispanic Society of America, levada a cabo pela Kraus Reprint Corporation (Nova Iorque, 1967), e são apresentados agrupados por tema e género: poesia amorosa (cantigas, vilancetes, esparsas, glosas de motes, coplas de arte maior, coplas castelhanas, décimas e o debate com Aires Teles); poesia amorosa em castelhano (cantigas, esparsas, coplas castelhanas, glosas); poesia de circunstância (motejamento aos vestidos, sátira contra Aires Teles, sátira coprológica, novas das Guiomares, regras de comportamento, breve, líricas autobiográficas); composições colectivas (perguntas e respostas, ajudas, louvores) e as *Sentenças*, em prosa e em verso.

Relativamente às *Sentenças*, seguimos a edição de 1605 guardada nos fundos gerais da Biblioteca Nacional de Lisboa (RES 139 P), numerando cada aforismo, dando as variantes semânticas e sintácticas (não as gráficas) dos outros manuscritos, transcritas diplomaticamente (no caso de a mesma variante aparecer em mais de um testemunho reproduz-se a grafia do primeiro citado). Fazemos seguir a estes os provérbios que a edição de 1605 não contém, mas que aparecem nos outros testemunhos. Cada provérbio é seguido pela sigla do testemunho ou dos testemunhos em que se encontra.

Cada lírica é identificada com um número árabe, em ordem progressiva. No caso em que várias composições formem uma unidade (debate, ajuda, pergunta e resposta), é atribuído apenas um número árabe ao conjunto e a numeração dos versos é única.

Todas as composições são acompanhadas de um breve comentário explicativo, de carácter lexical, sintáctico ou temático-retórico. Se alguma composição apresentar formas gramaticais peculiares, ausentes nas outras líricas do Conde, indicar-se-ão em nota; caso contrário, todos os elementos pertencentes ao âmbito da gramática histórica são indicados já em seguida, nos parágrafos relativos à transcrição dos textos.

No que concerne às glosas, faz-se preceder a composição do Conde da cantiga ou do mote glosados; no caso das ajudas e das perguntas, são apresentados e comentados ambos os textos; e, por fim, no caso de composições colectivas promovidas por outros autores, em que D. Francisco participa, transcreve-se a lírica que encabeça a composição e a intervenção do Conde.

Relativamente às composições n.^{os} 32 e 42, apresenta-se ainda um aparato de variantes em apêndice, no final do volume (**Apêndice 2**).

Incluímos também um **Apêndice 3**, em que se transcrevem as composições dirigidas ao Conde por Manuel de Goios, Garcia de Resende e Gil Vicente.

2.8.1 Regras de transcrição

Pelo que diz respeito à transcrição dos textos, já que o objectivo desta colecção é o de abranger o mais vasto público possível, optou-se por uma razoada modernização da ortografia. Resolveram-se, pois, as abreviaturas, destacaram-se as palavras (pondo um apóstrofo onde há elisão de vogais), introduziu-se moderadamente a pontuação, modernizou-se a maiusculação e a acentuação. Contudo, a respeito deste último ponto, não pusemos acentos nas formas verbais como *vem*, *tem* (3.^a pessoa plural), pois estes correspondiam a monossílabos. Emendaram-se gralhas editoriais: no caso de erros relevantes, corrigiu-se e pôs-se em nota a lição original. Todas as emendas de tipo métrico vão em nota. Usámos o sinal [...] para indicar as lacunas e o sinal [??] onde não conseguimos ler.

Por fim, adequaram-se ao uso moderno os traços gráficos privados de valor fonético.

Contudo, mantiveram-se:

- as oscilações vocálicas, sejam elas dissimilações (*rezão*, *fante-sia* ...), ou assimilações (*tevera*), ou do tipo *molher*, *descuberto*;
- o hiato entre vogais (*chea*);
- a alternância entre *b* e *v* (*avorrece* por *aborrece*);
- a nasalação do *u* no indefinido feminino — artigo ou pronome (*ũa*, *algũa*);
- a oscilação da forma da primeira pessoa do singular do verbo ser *são/som/sou*;
- a oscilação entre as formas *leixar* e *deixar*, *per* e *por*, *pera* e *para*;
- os seguintes arcaísmos: *pelo/s* por *pelo/s* (por+art.), *moiro* por *morro*; *luita* por *luta* e *marteiro* por *martírio*; a forma *i* do advérbio de lugar; *milhor* por *melhor*; *dous* por *dois*; os plurais do tipo *áges* (de *ágil*) por *ágeis*; a forma tónica do dativo do pronome pessoal de 1.^a pessoa, *mi*; *imigo* por *inimigo*; a forma *atá* da preposição *até*; o demonstrativo *aqueste*; a forma invariável *grã*, da apócope de *grande*; a negação *nom*; as formas *canto* por *quanto*, *coresma* por *quaresma*, vivas até ao século XVI; *sino* por *signo*, *antremês* por *entremês*;
- a forma *co* da preposição *com*;

— as formas *nem na*, *em no...*, em que o pronome de complemento directo ou até do artigo determinativo (cf. n.º 9, v. 9) se nasalá por efeito da nasal precedente.

— os fenómenos de confusão **l-r** típica do português deste período — *grória*, *decrarar*, *craro* (...) — bem como os de metátese do tipo *pormeto* ou *contrairo*.

Transcrevemos, enfim, ò, o resultado da contracção de *a* átono e *o*, que encontrámos realizado no original *oo* ou *ho*.

Os mesmos critérios de base foram utilizados para a transcrição das *Sentenças* (só nas notas dedicadas às variantes, decidimos reproduzir diplomaticamente as lições, para deixar um rasto da ortografia — arbitrária — da época), dos **Apêndices** e dos textos castelhanos, em que se manteve também o *s* geminado para o distinguir do *s* simples sonoro, como ainda se realizava no castelhano da época¹⁰⁸, e os nexos *-ça*, *-ço*.

Caso se citem versos de outros poetas, se não vier outra indicação, entenda-se que são tirados do *Cancioneiro Geral de Resende*.

¹⁰⁸ Cf. LAPESA 1986, 72, 3.

AS POESIAS

1

Do Conde do Vimioso a ãa senhora que servia

Quem vos poderá servir
nem leixar de o fazer,
que ãa mینگ'o poder
e noutra o consentir.

Mas não compre de buscar 5
caminho nesta verdade,
pois tão bom é de deixar
a vida pola vontade;
então podereis sentir
quando me virdes morrer 10
que moiro por vos servir
sem ousar de o fazer.

1. Cantiga, fl. 79v.

3: *mینگ'o poder* (míngua o poder): no original *míngoo poder*: Transcrevemos assim com base no que afirma CORNU 1883, p. 255: a «assimilation de l'*a* à l'*o* avec contraction en un *o* ouvert, ... est au XVI^e siècle souvent marqué par *oo*», como neste caso.

4: *consentir*: de *consentimento*, termo adaptado da linguagem teológica (na qual indica o consentir no pecado) que na lírica *cancioneril* define a aceitação do amor (cf. AA.VV. 1986, p. 314).

2

Outra sua

Se fizesse fundamento
dalgun bem em minha vida
dá-la-ia por perdida.

Mas não tenho esperança
nem perco contentamento, 5
qu'este mal não faz mudança
nem eu castelos de vento.
E co este fundamento
não faço conta da vida
nem na tenho por perdida. 10

2. Cantiga com cabeça trística, fl. 79v.

Para os conceitos estoicizantes expressos nesta cantiga, cf. *Introdução*, 2.2.

5: *contentamento*: é, na linguagem *cancioneril*, a aceitação da própria condição: não propriamente comprazimento, que por princípio é negado ao enamorado.

10: *nem na*: nem a.

3

Cantiga sua

S'alguém deseja prazer
viva em no esperar
que todo mais é achar
maneira de o perder.

Diga-me quem alcançou	5
bem algum que desejasse	
se nunca tanto folgou	
que disso se contentasse.	
E pois s'acaba o prazer	
que s'espera em s'alcançar,	10
quem esperar de o ter	
não ouse de o tomar.	

3. Cantiga, fl. 81r.

Para os conceitos estoicizantes expressos nesta cantiga, cf. *Introdução*, 2.2.

2: *em no*: em o.

7: *folgou*: *folgar* na linguagem *cancioneril* pode também definir a satisfação erótica (cf. WHINNOM 1981).

4

Cantiga do Conde

Que não tenha mais prazer
 isto quero e não al,
 saber bem que certo mal
 nunca pode falecer.

Foi melhor ter má ventura
 que descanso enganoso,
 pois o mal que me segura
 é decerto mais gostoso
 que nenhum bem dovidoso.
 Se me mal quereis fazer
 contra mim pouco vos val
 porque já a vida é tal
 que o tomo por prazer.

5

10

4. Cantiga com mudança de 5 versos, fl. 81v.

9: *nenhum*: com sentido de *algum* (cf. NUNES 1975, p. 263).

5

*Outra sua porque passando sua dama do coro lhe fecharam
ũa porta donde a via*

Passa a vida tão asinha
que nenhum descanso tem
quem vê mal e vê tão bem
os porteiros da Rainha.

Em mil dias só um hora	5
não é dor menos sobeja	
nem val rei nem val igreja	
para ver minha senhora.	
Tudo passa tão asinha	
que seria grande bem	10
acabar ou ver alguém	
mais contente da rainha.	

5. Cantiga, fl. 81v.

3: *tão bem*: DIAS 1990, n.º 271, lê *tambem*. A nossa leitura permite sublinhar o paralelismo e a antítese exprimidos no verso em questão.

5: *só um hora*: fórmula fixa correspondente ao castelhano *sola un hora*, tendo *hora* o significado geral de momento, espaço de tempo (DCECH III, p. 387, 2-5).

6

Outra sua a outro perpósito a que chegou Guerra o porteiro

Triste dom e triste terra
triste paz e triste vida
triste grória já perdida
a que tempo veio Guerra.

Se te lembraras de mi	5
em vida tão desigual,	
mudança de bem a mal	
que te nunca mereci.	
Triste é quem se desterra	
com esperança perdida,	10
triste foi quem teve vida	
metida em mãos de Guerra.	

6. Cantiga, fl. 81v.

A Guerra, «guarda das damas», dedica também João de Meneses um vilancete (fl. 18v), em que não utiliza, porém, o artifício retórico do *calembour*. O próprio Guerra dirige uma trova a Pero de Sousa Ribeiro (fl. 173v).

Rubrica: Perpósito: no or., lê-se *pposito*, onde o primeiro *p* representa a abreviatura de *per* ou *por*.

5: *Se te lembraras*: em português antigo (e hoje apenas no literário) é possível construir o período hipotético com o *mais-que-perfeito*, no lugar do *imperfeito do conjuntivo* (SILVA DIAS 1970, p. 191).

6: *vida ... desigual*: é a vida regida pelo acaso que proporciona momentos favoráveis ou desfavoráveis ao enamorado.

7

Outra sua

Por esta regra segura
 de quem vive sem ventura:
 nenhum bem poder haver,
 não perco nem s'aventura
 em quanto possa perder. 5

Antes quanto mais perdido
 me vejo mais descansado
 por ter já tudo passado
 quanto pode ser sofrido.
 Nem há i cousa segura 10
 na vida que não tem cura
 senão de todo perder
 por não ter desventura
 em que possa empecer.

7. Cantiga com mote e volta de 5 versos, fl. 81v.

1-5: A consciência de que ao enamorado, por princípio, é negada a esperança na satisfação amorosa, leva à consciência de que também não pode perder nada.

6-9: o motivo veiculado por estes versos é utilizado frequentemente (cf. AA. VV. 1986, pp. 307-308).

8

Outra sua a ãa confissão

Vão em conta meus cuidados
das culpas na confissão:
tristeza, dor e paixão
maiores que confessados.

E que vós não nos causeis
bem sabeis canto pecais, 5
senhora pois que podeis
porque não nos emendais?
Estes devem ser lembrados
que nascem no coração 10
que os quer e em qu'estão
maiores que confessados.

8. Cantiga, fl. 81v.

5: *que*: ainda que, se bem que.

não nos: não os (o mesmo se passa no v. 8).

Note-se a antífrase, acentuada pelo verso seguinte, que introduz a interrogação retórica do v. 8. O convite à dama para que tome consciência das próprias responsabilidades no sofrimento do enamorado é típico neste género de composições. Lembre-se, a este respeito, o que dizia Nicolás Nuñez na *Confissão* do seu longo poema às *Horas de Amor* (FOULCHÉ-DELBOSC 1915, n. 841): «En la confissão dezi: / Yo conozco que te erré / en todo quanto hablé / despues que ya conosci / la firmeza de tu fe: / que peque con el oyr / oyendo de ti dezir / males, sabiendo lo cierto, / de cuya causa estas muerto / y yo sin arrepentir.»

10: *que*: causal.

9

Outra sua

Bem e mal tão pouco dura
 que de pena nem prazer
 não é boa nem má ventura
 parte ter.

Tudo vem a ãa conta	5
onde não s'olha rezão,	
perde-se satisfação	
e tanto monta	
tê-la vida como não.	
Faça de mim já ventura	10
tudo aquilo que quiser	
pois não dá cousa segura	
de mulher.	

9. Cantiga com quebrados nos 4.º, 8.º e 13.º versos, fls. 81v-82r.

Para os conceitos estoicizantes, cf. *Introdução*, 2.2.

1: Note-se a construção, em que aos dois sujeitos se segue o verbo no singular.

5: fl. 82r.

5-8: O conceito senequiano expresso no mote e na volta é adaptado aqui ao gosto literário da época, através da metáfora financeira (cf. AA. VV. 1986, p. 279, e também João Manuel, fl. 48 v: «Tudo vem a ãa conta / ante quem meu mal ordena, / por fátiga nem por pena / nenhum mal se me desconta.» Sobre o tema da «conta», cf., ainda, MICHAËLIS DE VASCONCELOS 1922, pp. 86-89; e AGUIAR E SILVA 1971, p. 317, nota 172, onde se nos oferece uma listagem de poesias nas quais é tratada polissemicamente a palavra *conta*).

12-13: sobre a inconstância da mulher na lírica popular, cf. TORNER 1966, n. 192, pp. 333-337; para apreço da veia misógina no *Cancioneiro Geral de Resende*, cf. MARTINS 1987, pp. 72-73.

10

Cantiga sua

Um só bem de grande grória
 trouxe comigo de ver-vos,
 ter-vos sempre na memória
 que não posso esquecer-vos.

Cada hora cada dia	5
me salteo de vos ver	
nem é mais o meu viver	
qu'enganar-me a fantasia,	
porque quando na memória	
eu podesse esquecer-vos	10
a vida e a sua grória	
morte é por conhecer-vos.	

10. Cantiga, fl. 82 r.

6: *me salteo*: de *saltear* «agitar-se», «perturbar-se» (MORAIS 1889), com *de* causal.

11

Outra do Conde

Quem de mim s'há-de doer?
 A mim só devo culpar
 pois de todo me fui dar
 a quem toma por prazer
 de me matar.

5

Devera, pois conhecia
 o mal que tenho sofrido,
 de temer o que fazia
 primeiro de ser perdido.
 Mas pois eu por meu querer
 tal cuidado quis tomar
 rezão é não estranhar
 que tom'outrem por prazer
 de me matar.

10

11. Cantiga com mote e volta de 5 versos, fl. 82r.

6: *Devera*: mais-que-perfeito com valor de condicional (SILVA DIAS 1970, p. 191).

12-14: estes versos proporcionam-nos três interpretações possíveis: a primeira incide sobre uma consideração de carácter geral, de acordo com a qual não seria estranho que alguém se comprazesse em fazer sofrer quem se põe, voluntariamente, numa situação que já sabe virá a revelar-se-lhe dolorosa; a segunda, considerando a dama como sujeito de «tome» (v. 13), permite identificá-la como quem, efectivamente, se deleita com o sofrimento do enamorado — sofrimento que provoca intencionalmente, dando atenção a um outro; e, por último, se considerássemos o próprio enamorado como o sujeito de «tome» (v. 13), os versos finais do poema exprimiriam a recidividade deste no que concerne aos masoquísticos sofrimentos do amor: o enamorado, ainda que se recorde muito bem dos sofrimentos passados, não hesita em lançar-se numa nova relação, apesar de saber de antemão que esta lhe virá a proporcionar novos dissabores.

12

Cantiga sua

Oh, quem nunca conhecera
 todo bem que descobri
 em vos ver, porque a si
 e a ele não perdera.

Do descanso conhecido	5
que só fica por memória	
não há mais sendo perdido	
que dar pena sua grória.	
É pois eu tanto perdi	
servir-vos nunca devera,	10
pois que já sem vós de mim	
nenhum remédio s'espera.	

12. Cantiga com recuperação imperfeita das rimas na volta, fl. 84r.

1: O exórdio exclamativo liga a lamentação contra si próprio ao motivo da visão da dama como fonte de perdição e de sofrimento (analogamente, Luís Anríques, fl. 101r: «Oh, se nunca conhecera / tanta grória, nem gostara, / porque nunca m'acordara / do quão cedo a perdera!»).

13

Cantiga do Conde do Vimioso

Tristeza pois não podeis
ter mor prazer
contente deveis de ser.

O poder qu'em mim vos dei
nunca tamanho tevestes 5
porque toda a mim vos destes
e eu em tudo vos tomei.
Pois que parte não leixei
para prazer,
contente deveis de ser. 10

Outra sua

Não quero ter mais comigo
que quanta pena me dais,
porqu'esta me traz consigo
outra mor se ma tirais. 15
Pois que parte não leixais
pera prazer,
contente deveis de ser.

Sua e cabo

Se folgais de dar cuidados
se penas fazeis sentir,
meus males não são passados 20
nem está nenhum por vir.
Pois onde vos podeis ir
Tristeza ser
senão menos de sofrer?

13. Apesar de a rubrica chamar esta composição *cantiga*, pelo esquema métrico ela é um vilancete, com cabeça trística de pé quebrado (segundo verso) e três mudanças, fls. 80v-81r.

1-3: *Tristeza-contente*: note-se o oxímoro sobre o qual se estrutura todo o vilancete. Este vilancete é afim, no que diz respeito ao tema e à estrutura, ao de António Mendes, «Tristezas, não me deixeis» (fl. 200v).

7: fl. 81r.

22-24: esta construção, algo enigmática, apenas se nos afigura poder significar que a tristeza apenas pode redundar em sofrimento, não lhe sendo, pela sua própria natureza, permitida qualquer outra linha evolutiva.

14

Esparsa sua

Que terrível desconcerto
 e forte dor
 é amor com desamor
 que em jogo descoberto
 quer dar cor a outra cor. 5
 Duas cousas dou por certas
 tiradas pola fieira:
 qu'em nenhũa verdadeira
 não pod'haver encubertas
 nem verdade em terceira. 10

14. *Esparsa*, com quebrado no segundo verso, fl. 81r.

7: *tiradas pola fieira*: «Tirar a sentença pela fieira da justiça: dá-la conforme à justiça» (MORAIS 1889). Ou ainda «Tirar à fieira ou pola fieira: apurar» (MORAIS 1889). Assim, na fl. 9v: «Responde o Coudel-Mor a estas últimas razões que João Gomes deu contra o sospirar: Vossas últimas razões / tiradas pola fieira, / movem tantas concrusões / que nos ficam por lições, / como lidas de cadeira.»

8-9: *nenhũa-não*: uso particular à «maneira francesa», em que o advérbio *não* não desempenha nenhuma função negativa, mas tão-somente coordenativa (SILVA DIAS 1970, p. 309). Esta forma mantém-se ainda viva na linguagem popular.

10: *terceira*: note-se a bissemia do termo: terceira coisa, em relação às duas enunciadas — ou, então, alcoviteira. O mesmo artifício surge outras vezes no *Cancioneiro*: «E pois vistes duas / guardar de terceira» (Rui Moniz, fl. 53v).

15

*Trova sua a um moto d'ũa senhora que pôs por ele
e ele tornou a culpa a ela*

Moto

*Tantas cousas lh'avorrecem
qu'é rezão que m'avorreça.*

A vida não dura mais
qu'enquanto males falecem
e por isso se ma daís
quantas vezes ma tirais,
tantas cousas lh'avorrecem.

5

Mas se muitas vos parecem
senhora não vos esqueça
que de mim só se padecem
e pois tantas se oferecem
qu'é rezão que m'avorreça.

10

15. Glosa em forma de décima real 2x5, de 3 rimas, com inserção do mote no final de cada quintilha. Não conseguimos identificar o mote (cf. também DIAS 1978, p. 184), fl. 81r.

6-10: A glosa conclui-se com a expressão do ressentimento, já anunciado na rubrica: o *amador*, sujeito único do sofrimento, justifica o seu *aborrecimento* com a quantidade de padecimentos que a volubilidade da dama lhe provoca. D. Francisco parece reformular em senso amoroso um mote que, pelo contrário, acarreta, provavelmente, uma crítica relativa à índole caracterial do Conde: na verdade, o mote dá a entender que as prováveis queixas ou recriminações de D. Francisco provocavam na dama em questão mais enfado que compreensão. A isto responde D. Francisco, insistindo na explanação da sua dialéctica cortês, mas não sem insinuar (cf. os vv. 7-8) que os «aborrecimentos» são, no fundo, algo que a ele próprio, e só a ele, diz respeito. Deveremos pôr em relação este mote com algumas das vicissitudes biográficas do Conde, do tipo das expressas na carta-memorial?

16

*Trova do Conde sobre um mote que estava pondo Dom Pedro
em que se chamava bem aventurado e mandou-a com os motos*

São tão mal aventurado
que vejo boas venturas
nas alheas escrituras,
as mostras me dão cuidado
os motos mores tristuras. §
S'a ventura tal ordena
que se possa escrever
eu digo que ver e ler
dá menos saber que pena.

16. Glosa de 9 versos a um mote (apenas parcialmente referido na rubrica), fl. 81r. 4: *mostras*: provavelmente no significado de «demonstração» (MORAIS 1889): a demonstração de felicidade de D. Pedro, proporcionada pelo mote em que se diz «bem aventurado», por contraste magoa o Conde.

9: *pena*: os dois eixos semânticos sobre os quais se articula a trova (um que diz respeito ao tormento e à desventura — *mal aventurado* v. 1, *cuidado* v. 4, *tristuras* v. 5 —, outro ao paradigma escrita — *escrituras* v. 3, *motos* v. 5, *escrever* v. 7, *ler* v. 8 — intersectam-se em vários pontos para convergirem, no último verso, no jogo com a bissemia de *pena*, que reúne o campo semântico do sofrimento com o da escrita. Veja-se também a *pergunta* de João Manuel a Álvaro de Brito, fl. 49v do *Cancioneiro Geral*: «E pois sois outro Platão / esta dúvida pequena / pondo no papel a pena / ma tirais do coração.» O mesmo jogo se apresenta, se bem que revestido de novos matizes semânticos, na conhecida trova de Camões: «Perdigão que o pensamento / subiu a um alto lugar / perde a pena do voar, / ganha a pena do tormento.» Sobre o assunto, cf. RICO 1966 e AA. VV. 1986, p. 254.

17

Do Conde do Vimioso a este moto partindo-se tãa mulher donde ele estava

Moto

Nunca tive tal cuidado

Quando vendo-vos me via
de males acompanhado,
quando morte padecia
na vida qu'então via
nunca tive tal cuidado. 5

Porqu'então se me penava
sem esperança, tristura
minha pena s'abrandava
em ver vossa fermosura.
Agora, triste queria 10
com lembrança do passado
fim que vida me seria
pois quando morrer me via
nunca tive tal cuidado.

17. Glosa em forma de cantiga. O último verso de cada quintilha do mote e da volta inclui o mote glosado, que não se conseguiu identificar (cf. também DIAS 1978, p. 185), fl. 84r.

18

Do Conde do Vimioso a ãa molher que servia

Remédio de minha vida,
 descanso de minha pena,
 minha morte conhecida
 por quem meu mal se ordena.
 Vós só me entristeceis 5
 e m'alegrais,
 vós senhora me valeis
 e me matais.

Por vós é meu mal sem fim
 e sem vós viver não posso 10
 nem tenho mais part'em mim
 que aquilo que é vosso.
 Vós sois só de meu prazer
 destruição
 e vós sois meu grã querer, 15
 meu coração.

Assi me tendes vencido
 que outro bem não espero
 nem me tem mais perseguido
 cous'algũa que o que quero. 20
 Querer-vos me atormenta
 desamado,
 desamar-vos m'acrecenta
 mor cuidado.

Os dias que não vos vejo 25
 moiro triste desejando,
 vendo-vos desesperando,

18. Coplas castelhanas, formadas de duas quadras, com pé quebrado nos versos pares da segunda quadra. Muitos versos de pé quebrado resultam correctos, do ponto de vista métrico, só aplicando a compensação ou a sinafia (BAHER 1984, pp. 51-53). De facto, os vv. 16, 30, 32, 40, 54, 56 seguem versos agudos; ao passo que os vv. 70 e 72, iniciados por vogal, seguem versos acabados por vogal. Pelo contrário, os vv. 6, 8 e 62 são hipermétricos. Fl. 83v.

3: *morte conhecida*: isto é, sofrimento certo — morte em sentido metafórico (vejam-se exemplos do uso deste sintagma em AA. VV. 1986, pp. 223-224).

maior fica o meu desejo.
 Nunca posso ledto ser
 por vos amar 30
 que não dobre padecer
 meu descansar.

Tão fora de meu sentido
 o que vos quero me tem,
 que cuido que me convém 35
 servir-vos e ser perdido.
 E com este tal cuidar
 nunca repousa
 meu querer e desejar
 em outra cousa. 40

Não há mais em minha vida
 que viver meu sentimento
 nem menos no mal que sento
 que serdes dele servida.
 Assi é desordenada 45
 minha pena
 que de ser mais consolada
 se ordena.

S'algun hora apartar-me
 me lembra de vos servir, 50
 não vivo em consentir
 o que sinto em lembrar-me.
 Nem em mais torno a viver
 qu'enquanto posso
 saber que não pode ser 55
 não ser vosso.

Tanto sinto o contrairo
 d'aquilo com que folgais
 que tomo porque mos dais
 meus males por seu repairo. 60
 Pois vede qu'em assi sendo
 não nos sente,

62: *нào нос*: não os.

que fará por vós vivendo
descontente.

Cabo

De quem me posso aqueixar?	65
A quem me posso valer?	
pois vós sois meu descansar	
sendo vós meu padecer.	
Senhora, de minha vida	
havei já dó,	70
pois por vós el' é perdida	
e vós sois só.	

69-72: O comportamento de perpétua resistência da dama ao enamorado acabará por voltar-se contra ela própria, pois deverá resultar na morte daquele e, consequentemente, na solidão dela.

19

Outras suas a esta molher

Se não tivesse poder
 em mim de vos não amar
 era bem de vos sofrer,
 mas se me posso valer
 porque me leixo matar? 5
 Não serdes de mim querida
 querendo podia ser,
 mas amar-vos sem medida
 me faz perdendo a vida
 que o não posso querer. 10

Assi que, sendo de grado
 a vos querer sometido,
 é a mim mais que forçado
 que nunca perca cuidado
 de me ver por vós perdido. 15
 Que s'está a liberdade
 em meu querer deste prigo,
 amo-vos tão de verdade
 qu'é de força a vontade
 de sofrer o mal que sigo. 20

19. Cinco décimas do tipo 2x5. Desconhecemos quem seja esta *molher*: esta composição segue a de *incipit* «Remédio de minha vida» (n.º 18), fls. 83v-84r.

1-2: hipérbato.

9: *me faz perdendo*: gerúndio com valor de particípio, que dá ao verso uma estrutura alatinada (sobre a frequência do emprego do gerúndio em textos de finais de Quatrocentos e sobre a abundância de latinismos sintácticos, cf. LIDA DE MALKIEL 1950, p. 453, e pp. 294-300).

11: *de grado*: exprime a voluntariedade da aceitação do sofrimento por parte do enamorado. O mesmo conceito será repetido no v. 22.

13: *é a mim*: dativo de interesse.

13-25: A inevitabilidade do sofrimento, implicada pela aceitação do amor, é sublinhada pela *derivatio forçado* (v. 13) — *força* (v. 19) — *forçosa* (v. 21), que rege o paralelismo formal e de conteúdo dos vv. 15 e 25: o *perdimento* de si próprio (v. 15) e da própria vida (v. 25) é o natural resultado da experiência amorosa, que acaba sempre por ser coroada com a morte.

17: *prigo*: o hábito articulatório português, que faz desaparecer as vogais átonas pré ou pós-tónicas, é aqui realizado também graficamente (cf. *Introdução*, 2. 7).

E co esta fé forçosa
 de mim mesmo costrangida
 minha vida dovidosa
 é a mim mais trabalhosa
 que por ser por vós perdida. 25
 E isto porque conheço
 que não posso obrigar
 por quem moiro e padeço,
 que s'à morte me ofereço
 eu por mim a vou tomar. 30

Mas que vós não me mateis,
 senhora nem conheçais
 porque mais pena me deis,
 consentis pois não valeis
 e vós mesma me matais. 35
 Matais-me com fermosura
 gentileza e descrição,
 mata-me vossa fegura
 por minha boa ventura
 que vossa vontade não. 40

Fim

Que se por vosso querer
 minha morte s'ordenasse,
 que mais bem pod'i ser
 que poder em mim haver
 cousa que vos contentasse. 45
 Isto me satisfaria,
 que mil anos vos servisse
 outro bem não no queria.
 Mas bem sei que não seria
 tão ditoso que o visse. 50

36-37: Note-se a série de substantivos (*fermosura, gentileza, descrição*) que, desde a tradição galego-portuguesa, são característicos da descrição da dama *angelicata* (cf. TAVANI 1980).

38: *fegura*: ou seja, o rosto da amada. Cf. AA. VV. 1986, p. 316.

41: fl. 84r

43: Note-se o poliptoto *pode* — *poder*.

48: *não no*: não o.

20

Outras suas do Conde

Tivera mais que perder
 se mais tempo esperara
 mas folgara de o ter
 porque menos me custara
 ter mais vida sem prazer. 5

Tive tempo e quis vida
 que não ter melhor me fora
 acabada e perdida
 com mil males bem sofrida
 pera se perder num hora. 10

Mudança não dá lugar
 pera mudar a vontade
 mas fez-me enganar
 que foi melhor acabar
 conhecendo a verdade. 15

Esperando por melhor
 passava danos contente
 conhecendo o desamor
 que quando vi o pior
 na verdade não me mente. 20

É engano nenhum bem
 nem prazer que livre seja
 pois que quando se sostém
 aind'ê por mal de quem
 se destrue no que deseja. 25

E enfim por cousa certa
 tudo fica dovidoso,
 senão ãa encuberta
 com que vontade concerta
 desconcerto espantoso. 30

20. Décimas do tipo 5+5 para a primeira estrofe e 2x5 para as restantes, fls. 82v-83r. 1-3: note-se a alternância dos mais-que-perfeitos: um com valor de condicional (v. 1), outro com o de imperfeito do conjuntivo (v. 2), o terceiro com o que lhe é, em princípio, próprio.

21: *nenhum* com significado de *algum*. Cf. 4, 9.

Folgara de ver passar tristes penas de sofrer pera delas me lembrar e sofridas enganar pera outras o poder. Desejando sofrimento cuidando que lembraria, e se meu padecimento não desse consentimento qu'a lembrança mo daria.	35 40
Tudo vejo acabado tudo já esprimentei pera ser desenganado que de todo mal passado em mor pena me salvei: salvei-me pera perder desejada perdição e ganhei em me valer para sempre padecer minha triste salvação.	45 50
Quem dirá males primeiros d'enganado fengimento julgados por derradeiros sofridos de verdadeiros em comprid'esquecimento? Quem tempo perde por si pague-o em sua vida: que se nisso mereci, não se ganha nada assi se não com razão perdida.	55 60

32: *de sofrer*: de + infinitivo, com valor causal, (SILVA DIAS 1970, p. 129).

39: *consentimento*: aqui é consentir em sofrer.

42: *esprimentei*: realização gráfica do hábito articulatório português que faz desaparecer as vogais pretônicas: cf. *Introdução*, 2. 7.

56: fl. 83r.

60: *razão perdida*: D. Francisco adota, nesta segunda quintilha, uma atitude filosófica segundo a qual o tempo que se perde na paixão é útil, apenas, se conduzir ao reconhecimento do erro de tal atitude irracional. O poeta ganha, pois, razão, ao reconhecer que anteriormente a não tinha, ao assumi-la como *razão perdida*. Claro que esta nossa interpretação da *razão perdida*, enquanto reconhecimento do erro em que laborara, não invalida que o poeta acene ao senso mais comum da expressão, como sinónimo de enlouquecimento: é por demais conhecido o gosto dos poetas *cançonieriles*,

Foi forçado acabar
sem vontade de saber
que me não poss'enganar
querendo meu mal passar,
enganado do prazer. 65

Mas porque me falecesse
tomar isto por conforto,
quis Ventura que soubesse
que querendo o que quisesse
não me quer vivo nem morto. 70

Quisera poder seguir
o que tão craro entendo
se podera consentir,
mas quando quero fogir
apartando-me me prendo. 75

Não são livre nem cativo
pois per força são isento,
sojeito de mal esquivo
e, assi triste como vivo,
de cativo me contento. 80

Cabo

Querei já dar concurção
à vida desordenada,
dai lugar ou defensão
pois que bons dous meios são:
tê-la ou ser acabada. 85

Aquele que mais quereis
é o maior bem qu'espero,
por isso não dilateis
qu'em nenhum deles podeis
tirar-me o que mais quero. 90

e muito particularmente de D. Francisco, por estas «despistagens voluntárias» do sentido, que eram encaradas como autênticas «iguarias semânticas».

74-80: note-se os lexemas que exprimem a isotopia psicomáquica: *fogir* v. 74 — *me prendo* v. 75 — *cativo* v. 76 e v. 80 (v. 76: adjetivo; v. 80: substantivo) — *sojeito* v. 78. 81-90: o *cabo* retoma, enfim, as duas hipóteses que o Conde tem apontado ao longo de toda a composição: ou continuar com uma *vida desordenada*, isto é, uma vida de esperança, ou acabar com ela.

84: *dous*: no original lê-se *dou*. A integração é necessária para restabelecer a forma correcta do numeral arcaico.

21

*Trovas que mandaram o Conde do Vimioso e Aires Teles à senhora
Dona Margarida de Sousa sobre ãa perfia que tiveram perante ela, em
que dizia Aires Teles que não se podia querer grande bem sem desejar
e o Conde dizia o contrario*

Aires Teles

Desejar e bem querer
são senhora tão parceiros
qu'os amores verdadeiros
sem ambos não podem ser;
porqu'a causa é querer bem, 5
o desejar o efeito:
amores qu'este não tem,
não me negará ninguém
que não tem o ser perfeito.

Não digo qu'o desejar 10
seja no homem primeiro
mas venha por derradeiro
pera se certeficar
o bem-querer verdadeiro.
Porque quem este não tem 15
hei por mui certo sinal
ou que não quer bem nem mal
ou que quer pequeno bem.

E bem se poderá achar
desejar sem bem querer: 20
grande bem sem desejar
no homem não pode ser.
E quem tal concrusão tem
contra a minha opinião,

21. Para o comentário a este debate, veja-se a *Introdução*, 2.2. Fl. 80r-v.

Rubrica: perfia: sobre esta palavra, cf. *Introdução*, 2.7.

1-34: Esta primeira trova de Aires Teles é composta por quatro estrofes de diverso tipo. As duas primeiras, de 9 versos, são formadas por uma quadra e uma quintilha; as restantes estrofes são coplas castelhanas, fl. 80r.

Sobre Aires Teles, cf. *Introdução*, 2.2, nota 21.

2: *parceiros*: no original lê-se *parceiro*.

vai tão fora da razão 25
como está de querer bem.

Sentir-s'á, se se não vir,
qualquer cousa desejada,
mas quem não deseja nada
não tem nada que sentir. 30
Ora Vossa Mercê veja
qual daquestes mais merece:
quem quer bem e não deseja
ou quem deseja e padece?

O Conde do Vimioso

Quem d'amores tem o cume, 35
quem vive vida acabada
este não deseja nada:
não se julga por costume
cousa desacustumada.
Quem ousa de desejar 40
cuida o contentamento,
se o cuido logo o sento
e em meu mal não pod'estar
prazer nem por pensamento.

Desejar o coração 45
é natural e verdade
mas na grande afeição
dessimula a razão
os desejos à vontade.
Não pode amor sem arte 50
querer grória pera si,
que por ela vejo em mim

32: *daqueste*: *aqueste* é a forma arcaica do pronome, ainda viva no século xv (cf. NUNES 1975, p. 248).

35-74: Quatro décimas de tipo 2x5 (estrofe 1) e 5+5 (as restantes), fl. 80r.

36: *vive vida*: acusativo do objecto interno.

50: *amor sem arte*: expressão provavelmente construída sobre a reminiscência paremiológica «Coração sem arte não cuida maldade» (MORAIS 1889), define o amor simples, sem artifício: cf. Diogo Marcão citando uma cantiga *feita por outrem* (fl. 67v): «Pensando que te verei / moiro triste a cada parte / *com leal amor sin arte / que te yo vi y verei*».

que cuidar na menos parte
traz consigo minha fim.

O amor acostumado 55
este nace do desejo,
que desejando o que vejo
tenho-me por namorado,
digo qu'ê meu mal sobejo.
Mas quem chega a bem-querer 60
que sem respeito s'ordena,
não deseja de viver
nem cuida qu'i há prazer
nem lhe lembra sua pena.

Pois se prova o que digo 65
não cumpre mais arguir
e mais este meu amigo
achará muitos consigo
eu som só no meu sentir.
Por mil penas que sofresse 70
todo o meu mal se dobrasse
se na vida que vivesse
tanto vos desacatasse
que algum bem desejasse.

Aires Teles

Este meu senhor quis vir 75
com tão falsas poesias
que vem agora a cair
em maiores heresias.
Mas por mais o confundir
nesta sua openião 80
quero senhora arguir

54: *fim*: ainda não tem a atribuição do gênero fixada: aqui é feminino, enquanto que no v. 207 (intervenção de Aires Teles) é masculino (cf. DCECH, II, p. 526).

55: *amor acostumado*: no raciocínio do Conde é considerado o amor físico, sensual, socialmente aceite como algo de natural, ao que ele contapõe o *bem querer*, relação pautada por uma requintada espiritualidade, a que não tem acesso o comum dos mortais.

75-115: Composição formada por uma copla mista com três rimas e por três coplas castelhanas, fl. 80r-v.

contra sua concrusão
e provar minha tenção.

Se tem tão livre a vontade
que pode não desejar 85
não lhe poderei negar
senhora que diz verdade.
Mas quem é muito sojeito
sendo muito namorado
vem-lh'o desejo forçado 90
e não faz nada por jeito.

Quem não sente nada é morto
e de todo extremo ausente
não é triste nem contente
não tem mal nem tem conforto. 95
E por este fundamento
como s'afirma ninguém
que terá merecimento
quem não sente mal nem bem?

É mor descanso viver 100
sem desejar e sentir
que grande desejo ter
que se não pode comprir.
E que possa haver desejo
com grande desesperar 105
isto, senhora, vos não vejo
como se possa negar.

E s'algum homem não ousa
desejar o que não tem
não lhe vem de querer bem 110
mas da essência da cousa:
e pois excelência e ser

90: *forçado*: utilizado em sentido adverbial (cfr. AA.VV. 1986, p. 283).

98-99: entenda-se: ninguém poderá conseguir estima e consideração (o *merecimento*) se não nutrir uma paixão — positiva ou negativa que seja.

111: *essência da cousa*: i. é, das qualidades do sujeito.

112: *excelência e ser*: endiade: a excelência do ser da outra pessoa, neste caso, a dama. Poder-se-ia interpretar também como se a frase fosse «excelência e ser d'outrem», isto é, a superioridade moral da dama e a sua condição de estar já casada, de pertencer já a alguém.

doutrem faz não desejar,
 não se vá ninguém gabar
 que lhe vem de bem-querer. 115

O Conde

Qu'aproveita bem falar
 s'as razões não vão provadas?
 São modos d'acafelar,
 são sinais de desamar,
 palavras falseficadas. 120
 Nisto mesmo qu'ele diz
 se prova minha questão,
 mas compre que o Juiz
 tenha tanta afeição
 que lho sinta o coração. 125

S'a excelência e ser
 d'outrem faz não desejar
 como me podeis negar
 que meu amor e querer
 não deseja descansar? 130
 Pois me esta confessais
 senhor meu não negareis
 qu'a senhora que amais
 que por amor desejais,
 por seu despreço o fazeis. 135

Dous contrairos num sojeito
 não se viu nem hão-de ver
 pera vir a bem de feito:

114: fl. 80v.

116-165: Cinco décimas reais do tipo 5+5 (as primeiras quatro) e 2x5 (a última), fl. 80v.

118: *acafelar*: significa «rebocar, envernizar». Aqui o Conde o usa em sentido figurado de «enganar», «cobrir a verdade».

121-125: O *juiz* é D. Margarida de Sousa, a quem o Conde apela aqui, de modo indirecto mas por demais explícito. O argumento capcioso do Conde é o de que a justiça da sua posição é evidente e incontestável, para quem tiver a alma impregnada de bons sentimentos, de amor sublime, de «bem-querer». As almas nobres atribuir-lhe-ão imediatamente a primazia; as outras, pelo contrário, nunca lha reconhecerão.

136: Verso frequente na lírica do *Cancioneiro* de Resende: também o introduz Diogo Brandão na cantiga «De tal maneira me sento» (fl. 95r).

desejo quer seu proveito,
 amor quer tudo perder. 140
 Se neles tal deferença
 não pode ser bem negada
 a rezão será forçada
 não ficando por sentença
 qu'amor não deseja nada. 145

Amor é conformidade
 em toda cousa igual:
 ãa gostosa amizade,
 amor é ãa vontade
 que não pode querer al. 150
 Amor não sabe o que quer,
 como pode desejar?
 Amor não pode querer
 outra cousa senão ser
 e em si mesmo estar. 155

Desejo é um sentir
 daquilo que pode ser,
 sentir o qu'está por vir
 que obriga a servir
 esperando merecer. 160
 Como pode esperar
 prazer quem por vos padece?
 Que se bem nisso cuidar
 não se pode desejar
 cousa que se não merece. 165

Vilancete

Meu amor tanto vos amo
 que meu desejo não ousa
 desejar nenhũa cousa.

146: No *Laberinto de Fortuna* de Juan de Mena, lê-se (*copla* CXI): «Mas otras razones más justas convocan / los coraçones a las amistades: / virtudes e vida en conformidades...»

166-175: Vilancete do Conde, em forma de cantiga, fl. 80v. Este vilancete teve tanto sucesso que veio, inclusivamente, a ser musicado por Schumann: cf. DIAS 1978, p. 183.

167: Por *desejo* se inicia a *derivatio* com *desejar* v. 168, *desejasse* v. 169, *desejo* v. 174 e *desejar* v. 175, a que se liga também a de *esperaria* v. 170 — *esperasse* v. 171.

Porque se a desejasse
logo a esperaria 170
e se a eu esperasse
sei que vos anojaria.
Mil vezes a morte chamo
e meu desejo não ousa
desejar-me outra cousa. 175

Aires Teles

Sem outros mais argumentos
na sua mesma razão
jaz, senhora, a confusão
de todos seus fundamentos.
No que diz contr'ó que digo 180
nas rezões que dei arriba
ele só luta consigo,
ele mesmo se derriba.

Grande bem dá coração,
grande bem faz tudo ousar, 185
grande bem faz desejar
com razão e sem razão.
E quem é tão temperado
que tem modo no desejo
não se vê no que m'eu vejo 190
nem é muito namorado.

Não quer proveito o querer
nem também o desejar
cousa tão longe de ser
que se faz desesperar; 195
pois são falsas as rezões

173: Este verso é também *incipit* de um *villancico* castelhano do *Cancioneiro Musical de Publia Hortensia*, n. 45 (DIAS 1978, p. 184).

176-226: Texto compósito formado por quatro coplas castelhanas, por uma estrofe mista de 9 versos, e por um vilancete em forma de cantiga com cabeça trística, fl. 80v. 180: no original lê-se *controo* (contra o). Cf. 1, 3.

184-186: note-se a anáfora que encabeça a descrição de que coisa é *grande bem*. *Coração*: é aqui «coragem», e é contraposto ao *não ousar* afirmado em antecedência pelo Conde no vilancete (v. 168, v. 174).

190: hipérbato: «não se vê no que me vejo eu», i. é, não se encontra na minha situação.

de quem disse que não tem
desejar e querer bem
ũa mesmas condições.

S'amor não sabe o que quer, 200
nem deseja quem quer bem
namorar-s'-ia alguém
da pintura da mulher.

Mas nunca s'homem namora
senão sempre em tal lugar 205
que logo lhe nessa hora
lembra o fim do desejar.

Cousa de grande primor
por servir não se merece:
merece-se por amor 210
de quem deseja e padece.

Desejo sem merecer
mil vezes, senhor, o vejo,
mas merecer sem desejo
que vem de grande querer 215
não no há nem pode ser.

Vilancete e cabo

Meu amor, tanto vos quero
que deseja o coração
mil cousas contra rezão.
Porque se vos não quisesse, 220
como poderia ter

desejo que me viesse
do que nunca pode ser?
Mas com quanto desespero
é em mim tanta afeição 225
que deseja o coração.

207: *fim*: masculino (cf. v. 54).

216: *ũa* *no*: não o.

22

*Cantiga sua que fez a ãa moça de sua dama que se chamava Esperança
e ele não na podia ver*

De quanto he trabajado
triste por vos conocer,
lo que tengo aprovechado
es que soy desesperado,
Esperança de vos ver. 5

Busquévos como me vi
con cuidados sempre tristes
mas fallé que vos perdí
en me dar a quien vos distes.
Triste de mí desdichado, 10
qué vida puedo tener?
Pues con mal nunca menguado
me veo desesperado,
Esperança de vos ver.

22. Cantiga com mote e volta de 5 versos, fl. 84r.

Rubrica: *não na*: não a.

5: *de vos ver*: causal (cf. 13, 18). É retomado depois na volta.

8: *fallé*: para os lusismos presentes nesta cantiga, cf. *Introdução*, 2.7.

9: *quien*: no original lê-se *quen*. Restaura-se a forma castelhana.

23

*Outra sua vendo ãa molher a que quisera bem, em que outrem tinha
poder, havendo muito que a tinha esquecida*

Vi mi mal enverdecer
mi pasión y mi cuidado,
vi triste, cativo ser
el corazón y querer
de quien tenía olvidado. 5

Reformóse mi tristura
muy mayor que dantes era,
ordenó mi desventura
mi vida tan lastimera
que jamás mi padecer 10
no sea remediado
viendo cativo ser
el corazón y querer
de quien tenía olvidado.

23. Cantiga com mote e volta de 5 versos, fl. 84r.

Rubrica: tinha esquecida: é frequente a concordância do particípio passado, regido pelo auxiliar *ter*, com o complemento directo (TEYSSIER 1959, p. 385).

24

Cantiga sua

Lo que más muerte ordena
a mi vida qu'es morir,
ser forçado encubrir
de todo mi triste pena.

Forçado de fuerça tal	5
que muero por encobrilho	
y soy cierto que dezillo	
me sería mayor mal.	
Assí triste que s'ordena	
de mis males encobrir,	10
que no tarde el morir	
por galardón de mi pena.	

24. Cantiga, com recuperação das palavras-rima BB invertidas, fl. 84v.

25

Outra sua

Yo vi triste sojuzgarme
do ser libre bien quisera,
mas hallé que libertarme
puede ser quando yo muera.

El Sesso con la Razón	5
precuravan más prenderme,	
yo mirando mi pasión	
deseava defenderme.	
Tanto que por libertarme	
morir luego escojera,	10
mas razón de sojuzgarme	
me forçó hasta que muera.	

25. Cantiga com recuperação das palavras-rima na volta, mas em ordem inversa, fl. 84v.

3: *hallé*: para os lusismos, cf. *Introdução*, 2.7.

26

Outra sua

Es tan grave mi tormento
 que si me basta mi fe
 es por el merecimiento
 con que yo me cativé.

Querer olvidar mi mal	5
sería loca porfía,	
pues que es pena mortal	
y la su fin es la mía.	
Sufro tal padecimento	
que si me basta mi fe	10
es por el merecimiento	
con que yo me cativé.	

26. Cantiga, fl. 84v.

2: *fe*: (também no v. 10) na linguagem cancioneril, que se apropria, como já vimos, de termos da esfera religiosa, define a lealdade ilimitada do enamorado (cf. AA. VV. 1986, p. 325).

3: *merecimento*: geralmente, nessa tradição poética, exprime a excelência da dama, que determina a sua distância do enamorado e justifica a sujeição deste (cf. AA. VV. 1986, p. 303). Mas, neste caso, seria mais plausível interpretar *merecimento* como aquela manifestação sublimada e abstracta do amor, que não ofende a dama (veja-se a posição defendida pelo Conde, em relação a este tema, no debate com Aires Teles, n.º 22). O enamorado fica prisioneiro do seu próprio sentimento casto, e, por isso, só lhe é suficiente a crença incondicional nele para sofrer a sua paixão.

8: *la su fin*: o artigo antes do possessivo continua, ainda que esporadicamente, a ser utilizado no castelhano desta época (cf. LAPESA 1986, § 72, 1 e TERRACINI 1951)

27

Cantiga do Conde do Vimioso

Dulce vista y bien passado,
 memoria de lo que fue
 trist'espanto.
 Si me dexasses Cuidado
 con la vida ya, porque 5
 cesse tu llanto.

Mas qué se puede ganar
 do nunca falta ventura
 ni bevir
 pera poder olvidar 10
 quanta tristeza segura
 el morir?
 o bevir demasiado
 y sin vida ya, porque
 duré tanto 15
 el dolor de lo passado
 con que no muere la fe
 y el espanto.

27. Cantiga com o esquema da sextina constitutiva da copla manriquiana, ou seja, de heptassílabos com pé quebrado no terceiro verso, fl. 83r-v.

16: fl. 83v.

Os versos 6 e 18 são correctos do ponto de vista métrico se se aplicar compensação e sinafia.

28

Esparsa do Conde

En la vida que Amor
 tiene poder y su fuerça,
 la Ventura da favor
 al qu'acaba su dolor
 com la vida que la esfuerça. 5
 Yo en mí triste lo siento
 con mi mal que es tan fuerte
 qu'en plazer hallo tormento
 y en esperar soy contento:
 remedi'hallo la muerte. 10

28. Décima real do tipo 2x5, fl. 85v.

10: Para os lusismos, cf. *Introdução*, 2.7.

29

El Conde D. Francisco de Portugal

A ver en tanta hermozura
 enbuelta tal condición,
 de los ojos fue ventura
 mas del alma perdición.

Señora, no quiera Dios
 que seais vos homicida,
 en ser el alma perdida
 del que se perdió por vos.

5

29. Estes versos (duas quadras) encontram-se no *Cancioneiro de Corte e de Maguates*, fl.122r-v (do qual transcrevemos), no Cód. 8920 da Biblioteca Nacional, fl. 116r e no ms. 12-26-8/D 199 da Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid, fl. 94r-v (sem alguma variante).

Este texto é formado por uma quadra e pelo mote da *cantiga que deu o anjo* do Breve do Conde (n.º 40). ASKINS 1968, na nota 144, relativa à composição que aqui se apresenta, pergunta: «o título quer indicar o 1.º Conde do Vimioso? Será o texto glosa ou imitação de uma poesia desse autor?» Imitação ou glosa, ou simples «arranjo», pois esta composição pode ser o resultado da deterioração dos textos do Conde consequente, talvez, à tradição destes através de (desconhecidos) cancioneiros musicais.

A quadra de *incipit* «Señora no quiera Dios», devia gozar de certa fama, pois que também Diogo Bernardes a glosa (*Rimas Várias. Flores do Lima*).

30

Outras do Conde de Vimioso em ãa partida

Oh, gloria de mi desseo,
 tristeza de mi cuidado,
 bien que todo es mudado
 en dolor porque no os veo.
 Ahora sin vervos siento 5
 qu'havería
 el morir por alegría
 viendo vosso merecimiento.

Ventura desordenada
 ordenó que me partiesse 10
 porque mi vida se viesse
 biviendo ser acabada.
 Oh, quanto mejor me fuera
 no nacer
 qu'apartarme de vos ver, 15
 mi querer, sola un hora.

Que según me atormenta
 ver quán mala fue mi suerte,
 esperar presto la muerte
 es un bien que me contenta. 20
 Y el bevir más me condena
 a ser penado,
 fue a mí demasiado
 por ser causa de mi pena.

Qué puedo triste dezir 25
 de passiones desiguales

30. Doze coplas castelhanas com pé quebrado nos sextos versos. Os vv. 22 e 85 (quebrados) são correctos metricamente, só se se conta com as regras de compensação. Fl. 84r-v.

8: Hipermétrico, a menos de não considerar *m'recimiento*.

11: *viesse*: para os lusismos presentes nesta lírica, cf. *Introdução*, 2.7.

16: *sola un hora*: cf. 5, 5.

19: *esperar*: no original lê-se *espera* (DIAS 1990, n.º 290, transcreve, de facto, *es pera*). A integração é necessária ao sentido e à concordância verbal.

20: *bien*: no original, lê-se *bein*: restaurámos a forma castelhana por analogia com o v. 3.

23: *demasiado*: a lição do Cancioneiro dá *demasiada*: a emenda justifica-se pelo sentido e pela rima com *penado* (v. 22).

26: *desiguales*: desmedidas.

con que no faga mis males
 menos ásperos de sufrir?
 De dezillos yo debería
 escusarme, 30
 sino fuesse confortarme
 con lo que me contraría.

Yo vos vi quando perdí
 esperança y libertad
 y gané mi voluntad 35
 ser del todo contra mi,
 ganando que no fallassen
 d'então luego
 mis males nunca sossiego
 con que menos me penassen. 40

Mil tormentos he sofrido
 callando lo que sentía
 los días que encobría
 verme del todo perdido,
 porque más me congoxava 45
 vos pesar
 haver yo de decrarar
 el dolor que m'aquexava.

Mas desque mi afeición
 no pudo ser encubierta, 50
 la menos parte, sed cierta,
 se supo de mi pasión:
 porque nadia podería
 bien dezir
 quanto yo pude sufrir 55
 por vós vida y muerte mía.

28: Aparentemente hipermétrico: cf. *Introdução*, 2.7.

29: Aparentemente hipermétrico: cf. *Introdução*, 2.7.

33: fl. 84v.

39: *sossiego*: no original, lê-se *sosseigo*.

47: o verso não faz sentido. Propõe-se a integração de *Que* no início do verso, pois assim, não perturbando a contagem das sílabas métrica, se reestabelece a concordância sintáctica do comparativo *más* do v. 45.

49: *desque*: (também no v. 61) forma viva até ao século XVIII (DCECH II, p. 459). Está atestada, contudo, em português, por «desde que» (MORAIS 1889).

56: *Vida y muerte mía*: sintagma muito frequente na descrição da dama: cf. D. João de Meneses (fl. 15v): «Conoce que fui perdido / por vós, vida y muerte mía.»

Cuidados, lembranças tristes
de continos disfavores,
mudanças, dudas, temores
por vida dar-me quesistes. 60
Desque mi fe conocistes
sin valerme
esperança de perderme,
sospíros, lloros me distes.

Y con esta vida tal 65
me distes por más tormento
ser mayor el sentimiento
de lo que era mi mal.
Nunca siendo rependido
mas holgando 70
de me ver por vos penando,
de todo bien despedido.

Mas de todo no contenta
la triste ventura mía
endobró lo que sentía, 75
de passiones m'acrecienta
ordenando que mi vida
s'apartasse
de vos ver porque fallasse
más causa de ser perdida. 80

Do con tal apartamiento
si se sufre mi bevir
es con gloria de sentir
ser por vos mi perdimiento,
y esperar que puede ser 85
que bolveré,
do con vervos sofriré
mi descanso, el padecer.

58: *continos*: forma vulgar, frequente até ao século XVI, por *continuos*, cf. DCECH II, p. 182, 44-58.

82: *si se sufre*: no or. lê-se *si si sufre*. A forma do reflexivo se torna *si* provavelmente por atracção do condicional que a precede: o erro, então, é imputável com toda a probabilidade ao tipógrafo e não a D. Francisco, tendo em conta, para mais, que no v. 11 aparece a forma do reflexivo correcta.

Fim

Mas si tarda tal remedio
fuerça es de acabar 90
el bevir y sospirar
con passiones tan sin medio.
Por lo qual mi bien vos pido,
si s'ordena,
que muerto creais mi pena 95
y amor que vos he tenido.

31

Grosa sua a este moto

*Como contento veví
el tempo passado*

Amor, desde te serví
entanto bivo penado
qu'en olvido es a mí
*como contento biví
el tempo passado.* 5

Que por ser más sin medida
mi dolor y padecer,
no bastó perder la vida
mas con ella é perdida
la memoria del prazer. 10
Assí que, Amor por ti
soy del bien tan apartado
que no sé triste de mí
*como contento beví
el tempo passado.* 15

31. Glosa em forma de cantiga, que introduz os dois versos do mote glosado no final da cabeça e da volta, fl. 82r.

Não se conseguiu identificar o mote glosado (cf. também DIAS 1978, p. 184).

1: *desde*: cf. **30**, 49. Acerca dos lusismos, veja-se a *Introdução*, 2.7.

32

Cantiga de Pero Secutor

Voluntad, n'os trabajéis
 por alcançar buena vida,
 que la mejor escogida
 que fue, ni será, ni es
 cuidado espera después. 5

Qu'acordaros del **passado**
 dulce tiempo en que os folgastes,
 ya sabéis qu'este cuidado
 más os mata que gozastes.
 Portanto, no os congoxéis 10
 Voluntad, por buena vida
 pues es cosa conocida
 que su gloria muerta es
 con la memoria después.

Grosa do Conde do Vimioso a esta cantiga

De cobrar gosto perdido
 olvidarvos ya devéis,
 biva quem biv'en olvido
 muera el bevir fingido
Voluntad, no os trabajéis, 5
 que de gloria y sosiego

32. Cantiga com mote e volta de 5 versos, fl. 83r.

A cantiga glosada pelo Conde foi-nos transmitida através de quatro testemunhos: o *Cancioneiro Geral de Resende*, que a atribui a Pero Secutor (que, provavelmente, apenas a musicou); o *Cancionero General* de Hernando del Castillo, de 1511, que a atribui a Cartagena; a écloga de Plácida e Vitoriano, de Juan del Encina; e o *Cancioneiro de Salamanca*, onde figura anónima. No **Apêndice 2** é dado o aparato das variantes. 1: *trabajéis* e v. 10 *congoxéis*: rimam com palavras acabadas em -és: este tipo de conso-nância era admitida nos cancioneiros peninsulares de Quatrocentos (cf. CLARKE 1949, p. 1121 e ROMEU FILGUERAS 1965, p. 172).

5: *espera*: DIAS 1990, n.º 282, transcreve *es pera*. Seja como for transcito o sintagma, o sentido não muda.

A glosa do Conde é formada por 6 décimas reais: a segunda e o cabo do tipo 5+5 e as restantes do tipo 2x5. O último verso de cada quintilha inclui um verso (na segunda estrofe e no cabo, dois) da cantiga glosada, fl. 83r.

1: *gosto*: para os lusismos presentes nesta composição, cf. *Introdução*, 2.7.

un momento posseída
 pera siempre queda luego
 suspiros, lágrimas, fuego
por alcançar buena vida. 10

Ni más procure deseo
 dar a mis males salida,
 que de vida yo poseo
 consuelo de mi que veo
que la mejor escogida 15
 posesión que da ventura
 quando se buelv'al revés
 su deleite y su dulçura
que fue, ni será, ni es
cuidado espera después. 20

Portanto, qu'en el bevir
 puede ser bien deseado?
 sabiendo que de sufrir
 menos mal es el morir
qu'acordaros del pasado. 25
 Cesse pues vuesa profía
 con que nunca descansastes
 y muestre la vida mía
 qué fue d'aquel que solía
dulce tiempo em que os folgastes. 30

Brevemente posseído,
 de pasión perpetuado,
 llorado dessocorrido
 donde triste fue nacido;
ya sabéis qu'este cuidado 35
 tan extremo de pensar
 que por martirio cobrastes,
 gostoso de desgostar
 qu'el deleite en el pesar
más os mata que gozastes. 40

13-14: No original, lê-se *posseio* e *veio*. Para a discussão acerca das palavras-rima destes versos, cf. *Introdução*, 2.7.

33: Será de emendar *llorado* com *llorando*?

Y pues vos morís penando
 d'esperança, qué queréis?
 que su gloria buscando
 vuessos mal is allegando,
portanto no os congoxéis. 45
 Remedio pera sofrer
 con dolor no se despida,
 que de tan triste bevir
 sólo queda el morir,
Voluntad, por buena vida. 50

Cabo

El qual es seguro puerto
 de lembrança tan sentida,
 galardão, descanso cierto
 que tarda por no ser muerto,
pues es cosa conocida: 55
 do prazer no se recibe,
 Voluntad, ni dar podéis
 qu'el triste que assi bive
que su gloria muerta es
con la memoria después. 60

43: Verso hipométrico. Poder-se-ia emendar a hipometria introduzindo o artigo antes do possessivo, o que corresponde a uma prática ainda vigente na época, se bem que esporádica (cf. 26, 8), a menos de não considerar *gloria* como trissílabo, como acontece tantas vezes nas líricas portuguesas do Conde.

33

Cantiga

El morir triste consiento
que muy mejor me sería
que no bevir todavía
con tristura y tormento.

Ya la mi desaventura 5
tarda mucho em dar plazer
y arreda la cordura
y acrecienta el querer.
Pues con tal pedecimento
la muerte mejor sería 10
que no bevir todavía
con tristura y tormento.

Grosa do Conde do Vimioso a esta cantiga

Pues mi vida vos desplaze
el morir triste consiento
que según mi mal se faze
claro veo que vos plaze
de mi triste perdimiento, 5
que ser menos mi querer
que muy mejor me sería,
aunque vuessos merecer
lo dexasse en mi poder,
ya triste no podría. 10

Más quería acabar
que no bevir todavía

33 Cantiga anónima, fl. 84v.

5: *ya la mi desaventura*: cf. 26, 8.

7: *arreda*: para os lusismos presentes nesta cantiga e na glosa seguinte, cf. *Introdução*, 2.7.

A glosa do Conde realiza-se em seis décimas reais do tipo 2x5, em que cada verso da cantiga anónima é incorporado no segundo verso de cada quintilha, fls. 84v-85r.

1: fl. 85r.

7: O *que* da cantiga glosada resulta aqui redundante.

9-10: o políptoto sublinha a sujeição do *amador* às forças irracionais da sua paixão.

11: *Más*: DIAS 1990, n.º 294, transcreve o sintagma como se fosse a conjunção adversativa — o que não parece condizer com o sentido da estrofe.

sin poderme remediar
 pues la vida da lugar
 a la triste pasión mía. 15
 Que quem sofre desamor
con tristura y tormento
 luego ve que es mejor
 la muerte que su dolor
 de su triste sentimiento. 20

Qué puede fazer cuitado?
Ya la mi desventura
 dé más dolor y cuidado
 que tenerme apartado 25
 de ver vuesa fermosura.
 Pues querer tan sin engaño
tarda mucho en dar prazer
 lo que vivo triste plaño,
 qu'el remedio de mi daño
 es morir sin me valer. 30

Turbado me ha Amor
y arreda la cordura
 pues fallo que es mejor
 sojeición con disfavor 35
 que descanso con soltura,
 faze ser mis días tristes
y acrecienta el querer
 porque sois la que vencistes
 a mi vida quando distes
 triste fin a mi prazer. 40

Siempre vivo con deseo,
pues con tal padecimento
 mis tristes cuidados veo,
 que sintais lo que posseo 45
 o muera con mi tormento.
 Que con tal pena vevir
la muerte mejor sería

21: *fazer*: no original lê-se *azer*. Reestabelece-se o <f> e não o <h> inicial do verbo *fazer*, por ser a forma antiga que o Conde sempre utiliza nos seus textos castelhanos.
cuitado: coitado.

46-49: note-se a antítese, e a *derivatio vevir* — *muerte* — *morir* — *muere*.

pues se da por más sentir
 más tardança al morir
 de quien muere todavía. 50

Cabo

Bien se muestr'en mi firmeza
que no bevir todavía:
 me libraré de tristeza
 pues tengo vuessa crueza
 y mi fe por compañía, 55
 y pues tal vida me da
con tristura y tormento,
 gran remedio me será
 el morir quando verná
 acabar con lo que siento. 60

51: *firmeza*: a *firmeza*, é, na linguagem *cañioneril*, a constância do *amante* nos próprios sentimentos (cf. AA. VV. 1986, p. 222), e nunca lhe há de faltar, mesmo quando a sua dama se mostra explicitamente cruel e desdenhosa, levando-o, portanto, necessariamente, a aceitar a morte como remédio.

59: *verná*: forma metatética do futuro de *venir* + *há* (cf. MENÉNDEZ PIDAL 1987, 123. 2). Cf. também a copla do Coudel-Mor (fl. 22v) que, para mais, exprime o mesmo conceito: «Entanto que vivo ya / de la vida descuidado, / cuidades que me será / el morir quando verná / menos bien que deseado.»

34

*Cantiga do Conde a uns bocaís do Barão forrados de pano
e muito estreitos*

Oh, mui estreitos bocaís
em que não há duas quartas,
mais custosos sois que martas
segundo vós demandais
trovas fartas.

5

Estreitos, bem cerceados
naturais par'este Outono,
proveitosos, despejados
para pejarem seu dono.
Pois que tão justo calçais
que vos fazem duas quartas,
por mal que vós pareçais
eu pormeto que façais
saldas as martas.

10

34. Cantiga com cabeça de 5 versos, de pé quebrado nos vv. 5 e 14 (em que é preciso aplicar a regra de compensação para que seja metricamente correcto), fl. 81r.

Sobre o Barão de Alvito, cf. *Introdução*, 2.3, nota 30.

2: *quartas*: a *quarta* é a quarta parte da unidade de medida da coisa a que é referida (*quarta de pão, de vinho*). Aqui o Conde zomba com a pouqueza do tecido.

3: *custosos*: os punhos do Barão, decerto muito inferiores no preço aos de marta, tornam-se *custosos* na medida em que provocam o estro crítico do poeta, tornando-lhe quase imperativo o esforço de engenhosamente os vituperar.

5: *trovas fartas*: a larga difusão dos provérbios «Bem canta Marta depois de farta» e «Morra Marta, morra farta» (MICHAËLIS DE VASCONCELOS 1986) terá contribuído, enquanto reminiscência paremiológica, para a elaboração do mote?

8-9: note-se a *derivatio despejados* — *pejarem*.

13-14: *façais / saldas as martas*: a expressão «fazer saldas» pode significar «saldar uma conta» ou, em sentido figurado, «pagar uma afronta» (MORAIS 1889), e proporciona três interpretações plausíveis. A primeira: o Conde vinga as martas da afronta de terem sido «postas de parte», «desprezadas» em favor de banais punhos de pano. A segunda: o Conde, ornando com os seus próprios versos aqueles pobres punhos de tecido, enaltece-os, imaginária e não menos jocosamente, à altura dos de marta. A terceira, dificilmente documentável: estamos talvez perante uma insinuação de uma pouco honrosa questão de ofertas ou promessas.

35

*Cantiga do Conde ao Barão e a Jorge da Silveira e Luís da Silveira
porque todos três fizeram ãa cantiga a Dom Pedro de Sousa
sobre ãa capa francesa que fez*

Sois ages no português,
nacestes para a gineta:
não se meta
nenhum de vossas mercês
em culpar trajo francês. 5

Parecer-vos-á tão mal
porque não vos está bem
senão bedém
e fota e todo al
de Tremecém. 10

Mas pois tão bem parecés
ambos de dous à gineta
(ou todos três),
não s'antremeta
falarmos no que trazés, 15
que vos falarão francês.

35. Cantiga muito irregular, que não se insere em nenhuma das formas típicas do género (cf. NAVARRO TOMÁS 1986, pp. 133 e 219): são de pé quebrado os versos 3, 8, 10, 13 e 14; o verso 13 apresenta-se como uma intromissão irregular, quer no que respeita ao esquema estrófico tradicional da cantiga quer no que mais particularmente concerne ao seu esquema rimático, fl. 81v.

Não se consegue identificar ao certo quem foi este D. Pedro de Sousa: BRAGA 1871, p. 393, crê que se trate de Pedro de Sousa Ribeiro, mas na p. 213 fala amiúde de outro Pedro de Sousa, Comendador e Alcaide-mor de Pombal, que participa no *Cuidar e Sospirar*, marido de Caterina Anriques e pai de outro poeta do *Cancioneiro*, Simão de Sousa (cf. n.ºs 39, 56 e 57). Não se encontra, portanto, explicação plausível para concluir qual dos dois foi o apodado.

A sátira composta pelos três apodadores de D. Pedro de Sousa não consta do *Cancioneiro Geral* (sobre a identificação dos três participantes, cf. *Introdução*, 2.3, notas 30 e 31).

2: *gineta*: modo de cavalgar com estribos curtos, à maneira árabe (cf. CORDEIRO 1885). A atribuição a qualquer uso de uma origem árabe (ou judaica) tem sempre uma intenção despectiva.

8: *bedém*: < árabe *badan*, capa mourisca sem mangas.

9: *fota*: < árabe *futa*, tipo de turbante.

10: *Tremecém*: cidade argelina perto da fronteira com Marrocos, muito famosa nos séculos XIII-XIV.

36

Outra sua a Aires Teles porque se apartava dele

Estudais e fogis de mi,
sois latino:
que quedas dá o ensino
do latim.

Trareis todo decorado	5
o Metamorfoseós,	
eu trar-vos-ei assombrado	
de rir de vós.	
Coitado, triste de ti,	
homem mofino	10
que foste nacer em sino	
de latim.	

36. Cantiga de pé quebrado nos versos 2, 4, 8, 10 e 12, sendo hipermétrico o v. 8 e sendo necessário aplicar a compensação para que o v. 10 seja metricamente correcto, fl. 81r.

Sobre Aires Teles, cf. *Introdução*, 2.2.

1: o verso seria hipermétrico, se não se levasse em conta o hábito articulatório português de elidir, em início de palavra, o som vocálico *e*, quando imediatamente anterior ao *s* seguido de consoante.

Note-se a rima imperfeita *mi* / *latim* (também nos vv. 9-12)

6: *Metamorfoseós*: refere-se às *Metamorfoses* de Ovídio. Note-se a acentuação aguda: era prática frequente na época a deslocação do acento, sobretudo em palavras clássicas e nos cultismos (cf. LIDA DE MALKIEL 1950, pp. 276-286 e CARRETER 1979, pp. 75-111).

11-12: *em sino* / *de latim*: em signo de latim, identificando o poeta, jocosamente, a língua latina com uma casa zodiacal particularmente nefasta.

37

*Trovas que fez o Conde ao Barão porque vindo com el-Rei d'Almeirim
pera Lixboa em um batel, se lhe destemperou o estômago e saiu em ãa
cervilha a fazer seus feitos em ãa lezira*

Abaixo d'Escaropim
através de Salvaterra
o Barão saiu em terra
quanto trouxe d'Almeirim.
Muito perto i defronte 5
nãa mui pequena ilha
acodiou ãa cervilha
e levou-o a pôr em monte.

Outra sua

Deixou o barco e as redes
por seguir o salvarnor, 10
fez os milagres que vedes
ant'el-Rei nosso senhor.
Quando o viram desfraldar,
o arraiz temeu a chea
e bradava cea, cea, 15
cara vos há-de custar.

37. Duas coplas castelhanas de 4 rimas, cada qual com rimas próprias, fl. 81r-v. Como em 34 e 35, o Barão é o Barão de Alvito (cf. *Introdução*, 2.3, nota 30).

Rubrica: Almeirim: no original, lê-se *Almerrim*. Emendou-se por analogia com a forma correcta que aparece no v. 4.

lezira: forma atestada por *lezíria* (MORAIS 1889).

1: fl. 81v.

Escaropim: localidade na margem esquerda do Tejo, no concelho de Salvaterra de Magos.

9-10: a reminiscência bíblica da chamada de S. Pedro e a paronomásia implícita entre *Salvador* / *salvanor* não se exime de um certo sabor de blasfémia. Aliás, tais referências eram sentidas apenas como legítimos recursos estilísticos (cf., a este respeito, LIDA DE MALKIEL 1977, pp. 291-309).

10: *salvanor*: «expressão popular empregada por Gil Vicente significando *salvo seja*, com o devido respeito; algumas vezes como substitutivo de uma palavra que designa uma parte do corpo que por decência não se quer pronunciar» (MORAIS 1889; cf. também DCECH V, p. 144, 12-14). Cf. nas *Trovas do Brazeiro* (fl. 175r-v, n.º 52), Diogo Fernandes: «Quem os vir querer entrar / dirá que são namorados / e, então, de despejados, / salvanor vão s'assentar / a cagar».

15: *cea*: do verbo *seiar* ou *sia*r, remar para trás.

38

Trovas que o Conde do Vimioso mandou de Santos a Dom Rodrigo de Crasto que estava na Beira per Dom João Lobo, seu genro, em que lhe manda novas de três damas, a que ele chamava as três Guiomares

Das três grandes Guiomares
 aquela que cá leixastes,
 singular das singulares,
 não me leixam seus pesares
 dizer como lhes lembrastes. 5
 Mas pois toco na trindade
 fazendo uberticlós
 chamam a vós suma idade
 e, quanto à saudade,
 não nacestes para nós. 10

Prosseguindo a rezão,
 perdoe Vossa Mercê
 que m'estorva a paixão
 também porque Dom João
 nunca quis perder maré. 15
 Entendei-me por acenos
 porém não vos enforqueis
 e pois tudo conheceis
 per um pouco mais ou menos
 já senhor bem m'entendeis. 20

38. Cinco décimas reais, do tipo 2x5, fl. 82r.

Para os dados sobre as personagens envolvidas e sobre a datação destas trovas, cf. *Introdução*, 2.3.

3: *singular das singulares*: superlativo hebraico (para o seu uso recorrente, cf. LIDA DE MALKIEL 1950, p. 188, e MORREALE 1961, p. 523).

6: *Tocar as trindades*: é também «O toque das Ave-Marias, à tarde» (MORAIS 1889). Note-se a utilização do termo *trindade* nesta sua acepção própria, cumulativamente com a sua aplicação jocosa às três Guiomares.

7: *uberticlós*: Propomos uma interpretação diferente deste termo da que Aida Fernanda Dias deu em DIAS 1978b, p. 61: «divertículo < diverticulu-, s. m.: ... distração, diversão, desvio». Parece-nos mais verosímil interpretar a palavra como uma deformação da expressão «ouvert et clos», invenção de D. Francisco a partir da expressão *trobar clos* e usando o seu contrário *ouvert*, em lugar de *leu*. Com efeito, o Conde falará nestes versos de modo claro — «ouvert» — e implícito — «clos» — daquelas três damas: a sua linguagem pretende, pois, ser ambígua. Esta interpretação parece ser confirmada pelo contexto, assumindo D. Francisco essa sua opção estilística na estrofe seguinte (vv. 16-20).

Quis ficar em Santarém
 mas não sei porque o quis,
 aquela que mais vos tem
 por quem não vivem também
 outros sessenta d'Avis. 25
 Não sabemos s'há-de vir,
 se se vai par'Azeitão
 mas desisto presumir:
 é alheo o fengir,
 sendo minha a paixão. 30

A outra per encubertas
 veio todo este caminho
 enjeitando cousas certas
 polas veniais profertas
 tão certas de Dom Martinho. 35
 Faz-se santa nestes Santos
 por nos dar mores aferes,
 faz-se-me chea d'espantos
 mas *o mis secretos llantos,*
cum preverso preverteris. 40

31-40: Pode-se hipotizar, devido às alusões aí contidas, que estes versos talvez se refiram a D. Guiomar de Meneses, a qual, como está documentado (BRAAMCAMP FREIRE 1907, p. 294), se retirou para um convento, o que também Garcia de Resende confirma (fl. 216v): «Dona Guiomar de Meneses / está fora há oito meses / do Paço, num monsteiro: / nunca houve terreiro / nem no bailar antremeses». Mas o próprio BRAAMCAMP FREIRE 1910, p. 24 diz não se tratar da mesma D. Guiomar...

35: *D. Martinho*: será por acaso D. Martinho da Silveira, tio deste D. João Lobo mencionado na *rubrica*?

36: o Conde joga aqui com a bissemia da palavra: o substantivo e o topónimo. Lembre-se que a Corte esteve alojada em Santos de Fevereiro até Abril de 1511 (cf. *Introdução*, 2.3).

37: *aferes*: galicismo, por «ocupações, cuidados, negócios» (MORAIS 1889).

39: Verso citado por DIAS 1978, p. 185, com um asterisco a significar a não identificação do texto de que provém. A forma recorda, porém, o v. 21 das décimas de Lope de Estúñiga «O si mis llagas mortales»: «Et mis infinitos llantos». Os textos de Estúñiga deviam circular também em Portugal, tanto que no próprio *Cancioneiro Geral* Jorge de Resende emprega o *incipit* de uma *copla* deste autor, como mote de uma sua *grosa* (fl. 188r), «Secreto dolor de mí». Pode-se, pois, supor que o verso 39 de D. Francisco nasça da interpolação destes dois versos de Estúñiga.

40: Não concordamos com a transcrição de DIAS 1990, n.º 279, que lê «qu'um perverso...». *Cum preverso preverteris* está contido na versão antiga da *Vulgata* (2Sam 22.27, Ps. G 17. 27): «com o preverso procederás segundo a sua perversidade». Note-se

Fim

O falar na derradeira
 tenho eu por grã perigo,
 porque vós estais na Beira.
 Eu, se cuido na primeira,
 quero calar o que digo. 45
 Vai-m'assi dessimulando
 que m'é rezão já responso
 mas eu vou-me confortando
 porque brado por Hernando
 e ela morre por Alonso. 50

a característica metátese de *r*. Nas cópias conservadas na Biblioteca Nacional de Lisboa, o verso sofreu a expunção da Inquisição. A presença de versos latinos — em prevalência litúrgicos — intercalados em textos vulgares é documentada desde o século XII (cf. ZUMTHOR 1973, p. 313).

39

*Trovas que o Conde do Vimioso mandou a Simão de Sousa da maneira
que havia d'achegar à corte vindo d'Arzila*

Guai de mim se não tivera
quem lá tem tudo na mão,
a chegar não m'atrevera
se vos eu não conhecera
ò pôr desses pés no chão. 5
Eu vou bem amedrontado
polo costume d'além:
se lá achar paço picado
compre-vos tomar cuidado
que não fale mal nem bem. 10

Tenção levo de seguir
todo auto de guerreiro
e damas nunca servir
haver brigas sobre rir
ser amigo d'escudeiro. 15
Direi lá que dei cá tudo
falarei na valentia
prezar-m'ei de siso rudo
meterei, como sesudo,
a Dom Nuno senhoria. 20

39. Décimas reais do tipo 2x5, fl. 82r-v.

Sobre Simão de Sousa e a provável datação destas trovas, cf. *Introdução*, 2.3.

1: fl. 82v.

Guai de: esta interjeição, equivalente a «ai de», utilizada por Gil Vicente para caracterizar a fala das personagens judias (cf. TEYSSIER 1959, p. 220), encontra-se frequentemente na lírica de cancionero sem que queira conotar a etnia de quem a usa (cf. 51, 22).

5: *ò pôr*: no or., lê-se *o por*. Consideramos que o verbo *atrevera* (v. 3) reja os dois infinitos (vv. 3 e 5). Aliás, este v. 5 reforça, utilizando o processo retórico do *climax*, o conceito expresso no v. 3.

8: *paço picado*: expressão que tem como base a mais utilizada *mar picado*, isto é, «agitado ou encapelado» (MORAIS 1889): o Conde talvez receie não ser bem recebido na Corte, depois dos acontecimentos não propriamente gloriosos que em Arzila se passaram (cf. o cap. 1).

16: *direi lá*: isto é, «direi, quando estiver na Corte, que gastei tudo na expedição de Arzila»: lembre-se o que as testemunhas da época dizem com respeito aos gastos de D. Francisco durante o cerco de Arzila (cf. cap. 1). Note-se o jogo dos deícticos *lá-cá*.

20: *Dom Nuno*: com toda a probabilidade será de identificar com Nuno Fernandes de Ataíde, presente em Arzila como capitão-fronteiro já antes da chegada de D. Francisco,

Assi espero de notar
 o que el-Rei disser à mesa,
 sôfrego no meu lugar,
 se comigo atrevessar
 hei-d'amostrar que me pesa. 25
 Nas portas porque é perigo
 siso é quem bem se poupa,
 queria buscar amigo
 que m'ouvisse o que digo
 nas arcas da guarda-roupa. 30

Tenho rocim da carreira
 já sabeis mouro mandil,
 que supra por d'estribeira
 há-d'andar alta a conteira,
 agulhetas d'ouro mil. 35
 Estribos de tauxia,
 nominas, sela de Fez,

ou seja, antes do segundo cerco por parte do rei de Fez. D. Nuno, que gozava de grande respeito e honra na praça africana, era tratado pelo Governador D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, por «senhor sobrinho» (cf. RODRIGUES 1929). Daí vem, provavelmente, a afirmação do Conde «meterei senhoria a D. Nuno».

31: *rocim da carreira*: o rocim é geralmente considerado um cavalo pequeno e fraco (cf. MORAIS 1889, MACHADO 1977, DCECH, CORDEIRO 1885), tanto que existia nos forais antigos a distinção entre *carga de machos e cavalos* e *carga de rocim e asno* (cf. SANTA ROSA VITERBO, artigo *rocina*). Definir um rocim *da carreira*, ou seja, de corrida, parece uma contradição irónica ou, se séria, devida ao provável uso desta espécie de cavalo por parte das populações árabes.

32: *mandil*: Deriva do latim *manetele* e significa em primeira instância «tecido grosso». Em Portugal a palavra é usada quase exclusivamente para indicar a «toalla, especialmente la empleada para el caballo» (cf. DCECH, artigo *mantel* e CORDEIRO 1885). Como nesta estrofe o Conde trata de arreios, parece mais lógico interpretar *mandil* nesta última acepção, e não optar pelo significado de *moço de estrebaria* como faz DIAS 1978b, p. 43, perseguindo as etapas de alargamento semântico que esta palavra sofre: *mandil*, de facto, define também o avental, o pano para lavar os cavalos e portanto, por transposição, o estribeiro.

33: *supra*: adv. por *sobre*. O verso é de entender: «que por supra d'estribeira». O Conde querará dizer aqui que a *conteira* (v. 34) tem que ficar bem alta em relação aos estribos.

34: *conteira*: peça com que se reforça a ponta da bainha das espadas (MORAIS 1889).

35: *agulhetas*: remate de metal em que terminam as pontas dos cordões que servem de ornamento (MORAIS 1889).

36: *tauxia*: também esta palavra foi estudada por DIAS 1978b, p. 57, e tem o significado de objecto embutido de metal (cf. também MORAIS 1889).

37: *nominas*: prego dourado em arreios de bestas de carga (como é efectivamente o rocim).

dous pontinhos da Aravia,
quisera levar trosquia
por ir todo dum jaez. 40

De pelote, de gibão
me mandai certo preceito
se capuz, se balandrão
para chegar cortesão
na contenença, no jeito. 45
Da barba e do cabelo
venha certa a contia
porque me compre sabê-lo
que queria ir a pelo
guardando fonfarraria. 50

Se virdes que vou errado
Vossa Mercê o emende:
lançar-m'ei mais achumbado,
farei olhas do passado
porque tudo se entende. 55
De tudo o que farei
venham regras decraradas
e assi onde pousarei
que não digam que cheguei
lá per via d'alcaladas. 60

38: *pontinhos*: talvez se tenha que interpretar como os pequenos pontos utilizados na confecção de luvas (MORAIS 1889).

aravia: por Arábia.

39: *trosquia*: por *tosquia*, crítica: o Conde quer que Simão de Sousa lhe diga se todo este aparato ornamental que acaba de descrever será adequado às modas da Corte.

40: *jaez*: com o duplo sentido de «arreios» ou «aspecto».

41: *pelote*: casaco sem mangas.

gibão: vestido que ia até à cintura e que se trazia debaixo do *pelote*.

43: *balandrão*: vestido de origem árabe com capuz e mangas largas.

Os versos 41 e 43 estão portanto em oposição entre si: o Conde não sabe se na Corte portuguesa estão na moda costumes ocidentais (v. 41) ou mouriscos (v. 43).

47: *contia*: forma arcaica de *quantia* (MORAIS 1889).

49: *ir a pelo*: «vir a pelo: a tempo, a propósito, a gosto» (MORAIS 1889).

54: *farei olhas*: expressão que, até agora, não encontramos documentada. Como existe o modo de dizer «fazer olha gorda» com o sentido de «ser causa de alguma utilidade ou proveito» (MORAIS 1889), então, poder-se-ia entender que o Conde queira enaltecer o próprio passado de fidalgo se, por acaso, chegasse à corte esquecido dos modos e das modas do *paço*, como se, portanto, lembrar o passado o pudesse salvar de algumas acusações de rudeza ou provincianismo.

60: *alcaladas*: conforme os linguistas, o termo define ou a rede com que se protege

Cabo

Guardai-vos, não vades dar
 co isto pola porrim
 qu'amigo podeis topar
 que cuide que por trovar
 mandar trovas cab'em mim. 65
 Pode mais enfadamento
 que escusar-me de certeza
 e também contentamento
 de ver vosso fundamento
 para minha gentileza. 70

os cavalos (MORAIS 1889), ou a «rede de lançar por cima dos cavaleiros» (MACHADO 1977), ou, ainda «coleira, parte inferior do freio. Séc. XV» (MACHADO 1991). Seja como for, no contexto em questão, parece que o termo queira definir algo de grosseiro: o Conde deseja que não se diga que ele falte em requinte e em fineza e, por isso mesmo, pede a D. Simão de Sousa regras de comportamento claras e definidas (v. 57).

62: *porrim*: Há mais duas atestações desta palavra no *Cancioneiro Geral* em que o termo serve para definir o cortesão que teve o atrevimento de cortar a barba e portanto o seu provável significado parece ser o de «efeminado»: «Vi-o tão abocetado e tão porrim / que disse logo antre mim: / est'homem vem enganado» (fl. 90r); «Vós já guardai-vos de mim / e crede que vos convém, / que segundo a barba vem / vós deveis de vir porrim» (fl. 124r). Neste verso de D. Francisco, pelo contrário, parece que *porrim* faça parte de uma expressão fixa «ir dar pela porrim», cuja interpretação mais plausível, dado o contexto, seria a que incide sobre a preocupação do Conde de que não se saiba do seu apelo a Simão de Sousa. Exortaria ele o cortesão a não «dar à língua», em suma.

66-70: D. Francisco agradece antecipadamente a D. Simão de Sousa, certo de poder contar com a sua ajuda na tarefa de recriar para si próprio uma imagem de impecável cortesão.

40

*Breve do Conde do Vimioso dum momo que fez sendo desavindo,
no qual levava por antremês um anjo e um diabo,
e o anjo deu esta cantiga a sua dama*

Muito alta e eicelente Princesa e poderosa Senhora.

Por m'apartar da fé em que vivo, muitas vezes fui tentado deste diabo e de todas, minha firmeza pôde mais que sua sabedoria porque tão verdadeiro amor de tão falsas tentações não podia ser vencido. E conhecendo em seus experimentos a grandeza de minha fé, me tentou na esperança, pondo diante mim a perda de minha vida e de minha liberdade, havendo por empossível o remédio de meus males. E com todas estas cousas não me vencera, se mais não poderam os desenganos alheos que o seu engano, com os quais desesperrei e fui posto em seu poder. Mas este anjo que me guarda, vendo que minha desesperança não era por minguia de fé nem minha pena por minha culpa, se quis lembrar de mi e de quem me fez perder em me trazer aqui porque com sua vista o diabo me soltasse e ela vendo meus danos, da parte que neles tem, se podesse arrepender.

Cantiga que deu o anjo

Señora, no quiere Dios
que seais vos homecida,
em ser el alma perdida
de quien se perdió por vos.

Ordenó vuestra crueza	5
qu'este triste se matasse	
en dexarvos y negasse	
vuestra fe qu'es su firmeza.	
Mas ha permitido Dios	
que por mí fuesse valida	10
su alma y que su vida	
se torn'a perder por vos.	

40. *Breve*, em prosa, e cantiga, fl. 86r.

Para a discussão acerca deste *Breve*, cf. *Introdução*, 2.3. Veja-se, ainda, n.º 29.

9-12: a alegoria da tentação e da queda no pecado (o *perdimento*) expressa na prosa, conclui num paradoxo amoroso: a alma do *amante* não correspondido, perdida devido à paixão pela dama, salva-se apenas para voltar a perder-se, isto é, para tornar a amá-la.

41

Do Conde do Vimioso

Oh, morto sentido de vivo sentir,
 válido engano d'enganoso valer,
 começo das cousas qu'em nada vão ter,
 poucas cautelas, grã presumir;
 perdido o geral, geral no fengir, 5
 estreitos preceitos de bem te tratar,
 por muitos que fazes em tudo falar,
 te deve, quem ouve, sempre servir.

Oh, doc'escondido nojoso rumor,
 que nome porei a tua excelência? 10
 Que tu não es obras nem es eloquência
 mas daqui nace teu doce sabor.
 Saber-te na vega e não ser senhor
 e este saber porém guarnecido
 que pois per sisso em ti é perdido, 15
 vede que fará um grã semsabor.

Mas quem haveria que nada cuidasse
 que de ti podia mostrar nem dizer,
 se aquilo que fica par'o entender

41. Três estrofes de arte maior, com três rimas, fls. 85v-86r.

DÍAS 1990, n.º 299, julga que estas estrofes façam parte da *pregunta* a Garcia de Resende (cf. n.º 45), já que a precedem e são também de *arte maior*. Nós não estamos certos dessa conclusão, apesar de notarmos prováveis afinidades entre as duas composições, que não apresentam, todavia, o mesmo esquema rimático — por isso, as transcrevemos separadamente. Esta composição do Conde aparece bastante enigmática. Parece descrever, nem sempre com muita evidência, alguns aspectos da vida da corte: a importância da aparência, do fingimento, da subserviência (1.ª copla); os mexericos e maledicências (2.ª copla); a impotência em revelar maquinações e complôs (3.ª copla).

10: *tua excelência*: no original lê-se *tu*. A omissão do *a* surge provavelmente por atracção do *tu* do verso seguinte.

13-16: *vega*: interpretamos *veiga*. O sentido não é claro. Poder-se-ia talvez entender: o rumor, pois é escondido (v. 9) não pode ser «senhor» às claras, mas de qualquer modo os seus efeitos são ainda piores. DÍAS 1990, n.º 299, transcreve, ao v. 13, «Saber te navega».

17: fl. 86r. Neste verso surgem problemas com a resolução dos *tis*. Lê-se no texto: «Mas quẽ haveriã que nada cuidasse». Poder-se-ia pôr a hipótese de um deslizar do *til* do *que* relativo, sobre o qual devia inicialmente encontrar-se, para o verbo que o precede, e interpretar «Mas quem haveria qu'em nada cuidasse».

em bem se calar se não declarasse. 20
 São cousas sem nome que quem nas mostrasse
 per exce de poucos ind'as fiaria
 porque não caissem em tal fantasia,
 que já deccaradas as mais não danasse.

21: *quem nas*: quem as.

22: *per exce*: sic.

42

*Trova do Conde do Vimioso estando em Belém enfadado do tempo
e das cousas dele*

Isto acho em Belém:
vejo dalém uns oiteiros
que não dizem mal nem bem
a quem conte meus marteiros.

Falo-lhes sem esperar	5
resposta do que lhes digo:	
outro tanto vi achar	
no amigo e no inimigo.	
Disto vivo em Belém:	
descanso de ver oiteiros	10
que respondem co que tem	
e são muitos verdadeiros.	

42. Esta cantiga encontra-se no Cancioneiro de Évora, fl. 1r (ed. ASKINS 1965) e no *Cancioneiro de Corte e de Magnates* (ed. ASKINS 1968), fl. 68r. Transcrevemos aqui a lição de Évora e damos o aparato das variantes no **Apêndice 2**.

O primeiro editor do *Cancioneiro de Évora*, V. E. Hardung (HARDUNG 1875), julgava erroneamente que o autor desta cantiga fosse o 2.º Conde de Vimioso, D. Afonso de Portugal. Esta composição remonta ao período da vida de D. Francisco posterior ao afastamento da corte: i. é, posterior a 1543 (cf. cap. 1).

10: *de + inf.* com valor causal: cfr. 13, 18.

43

*Do Conde do Vimioso a Manuel de Goios não querendo
sua dama que a ele servisse*

Amores que meu cuidado
fizeram ser de tristura,
por me verem mais penado
me deram já sem ventura
por maior pena, soltura. 5
Soltura de não quererem
ver-me em sua prisão
porque sabem se quiserem
que sempre eu certo são
e seu é meu coração. 10

Ter-me por seu avorrece
quem me forçou a o ser,
o triste de mim padece
em desejar e querer
por descanso seu padecer. 15
Assi que sempre penando
vivo livre e vencido,
dobram-se meus males quando
me vejo d'Amor ferido
e dele avorrecido. 20

Só me sostém esperar
o fim do meu mal comigo
que não devia tardar
pois desta vida que sigo
o viver é mor imigo. 25
E com esta esperança

43. Quatro décimas reais, do tipo 2x5, fl. 85r.

Este «desabafo» do Conde será de pôr em relação com a glosa ao mote *tantas cousas lhe avorressem / qu'ê razão que m'avorreça* (n.º 15)? Tratar-se-á, em suma, da mesma dama?

1: *Amores*: geralmente a lírica *cancioneril* exprime, com o plural, a experiência particular, e, com o singular, o seu valor absoluto e abstracto (cf. AA. VV. 1986, p. 144).

5: *soltura*: em anadiplose com o verso sucessivo.

11: *avorrece*: note-se o poliptoto, com que se inicia e conclui a copla (v. 20).

15: Verso hipermétrico, que se pode emendar em «por descanso, o padecer», por analogia com o v. 88 da n.º 30: «mi descanso el padecer».

minha dor é mais crecida
 porque com sua tardança
 se alonga minha vida
 e não é já concludida. 30

Em tal extremo me vendo
 a vós me quis socorrer,
 senhor meu, porque entendo
 que com vosso entender
 me possais vós só valer. 35
 Mas se deste mal tão forte
 cura não poder haver,
 vós sintireis minha morte
 e senti mais o viver
 pois vos dói meu padecer. 40

Resposta de Manoel de Goios polos consoantes.

Ando triste, desvelado
 após toda criatura
 provicand'este cuidado
 e acho qu'esta largura
 é por maior estreitura. 45
 Pera melhor nos prenderem
 soltam com a condição
 e tem lá para nos terem

33-34: Aprecie-se a *derivatio* que tem por base a bissemia de *entender*: *entendo* (v. 33) «julgar, pensar, ter por conclusão máxima» e *entender* (v. 34), infinitivo substantivado com o significado de «inteligência, compreensão, sabedoria».

41-80: Resposta de Manuel de Goios em quatro décimas reais que, como exige o género (cf. LE GENTIL 1981, I, p. 461), são do mesmo tipo das do Conde, e de igual esquema rimático, fl. 85r-v.

Manuel de Goios, filho do Alcaide-mor de Mértola Estêvão de Goios e de Isabel de Ataíde, foi Porteiro-mor de D. Manuel e Capitão da Mina. Encontrava-se na embaixada que, em 1498, acompanhou o rei e a rainha D. Isabel a Castela para serem jurados herdeiros (cf. GEPB, *artigo Goios (Manuel de)*). Além de intervir em numerosas composições colectivas, poesias dele aparecem nas fls. 212r-213v do *Cancioneiro Geral*.

41: *desvelado*: de *desvelar*, *desvelo*: «a vigília e cuidado que tem o que vigia que deixa de dormir por motivo de estudo, cuidado, aplicação» (MORAIS 1889). É um dos sintomas típicos que, desde Hipócrates, indicava a «doença de amor» (cf. CIAVOLELLA 1986).

43: *provicando*: de «*provicar*: Publicar» (SANTA ROSA VITERBO II, p. 499).

44: *largura*: em sentido figurado, o facto de a dama não o querer como *servidor*.

45: *estreitura*: em senso figurado, por angústia.

nossa firme afeição
que vence toda razão. 50

O que me disto parece
sempre lho vereis fazer,
que a quem lhe mais merece
estimam menos perder
polo não satisfazer. 55
Polo qual isto julgando
que sejais muito sofrido
da parte d'Amor vos mando
porqu'assi fere Copido
o vencedor como vencido. 60

Vosso grã desesperar
é da morte tão amigo
que não se pod'apartar
a vida deste perigo
qu'este bem vos traz consigo. 65
E deveis ter confiança
em cousa tão conhecida
e nunca fazer mudança
por ser logo guarecida
ou primeiro destroída. 70

Deste mal ando gemendo
e não posso guarecer,
nem somente me defendo,
nem vos posso defender
de quem me tem em poder. 75
Em tão desastrada sorte
não há cura de saber
nem vida que a conforte,
mas viva vosso querer
pera mais cedo morrer. 80

52: O sujeito é as damas.

60: Verso hipermétrico.

66: *confiança*: trissílabo.

73: Note-se a anáfora da negação *nem* (v. 74, v. 78).

44

Vilancete do Conde do Vimioso

Meu bem sem vos ver
se vivo um dia
viver não queria.

Caland'e sofrendo
meu mal sem medida, 5
mil mortes na vida
sinto não vos vendo.
E pois que vivendo
moiro todavia,
viver não queria. 10

Outra sua

A vida sem ver-vos
é dor e cuidado
que sinto dobrado
querend'esquexer-vos,
porque sem querer-vos 15
já não poderia
viver um só dia.

Já tanta paixão
valer não podera,
se vos não tivera 20
em meu coração.
Sem tal defensão,
meu bem, um só dia
viver não queria.

44. Vilancete em redondilha menor, com três mudanças, fl. 85v.

DIAS 1990, julga tratar-se de duas composições distintas (n.ºs 297 e 298): a primeira consistiria nos vv. 1-10, e a outra (vv. 11-25), seria seguida pela *ajuda* de Garcia de Resende. Não concordamos com esta divisão, pois as rimas do mote são retomadas em cada estrofe — o que quer dizer que o vilancete foi elaborado como uma composição única.

13: A concordância é feita com o singular, uma vez que os dois substantivos do verso precedente representam a mesma ideia.

Ajuda de Garcia de Resende

Sospiros, cuidados, 25
 paixões de querer
 se tornam dobrados,
 meu bem, sem vos ver.
 Nom sinto prazer,
 sem vós um só dia 30
 viver não queria.

Não quero nem posso
 nem posso querer
 viver sem ser vosso
 e vosso morrer. 35
 Pois isto há-de ser
 por morte haveria
 não vos ver um dia.

25-38: Ajuda, composta de duas coplas que, de acordo com a regra do género, representam uma mera continuação condescendente, e prosseguem com o esquema rímico das mudanças do Conde, fl. 85v.

Acerca de Garcia de Resende, poeta, cronista e compilador do *Cancioneiro*, cf. CRABBÉ ROCHA 1987, DLMGP 1993 (artigo *Garcia de Resende*) e o volume a ele dedicado nesta colecção.

32-35: apreciem-se os dois quiasmos construídos com o poliptoto e a antítese.

45

Pergunta do Conde do Vimioso a Garcia de Resende

Qual é'quela cousa que nunca se viu
 e é mais conhecida por seu parecer,
 para a bem sentir ciência compriu
 sendo sentida sem entender;
 contraira e amiga do seu mesmo ser, 5
 querida de quem por ela padece,
 a quem mais descansa, mais avorrece
 do bem e do mal efeito, a meu ver.

Reposta de Garcia de Resende polos consoantes.

Saber, gentileza em vós s'envestiu,
 vertude quis tanto em vós froreecer 10
 que quem vos não serve nem inda serviu
 será por bem craro vos não conhecer.
 E eu por servir-vos vos quis responder
 e digo qu'em vós se vê e conhece:
 é cousa de sorte que se desfalece 15
 falece amizade e grã bem querer.

45. *Pergunta* do Conde em forma de uma copla de *arte maior*, com o habitual sistema de três rimas, fl. 86r.

DÍAS 1990, julga esta composição a prossecução das estrofes de *arte maior* «Oh, morto sentido ...» (cf. n.º 41).

A *pergunta* de D. Francisco, sendo mais propriamente um *enigma* (cf. *Introdução*, 2.4), é obscura; mas o que mais a torna tal é, ainda, a *reposta*, que, com procedimento anómalo, não resolve, antes complica o quesito do Conde. Talvez se possa pôr em relação com a n.º 41 e com a carta-memorial redigida por D. Francisco, interpretando, então, que «a cousa que nunca se viu» é o favor do Rei.

9-16: *Reposta* de Garcia de Resende, numa copla de *arte maior*, com as rimas em correspondência com as da *pergunta*, fl. 86r.

Sobre Garcia de Resende, cf. 44.

9: Note-se a concordância no singular (cf. 44, 13).

46

*Do Conde do Vimioso a Luís da Silveira por ãas mangas
que fez de cetim co avesso para fora*

Senhores não seja só
a ãas mangas que vi
d'avesso e não por dó,
se não se for do çati.

Altas mangas, doce jeito,	5
grã maneira d'antremês,	
tão cheas de seu respeito	
que por não terem direito	
são trazidas ò revés.	
Trazidas mas não por dó	10
do coitado do çati	
que de velho, feito em pó,	
tantas voltas fez de si.	

*Reposta de Luís da Silveira ao Conde sobre outras mangas
que trazia de veludo, estreitas e acaireladas.*

Tenho muito bons embargos	
contra o qu'este senhor diz	15
que não pode ser juiz	
de quem anda em trajos largos.	
E a mais prova, este i queda,	
dou aquesta só rezão	
que a sua jurisdição	20

46. Pergunta em forma de cantiga com mudança de 5 versos, fl. 182r.

Rubrica: *cetim*: tecido de seda (MORAIS 1889)

4: *çati*: (e no v. 11) o mesmo que *cetim*.

6: *antremês*: em sentido lato, por espectáculo: o feitio das mangas de D. Luís da Silveira torna-se um verdadeiro espectáculo para quem as vê.

14-47: Reposta de Luís da Silveira formada por duas estrofes de 9 versos, e duas coplas castelhanas. Ele baseia a sua invectiva no facto de que D. Francisco, ainda ligado à velha moda gótica das formas estreitas e lineares, não pode ser juiz de quem, ao invés, representa a nova tendência estilística, que impõe formas ricas e amplas (cf. EIC, e 34).

Sobre Luís da Silveira, cf. *Introdução*, 2.3, nota 31.

18: *este i queda*: este senhor (o Conde) fica aí.

20: *jurdição*: forma arcaica, por *jurisdição* (SILVA NETO 1986, p. 508).

atá três côvados de seda
se estende e mais não.

O que lhe fez parecer
que não jazia nas custas
fazer as suas tão justas 25
que não há i que dizer
Mas pois a cousa vai crua,
lançai lá sobr'elas sortes
que vem a conceber motes
em seneitude sua. 30

As vossas mangas, senhor,
tem bem de que se queixar
que sobre tanto suor
fostes-lhe mui mal pagar.
Sois mui desagradecido, 35
lembra-vos mal o passado
qu'a vós tem muito servido,
mui grossos caireis sofrido
e doces pontos levado.

Cabo

Foram-vos muito fiés, 40
passaram cem mil andaços,
vem já da cabeça os braços
e estavam pera ir os pés.
Mas pois que por galardão

21: *côvados*: unidade de comprimento, equivalente a cerca de 0,66 cm.

25: *as suas*: no original lê-se *a suas*. A integração é necessária à concordância do plural.

27-30: Versos que constroem o seu efeito satírico sobre duas reminiscências bíblicas: a primeira, da divisão da veste de Cristo: «... et super vestem meam miserunt sortes» (Ps. 22, 19); e a segunda, da concepção na velhice, de Sara: «Concepitque et peperit filium in senectute sua» (Gn. 21,2) ou de Elisabete: «Et ipsa concepit filium in senectute sua» (Lc 1,36). Note-se o uso do pseudo-latim, com finalidades satíricas, no v. 30 (cf. também 38, v. 40).

35: *desagradecido*: no original, lê-se *desaguardecido*.

42-43: *os braços / os pés*: a lição do *Cancioneiro* não faz sentido. Pode-se todavia emendar em *aos braços* e *aos pés*, e entender que o tecido usado pelo Conde para as mangas fora precedentemente usado para o barrete, e estava para ser utilizado para a confecção das meias.

as vindes meter em motes, 45
 não no saibam os pelotes
 que vos não aturarão.

46: *нãо нo*: não o.
pelotes: cf. 39, 41.

47

*De Luís da Silveira ao Conde do Vimioso porque trazia no barrete
um coração d'ouro*

O vosso coração d'ouro
provar-vos-ei por razão
que é maior que o dum touro,
mais bravo qu'o dum lião,
mais leal qu'o mesmo mouro. 5

Ele foi mal justificado
não send'as obras tão más,
foi pola bolsa tirado
que é mor dor que por detrás.
Trazeis o coração d'ouro, 10
trazeis d'ouro o coração
que é maior que o dum touro,
mais bravo qu'o dum lião,
mais leal qu'o mesmo mouro.

João Rodrigues de Sá

Não há i quem se conheça 15
pois vós vos não conheceis
e que vos assi pareça,
sabeis quanto me deveis:
de vo-lo ver na cabeça,
me caiu o meu òs pés. 20

47. Luís da Silveira (cf. *Introdução*, 2.3) compõe uma cantiga a que segue mais uma mudança e uma volta composta por João Rodrigues de Sá. A mudança elaborada por este último é, porém, uma estrofe de 6 versos com rima alternada. Fl. 182r-v. João Rodrigues de Sá, senhor de Séver, filho de Anrique de Sá, poeta do *Cancioneiro* e Alcaide-mor do Porto, foi cavaleiro fidalgo do rei D. Afonso V (BRAGA 1871, p. 181) e sucedeu ao pai na alcaidaria. É o famoso tradutor de algumas epístolas ovidianas das *Heróides*, incluídas no *Cancioneiro*, fls. 119v-122v (outras composições dele encontram-se nas fls. 114v-123r). Já velho, casa com D. Camila, filha de D. Martinho de Castelo Branco. Morre em 1579. Resolve a questão da sua hipotética longevidade COSTA RAMALHO 1983 (pp. 199-202), fixando a data de seu nascimento em 1486 (e não 1474, como pensava Barbosa Machado). BRAAMCAMP FREIRE 1944, na p. 145 reproduz a árvore genealógica dos Senhores de Séver.

16: note-se que a rima deste verso com os parceiros 18 e 20 é imperfeita: *-eis*, *-eis*, *-és*, mas admitida (cf. 32, v. 1 da cantiga de Secutor).

Dond' é o vosso tesouro
daí é o coração,
o vosso coração d'ouro
mais santo que o dum mouro,
mais mouro qu' o dum cristão. 25

Resposta do Conde do Vimioso.

Quem diz qu' o meu coração
é de metal,
anda longe de seu mal.

Se metal quereis que seja
lavra-se com grã fatiga, 30
funde-se de dor sobeja,
são seus males sua liga.
Queira Deus qu' alguém persiga
este mal
que o tem doutro metal. 35

Sua

Por não ser falseficado
dão-lhe mil toques mortais,
não me fica dele mais
que o nome e o cuidado.
Se digo que são roubado 40
deste mal,
não me ouvem nem me val.

Sua e Cabo

Do que meu coração sente
não no culpe senão eu
pois seu mal todo é meu 45

26-49. A resposta do Conde é um vilancete com três mudanças, que apresenta o pé quebrado no segundo, no nono, no décimo sexto e no vigésimo terceiro verso, fl. 182v.

27: para contar correctamente, é preciso aplicar a regra de compensação.

40: fl. 182v.

44: *não no*: não o.

45: note-se o jogo que se estabelece com o possessivo *meu* (antítese e anadiplose com o verso sucessivo).

e meu bem todo ausente.
Quem disto vive contente
e não quer al,
porque dizem dele mal?

48: tem que se aplicar a sinafia, para que este verso seja metricamente correcto.

48

[De Aires Teles]

Cantiga sua que fez um dia que de todo se desaveo

Desejando sempre vida
foi grã dita não na ter
pola agora não perder.

E co esta vida tal
tenho o que não tem ninguém,
qu'os desastres que me vem
não me fazem bem nem mal.
Isto é culpa de quem
me nunca deixou haver
a vida per'a perder.

Por meu mal que não tem cura
tenho eu isto provado
qu'ô mais mal aventurado
mais seguro é da ventura
e o mais desenganado
de ter bem e ter prazer,
é o mais de o perder.

Ajuda do Conde do Vimioso

Quando vida desejei
 não entendia viver,
 qu'era cousa de perder
 o qu'em perder-me ganhei. 20
 Mas agora que o sei
 a vida que hei-de ter,
 tê-la-ei sem na querer.

48. Vilancete com duas mudanças, fl. 198v.

Sobre Aires Teles, cf. cap. *Introdução* 2.2, nota 21.

2: *não na: não a.*

18-24: A ajuda do Conde é uma esparsa que tem as características de uma ulterior mudança do vilancete precedente.

20: *que*: causal.

24: *sem na: sem a.*

49

[De Aires Teles]

*Trova sua que mandou ao Conde do Vimioso um dia que falou à senhora
Dona Joana Manuel num serão da Coresma*

Oh, que ditoso falar
foi o vosso no serão.
Oh, que boa confissão
pera s'a moça salvar,
mas vós não. 5
Oh, alma de Dom João
lá onde quer que estás,
quanta pena que terás.

Resposta do Conde do Vimioso

Se tivera que dizer
faleceu-m'a fantasia 10
qu'eu só tenho ousadia
pera meus males sofrer.
S'os mortos podem saber
dos vivos o seu viver,
Dom João lá onde estás 15
que dó de mim haverás.

49. Copla com pé quebrado no quinto verso, fl. 198v.

Sobre Aires Teles, cf. *Introdução*, 2.2, nota 21.

Rubrica: BRAAMCAMP FREIRE 1944, p. 87, conclui que Dona Joana Manuel é a filha do poeta D. João Manuel, presente no *Cancioneiro Geral*, fls. 48v-56v (a identidade deste poeta foi alvo de uma prolongada discussão: cf. BOTTA 1981, pp. 111-122), primeira esposa de D. Alonso Pacheco, ele também poeta, mas de menor importância, do *Cancioneiro* (fls. 148v, 152v, 153r). Muito provavelmente, então, a alma de *D. João* invocada nos vv. 6 e 7 das duas coplas, é a do pai da senhora. Se assim for, estas trovas devem ter sido compostas depois de 1500, provável ano da morte de D. João (cf. DLMGP 1993, artigo *João Manuel (Dom)*).

9-16: A resposta do Conde é «pelos consoantes», sem, contudo, utilizar versos de pé quebrado.

50

Do Conde do Vimioso a três damas que se foram ãa noite do serão

Rifão do Conde

É rezão que vos lembreis
pois ver-vos não nos deixais,
senhoras, que perdereis
as vidas que nos tirais.

Sua

E não que possa já ser	5
que doutrem sejam vencidas	
mas porque por vos não ver	
as havemos por perdidas.	
Será bem que vos lembreis	10
do que nisso aventurais,	
que nós não perdemos mais	
que quanto nisso perdeis.	

Outra sua

Que posso dizer de mi	
que chegue ao que sento?	
Pois por ver-vos me perdi	15
e depois que vos não vi	
vi dobrado perdimento.	
Que com isso vós folgueis	
pois sois a que o causais,	
lembre-vos que perdereis	20
a vida que me tirais.	

[...]

50. Cantiga com rifão tetrástico e 2 mudanças: o *rifão* serve de tema a outras três coplas, que, do ponto de vista do conteúdo e da recuperação das rimas, se manifestam como *mudanças* e que são compostas por três poetas distintos: Jorge Barreto, o Craveiro e Manuel de Goios. Fl. 144v.

13-14: a interrogação retórica exprime aquilo que CURTIUS 1984 (p. 231), ao referir-se ao panegírico, designa como a «tópica de lo indicible»: D. Francisco nada pode exprimir de adequado ao seu sentimento uma vez que, tal como o explica nos vv. 15-17 — com a sequência lógica *ver-vos — perdi / não vi / vi — perdimento* (notem-se o poliptoto de *ver* e a *derivatio* de *perder*, sobre os quais se estrutura o quiasmo) —, a condição de danação que sofre na presença da dama é redobrada com a sua ausência.

51

*Do Conde do Vimioso a ãa senhora que em um serão
pôs os olhos num homem*

Olhe bem no seu olhar
quem quiser seguir rezão
que é sinal do coração.

Nas cousas que dá vontade
ela só tem o poder: 5
o engano é verdade,
a rezão é o querer.
Tudo vem a parecer
honesto co a paixão
senão o que é razão 10

Sua

Todo ver dos olhos vem,
o olhar é com respeito,
mil cousas parecem bem
por querer mas não por jeito.
E em concrusão do feito 15
lá vão olhos e rezão
onde vai o coração.

51. Vilancete com três mudanças e mais uma quadra, a que se seguem 23 composições, das quais apenas 7 retomam exactamente as rimas do vilancete do Conde, enquanto as outras se limitam a seguir só o esquema canónico do vilancete; fls. 144v-145r.

Participam: Aires Teles, Luís da Silveira, Simão da Silveira, Simão de Sousa, Vasco de Fóis, Álvaro d'Abranches, Garcia de Resende, D. Gonçalo, Manuel de Goios, João Rodrigues de Sá, Álvaro Fernandes de Almeida, Diogo de Melo, o Estribeiro-Mor, João de Abreu, D. João de Meneses e Gonçalo da Silva.

4: fl. 145r.

4-17: o Conde nestas duas primeiras mudanças quer sublinhar a prioridade do sentimento em relação à visão: os olhos seguem os movimentos do coração, são dirigidos pela paixão. Por causa da paixão, a visão da realidade resulta deformada (vv. 9-10 e vv. 13-14), pois é filtrada através da vontade (v. 4) e do querer (v. 14): o engano torna-se verdade, as coisas desonestas parecem honestas e boas, pois o juízo dos dados reais baseia-se no princípio irracional da paixão.

Sua

Olhos há pera culpar
 de cousas que não tem cura,
 outros que com fermosura 20
 naceram pera matar.
 Guai de quem há-de passar
 ambas estas no serão
 se nuns sós olhos estão.

Sua

Se alguém for agravado 25
 dos seus olhos como são
 assi seja descansado,
 qu'acuda a este rifão.

[...]

22: *Guai*: cf. 39, 1.

52

*Do Conde do Vimioso a um fidalgo que no serão del-Rei se meteu em ãa
chiminé e fez os seus feitos num braseiro e diziam que era um dos capitães
que iam a Torquia com o Conde de Tarouca*

Foi feito tão atrevido
o dest'homem que devia
não parar até Torquia.

Sua

Será lá um Anibal,
fará feitos de Pompeo 5
pois cá fez façanha tal
com qu'esqueceu o Cabral
e outros que não nomeo.
Valente e mal sofrido
deve ser quem se vencia 10
no serão de tal porfia.

Sua

Correu risco o estrado
por ser longe a cheminé,
viu-se tão afadigado
o coitado 15
que não pôde mudar pé.

52. Cantiga com cabeça trística e três mudanças: na segunda mudança, o quarto verso é quebrado. Seguem-se 21 composições à maneira de mudança. Fls. 175r-176r. Participam: Gonçalo Coutinho, João da Silveira, Diogo Brandão, Álvaro Fernandes de Almeida, Manuel de Goios, Luís Dantas, Duarte da Gama, Diogo de Sepúlveda, Afonso de Albuquerque, Garcia de Resende, Mestre Rodrigo, Diogo Fernandes, D. Afonso de Noronha, D. Duarte de Meneses, e conclui a «desculpa de quem cagou». Sobre a datação destas trovas, cf. *Introdução*, 2.4.

Rubrica: Torquia: no original lê-se *Torqui*. Note-se o poliptoto, baseado na dilogia, que liga a rubrica ao v. 1: *feitos* (excrementos: cf. também **37**, rubrica) — *feito* (façanha). 1: fl. 175v.

4-11: D. Francisco joga, conforme os cânones do elogio superlativo (CURTIUS 1984 p. 235), com termos pertencentes ao campo semântico da empresa heróica: tal expediente tem, aqui, uma aplicação claramente irónica que se adequa aos fins satíricos da composição.

4: Notem-se a estrutura concessiva construída com o futuro e o jogo de contraste que *lá* estabelece com *cá*, do v. 6.

A pé quedo e combatido
usou de tal valentia
que saiu como queria.

[...]

17: *Estar a pé quedo, pelear a pé quedo*: «sem largar o campo ou sem se afastar donde está» (MORAIS 1889).

53

Do Conde de Borba à senhora Dona Lianor Anriques

Eu cuidei em vos louvar
e achei-me tão perdido
que perdi todo sentido
em querer nisso falar.

Qu'em gabar, desgabaria 5
vosso grande parecer
pois dizendo ficaria
a mor parte por dizer.
Não pode ninguém tomar
um cuidado tão crecido 10
que nom saia do sentido
se nisso quiser cuidar.

[...]

O Conde do Vimioso

Como se pode fazer
louvar primor tão sobido?
pois que vosso merecer
não é nacido saber 5
de que seja entendido.
Eu digo sem vos louvar
de que tenho conhecido,
qu'o mundo por se salvar
deve ser por vós perdido.

[...]

53. À cantiga do Conde de Borba (cf. *Introdução*, 2.4, nota 31) que dá o tema do *louvor*, seguem-se 14 composições que, à excepção das de Duarte da Gama, Manuel de Goios e D. Manuel de Meneses, não respeitam integralmente o esquema da volta; fls. 143v-144r.

Participam: Jorge d'Aguiar, João Fogaça, Duarte da Gama, Manuel de Goios, João de Meneses, Diogo Brandão, Duarte de Lemos, Enrique Correia, o Conde do Vimioso, D. Manuel de Meneses, Pero de Sousa Ribeiro, D. Afonso de Noronha, Garcia de Resende.

A intervenção do Conde de Vimioso é uma estrofe de 9 versos, sendo inserida a rima B da cantiga do Conde de Borba nos vv. 2.º e 5.º da quintilha, enquanto que na quadra é retomado integralmente o esquema da volta do Conde de Borba, mas de forma alternada. Fl. 144r.

1-5: sobre este motivo, cf. *Introdução*, 2.4.

54

D'Aires Teles à senhora Dona Joana de Mendonça

A grória de se perder
 que terá quem vos servir
 qui-la Deus só descobrir
 a quem quis dar mais prazer.

Porqu'a vida qu'algum tem 5
 não se sente nem padece
 senão segundo merece
 a causa dond'ela vem.
 E quem esta puder ter,
 senhora, por vos servir 10
 não pode pena sentir
 que não sinta mais prazer.

[...]

O Conde do Vimioso

Se prazer é ser perdido
 grande dita foi a minha
 pois com tanto mal sofrido
 me fui perder tão asinha.
 Ditoso em me perder 5
 mas não pera vos servir,
 qu'outrem tem esse poder
 e eu naci par'o sentir.

54. Aires Teles (cf. *Introdução*, 2.2, nota 21) elabora uma cantiga, de que os outros participantes utilizarão as mesmas rimas da volta. Fl. 150r-v.

Participam: o Barão, Francisco da Silva, o Conde do Vimioso, Álvaro Fernandes d'Almeida, Manuel de Vilhena, Garcia de Resende, Francisco de Sousa, Diogo de Melo, João Rodrigues de Sá, D. Francisco de Viveiro, Francisco Homem, Pero Moniz. O Conde de Vimioso compõe duas estrofes de oito versos, formadas cada uma de duas quadras: a última quadra de cada estrofe retoma as rima da volta de Aires Teles. Fl. 150v.

Outra sua

Eu determino d'haver
 ãa vida emprestada 10
 pera por vós a perder
 porqu'a minha não é nada,
 que não tem tanto valer
 pera que possa sentir
 a grória que deve ter, 15
 senhora, quem vos servir.

[...]

10: *vida emprestada*: de grande fortuna este motivo. De resto, o próprio Aires Teles conclui o louvor com uns versos que transmitem o mesmo conceito: «Se eu pudesse ganhar / doutra parte cem mil vidas, / seria por vo-las dar / pera as ver também perdidas. / Porque é tão pouco perder / uma só por vós servir / que por mais grória sentir / queria mais vidas ter.»

55

De João da Silveira à senhora Dona Margarida Freire

Desejo de vos louvar
mas quand'o quero fazer
tão-pouco posso dizer
como se deve calar.

E mais em que possa ser 5
outro medo mo defende
que quem isto emprender
dará logo a entender
que cuida que vos entende.
O que não s'há-de cuidar 10
menos se deve dizer
e por isso eu quero ter
a culpa de me calar.

[...]

Do Conde do Vimioso

Como quem fala de fora
ousara de vos gabar,
se não fora
ver-vos eu minha senhora
meu cunhado assi matar. 5

55. A cantiga de João da Silveira dá o arranque a este louvor. Seguem 23 coplas de género diferente em que muitas vezes não é aplicado o esquema das rimas que a cantiga de João da Silveira fornece. Fls. 150v-151v.

João da Silveira pertence ao 2.º ramo da família Silveira, os descendentes de João Fernandes da Silveira. É filho de Fernão da Silveira, escrivão da Puridade de João II (a não confundir com o seu homónimo Coudel-mor) e D. Brites de Sousa (cf. BRAGA 1871, pp. 414-417). Aparece em várias composições colectivas do *Cancioneiro Geral*. Participam: D. Lourenço de Almeida, o Conde de Alcoutim, Fernão Teles, o Conde do Vimioso, o Conde de Farão, D. Francisco de Almeida, D. Francisco de Viveiro, D. João Lobo, Diogo de Melo, o Barão, D. Pedro de Noronha, Jorge da Silveira, o Marquês, Jorge de Melo, Manuel de Goios, Garcia de Resende, Vasco Gomes d'Abreu, João Fogaça, D. Fernando d'Ataide, Luís da Silveira, Tristão Fogaça, Vasco de Fóis.

O Conde de Vimioso compõe uma décima real do tipo 5+5 com pé quebrado no 3.º e no 9.º verso, utilizando, de maneira particular, as rimas da cantiga de João da Silveira. Fl. 150v.

1: *fala de fora*: isto é, quem não tem o favor da dama.

5: *meu cunhado*: a estrofe que precede imediatamente a do Conde é composta por Femão Teles: será este o irmão da primeira mulher do Conde, D. Brites de Vilhena (cf. cap. 1)?

Mas ficou-me de vos ver
tal medo que mais falar
não ousou nem sei dizer
que bom calar
é melhor par'escapar.

10

56

De Simão de Sousa à senhora Dona Briatiz de Sá

Quem quiser sarar o mal
que doutra mulher tiver
olhe a que lh'eu disser.

Porque s'há-d'olhar rezão
por ela s'ha de perder 5
e s'há-de ter sojeição
onde pode melhor ser.
Oh, perdição de prazer
pera quem olhos tiver
oh, mulheres que mulher. 10

[...]

Do Conde do Vimioso

A vista qu'há-de salvar
tudo se perde por ela,
por isso não sei cuidar
se é mor perigo olhar
se mor dita conhecê-la, 5

56. Vilancete em forma de cantiga, de esquema anômalo, composto por Simão de Sousa. Seguem-se 29 composições e o *Cabo* do próprio Simão de Sousa. Fls. 152r-153r. Sobre Simão de Sousa, cf. *Introdução*, 2.3, nota 34.

Participam: o Barão, Jorge da Silveira, o *Conde do Vimioso*, D. Rodrigo de Crasto, Gonçalo da Silva, Aires Teles, D. Pedro d'Almeida, o Capitão da Ilha, João da Silveira, Simão da Silveira, Garcia de Resende, D. João Lobo, D. João de Meneses, D. Alonso Pacheco, D. Álvaro d'Abranches, João Rodrigues de Sá, D. Luís de Meneses, Francisco de Brito, D. Gonçalo de Castel Branco, Francisco de Sousa, Vasco de Fóis, o Estribeiro Mor, Badajoz.

O Conde de Vimioso compõe mais uma mudança ao vilancete de Simão de Sousa. Fl. 152r.

Para um perfil biográfico de D. Briatiz de Sá, cf. BRAAMCAMP FREIRE 1907, pp. 275-280.

1-2: note-se o anacoluto.

4: *olhar*: no original lê-se *oullhar*. Expunge-se por considerar mero erro tipográfico. De qualquer modo, poder-se-á interpretar esta realização gráfica como um sinal da pronúncia fechada de *o* átono? A mesma realização encontra-se na cantiga inicial de Simão de Sousa, v. 4.

mas sinto que está em vê-la
com quanto mal me fizer
minha vida sem na ter.

[...]

8: *sem na*: sem a.

57

De Simão de Sousa à senhora Dona Guiomar de Meneses

Vossa graça e parecer
 vai, senhora, de maneira
 que deve quem quer viver
 de fazer por vos não ver
 ainda qu'ele não queira. 5

E deve-se d'entender
 em quem vos não tenha visto
 porque depois de vos ver
 não se pode fazer isto.
 Que quem vos bem conhecer 10
 e vos vir, que Deus não queira,
 não pode deixar de ser
 vosso enquanto viver
 nem viver doutra maneira.

[...]

Do Conde do Vimioso

Louvar vossa perfeição,
 gabar-vos ofensa é
 se não fosse a tenção
 porque, se minguia rezão,
 senhora, sobeja fé. 5
 Para a pena por vos ver
 desejo de ter maneira
 porque sem isto viver,
 se vida pudesse ter,
 não sei para que se queira. 10

[...]

57. Seguem-se à cantiga de Simão de Sousa (cf. *Introdução*, 2.3, nota 34) mais treze composições que repetem o esquema rimático da volta daquela, com excepção do *Cabo*, que, ao contrário, tem diverso esquema. Fls. 153r-154r.

Participam: o Comendador Mor d'Avis, o Barão, o *Conde do Vimioso*, João de Castel Branco, Luís da Silveira, Simão da Silveira, o Craveiro, Manuel de Goios, Garcia de Resende, Tristão Fogaça, D. Álvaro d'Abranches.

6: fl. 153v.

O Conde de Vimioso elabora uma décima real (do tipo 2x5) que inclui as rimas da volta da cantiga de Simão de Sousa na segunda quintilha. Fl. 153v.

58

*De Simão de Miranda à senhora Dona Briatis de Villhana
aconselhando-lhe que se guarde de soberba e desprezar ninguém*

Fortuna, sortes, mau fado
sempre vem pola soberba,
ou por quem muito despreza
qualquer mal aventurado.

Da soberba vem cair 5
do mais alto no mais fundo,
garde-se quem neste mundo
folga mal de bem ouvir.
Quem cair neste pecado
nom se fie em gentileza 10
porque quem muitos despreza
seu valer é desprezado.

Do Conde do Vimioso

Qual vos eu quisesse mais
não no sei determinar:
com a soberba matais,
mas também se dela usais
é começo de pecar. 5
Pois cairdes em pecado
remira a nossa tristeza,
da soberba e crueza
não se queixe o desprezado.

[...]

58. Começa o louvor uma cantiga de Simão de Miranda: seguem-se mais cinco coplas que repetem as rimas da volta desta. Remata o louvor uma estrofe do próprio Simão de Miranda «porque viu a cantiga na cabeça da senhora Dona Joana de Mendoça». Fl. 153r.

Simão de Miranda, escudeiro fidalgo da corte de D. João II (BRAGA 1871, p. 268) é representado no *Cancioneiro* apenas com participações em composições colectivas. Participam: o Conde do Vimioso, D. Alonso Pacheco, Simão de Sousa, Garcia de Resende, João Rodrigues de Sá.

2-3: note-se a rima imperfeita *soberba / despreza*.

O Conde de Vimioso compõe uma estrofe de 9 versos (quintilha e redondilha): na redondilha final repete as rimas da volta de Simão de Miranda.

2: *não no*: não o.

5-6: Note-se a *derivatio* em final de verso. Por detrás destes versos está o conceito gregoriano (*Moralia*, XXXI, cap. 45: PL 76, 620-21) e tomista (*Summa*, 2^a-2^{ae}, q. 84, a. 2) pelo qual a soberba é o primeiro de todos os pecados capitais.

59

*D'Aires Teles a Jorge de Oliveira, rendeiro da Chancelaria,
porque levou a Jorge de Melo doze mil reais por um padrão
que despachou, sem lhe querer quitar nada*

Quem tiver algum padrão
trabalhe por ter maneira
que se guarde d'ir a mão
daqueste novo cristão
qu'aqui anda d'Oliveira. 5

Leva tudo por inteiro,
não tem nenhuma afeição,
folga tanto com dinheiro
qu'ainda Deus verdadeiro
venderá por um tostão. 10
Não lhe tenho má tenção
mas falo desta maneira
porque doze mil na mão
lhe vi dar por um padrão
este Jorge d'Oliveira. 15

[...]

Do Conde do Vimioso

Não fiar mais em prendê-lo,
senhores, na cortesia

59. A cantiga de Aires Teles encabeça uma animada sátira contra o cristão-novo Jorge de Oliveira: 29 composições, entre as quais apenas 9 não reproduzem o esquema das rimas da volta elaborada por Aires Teles. Na cantiga de Aires emendaram-se as grafas *inteira* (v. 6) e *voze* (v. 13). Fls. 179r-180v.

Sobre Aires Teles, cf. *Introdução*, 2.2, nota 21, e sobre a datação das trovas, 2.4.

Seguem-se ao «Desembargo da rolação» e à «Bula do Papa» contra Jorge de Oliveira, as invectivas de Francisco de Viveiro, João Rodrigues de Sá, o Conde do Vimioso, D. Nuno António da Silva, Pero de Mendoça, Francisco Homem, Simão de Silveira, Martim Afonso de Melo, Vasco Martins Chicorro, Nuno da Cunha, Garcia de Resende, João de Abreu, D. Pedro d'Almeida, João Gonçalves Capitão, D. João Lopes que foi rendeiro, João Rodrigues Mascarenhas do Inferno, a *Beata vita*. Concluem a sátira os Conselhos dos cristãos novos cortesãos, as coplas de Fernão da Silveira, Vasco de Fóis, do Corregedor da Corte, e a Excramação de Jorge de Oliveira.

O Conde de Vimioso compõe uma décima real do tipo 5+5, que apresenta na segunda quintilha as rimas da volta da cantiga de Aires Teles, e uma estrofe de 11

que leva coiro e cabelo
 e arrendou chancelaria
 para asselar judaria. 5
 De mau homem e bom cristão
 s'entregu'este de maneira
 que se não dais repelão
 é menos passar padrão
 de Santiago que d'Oliveira. 10

Conselho seu

Por tua grei e na tua lei
 morrerás,
 a cristão não quitarás,
 nem no serás
 se to não mandar el-rei; 15
 roubarás,
 porás os homens no fio,
 com dia te trancarás
 de medo d'algum desvio,
 e como aches navio 20
 partirás.

[...]

versos com três rimas (todas diferentes das do esquema proposto por Aires Teles), formada de uma sextina com pé quebrado nos versos pares, e de uma quintilha. Fl. 179v.

Rubrica: padrão: «título autêntico: g. os padrões de juro real que se dão por escrito aos crededores deles» (MORAIS 1889).

3: *levar couro e cabelo:* «levar tudo, cabedal e juros, etc.; metáfora tirada dos barbeiros que rapam o cabelo e a pele» (MORAIS 1889).

8: *dar repelão:* «dar reprehensão áspera» (MORAIS 1889).

10: verso hipermétrico.

11: *pola grei e pola lei* era o mote do brasão de D. João II, em que estava representado o pelicano. Aqui, obviamente, *grei* e *lei* são o povo e a religião judaica.

14: *nem no:* nem o.

APÊNDICE 2
Variantes das líricas n.º 32 e n.º 42

32

Cantiga de Pero Secutor

Voluntad, n'os trabajéis
 por alcanzar buena vida,
 que la mejor escogida
 que fue, ni será, ni es
 cuidado espera después. 5

Qu'acordaros del passado
 dulce tiempo en que os folgastes,
 ya sabéis qu'este cuidado
 más os mata que gozastes. 10
 Portanto, no os congoxéis
 Voluntad, por buena vida
 pues es cosa conocida
 que su gloria muerta es
 con la memoria después.

Variantes dos outros testemunhos:

19*JP: Éloga de Placida e Vitoriano, de Juan del Encina – **11CG:** *Cancionero General* de 1511, fl. 124r – **SA10b:** *Cancionero* da Biblioteca Universitária de Salamanca, n. 2763, fl. 88v.

Rubrica: 11CG: Canción de Cartagena; 19*JP: Canción, SA10b: Canción.

v. 1: *Trabajéis:* 19*JP: fatiguéis; SA10b: trabajés

v. 3: *Que la mejor escogida:* 19*JP: que la mejor y escogida

v. 5: *Espera:* 19*JP, 11CG: es para; SA10b: es p̄a (a abreviatura permite duas interpretações: *es para* ou *espera*)

v. 7: *En que folgastes:* 19*JP: en que os hallastes; 11CG: que gastastes; SA10b: en que os holgastes

v. 8: *Ya sabéis:* 19*JP: si miráis

v. 9: *Más os mata:* 11CG, SA10b: os mata más; 19*JP: vos mata más

v. 10: *Portanto no os congoxéis:* 11CG: porende no trabajés; 19*JP: porende n'os fatiguéis; SA10b: porende no os trabajés

v. 11: *Voluntad, por buena vida:* 11CG, SA10b: por alcançar buena vida

32. A tipologia das variantes não permite a reconstrução do *stemma*. As intervenções relevadas da colação não são significativas, não passando de pequenos arranjos produzidos por cada um dos editores ao longo do *iter* de transmissão, e devidos ao gosto pessoal de cada um deles, ou a conveniências suscitadas pela adaptação musical.

- v. 12: *Pues es cosa conocida*: 11CG: porque es cosa conocida; SA10b: pues la mejor escogida
v. 13: *Que su gloria muerta es*: SA10b: que fue ni será ni es
v. 14: *Con la memoria después*: SA10b: congoxa es para después

42

*Trova do Conde do Vimioso estando em Belém
enfadado do tempo e das cousas dele*

Isto acho em Belém:
vejo dalém uns oiteiros
que não dizem mal nem bem
a quem conte meus marteiros.

Falo-lhes sem esperar 5
resposta do que lhes digo:
outro tanto vi achar
no amigo e no inimigo.
Disto vivo em Belém:
descanso de ver oiteiros 10
que respondem co que tem
e são muitos verdadeiros.

Variantes do Cancioneiro de Corte e de Magnates, fl. 68r:

Rubrica: Outras do Conde de Vimioso estando em Belém.

- v. 1: *Isto acho em Belém:* Disto vivo em Belém
- v. 3: *Que não dizem mal nem bem:* A quem conto meus marteiros
- v. 4: *A quem conte meus marteiros:* E não dizem mal nem bem
- v. 5: *Falo-lhes:* Falo-lhe
- v. 6: *Lhes digo:* Lhe digo
- v. 7: *Outro tanto vi achar:* Isso mesmo vim achar
- v. 8: *No amigo e no inimigo:* no amigo inimigo
- v. 9: *Disto vivo:* Vivo disto
- v. 10: *Descanso de ver oiteiros:* Vejo dalém uns oiteiros
- v. 11: *Que respondem co que tem:* Que não dizem mal nem bem

APÊNDICE 3

Trovas dirigidas ao Conde

1

*De Manuel de Goios ao Conde do Vimioso em que lhe dá conta
do que passou com seus amores depois que o deixou de ver*

Em vos dar conta de mim
não erro mas faço bem,
pois não deve haver ninguém
que vo-lo não dê de si.
Ora ouvi, 5
que mil cousas achareis
com que e de que rireis.

E será cousa primeira
de que quero que se ria,
achar ninguém que a queira 10
nem sirva, Dona Maria.
Que seria
se achou inda também
a quem não fizesse bem?

E pois que já comecei 15
querer-vos, senhor, dizer
tudo quanto cá passei
des que vos leixei de ver,
e escrever
quero também nestas novas 20
minhas cantigas e trovas.

Logo como fui chegado
trouve-m'assi refecido,
nas palavras desatado,
nas mostranças recolhido; 25
esquecido

1. As trovas de Manuel de Coios, além destas primeiras estrofes directamente dirigidas ao Conde, compõem-se de mais cinco cantigas, três vilancetes e uma composição de três estrofes de nove versos, dedicadas à sua dama. Não julgámos oportuno transcrevê-las aqui. Fls. 212r-213r. Sobre Manuel de Goios, cf. n.º 43.

me vi dela o outro dia,
que soube que a servia.

Não passou cousa que diga
despois que me decrarei, 30
senão só esta cantiga
que lhe fiz e lhe mandei,
em que mostrei
quão triste vida me dava
e quão pouco lhe lembrava. 35

[...]

2

*De Garcia de Resende, estando em Évora, ao Conde do Vimioso
que se partiu d'i para a Corte, sobre negócios do pai*

Rifão

Meu senhor, des que partistes
não vivo nem vivem cá
nem creio que viveis lá.

Nós com vossa saudade
temos vida sem prazer, 5
e vós lá em requer
mil negócios da Trindade
não podeis ledo viver.
Assi andamos mui tristes,
nós por não vos vermos cá 10
e vós por andardes lá.

Cá não há andar na praça
nem curral à sesta-feira
nem queremos ter maneira
de fazermos fazer graça 15
ò Mendes da cabeleira.
Olhai bem se nunca vistes
tanta míngua fazer cá
nenhum homem qu'ande lá.

Nem haver e desejar, 20
nem prazer ãa só hora
nem menos com quem falar,
nem novas para contar,
nem digo mais por agora.
Somente qu'andamos tristes 25
todos quantos somos cá
por vós, senhor, serdes lá.

2. Alongado vilancete em forma de cantiga, fl. 218v. Sobre Garcia de Resende, cf. n.º 44.

Rubrica: no or. lê-se *Vimiso*.

Cabo

Havei dó de nossa vida,
mandai-nos, senhor, dizer
se esta vossa partida 30
com nos virdes cedo ver
há-de ser restetuída,
senão todos quantos vistes
tristes por irdes de cá
nos vereis mui cedo lá. 35

3

*De Gil Vicente ao Conde do Vimioso a quem o el-rei remeteu
sobre um despacho seu. Foi isto em tempo de peste e o primeiro rebate
dela deu por sua casa, e andava então na corte um Gonçalo d'Ayola,
castelhano, muito falador e medrava muito*

Senhor, a longa esperança
mui curto prazer ordena,
minha vida está em balança
e a muita confiança
nunca causou muita pena. 5
Isto digo,
polo que passo comigo,
polo tempo que se passa:
vejo minha morte em casa
e minha casa em perigo. 10

Certo é, senhor,
que quis Deus ou a Fortuna
que quem serve com amor,
quanto maior servidor
tanto menos importuna. 15
daqui vem
que quem não pede não tem
e quem espera padece
e quem não parece esquece
porque não lembra a ninguém. 20

Muito debaixo da sola
trouxera quanto desejo,
s'eu aprendera na escola
onde Gonçalo d'Ayola
aprendeu tanto despejo. 25
Que o sisudo
deste tempo fala tudo
quer vá torto quer direito,
e tornando a meu respeito
pera mim sempre fui mudo. 30

3. Cinco décimas (2x5). Este texto encontra-se na *Copilação de toda-las obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1562, fl. 258r. Sobre estas trovas, cf. cap. 1.

Agora trago antre os dedos ũa farsa mui fermosa, chamo-a «A caça dos segredos», de que ficareis mui ledos e minha dita ociosa.	35
Que o medrar, se estivera em trabalhar, ou valera o merecer, eu tivera que comer e que dar e que deixar.	40
Porém, por cima de tudo, o meu despacho queria porque minha fantasia ocupa o mais do estudo todo em Vossa senhoria, e o cuidado	45
quando anda assi ocupado cuida muito e não faz nada, a vontade acho dobrada mas o espírito cansado.	50

AS SENTENÇAS

LISTA DAS ABREVIATURAS

A: ms. 50-V-31 da Biblioteca do Palácio da Ajuda, fls. 178v-180r.

C: Cód. 1080 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fls. 47r-54r.

E: *Cancioneiro de Corte e de Magnates*, pp. 148-165; pp. 173-180.

I: *Sentenças de Dom Francisco de Portugal*, Lisboa, Jorge Rodrigues Impressor, anno de 1605.

L: Cód. 8920, da Biblioteca Nacional de Lisboa fls. 24r-35r.

L2: Cód. 3563, da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 41r-42v.

L3: Cód. 3551, da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 1r-29v.

M: ms. 12-26-8/D 199 da Biblioteca de la Historia de Madrid, fls. 219v-222r.

T: ms. 2209 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fls. 123v-124r.

SENTENÇAS EM PROSA

1. O bem se deve crer de todos e de ninguém o mal se prova. (**I E L L3**)
2. Quem perde honra por negócio, perde o negócio e a honra. (**I E L L2 A L3**)
3. Sem sã tenção não se pode ter amigo. (**I E L L3**)
4. Quem se cria em poquidades, quer e entende cousas pequenas. (**I E L L2 A L3**)
5. O grande espírito é igual e riguroso. (**I E L L3**)
6. O freio do bom é amor, e do mau o temor. (**I E L L2 A L3**)
7. As palavras do mau são manjar saboroso com peçonha. (**I E L L2 A L3**)
8. Melhor se resiste à força do mau que à conversação. (**I E L L3**)
9. Os bons sabem bondades e os maus sabem malícias. (**I E L L3**)
10. Os maus são camaliões do rei. (**I E L L3**)
11. O mau ouve o mal e o bom o bem. (**I E L L3**)

-
2. **L E:** *o negócio e a honra:* dinheiro e a honra
A: *o negócio e a honra:* perde a ela e o negocio
L2 L3: *o negócio e a honra:* a honra e o negocio
4. **L:** *e entende:* entender
6. **A:** *e do mau o:* do mau
L3: *o temor:* he temor
7. **L L2 E:** *São:* he
A: *manjar saboroso:* manjar
9. **L E:** *malícias:* maldades
10. **L E:** *do rei:* dos reis
11. **L3:** *o bem:* ouve o bem

12. Culpa feia é mentir, mas muito mais mentindo ao verdadeiro. (I E L L3)
13. Os pusilânimos prezam-se do que tem, e os magnânimos das obras que fazem. (I E L L2 A L3)
14. O grande coração não permite louvor presente. (I E L L3)
15. O errar é tolerável e o mau zelo é cutelo da república. (I E L L3)
16. Ouvir maus é criar maldades. (I E L L2 A L3)
17. O mal-dizer é traição, e ouvi-lo é consenti-la. (I E L L3)
18. Os contrafeitos são servos do engano. (I E L L2 A L3)
19. A quem aborrecem maldades, fuja dos homens. (I E L L3)
20. Para mandar convém zelo e rigor. (I E L L3)
21. A descrição adjectiva-se com a condição. (I E L L3)
22. O homem que mente é instrumento destemperado. (I E L L2 A L3)
23. O ser de todos os estados está em cujo são. (I E L L3)
24. No saber há igualeza e na ignorância contumácia. (I E L L3)
25. Os fracos morrem após a vida. (I E L L3)
26. O saber sem inteireza é ãa roda de vento. (I E L L3)
27. Os maus desconfiam de todos e os bons dos que conhecem por maus. (I E L L3)
28. De fugir é donde a experiência não ensina. (I E L L3)
29. Toda desigualza destrue. (I E L L3)
30. A providência vence os maus acontecimentos. (I E L L2 A L3)
31. Calando se deshonra quem com medo se cala. (I E L L2 A L3)
32. Os que não sabem, tudo lhes é danoso. (I E L L3)

12. L E: *mas muito mais*: muito mais

17. E L3: *ouvi-lo*: ouvi-la

21. I: *adjectiva-se*: adjecheva-se

23. L3: *em cujo*: em cujos

28. L3: *a experiência não ensina*: as experiências não ensinam

30. E: *acontecimentos*: a contem

A L2 : *providência*: prudencia

33. Antre ignorantes mais dano faz o cobiçoso que o ladrão. (I E L L3)
34. Adquerir proveitos é louvor do siso e culpa da vontade. (I E L L2 A L3)
35. O galardão do passado é virtude, e do porvir é mercadoria. (I E L L3)
36. O magnânimo tem a honra dos seus por sua. (I E L L2 A L3)
37. Quem segue a alma sacrifica o esforço. (I E L L3)
38. A ignorância scandaliza o entendimento. (I E L L2 L3)
39. Ao ignorante aborrece o entendido. (I E L L3)
40. O homem palreiro faz seu amigo mudo. (I E L L2 A L3)
41. Onzeneiros são os amigos por cobiça. (I E L L3)
42. O ruim cuida que é indústria a maldade. (I E L L3)
43. Na desordem se perde o bom conselho como a semente entre as espinhas. (I E L L3)
44. O que está na pessoa se deve estimar: tudo o mais é da fortuna. (I E L L3)
45. Fácil é ao sabedor aprazer ao mau, se quiser errar. (I E L L3)
46. Às vontades corrompidas é nojosa a razão. (I L3)
47. Bem basta para desprezar o mundo serem os homens julgados pelos homens. (I E L L3)
48. Viver entre os errados é vida inficionada. (I E L L3)
49. O povo quer, entende o que se usa. (I L3)
50. Cobiça e medo destroem a república. (I E L L3)
51. Quem tem vontade não tem razão. (I E L L3)

34. A: *proveitos*: proveito

35. L3: *é mercadoria*: mercadorja

36. A: *dos seus*: dos outros

38-39.: em L3 estes dois provérbios formam uma sentença só

40. A: *faz seu amigo*: faz a seu amigo

41. E: *Onzeneiros*: Os onzeneiros

43. L3: *se perde*: perdesse

47. L E: *basta*: abasta

52. Por muito que os homens saibam vivem às escuras. (I E L L3)
 53. O homem deve ser o tenor do homem. (I L3)
 54. O poder endurece os maus, e justifica os bons. (I E L L2 A L3)
 55. Cousa deleitosa é ao bom obrar virtudes. (I E L L3)
 56. O coração falso sempre se muda e o bom é sempre um. (I E L L3)
 57. Não há amizade no cobiçoso. (I E L L3)
 58. Os tímidos roubam a si mesmos. (I E L L2 A L3)
 59. A justiça como as mãos do sorurgião: com quanta mais levidão cura melhor é. (I E L L3)
 60. Ao corruto parece mal o alheio e bem o seu. (I E L L3)
 61. Ao poderoso convém punir os erros, encobrir os defeitos, apre-
 goar as virtudes. (I E L L3)
 62. Perdido é o tempo quando ter rezão não confia. (I E L L3)
 63. A desestima dos bons dá ousadia aos maus. (I E L L3)
 64. Os entendimentos errados geram danadas tenções. (I E L L2 A
 L3)
 65. Não se devem deixar cousas lícitas por cautelas humanas. (I E L
 L3)
 66. Neste tempo ou todos são maus ou se diz mal de todos os bons.
 (I E L L3)
 67. Para aconselhar e ser aconselhado convém o entendimento nu
 da vontade. (I E L L3)
 68. A língua maldizente e a orelha do que ouve são irmãs. (I E L
 L2 A L3)
 69. Os velhos são quem eles são, não os honram seus pais. (I E L
 L3)

54. L E: *justifica*: justiça

A: *os maus e justifica os bons*: aos bons e embrevece aos maos

58. L E A: *tímidos*: temidos

59. L: *sorurgião*: solurgião; E: *surgião*; L3: *cirurgião*

64. A E: *errados*: danados

68. L2: *do que ouve*: do que a ouve

I A E: *irmãs*: irmãos

69. L E: *quem eles são*: quem são

Em I, alguém escreveu em cima da palavra velhos, filhos.

70. A verdade da boca do mau deve-se tomar com salva. (I E L L3)
71. Corrupto governo é usar primeiro do fermoso que do necessário. (I E L L3)
72. Onde o primeiro intento é malícia, o derradeiro não será virtude. (I E L L3)
73. Se culpas a vida alhea, seja com o teu exemplo e não com o teu entendimento. (I E L L2 L3)
74. Dos pequenos as culpas se chamam grandes e as dos grandes pequenas. (I E L L3)
75. Grande doudice é que tuas culpas não vejas e as alheas te espantem. (I E L L3)
76. Não mudes vida sem primeiro a teres mudada em ti. (I E L L3)
77. Quanto mais souberes, te escandalizará mais a malícia e menos a ignorância. (I E L L3)
78. Tempera com as tuas orelhas a língua alhea, e com a tua as orelhas alheas. (I E L L3)
79. Das vidas alheas e da tua debes compor a mezinha pera ti. (I E L L3)
80. Ser bom ou mau, é gosto de cada um. (I E L L3)
81. Assi se estima a cousa: como se sabe julgar. (I E L L3)
82. Os maus enquirem pera danar e os bons pera aproveitar. (I E L L3)
83. Do coração sem ambição apenas se queixa ninguém. (I L L3)
84. Quem bem cuida o que quer, entende em quão pouco se emprega. (I E L L3)
85. Quem muito estima cousas pequenas, nunca faz nenhuma grande. (I E L L2 A L3)
86. As obras falem e as palavras calem. (I E L L3)

71. I E: *governo*: genero

73. E: *culpas*: culpar

77. L: *escandalizará*: escandalizarão

85. A: *nenhuma grande*: cousas grandes

86. L3: As palavras calem, e as obras falem

87. Quem de nunhũa culpa se ofende, nenhum merecimento o obriga. (I E L L3)
88. O mimo desensina. (I E L L3)
89. O fiel servidor não deve servir a quem dele se não fia. (I E L L3)
90. De todos desconfia o coração culpado. (I E L L2 A L3)
91. O mau mais facilmente erra contente que desprezado. (I E L L3)
92. Ninguém se fia de quem se dele não fia. (I E L L3)
93. O amor do amigo tempera as más inclinações do amigo. (I E L L3)
94. A ingratidão indigna e destrue. (I E L L3)
95. Quem não sente o mal alheio, não sente ninguém o seu. (I E L L3)
96. O que se não faz com razão, não se sofre por vontade. (I E L L3)
97. Quando na república a monda crece, os bons não vem a lume. (I E L L2 A L3)
98. Falso é o parecer que primeiro se recebe da vontade que do entendimento. (I E L L2 A L3)
99. O soberbo contra o fraco, é fraco contra o forte. (I E L L3)
100. Quem não ouve a razão do pobre louva a sem-rezão do poderoso. (I E L L2 A L3)
101. Os altos pensamentos são pendenza de si mesmo. (I E L L2 L3)
102. A sobeja confiança faz desfalecer nas obras. (I E L L2 A L3)
103. Espanto é poder mais em ti o teu respeito que a tua razão. (I E L L3)

89. L E: *dele se não fia*: se dele não fia

L3: *não fia*: não confia

90. A: *o coração*: coração

92. L3: *se dele não*: delle se não

97. A: *a monda crece*: o mau manda

101. L3: *pendença*: pendencia

104. A tristeza com esperança aguça o entendimento, e a desesperada consume-o. (I E L L2 A L3)
105. Os prudentes louvam os fundamentos e os ignorantes os sucedimentos. (I E L L3)
106. O sandeu favorecido perde o tino de si mesmo. (I E L L2 A L3)
107. Se a mentira é em si disforme, que serão os que a seguem? (I E L L3)
108. O virtuoso não segue o proveitoso. (I E L L3)
109. Onde as verdades falecem, os enganos prevalecem. (I L3)
110. As malícias se entendam com a razão e as virtudes com a vontade. (I E L L3)
111. Saber comum é tormento do separado. (I E L L3)
112. A verdade não sofre dissimulação. (I E L L3)
113. A culpa de quem se ama dói mais e perdoa-se mais asinha. (I E L L2 A L3)
114. Falar é com mouco, dar razão a quem não entende. (I E L L3)
115. As más suspeitas destroem as verdades. (I E L L3)
116. Quem tiver mando não tema pera ser obedecido. (I E L L3)
117. Não pede louvor quem o merece. (I E L L2 A L3)
118. Os enganos valem com os enganos. (I E L L3)
119. Aos príncipes convém emendar não somente as obras mas as tenções. (I E L L3)
120. A natural inclinação vence tudo. (I E L L3)
121. Custumes bons ou maus como se prezam, se usam. (I E L L3)
122. Apetito é grande vício. (I E L L2 L3)

104. A: *aguça*: aguar

106. A: *favorecido*: desfavorecido

109. L3: *verdades*: virtudes

111. L E: *do separado*: desesperado

113. A: *ama dói*: amando

117. A: *quem o merece*: quem veio merecelo

123. Para conhecer quem cada um é, não há diferença de estados. (I E L L2 A L3)
124. De mau é ser contrafeito. (I E L L3)
125. O coração confiado e a razão desconfiada são para feitos grandes. (I E L L3)
126. O homem somente a Deus e à vergonha deve haver medo. (I E L L3)
127. Tudo obedece à razão, senão o desarrezoado. (I E L L3)
128. Grandes louvores sem inteireza não se ganham. (I E L L3)
129. Os pusilânimos abatem os entendimentos. (I E L L3)
130. Os homens que não sentem são tanto pior que bestas quanto neles degenerou a natureza. (I E L L2 A L3)
131. Dura cousa é ao sabedor ser sojeito ao ignorante. (I E L L2 A L3)
132. Assi como cada um é, assi ensina. (I E L L3)
133. Não se deve conversar com o mestre dos mal ensinados. (I E L L3)
134. A vergonha é freio das culpas e a verdade das desordens do mundo. (I E L L3)
135. A homem desamorado não se pode ter amor. (I E L L3)
136. O ignorante em companhia de ruins é pior que nenhum deles. (I E L L2 A L3)
137. Aquele que no baixo estado vive inteiramente, no alto fora havido por singular. (I E L L2 A L3)

123. L2: *Para conhecer*: Para se conhecer

A: *não há diferença*: não diferenca

126. I E L3: *a Deus e a vergonha ... deve haver*: a uergonha ... deue dauar

129. L E L3: *os entendimentos*: o entendimento

130. A: *tanto pior ... degenerou*: tão piores ... desgarrou

L2: *tanto pior*: tanto piores

L3: *degenerou*: degenerou

131. A L2: *ao sabedor*: o sabedor

133. L3: *o mestre*: a semente

134. E: *do mundo*: do mando

136. A: A companhia do innorante pior que nenhum delles

137. L E: *no baixo*: em baixo

138. A cousa que mais enfada é ignorância importuna. (I E L L3)
139. O sobrescrito dos homens é culpa. (I E L L3)
140. O ambicioso porfia e não confira. (I E L L3)
141. A verdade é dura nos vícios e doce nas adversidades. (I E L L3)
142. Rezões aparentes destroem os estados. (I E L L3)
143. A rezão alheia deve ser adjectiva mas não substantiva. (I E L L3)
144. O saber comum aprova o que se usa. (I E L L3)
145. Quem não espera, não obra. (I E L L3)
146. A esperança conforta a alma, honra e vida. (I E L L3)
147. Muito deve de doer a torcedura da rezão. (I E L L3)
148. A conversação escandalosa argue zelo danado. (I E L L3)
149. O ignorante aprende e o juízo errado destrue. (I E L L3)
150. Mau é quem de todos discrê. (I E L L2 A L3)
151. O mau é solto e o virtuoso encolhido. (I E L L3)
152. O estado dos reis são os homens: o que os tem melhores, é mais poderoso. (I E L L3)
153. Não se vanglorie o grande, nem se queixe o pequeno: ondas são que com o tempo crecem e mingam. (I E L L2 A L3)
154. Se me descontento do que tenho pelo que outros tem, porque mouro após cousas tanto menos das que outros tem. (I E L L3)

140. L E: *ambicioso*: perfioso
 E: *e não confira*: e não
 L3: *confira*: consira

144. E: *saber*: sabor

146. E L3: *a alma*: alma

150. E: *discrê*: diser.

152. L E: *dos reis ... os tem melhores*: do rei ... os milhores tem
 L3: *os tem melhores*: os milhores tem

153. L3: *com o tempo*: com tempo

154. L E: *outros*: outrem

155. Se a inveja me faz pobre, nenhuma cousa me fará rico. (I E L L2 L3)
156. Não se deve muito desejar o que pode aborrecer. (I E L L3)
157. Quem se não vence da sua rezão não pode julgar a alhea. (I E L L3)
158. Quem não sabe falar, não se sabe calar. (I E L L3)
159. Quem se determina não acha menos nenhũa cousa. (I E L L3)
160. O poderoso deve somente usar do poder da rezão. (I E L L3)
161. O malicioso ouve para tachar e o bom para aproveitar. (I E L L2 A L3)
162. O mau crê as maldades e o bom crê as virtudes. (I E L L3)
163. O mau zelo empeçonhenta o entendimento. (I E L L3)
164. Ao bom somente obriga o que a virtude obriga. (I E L L3)
165. No em que pode haver rigurosos fins é erro serem muito brandos os meios. (I E L L3)
166. O rei deve de ser triaga contra a mentira. (I E L L3)
167. O conselho deve de ser de muitos e a eleição do aconselhado. (I E L L3)
168. Não há buraco no mundo pera escapar do mundo senão Deus. (I E L L2 L3)
169. O mau vence-se com necessidade e o bom com o que deve fazer. (I E L L2 A L3)
170. Onde a rezão se não ouve, doudo é quem se não cala. (I E L L3)
171. A ventura não vence o merecimento antre sabedores. (I E L L2 A L3)

156. E: *deve*: deu

157. L3: *da sua ... a alhea*: de sua ... alhea

158. E: *Quem*: Que

163. L E: *empeçonhenta*: empeçonha

164. L3: *obriga*: o obriga

165. L E: *muito brandos*: brandos

L3: *no em que pode*: no que pode

170. E: *quem não se*: quem não ya

171. E: *merecimento*: entendimento

172. Quem não emudece vendo que fala com as orelhas dos homens e não cos corações dos homens? (I E L L3)
173. O obrar está em seu dono, o conselho a como se melhor fará somente abrange. (I E L L3)
174. A natureza humana com força se justifica. (I E L L3)
175. Muitas vezes ficam em louvor as culpas nos maus juízos. (I E L L2 A L3)
176. O primeiro conceito do bom é cuidar de todos bem e o do mau de todos mal. (I E L L2 A L3)
177. Quem furta nas bonanças faz treições nas adversidades. (I E L L3)
178. As obras sem esperança são como corpo sem alma. (I E L L2 A L3)
179. Menos mal é a culpa própria que ajudar a alhea. (I E L L3)
180. A ambição não ouve a razão alhea. (I E L L3)
181. Quem em si muito crê não é digno de aconselhar. (I E L L3)
182. O conselho deve-se de se conformar com o ser do aconselhado. (I E L L3)
183. A maldade e a descrição são os pilotos do mundo. (I E L L2 L3)
184. O coração livre despreza tudo o que errando se ganha. (I E L L3)
185. Assi se deve viver: que os defeitos alheos não escandalizem. (I E L)
186. Ignorâncias e fraquezas fazem afear as alheas. (I E L L3)

173. E: *dono*: dano

176. E: *O primeiro conceito*: O primeiro

L3: *conceito*: concerto

L: *o do mau*: a do mau

A: *de todos mal*: mal

177. L: *nas bonanças ... faz treições*: com bonança ... faz trevão; E: com bonança ... faz traição

178. A: *são como corpo*: são corpo

L2: *são como corpo sem alma*: são como alma sem corpo

182. L E: *de se conformar*: de conformar

L3: *deve-se*: deve

187. Na opinião geral do passado sempre fica louvado o bom. (I E L L3)
188. Os homens são jornaleiros do mundo, paga mal a quem o despreza. (I E L L3)
189. O bom cuida que todos vêm sua verdade. (I E L L3)
190. Quem se quer vender, não se deve comprar. (I E L L3)
191. O casamento pesa no muito e descansa no pouco. (I E L L3)
192. As palavras dos reis edificam os homens. (I E L L3)
193. Os conselhos desconfiados desenfreiam as sem-razões alheas. (I E L L3)
194. Mais se mente aos reis calando-lhe verdades que dizendo-lhe mentiras. (I E L L2 L3)
195. Ter paciência amiga os bons e ensoberbece os maus. (I E L L3)
196. Quem ofende na pessoa, nela deve ser castigado. (I E L L3)
197. A ira queima o entendimento. (I E L L2 A L3)
198. O palreiro é vasilha sem fundo. (I E L L2 A L3)
199. Tal deve ser a graça: que goste dela por quem se diz. (I E L L2 A L3)
200. Ao ignorante sempre avorrece o sabedor. (I E L L3)
201. O fraco de todos diz mal em segredo. (I E L L3)
202. Na culpa do amigo dele se deve fazer o juiz. (I E L L3)
203. Emprender obras honradas deshonor mais quem não tem honra. (I E L L3)
204. Com grandes determinações, não lembram inconvenientes. (I E L L3)

189. L3: *sua verdade*: a sua verdade

190. L E: *se deve*: o devem

191. L: *pesa*: peja; E: paia

194. L2: *calando-lhe*: callandolhes

L3: *se mente ... calando-lhe*: sente ... callandolhes

195. E: *ensoberbece*: ensoberueserse

199. A: *por quem*: para que; L2: o por quem

205. A honra supita está no rigor e a cuidada no acertar. (I E L L3)
206. O poderoso deve ser sujeito à razão dos seus e livre à sem-razão dos estranhos. (I E L L3)
207. O verdadeiro a si mais que a todos deseja satisfazer. (I E L L3)
208. Nunca ao bom aborreceu quem contra ele fez o que devia. (I E L L2 A L3)
209. Grandes ódios de sem-razões se causam, os outros levemente se curam. (I E L L3)
210. Risco corre quem com suspeitas vive. (I E L L3)
211. As vidas hipócritas são testemunhas falsas. (I L2 A L3)
212. A verdade dá a estima e a mentira privança. (I E L L3)
213. Com um pouco mais de conhecimento se puseram as obras de cada um em jogo forçado. (I E L L3)
214. Quem não é pronto no ouvir, não se deve escutar. (I E L L3)
215. A ignorância tem a descrição por malícia. (I E L L3)
216. A quem não crê verdades dizem mentiras. (I E L L3)
217. Os trabalhos da vida são ambição e cobiça. (I E L L3)
218. Espanto é soster-se o mundo coa idolatria dos poderosos. (I E L L2 L3)
219. Ser sujeito a outrem é desterro da vontade. (I E L L3)
220. Não há saber que baste pera contrafazer mentiras. (I E L L3)
221. Quem quiser emendar o mundo, seja em si. (I E L L3)
222. A providência há-de ser desconfiada e amedrentada. (I E L L3)
223. Na forçosa determinação não se há-de tratar de inconvenientes. (I E L)

208. A: *ao bom*: o bem

211. A: *as vidas*: a vida

L3: *hipócritas*: dos hyppocritas

212. L3: *dá a estima*: da estima

213. E: *mais de conhecimento*: de mais conhecimento

214. L: *escutar*: discutir; E: *descuitar*

220. L3: *baste*: abaste

223. L E: *forçosa determinação*: determinação

224. No saber ninguém se rende se não o sabedor. (I E L L3)
225. O mentiroso cai em pequices. (I E L L3)
226. As fracas conversações enfraquecem o forte. (I E L L3)
227. Quando rindo se despreza a verdade, vem-se a perder de verdade. (I E L L2 A L3)
228. Sem o uso da fortaleza, tudo é perigoso. (I E L L3)
229. Pequenos desavergonhamentos consentidos causam haver os grandes por pequenos. (I E L L3)
230. Não se guarda verdade ao mentiroso. (I E L L3)
231. A condição tibia desapercebe o entendimento. (I E L L3)
232. O ignorante é entregue e namorado do desavergonhado. (I E L L3)
233. Erro é pôr em perigo por quem não é para se pôr nele. (I E L L3)
234. Na repreensão das culpas o cauteloso não é amigo. (I E L L3)
235. Da fé nasce a razão da fé. (I E L L3)
236. Em tempos baixos a honra desfecha em vão. (I E L L2 A L3)
237. As conversações comúas são ignorâncias comúas. (I E L L3)
238. O desejo do necessário sostém o mundo, e o do sobejo o destrue. (I E L L3)
239. Quem deseja ordenar o mundo, não segue o mundo. (I E L L3)
240. Os homens são alcatruzes do mundo: pelos sãos vem a ordem, e pelos quebrados se vai a virtude. (I E L)
241. As muitas cautelas ganham às vezes pouco mas seguram muito. (I E L L3)
242. A malenconia alumia e destrue. (I E L L3)

224. E: *ninguém*: ninguém ninguém

228. E: *da fortaleza*: de fortaleza

234. E: *repreensão*: prensão

240. L E: *alcatruzes*: canos

241. L E: *mas seguram*: e seguram

243. Antre culpados as culpas criam amor. (I E L L3)
244. A ignorância obra monstros. (I E L L3)
245. Aonde a ignorância manda a malícia se ensenhorea. (I E L L2 L3)
246. A boa fortuna não somente faz obras mas authoriza as palavras. (I E L L2 A L3)
247. Melhor é morte voluntária que vida forçada. (E L L2 A L3)
248. O mau crê o mal e o bom crê o bem. (E L)
249. A costolação muitas honras esconde e muitas deshonras com nome d'honras publica. (E L L3)
250. Cortesia e mansidão são roubadores da vontade. (L2 A)
251. Aquele que muito sabe sempre desconfia de si. (L2 A)
252. Onde há vingança é fácil: melhor é perdoar. (L2 A)
253. As palavras do soberbo são álamo sem fruto. (L2 A)
254. Quem fala na vida alhea pregoeiro é da sua. (L2 A)
255. Quem pouco tem pouco lhe basta. (L2 A)
256. Ouvir missa não gasta tempo. (L2 A)
257. O furtado não enriquece. (L2 A)
258. Quem dá esmolas não empobrece. (L2 A)
259. A vertude indescreta, o fruto que dá não presta. (L2 A)
260. A solidão e pobreza são muros da devação. (L2 A)
261. A paciência é triaga das adversidades. (L2 A)
262. A vertude tem ruins longes e bons pertos. (L2 A)
263. A fermosura é um engano calado. (L2 A)

245. I L2 E L3: *aonde*: onde

246. A: *somente ... autoriza as*: comete ... autorizadas

L3: *autoriza*: autorizadas

255. A: *pouco lhe basta*: nada lhe falta.

256-258: em L2 estes três aforismos formam um provérbio só.

260. A: *da devação*: de devação

262. A: *ruins longes*: yuizes

- 264.** O envejoso tem por seu mal próprio o bem alheio. **(L2 A)**
- 265.** O mau foge sem ninguém o perseguir. **(L2 A)**
- 266.** Do descuidado repouso sobrevém a perdição dos homens.
(L2 A)
- 267.** Sobre danado natural não se pode esmaltar bom saber. **(L2)**
- 268.** Quem nada tem, Deus só mantém. **(L2)**
- 269.** A malícia sobeja é verdugo de seu dono. **(L2)**
- 270.** Os homens são canos reais. **(L3)**
- 271.** Onde se procura a paciência, falece o ser. **(L3)**

266. A: *Do descuidado ... a perdição dos homens:* Oo descudado ... a perdición

SENTENÇAS EM VERSO

1. Que grande espanto é cuidar
como se sostém o mundo,
quão perto está de pasmar
quem às cousas vê o fundo. (I C E L3)
2. Pouca força tem rezões
para emendar vontades,
ali são simulações
onde não valem verdades. (I C E L3)
3. Grão fraqueza é mormurar
afagando os mormurados,
saúdável lisonjar
antre todos os estados. (I C E L3)
4. Cegueiras são invenções
que se fundam em maldades
mui certo é repreensões
desfazerem amizades. (I C E L3)
5. A mimosa presunção
com falta de experiência
não se guia com rezão
nem tem nela resistência. (I C E L3)

1. C E: *grande espanto*: espanto

L3: *está*: he

3. E: *mormurados*: murmuradores; C: murmuradores (emendado posteriormente em *murmurados*)

4. E: *mui certo*: quam certo

C: *Cegueiras*: Cegueira

5. E: *com falta de ... não se guia com*: com pouca ... não se fia na

C: *nem tem nela*: nem ha nela

L3: *com falta de*: com pouca

6. Grão soberba é de quem ousa
desdanhar da honra antiga
que acostumada cousa
entre fracos haver liga. (I C E L3)
7. Tormento é conversar
errados entendimentos
não pode bom fruto dar
quem tem baixos pensamentos. (I C E L3)
8. Vergonhosos são proveitos
que aquirem os mentirosos
não podem ser satisfeitos
os que são mui cobiçosos. (I C E L3)
9. Que medo são descrições
que se fundam em enganos
quão certas são difensões
antre os corações tiranos. (I C E L3)
10. Quem da rezão se não vence
perde o bem e o ser de humano,
quem da virtude se esquece
preza-se do seu engano. (I C E L3)
11. É inotícia cuidar
que aproveitam os bons meos,
grande certeza ganhar
no mundo pelos mais feos. (I L3)

6. E: *é de quem ... desdanhar da honra ... haver liga*: he quem ... desdenhar honra ...
auer briga

L3: *desdanhar da*: desdanhar

C: *Grão soberba é de quem ... desdanhar da honra*: Grão fraqueza he quem ... desdanhar honra

7. C: *errados*: honrrados

8. E L3: *os mentirosos*: mentirosos

C: *os mentirosos ... os que são mui*: mentirosos ... os que forem

9. E: *medo ... difensões ... antre*: medos ... descencões ... em os

C: *Que medo ... que se fundam ... difensões ... antre os*: Grão medo ... que fundão ...
discensões ... entre

L3: *difensões*: discensoes

10. E: *o bem e o ser ... do seu engano*: o ser ... de seu engano

C: *o bem e o ser ... da virtude ... do seu engano*: o ser ... da verdade ... de seu
engano

L3: *o bem e o ser*: o ser

11. L3: *É inotícia ... grande certeza*: Que inoticia he ... que certeza he

12. Que pequice é espantar
de quanto se possa ver,
grande siso descansar
pois que tudo pode ser. (I C E L3)
13. Obra é d'homem danado
quem virtudes empeçonha
como é desavergonhado
quem de si não há vergonha. (I C E L3)
14. Pecado é infernal
enganosas aparências:
perde-se o cabedal
com erradas providências. (I C E L3)
15. Que dor é homens prudentes
não saberem de si parte,
conforta já ver contentes
os ruins pela sua arte. (I C E L3)
16. Que mãos faz com quem não sabe
quem é em tudo dobrado,
muito cumpre que se gabe
quem por nécios é julgado. (I E L3)
17. Grande fraqueza é vingar
dos imigos cos ofícios,
pura treição estorvar
com enganos, benefícios. (I C E L3)

-
12. E: *Que pequice ... siso descansar*: Pequice ... siso he descansar
C: *Que pequice ... se possa ... grande siso ... pois que tudo pode ser*: Pequice ... se
pode ... grande bem he ... se algem o pode fazer
L3: *Que pequice*: Piquiçe he
13. C: *virtudes ... como é ... não há*: virtude ... he mui ... não tem
15. E: *já ver*: uer ya
C: *já ver ... arte*: verem ... parte
L3: *dor é*: dor de
16. E L3: *quem é em tudo*: quem en tudo he
17. E L3: *Grande fraqueza ... pura treição*: Que fraqueza ... treição pura
C: *Grande fraqueza ... dos inimigos cos ofícios ... pura treição*: Gram fraqueza ... cos
ofícios dos inimigos (A numeração posta em cima destas palavras indica a cor-
recta ordem delas no verso) ... treição pura

18. Que justiça há i tão má
como a muito rigurosa
que pobres fez e fará
a vontade apetitosa. (I C E)
19. É ignorância esperar
por outro tempo melhor
e no presente acertar
convém sempre ao sabedor. (I C E L3)
20. Quem se procura mostrar
tudo põe em diferenças,
é doudice sem cuidar
desfechar logo sentenças. (I C E L3)
21. Que rede tão varradeira
a grande importunação,
quem não viu na derradeira
ser-vos ingrato o vilão. (I E L3)
22. Quem pode nunca negar
amor com quem se conversa,
grã perigo é conversar
a inclinação perversa. (I C E L3)
23. Quem leva por força tudo
muitas vezes pode menos:
quem pode fazer ao rudo
que entenda por acenos? (I C E L3)

18. E L3: *há i tão má ... que pobres ... a vontade*: ha tão maa ... quantos pobres ... vontade

C: *Que justiça há i ... que pobres ... a vontade*: Não ha justiça ... quantos pobres ... vontade

19. E: *É ignorância ... e no presente acertar / convém sempre ao*: Innuticia he ... no presente afferrar / convem al

L3: *É ignorância ... convém sempre*: Innoticia ... convem

C: *É ignorância ... e no presente ... convém sempre ao*: Ignorancia he ... no presente ... convem ao

20. E: *se procura mostrar*: procura de se mostrar

C: *desfechar logo*: dar de repente

L3: *põe em diferenças*: poem indifferenças

21. E L3: *a grande ... ser-vos*: grande ... ser

23. C: *ao rudo*: o mudo

L3: *ao rudo*: o rudo

24. Como se sabe valer
do bom ânimo o tirano,
não se pode embrandecer
o betume do engano. (I L3)
25. Pouco prestam fundamentos
que se mudam cada dia
proveitosos pensamentos
são os da hipocrisia. (I C E L3)
26. Quão prestes se determina
quem não é determinado
nunca deu boa doutrina
quem é mal acostumado. (I C E L3)
27. Entre a honra e a cobiça
se perdem alma e a vida,
quem viu nunca com preguiça
a casa restituída. (I C E L3)
28. Que laços armam ladrões
se são mal esculdrinhados
as aparentes rezões
quantos sisos tem roubados. (I E L3)
29. De sandeus que falam bem
é o mundo todo cheo
e mui vazio de quem
com siso acerta o meio. (I C E L3)
30. Grande tacha é não sentir
grande dor quem muito sente,

24. L3: *como se sabe valer / do bom ânimo o tirano*: Que espanto não sevençer / da rezão todo humano

25. C: *proveitosos*: mui danosos

26. C E: *deu*: da

27. E: *e a vida*: e vida

C: *a honra e a cobiça ... se perdem alma*: honrra e cobiça ... se perde a alma

L3: *a honra e a cobiça ... e a vida*: honra e cobica ... e vida

28. E: *esculdrinhados ... sisos*: escodrinados ... sizo

L3: *esculdrinhados*: escodrinados

29. E L3: *e mui vazio de quem*: mui uazio he de quem

C: *e mui vazio de quem ... com siso*: mui vazio he de quem ... com rezão

para o mau persuadir
não há siso suficiente. (I C E L3)

31. A posilanimidade
embaraça o entender:
não se fia da verdade
teme o que não há-de temer. (I E L3)
32. Que forte cousa é tratar
quem traz tudo a seu proveito,
muito cumpre vigiar
desenfreado respeito. (I C E L3)
33. Antre nécios e sabidos
nunca falece contenda:
aonde os maus são ouvidos
os bons não tem muita renda. (I C E L3)
34. Mui difícil é soster
bom zelo antre maus zelos,
grande virtude é doer
dos errados e sofrê-los. (I C E L3)
35. Os defeitos naturais
a Deus pertence curá-los:
os senhores desiguais
nunca tem fieis vassalos. (I C E L3)
36. Grande graça é com antolhos
querer sempre dar a guia,
quem trata sem mil abrolhos
perde na mercadoria. (I C E L3)

30. E: *há*: ha hy

C: *é não semir ... não há siso*: he sentir ... não he mui

32. E: *Que forte ... quem traz ... desenfreado*: Forte ... quem faz ... de desenfreado

C: *Que forte ... desenfreado*: Forte ... o desenfreado

L3: *Que forte*: Forte

33. E: *aonde*: e onde; C L3: onde

34. E: *soster ... grande virtude é doer / dos errados*: sofrer ... grão virtude he temer / os errados

36. C: *Grande graça é ... quem trata sem mil*: Que graça he ... quem somente com

L3: *Grande graça*: Que graça

37. Couse é muito necessária
no homem o engano honrado:
nunca fez grã represária
o muito desconfiado. (I E L3)
38. Quando nos cega a vontade
cega é toda a rezão,
os que não tem liberdade
mui fracos conselhos dão. (I E)
39. Que maldade é afear
as culpinhas veniais,
que medo dessimular
com as vergonhas mortais. (I C E L3)
40. Quem destrue as equidades
quem faz senhores tiranos?
alquimistas das verdades
com a cor dos desenganos. (I C E L3)
41. Que laços de Satanás
para tentar o constante,
o rico tornar atrás
riquezas ao mendigante. (I E L3)
42. Grã prova é de cada um
a escolha da sua amizade:
bom e mau nunca foi um
a maldade com a maldade. (I E L3)
43. Pecado é incurável
quem erra cuidar que acerta,

37. E L3: *Couse é muito ... no homem o engano*: Couse muito ... he o engano

38. E: *Cega he toda a rezão / se se cega a vontade / mui fracos conselhos dão / os que não tem liberdade*

39. E: *maldade*: malícia

C: *Que maldade ... que medo*: Malícia he ... medo he

40. E: *das verdades*: de verdades

L3: *dos desenganos*: de desenganos

41. L3: *ao mendigante*: co mendigante

42. E: *Grã prova é de ... a escolha da sua*: Grande proua de ... he a sua

L3: *Grã prova é de ... a escolha da sua*: gram proua de ... he a sua

- nunca faz cousa notável
o que muito a mão aperta. (I C E L3)
44. Quem entende melhor tudo
a Deus pertence julgá-lo,
não engeite siso rudo
o senhor do fiel vassalo. (I E L3)
45. Quem se não viu destruído
governando sem conselho?
como é sempre aborrecido
aos mancebos o velho. (I E L3)
46. Quem muito fala algum hora
trasluz o que dentro jaz,
a que lhe nace em boa hora
que entende bem o que faz. (I E L3)
47. Quem viu nunca o ignorante
fazer heróica virtude,
nem vontade exorbitante
que com branduras se mude? (I E L3)
48. Engano é com invenções
querer amizades sãs,
para amigar corações
há-de haver verdades chãs. (I E L3)
49. Quem não sabe usar do seu
tem cobiça do alheio,
quão soberbo é o judeu
enquanto não tem receo. (I C E L3)
50. Que vara tem de condão
quem fala a vontade alhea,

43. E: *faz ... o que muito a mão*: fez ... quem a mão muito
C L3: *o que muito a mão*: quem a mão muito
44. E: *do fiel*: de fiel
45. E L3: *é sempre aborrecido*: he aborrecido
46. E L3: *a que lhe ... entende bem*: aquele ... entende
47. L3: *o ignorante*: ignorante
49. C: *Quem não sabe*: Quem sabe

quem peita sua rezão
toda cousa fará fea. (I L3)

51. Mui danada é a orelha
que tem gosto d'ouvir mal,
e o mau nunca aconselha
a justiça ser igual. (I C E L3)

52. Que vergonhosa fraqueza
fazer feros em ausência,
sempre anda com baixeza
sobeja benevolência. (I C E L3)

53. Quão pouco com sabedores
val quem muito se infuna,
como são desdanhadores
os mimosos da fortuna. (I C E L3)

54. Que medo quem tem poder
é deixar-se escorregar,
começos de corromper
muito maus são de enfrear. (I E L3)

55. Pouco sabe quem de si
se não benze cada hora,
mui confiado não vi
que da rezão não vá fora. (I C E L3)

56. Que quedas dá no começo
das cousas grã confiança,
contra o grande desprezo
não fiar de temperança. (I C E L3)

50. L3: *toda cousa*: toda a cousa

51. E: *Mui danada ... e o mau ... a justiça*: Danada ... o mau ... ha iustica

C: *Mui danada ... d'ouvir ... e o mau*: Danada ... em ouvir ... o mau

L3: *Mui danada ... e o mau*: Danada ... o mau

52. C: *Que vergonhosa*: He vergonhosa

54. E L3: *é deixar-se*: deixarse

55. C: *da rezão*: de razão

56. E: *de temperança*: da temperança

C: *Que quedas dá no começo ... grã confiança ... de temperança*: Logo no começo [...] ... he confiança ... da temperança

57. Quem tem ser não se promete
ao que deve fazer,
ao honrado compete
fazer e não o dizer. (I C E L3)
58. Quão pouco dá por ninguém
quem nunca se viu em mímica,
a ser homem não convém
a vingança com a língua. (I C E L3)
59. Quem sempre quer o seu fato
não pode ser manual
quão certo é desbarato
do fiel com desigual. (I E L3)
60. Desordem é o ferreiro
pôr o preço dos sapatos:
pouco sabe o ovelheiro
para mestre de contratos. (I C E L3)
61. Cada um no que pratica
deve ser somente crido,
o que na verdade embica
é em tudo aborrecido. (I E L3)
62. É pequice procurar
diante o juiz suspeito,
não devem de suportar
os homens o contrafeito. (I C E L3)
63. É total destruição
os culpados serem cridos
quem seguir a condição
fará muitos mal sofridos. (I E L3)

58. E: *quem nunca se viu*: quem se nunca viu

C: *a ser homem*: ao homem

59. E: *é desbarato ... com desigual*: he de desbarato ... ao desigual

60. C: *dos sapatos*: os sapatos

61. E L3: *o que*: quem

62. E: *É pequice ... diante ... de suportar*: Pequice he ... ante ... de se portar

C: *É pequice ... diante*: Pequice he ... entre

L3: *É pequice ... diante*: Pequice he ... ante

64. Quem vive sem ter defeito,
mas qual deles é maior?
Com fraqueza ser sojeito
de todos é o peor. (I E L3)
65. Castigo merece quem
finge bem por fazer mal:
nunca se viu em ninguém
ser fingido e ser igual. (I C L3)
66. Espanto é do costume
ver errar ou acertar,
quem de ser falso presume
o deviam de queimar. (I L3)
67. Que aproveita ao descuidado
ver perder a sua cousa?
Ao muito confiado
dar conselho ninguém ousa. (I C L3)
68. Que maus proveitos apanha
quem se troca por dinheiro,
quem aconselha com manha
não será nunca erreiro. (I C L3)
69. O que segue opinião
rezão é que se não crea:
quem adultera a rezão
com nenhũa se refrea. (I C L3)
70. Que presta co ignorante
a verdadeira amizade:
não vai co discreto avante
quem lhe não fala verdade. (I L3)

65. C: *Castigo*: Grã pena

L3: *ser igual*: ser leal

66. L3: *o deviam de queimar*: deviãono dapedrejar

68. C: *erreiro*: terceiro

L3: *Que maus ... se troca*: quem aos ... ceptro ca

69. C L3: *O que ... com nenhũa se refrea*: Quem ... toda a couza fara fea

70. L3: *a verdadeira ... não vai co discreto*: verdadeira ... co discreto não vai

71. Enganos são pensamentos
de aprazer a quem culpais:
menos mal ruins isentos
que contrafeitos iguais. (I C L3)
72. Enemizade encuberta
tem quem doutrem mal suspeita,
às vezes falso profeta
se troca por boa peita. (I C L3)
73. Grão desavergonhamento
com baixos é proveitoso,
não dessimula mau tento
o coração animoso. (I L3)
74. Quando com cegueira acesa
há amor demasiado
e de Deus não vem defesa,
quem se viu alumiado? (I C L3)
75. Adquirir grande thesouro
com enganos, quem o sabe,
é achar panela d'ouro
mas não preço que se gabe. (I L3)
76. Que grande soberba é
quem de si só se confia:
quem os amigos não crê
deve crer que desvaria. (I L3)
77. Qual pode ser mor perigo
que não vencer da razão:
quem engana seu amigo
em tudo fará traição. (I C L3)

71. C: *menos mal ruins*: menos mal são maos

72. C: *Enemizade*: Amizade

L3: *falso*: falça

74. C: *Quando ... e de Deus não vem ... quem se viu*: Só ... co o de Deus tem ... o que
estâ

L3: *Quando*: se

75. L3: *o sabe*: os sabe

78. Nenhũa cousa faz mais
danados os corações:
no trato todos iguais
desiguais os galardões. (I C L3)
79. Que grande arte é judaria
para impremir mentiras:
os ardis da tirania
perdas são se bem consiras. (I L3)
80. Quem vai avante mintindo
exemplo dá odioso,
quem pouco ganha servindo
logo se faz preguiçoso. (I C L3)
81. Quem não faz do peor conta
nunca tem certa receita:
quem não vê o fim que monta
sempre se desaproveita. (I C L3)
82. Mui grandes conluios faz
a torpe ociosidade:
a culpa consigo traz
mui preguiçosa a vontade. (I L3)
83. Que grande descanso dá
o si si e o não não,
a todos satisfará:
tudo dana confusão. (I C L3)
84. Quantos corações humanos
se fazem feros brutais
com favores ou com danos
se todos são desiguais. (I L3)

79. L3: *que grande arte*: grande arte

80. C L3: *exemplo dá*: da exemplo

81. C: *do peor ... nunca tem*: do pouco ... nunca fas

82. L3: *a torpe ... mui preguiçosa*: torpe ... preguicoza

83. C: *a todos*: a muitos

L3: *confusão*: a confusão

85. Soberbos desdanhadores
doudos são ou ignorantes,
nécios com os tais senhores
amigos e bem andantes. (I C L3)
86. Os de fortes condição
nunca são bons conselheiros,
mansa justificação
faz os fins serem inteiros. (I C L3)
87. Muito sente cada um
suas perdas temporais,
mas quando o mal é comum
a virtude o sente mais. (I C L3)
88. Se tudo tão pouco val
de que servem difensões?
o mal do bem é igual
segundo as opiniões. (I L3)
89. Grande culpa é não fogir
de má desconformidade:
quem não trata do porvir
vive em necessidade. (I C L3)
90. Quem tudo muito recea
nunca leva nada avante,
vergonha é muito fea
na rezão não ser constante. (I C L3)
91. Quem se não vence de si
pouco faz pelo amigo,
e dizer mal nunca o vi
que não fosse grã perigo. (I C L3)

85. C: *doudos são ou ... nécios com*: neços são e ... doudos com

86. C: *os fins*: os homens

88. L3: *difensões ... as opiniões*: discensões ... opiniões

89. C: *Grande culpa ... de má ... em necessidade*: Gram culpa ... da ma ... com neçes-
sidade

90. C L3: *nunca leva*: não leva

91. C: *se não vence ... e dizer ... o vi*: se não sente ... dizer ... ouvi

L3: *se não vence ... e dizer*: se não sente ... dizer

92. Grande mal é ver verdades
destruídas com cautelas,
como são cruas maldades
contra quem se fia delas. (I C L3)
93. Quem achou nunca bom cabo
na culpa que procurou?
Grandes danos faz o gabo
dos erros a quem errou. (I C L3)
94. Quem viu nunca sem seu dono
olhar outrem pola cousa?
Mui vencido é do sono
quem com fadigas repousa. (I C L3)
95. Mui afoutos são burlões
quando adquirem fazenda,
mui tristes bons corações
se do mal não vem emenda. (I C L3)
96. Quão mau é ser enganado
quão mau quem outrem engana,
antre eles é o culpado
aquele que os desengana. (I C L3)
97. Quem pode ser vencido
usar daquilo que entende,
quem no seu é mal provido
não é perda que se emende. (I L3)
98. Quem viu nunca descrição
que não soubesse a vontade,
o que a uns friezas são
a outros é devindade. (II L3)

92. C: *é ver verdades*: são as verdades

93. C: *dos erros*: do erro

94. C: *sem seu dono*: sem ser dono

96. C: *quão mau quem outrem ... aquele que*: tão mau he quem outro ... quemquer que

L3: *o culpado / aquele*: culpado ... quem quer

98. L3: *soubesse*: saiba

99. Quem às cousas se sojiga
nunca pode bem com elas,
e quem com razão se obriga
não dá causas a querelas. (I L3)
100. É espanto a olhos vistos
haver cegueiras tamanhas,
nunca são dos maus bemquistos
os que não usam de manhas. (I C L3)
101. Em toda obra a fraqueza
em culpas se determina,
muito má é a natureza
que contra amigos se inclina. (I L3)
102. O que se funda em maldade
co mundo mil sortes faz,
sempre tarda a bondade
mas à longa satisfaz. (I C L3)
103. Grande baixeza é quem pode
ser mimoso no que quer,
por bem que fortuna rode
há-de ser o que há-de ser. (I C L3)
104. Não pode ser mor vergonha
que ser homem adjectivado,
em maus ardis nunca sonha
o que é muito escoimado. (I L3)
105. Quão erradas concrusões
que toma a razão feitiça;
e mais quando tira ouções
em desordem de cobiça. (I L3)

99. L3: *e quem ... causas*: quem ... cauza

100. L3: *tamanhas*: estranhas

102. C: *O que ... mas à longa*: Quem ... mas aqui vem

L3: *O que*: Quem

103. C: *Grande baixeza*: Grande perda

L3: *Grande baixeza*: Gram baixeiza

104. L3: *que ser homem ... o que é*: que homem ... quem he

105. L3: *Quão erradas ... que toma ... mais quando*: Que erradas ... toma ... mais se

- 106.** Quem é o que se castiga
por ouvir o mal que faz?
A quem alma não obriga
cada vez mais pertinaz. (I C L3)
- 107.** Que grande pouco saber
é culpar o que está visto;
quem se quer contrafazer
não será nunca bemquisto. (I C L3)
- 108.** Quem cuida viver de manha
não faz d'honra cabedal,
e quem do pobre desdanha
não lhe lembra que é mortal. (I C L3)
- 109.** Quem se criar em pobreza
risco corre com riquezas,
quem não nace com nobreza
sempre se inclina a baixeiras. (I C L3)
- 110.** Quem vive sem fundamento
navega mundo sem leme,
quem viu nunca frade isento
que nas virtudes se estreme? (I C L3)
- 111.** Mau siso é entreter
o que não leva bom fim,
os que andam a comprazer
como dos outros se rim. (I C L3)
- 112.** Grande fraqueza é a humana
cercada de azos maus,
quem não foge do que dana
perde-se em mui baixos vaos. (I C L3)

107. C: *Que grande ... é culpar:* Bem mostra ... quem culpa

108. C: *do pobre ... não lhe lembra:* ao pobre ... não cuida

L3: *e quem do pobre:* quem ao pobre

109. C: *se criar ... risco corre com riquezas ... sempre se inclina a baixeiras:* se cria ... nas riquezas corre risco ... fas seus tiros ao [???]

L3: *se criar ... se inclina:* se cria ... tira

110. C: *mundo ... nas virtudes:* o lume ... em virtude

L3: *nas virtudes:* com virtudes

111. C: *como dos outros:* sempre dos outros

112. C L3: *Grande ... em mui baixos:* Grã ... em baixos

113. Quem se a outrem todo entrega
destruidor é do seu,
quem a si mesmo se nega
fará pouco pelo teu. (I C L3)
114. Quem não acerta seguir
o conforme à idade
dá ao mundo de que rir
na velhice e mocidade. (I C L3)
115. Que grande medo é julgar
trabalhos de cada um,
mal os poderá estimar
quem nunca passou nenhum. (I C L3)
116. O mui vencido de si
contra culpas não tem guerra,
o seu si não é assi
contra todos sempre erra. (I C L3)
117. Quem de si faz grande conta
por cousas muito pequenas
em todas recebe afronta
dos que passam grandes penas. (I L3)
118. Quem a outros muito obriga
nunca deles tem bom fruto,
quem quiser que o mundo o siga
pouco obrigue e faça muito. (I C L3)
119. Indinado é o juiz
quando é competidor;
sempre a igreja matriz
devia ter pregador. (I L3)

113. C L3: *se a outrem todo*: a outrem se

114. C: *de que rir*: que rir

115. C L3: *Que grande ... poderá*: Grande ... pode

116. C: *contra todos sempre erra*: porque contra todos erra

117. L3: *em todas*: sempre

118. C: *a outros*: outros

L3: *a outros ... pouco obrigue*: outros ... obrigue pouco

120. O apetitoso espírito
não recebe benefício,
em toda a cousa o apetito
é sempre a raiz do vício. (I L3)
121. Em vão são bons fundamentos
se não vem de coração,
nunca honra por estromentos
foi de grande capitão. (I C L3)
122. Muito mal ouve o estranho
quem por si sempre procura,
físico que anda ao ganho
em poucos fez boa cura. (I C L3)
123. Quem viu boas companhias
antre homens negrigentes,
quem em tudo quer profias
não terá muitos contentes. (I C L3)
124. Que maldade tão horrenda
são cruezas por proveitos,
pouco crecem na fazenda
os inclinados a preitos. (I L3)
125. Maldade é inhumana
cruzeza por adquirir:
bem abasta, pois não dana,
ser sobejo no pedir. (I L3)
126. Que encontros dá a cobiça
com boas novas alheas,
aos bons porém atíça
quando elas são mui feas. (I L3)

120. L3: *em toda a cousa*: em tudo

121. C: *Em vão são bons ... vem de*: Não são bons os ... são de
L3: *de coração*: do coração

122. C: *Muito ... sempre*: Mui ... muito
L3: *Muito*: Mui

124. L3: *Que maldade ... crecem*: Quem maldade ... cresce

127. Quem sabe por onde vai,
quem sabe por onde vem?
Aos casos atentai:
não é sisudo ninguém. (I L3)
128. Torpe é quem aventura
a vida por adquirir,
quem tem a vida segura
inda que queira fogir. (I C L3)
129. Que cousa é opinião?
Cada um a dá ao seu:
de uns se aprende rezão
e doutros a ser sandeu. (I L3)
130. Erro é cuidar ninguém
que lhe val a descrição,
a quantos errados vem
grandes honras sem rezão. (I C L3)
131. Que diferentes sentidos
toma a rezão humana,
o que faz a uns sobidos
a outros de todo dana. (I L3)
132. Por quão baixo preço vende
descanso e liberdade
o coitado que pretende
ganhar alhea vontade. (I C L3)
133. Quem viu pessoa constante
havida por liviana,
e quem viu nunca ignorante
não cuidar sempre que engana? (I C L3)

128. C: *inda que queira*: de nada deve

129. L3: *a dá*: anda

130. C: *ninguém*: alguém (o e foi acrescentado na interlinha)

131. I: *Que ... toma ... uns*: Quão ... padece ... ãas

132. C: *Por quão ... ganhar alhea*: Por mui ... ganhar doutrem a

L3: *Por quão*: Por mui

133. C: *e quem ... não cuidar sempre que engana*: quem ... que cuide que não engana

L3: *e quem ... não cuidar sempre que engana*: quem ... que não cuide que engana

134. Quem viu nunca quem cobice
muito aquilo que quer,
que não haja por pequice
se outrem o não quiser? (I E L3)
135. Quem foi nunca destruído
por fazer o que devia,
que não fosse repreendido
de quem dele dependia? (I C E L3)
136. Oh, que agudeza tamanha
quantos enganados tem
contrafazer-se com manha
bem por mal e mal por bem. (I E L3)
137. Que vergonha é afirmar
que sabe o que não sabe,
quem com isso acarretar
quer proveito que não cabe. (I C E L3)
138. Nunca se viu o prudente
ser por bem mal ensinado,
nem ser muito paciente
o ruim muito afagado. (I C E L3)
139. Quanto mal fazem suspeitas
quando se lhe abrem as portas:
as amizades desfeitas
quantas verdades tem mortas. (I C E L3)

135. C: *dele dependia*: ele dependia

136. E: *Oh, que agudeza ... com manha*: Que agudeza ... por manha

L3: *Oh, que*: Que

137. E: *Que vergonha ... que sabe o que ... acarretar*: Vergonha ... quem sabe o que ...
acertar

C: *Que vergonha ... que não cabe*: Vergonha ... quando cabe

L3: *Que vergonha*: Vergonha

138. E: *mal ensinado ... muito afagado*: mal inclinado ... mui afagado

C: *o ruim*: o ruim

L3: *muito afagado*: mui afagado

139. E: *quando se lhe ... as amizades ... tem mortas*: se lhe ... mil amizades ... bem
mortas

C: *quando se lhe ... as amizades*: se se lhe ... mil amizades

L3: *quando se lhe abrem ... as amizades*: se lhe abrem bem ... mil amizades

140. Que vergonha é ouvir mal
ao que cuida que apraz,
quantas vezes este tal
diz doutros o que ele faz. (I E L3)
141. Aos contrafeitos fraqueza
lho faz ser em todo estado,
com a natural vileza
de zelo todo danado. (I E L3)
142. Aprazíveis lisongeiros
sempre dão beijos de Judas,
como são baixos palheiros
perdas são suas ajudas. (I C E L3)
143. Alma para quem não crê,
honra para deshonrados,
nenhum há que as não dê
por favor ou por cruzados. (I C E L3)
144. Quem vê contrariedades
enquanto se pode ver,
que monta mais ter cidades
que um pão para comer. (I C E L3)
145. Que monta mais ser senhor
que o mais inferior,
quem em si tem mais primor
se deve ter por melhor. (I C E L3)
146. Que vo-lo dêem por escrito
amor de pessoas reais,
quanto dura o apetito
isso só dura e não mais. (I L3)

140. E: *Que vergonha ... ao que ... diz doutros o que ele faz*: Vergonha ... a quem ... diz de sy mesmo o que faz

L3: *Que vergonha ... ao que ... diz doutros o que ele*: Vergonha ... a quem ... diz dos outros o que

141. E L3: *Aos contrafeitos ... com a natural*: Os contrafeitos ... com ãa natural

143. E: *nenhum há que as não dê*: não ha nenhum que não de

C: *Alma ... nenhum há que as não dê*: A alma ... não ha nenhum que não de

145. C: *mais inferior ... por melhor*: mais baixos estado ... por honrado

147. Com isto tudo se abraça
haver tal dissolução,
que só ganhe em cada casa
quem mente e muda razão. (I C E L3)
148. Pouco faz ao caso nosso
ter nas obras mil primores
mundo dais o que é vosso
aprazeis a aprezadores. (I C E L3)
149. Que grande culpa é falar
só com zelo de empecer;
quão digno é de louvar
os costumes reprimir. (I L3)
150. Que pecos são reprensos
que não vêm quem eles são,
próprio é de sabedores
tomar bem a repreensão. (I L3)
151. Que grande sensaboria
é ver o mundo e conhecê-lo,
que grande graça seria
o que se cala, dizê-lo. (I C E L3)
152. Que má cousa é fazer trovas
se ocupam o cuidado,
nunca sabe muitas novas
quem nenhũas tem palrado. (I C E)
153. Muito vence quem se vence,
muito diz quem não diz tudo:
ao discreto pertence
a tempos fazer-se mudo. (C E M T)

-
147. E: *que só ganhe em ... quem mente e:* quem mente em ... ganha e
C: *que só ganhe ... quem mente:* ganhar quem ... mente
L3: *que só ganhe ... quem mente ... razão:* que ganha quem ... mente ... a razão
148. E: *mundo dais:* mundo he dardes
C: *ter nas obras mil primores / mundo dais:* nas obras ter mil primores / quando dais
149. L3: *os costumes:* maos costumes
151. C: *e conhecê-lo ... o que se cala:* em conselho ... quanto se cuida
152. E: *Que má:* Quem má
C: *se ocupam ... quem nenhũas tem palrado:* que ocupam ... quem gente não ha
tratado

154. Não lançar de tudo mão
vem de muito confiado,
grande dom é ser calado
e valer da conjunção. (C M T)
155. Grande fazenda é o siso
a quem sabe dele usar,
nunca vi aproveitar
falar mal em prejuízo. (C E M T)
156. O saber é do prudente,
do néscio a imprudência:
prudência com paciência
é riqueza diferente. (C M T)
157. Não há estado contente
nem amizade segura,
nunca vi amigo ausente
se não foi um de ventura. (C E M T)
158. A altivos pensamentos
vi muito baixos empregos
a cobiçosos e cegos
vi cair de altos assentos. (C M T)
159. A homens contemplativos
vi sempre prevalecer;
spíritos baixos, captivos
não lhe vi cabeça erguer. (C T)

154. M T: *grande dom*: grande bem

T: *e valer da*: he falar na

155. C: *a quem sabe dele usar*: a quem sabe usar dele (em cima destas palavras, foram escritos números que indicam a sua justa ordem no verso)

M: *em prejuízo*: com prejuízo

156. M: *O saber ... a imprudência ... prudência*: O sofrer ... a impaciência ... pobreza
T: *He virtuosa tensão / de quem desculpa o ausente / ho sofrer he de prudente /*
/ de nescio a impaciência (houve uma contaminação entre esta sentença e a
n.º 198. O copista copiou os primeiros dois versos de uma seguidos dos últimos
dois versos da outra. Compare-se mais à frente)

157. E: *nem amizade segura, / nunca vi amigo ausente / se não foi um de ventura*: nem ui
bonança segura / quem se fiar da ventura / ficara mais descontente.

158. C: *assentos*: aposentos

159. T: *prevalecer*: permanecer

- 160.** Não vi a mau fazer fruto
nem sem Deus haver saúde,
de vilão que veo a muito
ninguém espere virtude. (C M T)
- 161.** Não há vida sem sossobra
nem vi tempos sem mudança
nem perder a esperança
de Deus que por ela obra. (C M T)
- 162.** Mui grã trabalho é viver
em aldea acanhado,
vitupério é de ver
o homem desconfiado. (C M T)
- 163.** Muito saber é danoso,
grã trabalho é ser leigal,
o saber fundado em mal
para a alma é perigoso. (C E M T)
- 164.** O honrado virtuoso
deve ser mui confiado,
o cristão desenganado
não seja escrupuloso. (C M T)
- 165.** O discreto abalizado
a quem Deus deu entender
deve os tempos conhecer
contente de seu estado. (C M T)
- 166.** Trazer a honra embuçada
não vem de tê-la segura,
quem se fia da ventura
traz a cabeça quebrada. (C M T)

160. M T: *de vilão que veo a muito / ninguém espere virtude:* nem sair ia mais virtude /
/ de vilam contente muito

161. T: *tempos ... que por ela:* tempo ... quem por ela

162. M T: *Mui grã trabalho ... o homem:* Grão trabalho ... a homem

163. M T: *para a alma:* para o al

164. M T: *honrado virtuoso ... não seja:* honrado e virtuoso ... não se faça

165. M T: *conhecer / contente de:* entender / contentar-se

166. M T: *embuçada:* embicada

- 167.** Quem usou de diligência
grã parte foi de seu bem,
nenhã justiça tem
quem carece de aderência. (CM T)
- 168.** Todo o homem belicoso
não pode viver contente,
regra é de homem prudente
conversar co virtuoso. (C M T)
- 169.** Quem da verdade é zeloso
dela mesma se contenta,
conversar co vicioso
é andar sempre em tormenta. (C M T)
- 170.** Nas obras e condição
se conhece o bom amigo,
e no zelo e na tenção
nos é secreto inimigo. (C M T)
- 171.** O que de si fizer ponte
terá vida, será ledó,
e por cativo se conte
quem doutrem fiar segredo. (C E)
- 172.** Os homens com os ofícios
declaram a condição,
per verdade nem rezão
não vejo dar benefícios. (C E)
- 173.** O que jura por ser crido
de si mesmo tem sospeita,
poucas vezes se aceita
quem pragueja em escondido. (C E)

169. M T: *da verdade ... se contenta ... co vicioso:* da virtude ... se sustenta ... com perigoso

170. M T: *nos é secreto:* quem he secreto

171. C: *O que de si ... terá vida ... e ... quem doutrem:* quem de si ... toda vida ... mas ... quem de si

173. E: *se aceita:* foi aceita

174. A República menos dana
mau príncipe que mau privado
ser mal ou bem inclinado
e mal e bem deste mana. (C E)
175. Cada um em seu estado
conhecer-se é grã prudência,
e não se dar por achado
das ofensas em ausência. (C E)
176. Da ofensa esquecimento
grã mezinha dizem ser,
grã perda é perder tempo,
maior não o conhecer. (C E)
177. Conforme ao tempo viver
e a terra e ao estado
obrigação deve ser
do que for bem atentado. (C E)
178. De igual conversação
costuma nacer desprezo,
requer-se primor e peso
no conversar e eleição. (C E)
179. Malícia dessimulada
não há na vida mor mal,
nenhũa peste é igual
à maldade colorada. (C E)
180. Não vi onde há engano
poder obrar a virtude,
grã descanso é saúde
e vencer com desengano. (C E)

174. E: *A República ... que mau privado ... e mal ... deste*: Na Republica ... que o priuado ... o mal ... delle
176. E: *grã perda é perder*: grande perda perder
177. E: *deve ser*: deue de ser
178. E: *costuma nacer ... requer-se*: costume he nacer ... requiere-se
179. E: *nenhũa*: nem nenhũa
180. E: *Não vi ... grã descanso é ... e vencer*: Nunca ui ... que grão descanso e ... he uencer

- 181.** Onde há malícia escondida
que inocência pode haver?
a virtude há-de ser
natural e não fingida. (C E)
- 182.** Inda que traga o engano
muitas águas de bondade
não dura muito seu dano
nem fingida santidade. (C E)
- 183.** Nunca falsos fingimentos
puderam muito durar,
onde obra sói faltar
vejo suprir comprimentos. (C E)
- 184.** A mais discreta vingança
é podendo fazer bem,
quem cuida que amigos tem
não os pese na balança. (C E)
- 185.** O que a maus perdoou
a bons fez grande ofensa,
quem com tredos dispensou
para o matar dispensa. (C E)
- 186.** O amigo que é geral
não se lhe agradece o bem:
menos trabalho se tem
na virtude que no mal. (C E)
- 187.** O medo e o perigo
cerram portas ao conselho,
o que nos males é velho
só Deus acha per amigo. (C E)
- 188.** Vício é no devedor
fazer ofensa a quem deve,

181. Em C, na margem, um sinal aponta para a substituição, no v. 3, do verbo *há-de* com *deve*.

E: *Onde há ... lá-de*: Onde hu ... deue

183. E: *onde obra*: onde ha obra

184. E: *não os pese*: não nos prouve

185. E: *matar dispensa*: matar deu licença

enquanto a paga deteve
é cativo do acredor. (C E)

189. Medo e necessidade
mui grandes cousas inventam:
os homens que se contentam
tem riqueza e liberdade. (C E)

190. Piedade e autoridade
rígor requer o governo;
não vi mais certo inferno
que fingida santidade. (C E)

191. Natural dos homens é
piedade e compaixão,
nos príncipes por quem são
mais lustrosa ser se vê. (C E)

192. Senhor que quer saber tudo
muito deve perdoar,
trosquie o pastor sesudo
e não queira esfolar. (C E)

193. Tudo sofre e tudo faz
o mercador por dinheiro,
não pode viver em paz
o que for meixeriqueiro. (C E)

194. Aos prósperos da vida
se obedece e faz resenha
mas em árvore caída
cada qual vai fazer lenha. (C E)

195. Não se tache ao inocente
sentir-se em ser ofendido,
o são visita o ferido,
o mal é de quem o sente. (C E)

190. E: *Piedade e ... requer*: Piedade ... requiere

192. E: *queira*: deve

194. E: *cada qual*: quem se quer

195. E: *em ser ... o ferido*: sendo ... ao ferido

196. Em condição belicosa
de milagre há mudança,
a branda e piedosa
a porfia vence e cansa. (C E)
197. Os males tem um só bem
que é deles ter vergonha,
brandas palavras peçonha,
engano e veneno tem. (C E)
198. Do falar como doente
não há boa presunção
é virtuosa a tenção
de quem desculpa o ausente. (C M T)
199. Quem de muito lança mão
fica contino sem nada,
a pessoa abalizada
se vê na reputação (C M T)
200. Ao homem malicioso
antes tê-lo por imigo,
não achei no mal abrigo
nem menos velho ditoso. (C E)
201. A estrada por atalho
não se deve de perder,
bom é viver sem trabalho,
milhor com honra viver. (C E)
202. Culpar não se deve alguém
nem merece que se gabe,
pois de cima tudo vem
quem sabe ou quem não sabe. (C L3)

196. E: *a branda*: a maria

198. M: *Do falar ... não há ... é virtuosa*: O falar ... não he ... e virtuosa
T: *Do falar ... é virtuosa a tenção / de quem desculpa o ausente*: O falar ... pobreza
com paciência / he riqueza diferente (veja-se a nota relativa ao n.º 156)

199. M T: *de muito ... fica contino ... se vê*: de tudo ... as uezes fica ... vesse

200. E: *abrigo*: amigo

201. E: *A estrada por atalho / não se deve de perder ... com honra viver*: Não se deve de
perder / a estrada por atalho ... com honra morrer

202. L3: *culpar não se deve alguém*: Não se deve culpar ninguém

203. Esperança é de emenda
tudo pecar com vergonha,
triste do bispo que sonha
em atisourar fazenda. (E)
204. Ao bem é grande honra
ser do mau escarnecido,
nunca vi maior deshonra
que deles andar temido. (E)
205. Fugir dela é desejá-la,
aceitá-la não é siso,
em aldeas procurá-la
risco é e prejuízo. (E)
206. A verdade dos prudentes
não devem pecos julgar,
nem ofensas d'inocentes
os culpados castigar. (E)
207. A quem perdeu a verdade
não lhe fica que perder,
muito se deve temer
não perder a autoridade. (E)
208. Não se deve nunca ao medo
pedir conta nem rezão,
pecados de ingratidão
não perdoa Deus tão cedo. (E)
209. A fraqueza do amigo
deve-se dessemular,
é mais é para guardar
do incuberto ímigo. (E)
210. O alheo procuramos
saber e calar o nosso,
mas o bom e virtuoso
foge do que nós usamos. (E)
211. Dar aflição ao aflito
não é obra de cristão,

convém na tribulação
ter emenda e ser contrito. (E)

212. Nas perdas, maior espírito
se requiere que no bem,
paciência, cor contrito
conformar com Job também. (E)

213. Bom amigo quem o tem
faça dele grã tisouro,
mas já o não é ninguém
mas que enquanto dura o ouro. (E)

214. Amizade ao que parece
anda o nome corrompido:
é já mulher de partido
que se dá por interesse. (E)

215. A homem malicioso
não se deve conversar,
o cristão e virtuoso
foge d'ouvir mormurar. (E)

216. Residir e visitar
é ofício de prelado,
pera vigiar seu gado
não lhe cumpre descansar. (E)

217. Para aquirir vontades
é grã parte o sofrimento,
ninguém pode ser isento
se não tiver calidades. (E)

218. Três cousas dizem que são
as que desemparam o triste:
saber e reputação,
ânimo com que resiste. (E)

219. Nunca grandes confianças
deixaram de custar muito,
poucas vezes vi dar fruto
a serviços nem privança. (E)

- 220.** A fortuna e a tormenta
há-se de tomar a peito,
quem de pouco se contenta
vem de ter fraco sojeito. (E)
- 221.** Dos amigos que se escondem,
no mal não há que fiar,
o seguro era falar
com muitos que não respondem. (E)
- 222.** Nunca vi mor desenfado
que a tempos enfadamentos,
perfeito contentamento
não no tem nenhum estado. (E)
- 223.** Não pode em nada acertar
quem tem baixos pensamentos
e grandes enfadamentos
vem de muito conversar. (E)
- 224.** Nunca vi pouco falar
que lançasse nau à costa:
quem a escudeiro se acosta
não lhe dão condes lugar. (E)
- 225.** Do bom zelo sói avir
o fazer justiça a medo,
quem a si não tem segredo
mal pode a outrem encobrir. (E)
- 226.** Muito gasta autoridade
ser de geral condição,
o que vive de verdade
não nega conta e razão. (E)
- 227.** Autoridade e gosto
deu sempre recolhimento:
desprezo, brigas, desgosto
em praça ajuntamento. (E)
- 228.** Trabalho é entender,
descanso não saber nada,

a tempos muito saber
ante senhores enfada. (E)

229. Sofra ofensas do imigo
o que sabe ter-lhas feito,
o primeiro no perigo
o é na honra e proveito. (E)

230. Do que ãa vez foi tredo
não se deve de fiar,
o poderoso a medo
do poder deve usar. (E)

231. Nunca vi atrevimentos
socederem sempre bem,
seguros contentamentos
não os procure ninguém. (E)

232. Quem de si muito confia
se acha mais enganado,
por imigo declarado
do que temo me daria. (E)

233. Pouco perdeu na fazenda
quem com má vida o perdeu,
quem no mal envelheceu
acaba antes de emenda. (E)

234. Melhor sofre repreensão
todo estado que desprezo,
quem vive por conta e peso
terá vida e salvação. (E)

235. Menos ódio e mais favor
com a gente procuremos,
de prudente e sabedor
é nunca seguir estremos. (E)

236. No conselho muito val
e precede autoridade
mas sobretudo verdade,
amor e tenção leal. (E)

- 237.** Competência no amor
cousa é de mais amar,
agravos e desamor
partes são para o deixar. (E)
- 238.** Muitas vezes se somete
o honesto ao necessário,
ao valente compete
temer o fraco contrário. (E)
- 239.** Em negócio de sustância
menos palavras convém,
as humildes forças tem
em os casos d'empontância. (E)
- 240.** Sempre vi parecer mal
todo bom a mau juízo,
regeitar o natural
por estrangeiro vendição. (E)
- 241.** Pouco deve d'alcançar
o que suas obras gaba,
trabalho é começar
a vida quando se acaba. (E)
- 242.** Viveu quanto quis na vida
o que escolheu por sorte
aceitar antes a morte
que ter vida aborrecida. (E)

GLOSSÁRIO ESSENCIAL DAS SENTENÇAS

Salvo outra indicação, todas as definições são tiradas
do dicionário de MORAIS 1889.

acredor: forma atestada de *credor* (n.º 188 em verso).

aderência: «valia, protecção, favor, de ordinário contra o direito, justiça e boa ordem» (n.º 167 em verso).

adjectivar-se: «concordar, ser compatível, conformar-se» (n.º 21 em prosa).

avante: forma arcaica do advérbio *adiante*, *por diante* (n.ºs 70, 80 e 90 em verso).

cautelas: neste contexto, «engano, fraude, astúcia má» (n.º 65 em prosa).

confira: do verbo *confirir*, variante de *conferir* (n.º 140 em prosa).

consiras: do verbo *consirar*, forma arcaica de *considerar* (cf. VIEIRA 1871) – (n.º 79 em verso).

contrafeitos: adjectivo substantivado do part. pass. de *contrafazer*; tem o sentido figurado de «fingido, forçado» (n.ºs 18, 124 em prosa e n.ºs 62, 71, 141 em verso).

cor: forma arcaica de *coração* (n.º 212 em verso).

costolação: forma arcaica de *constelação*, palavra aqui usada em sentido figurado por «sorte, destino» (cf. VIEIRA 1871) – (n.º 249 em prosa).

dobrado: no sentido figurado de «dissimulado, que usa duplicidade» (n.º 16 em verso).

embica: de *embicar*, «tropeçar», ou, em sentido figurado, «achar estorvo, impecilho» (n.º 61 em verso).

enquirem: o mesmo que *inquirem* (n.º 82 em prosa).

erreiro: não encontrei alguma atestação deste adjectivo; pelo contexto não é possível formular hipóteses sobre a sua significação, nem a emenda de **C** ajuda para peceber o significado (n.º 68 em verso).

esculdrinhados: part. pass. de *esculdrinhar*, variante de *escudrinhar*, com o mesmo significado de *esquadrinhar*, «examinar, investigar» (n.º 28 em verso).

fazer ponte: não é claro o sentido desta metáfora: pode-se, talvez, interpretar como «fazer de intermediário, de embaixador» (n.º 171 em verso).

feitiça: isto é, «feita por artifício, fingida» (n.º 105 em verso).

feros: «ameaça, soberba, fanfarrice» (n.º 52 em verso).

gabo: «ameaça, soberba, fanfarrice» (n.º 93 em verso).

inficionada: do verbo *inficionar*, «viciar, contaminar» (n.º 48 em prosa).

infuna: de *infunar*, forma de *enfunar*, «encher, entezar», também em sentido figurado (n.º 53 em verso).

inotícia: hapax. Provavelmente sinónimo de «ignorância», com base no adjectivo *inoto*, isto é, *ignoto* (n.º 11 em verso).

inteiramente, *inteireza*, *inteiros*: a *inteireza* é a integridade, correcção, qualidade de «quem cumpre perfeitamente os seus deveres», portanto o advérbio e o adjectivo significarão respectivamente «com integridade» e «íntegro», «correcto» (n.ºs 26, 128, 137 em prosa; 86 em verso).

isento: «livre, desobrigado», e também «correcto, recto» (n.ºs 71, 110, 217 em verso).

mãos: provavelmente no sentido genérico de «serviço». MORAIS 1889, no verbete *mão*, inclui os lemas «sem mãos», «sem valor, serviços na guerra» e «dar mãos: pessoas, oficiais, serviçais que trabalhem ou façam alguma coisa, obra, serviço». De qualquer modo, o primeiro dístico da quadra do Conde fica, a meu ver, sem sentido (n.º 16 em verso).

monda: é a erva má (n.º 97 em prosa).

ouções: são ácaros, e, em sentido figurado, «cousas ociosas» (n.º 105 em verso).

pendença: forma arcaica de «penitência, castigo, trabalho», usada também em sentido figurado. MORAIS 1889 cita um excerto da *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos (a. 1, esc. 1), em que aparece o mesmo provérbio: «Altos pensamentos são pendença própria». Será uma citação das *Sentenças* do Conde, ou então o dito era corrente? (n.º 101 em prosa).

pequice: substantivo construído com base no adjectivo *peco*, «tolo, parvo, estúpido» (n.ºs 225 em prosa e 12, 62, 134 em verso).

poquidades: hapax. Parece ser um neologismo construído com base no adjectivo *pouco* (n.º 4 em prosa).

preitos: o mesmo que *pleito* — «suborno» (n.º 124 em verso).

sobrescrito: em sentido figurado, «rótulo, sinal externo» (n.º 139 em prosa).

sojiga: da forma *sogigar* por *subjugar*, de que é variante atestada (n.º 99 em verso).

tenor: forma arcaica de «teor, estilo» (n.º 53 em prosa).

tredos: forma arcaica de *traidor* (n.ºs 185 e 230 em verso).

veníço: «estrangeiro na terra, chegado de fora» (n.º 240 em verso).

BIBLIOGRAFIA

As entradas bibliográficas compõem-se do apelido (ou apelidos) do/s autor/es e do ano da edição consultada. Se se conhecer uma edição precedente ou posterior àquela consultada, indica-se entre parênteses. Quando se trata de edições críticas, é o nome do organizador que vai mencionado, e quando se trata de dicionários ou enciclopédias de responsabilidade vária, indica-se a sigla do título da obra e o ano da edição.

A referência PL está, naturalmente, pela *Patrologia Latina* de Migne.

AA.VV. 1986 — Giovanni Caravaggi, Monika von Wunster, Giuseppe Mazzocchi, Sara Toninelli, *Poeti cancioneriles del sec. XV*, L'Aquila-Roma, Japadre, 1986.

AGUIAR E SILVA 1971 — Vitor Manuel Pires de Aguiar e Silva, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, 1971.

ALMEIDA RIBEIRO 1993 — *Cancioneiro Geral de Resende* (apresentação, selecção, notas de Cristina Almeida Ribeiro), Lisboa, Editorial Comunicação, 1993.

ALONSO 1942 — Gil Vicente, *Tragicomedia de D. Duardos* (ed. Dámaso Alonso), Madrid, C.S.I.C., 1942.

ANSELMO 1926 — António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impresas em Portugal no Séc. XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

ASKINS 1965 — *Cancioneiro de Évora* (ed. Artur Lee Francis Askins), Berkeley – Los Angeles, University of California Publications in Modern Philology, 1965.

ASKINS 1968 — *Cancioneiro de Corte e Magnates* (ed. Artur Lee Francis Askins), Berkeley and Los Angeles, University of California Publications in Modern Philology, 1968.

ASKINS 1978 — Arthur Lee Francis Askins, «Diogo Bernardes and Ms. 2209 of the Torre do Tombo», em *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIII, 1978, pp. 127-165.

BAHER 1984 — Rudolf Baher, *Manual de versificación española*, Madrid, Gredos, 1984.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA MACHADO 1965 — Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, ed. facs. Coimbra, Atlântica, tt. I-IV 1965 (1.^a ed., Lisboa, Ocidente, 1741).

BATTAILLON 1952 — Marcel Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1952.

BEAU 1960 — Albin Beau, «Sobre o Bilinguismo em Gil Vicente», em *Studia Philológica (Homenaje a Dámaso Alonso)*, Madrid, Gredos, tt. I-III 1960; I, pp. 217-224.

BLÜHER 1983 — Karl Alfred Blüher, *Sêneca en España*, Madrid, Gredos, 1983.

BORGES DE MACEDO 1987 — Jorge Borges de Macedo, «Para o Estudo da Mentalidade Portuguesa do Século XVI. Uma Ideologia de Cortesão. As Sentenças de D. Francisco de Portugal», em *Icalp. Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, 7-8, 1987, pp. 73-106.

BORRALHO 1724 — Manuel da Fonseca Borralho, *Luzes da Poesia Descobertas no Oriente de Apolo nos Influxos das Musas*, Lisboa 1724.

BOTTA 1981 — Patrizia Botta, «La questione attributiva del romance "Gritando va el caballero"», em *Studi Romanzi*, XXXVIII, 1981, pp. 91-135.

BRAAMCAMP FREIRE 1907 — Anselmo Braamcamp Freire, «A Gente do Cancioneiro», em *Revista Lusitana*, X, 1907, pp. 262-297; XI, 1908, pp. 311-334.

BRAAMCAMP FREIRE 1910 — Anselmo Braamcamp Freire, *Crítica e História*, Lisboa, Tip. da Antiga Casa Bertrand, 1910.

BRAAMCAMP FREIRE 1931 — Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, tt. I-III, 1931².

BRAAMCAMP FREIRE 1944 — Anselmo Braamcamp Freire, *Vida e Obra de Gil Vicente, Trovador, Mestre de Balança*, Lisboa, Ocidente, 1944.

BRAGA 1871 — Teófilo Braga, *Poetas Palacianos*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1871.

BUESCU 1986 — Ana Isabel Buescu, *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-49)*, Lisboa, Cosmos, 1986.

CAETANO DE SOUSA 1955 — António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Real Casa Portuguesa*, ed. facs., Coimbra, Atlântica, tt. I-XII, tt. I-VI de *Provas Genealógicas*, 1955 (1.^a ed. Lisboa, Academia Real, 1743-48).

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS ANDRADA 1937 — *Relações de Pedro Alcáçovas Carneiro, Conde de Idanha* (ed. Ernesto de Campos Andrada), Lisboa, Imprensa Nacional, 1937.

CARAVAGGI 1971 — Giovanni Caravaggi, *Alle origini del petrarchismo in Spagna*, em *Miscellanea di studi ispanici*, Università di Pisa, 1971-73, pp. 7-101.

CARRETER 1979 — Fernando Lázaro Carreter, «La poética del arte mayor castellano», em *Estudios de poética*, Madrid, Taurus, 1979, pp. 75-111.

CARVALHÃO BUESCU 1978 — Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Gramáticas Portugueses do séc. XVI*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1978.

CARVALHO 1987 — Amorim De Carvalho, *Teoria Geral da Versificação*, Coimbra, Almedina, 2 vols., 1987.

CARVALHO 1991 — Amorim de Carvalho, *Tratado de Versificação Portuguesa*, Coimbra, Almedina, 1991 (1.^a ed., 1974).

CIAVOLELLA 1986 — Massimo Ciavolella, *La 'malattia d'amore' dall'antichità al Medioevo*, Roma, Bulzoni, 1976.

CIDADE 1948 — Hernâni Cidade, *A Literatura Autonomista sob os Felipes*, Lisboa, 1948.

CLARKE 1949 — Dorothy Clotelle Clarke, «Imperfect Consonance and Acoustic Equivalence in Cancionero Verse», em *Publications of Modern Language Association of America*, LXIV, 1949, pp. 1114-1122.

COLOMBO 1987 — Manuela Colombo, *Dai mistici a Dante: il linguaggio dell'ineffabilità*, Firenze, La Nuova Italia, 1987.

CORDEIRO 1885 — Jaime Federico Cordeiro, *Dicionário de Equitação*, Lisboa, Adolfo Modesto, 1885.

CORNU 1883 — Jules Cornu, *Phonologie syntactique du Cancioneiro Geral*, em «Romania», XII, 1883, pp. 243-292.

COSTA RAMALHO 1983 — Américo da Costa Ramalho, «A Idade de João Rodrigues de Sá de Meneses», em *Estudos sobre o Século XVI*, Lisboa, IN-CM, 1983², pp. 199-201.

CRABBÉ ROCHA 1949 — Andrée Crabbé Rocha, *Aspectos do Cancioneiro Geral*, Coimbra, Coimbra Ed., 1949.

CRABBÉ ROCHA 1951 — Andrée Crabbé Rocha, *Esboços Dramáticos no Cancioneiro Geral de Resende*, Coimbra, Coimbra Ed., 1951.

BIBLIOGRAFIA

CRABBÉ ROCHA 1987 — Andrée Crabbé Rocha, *Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1987².

CUMMINS 1964 — John G. Cummins, «Method and Convention in the XVth. Cent. Poetic Debate», em *Hispanic Review*, XXXI, 1964, 4, pp. 307-323.

CUMMINS 1965 — John G. Cummins, «The Survival in the Spanish *Cancioneros* of the Form and Themes of Provençal and Old French Poetic Debates», em *Bulletin of Hispanic Studies*, XLII, 1965, 1, pp. 9-17.

CURTIUS 1984 — Ernst Robert Curtius, *Literatura europea y Edad Media latina*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1984 (1.^a ed., Berna, 1948).

DCECH — Joan Corominas, José A. Pascual, *Diccionario crítico-etimológico castellano e hispánico*, Madrid, Gredos, tt. I-III 1980, t. IV 1981, t. V 1983.

DIAS 1966 — Aida Fernanda Dias, *O Cancioneiro Português do Museo Condé de Chantilly*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1966.

DIAS 1978 — Aida Fernanda Dias, *O Cancioneiro Geral e a Poesia Peninsular de Quatrocentos*, Coimbra, Almedina, 1978.

DIAS 1978b — Aida Fernanda Dias, *Contributo para um Dicionário do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978.

DIAS 1990 — *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 4 vols., 1-2: 1990; 3-4: 1993.

DLMGP 1993 — *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. de G. Lanciani e G. Tavani, Lisboa, Caminho, 1993.

DUTTON 1982 — Brian Dutton, *Catálogo-Índice de la poesía cancioneril del siglo XV*, Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1982.

EIC — Ludmila Kybalová, Olga Herbenová, Milena Lamarová, *Enciclopedia ilustrada del costume*, s.l., Ed. illustrate Accademia, 1977.

ELWERT 1960 — W. Th. Elwert, «L'emploi de langues étrangères comme procédé stylistique», em *Revue de littérature comparée*, XXXIV, 1960, pp.409-437.

FARINELLI 1929 — Arturo Farinelli, *Dante in Ispagna*, Turim, Bocca, tt. I-II, 1929.

FERNÁNDEZ 1984 — Luis Gil Fernández, *Estudio de humanismo y tradición clásica*, Madrid, Ed. de la Univ. Complutense, 1984.

BIBLIOGRAFIA

FONSECA 1777 — Pedro José da Fonseca, *Tratado da Versificação Portuguesa*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1777.

FOULCHÉ-DELBOSC 1915 — Raymond Foulché-Delbosc, *Cancionero Castellano del siglo XV*, Madrid, Bailly-Bailliére (NBAE 19, 22), t. I, 1912, t. II, 1915.

GARCÍA SORIANO 1925 — Justo García Soriano, «Una antología hispanolusitana del siglo XV», em *Boletín de la Real Academia Española*, XII, 1925, pp. 360-375; 518-543.

GEPB — *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa – Rio de Janeiro, ed. Enciclopédia Limitada, tt. I-XL, s.d.

GÓIS 1566 — Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel*, Lisboa, 1.^a e 2.^a parte: 1566, 3.^a e 4.^a parte: 1567.

GÓIS 1567 — Damião de Góis, *Crónica do Príncipe D. João*, Lisboa, 1567.

GONÇALVES VIANA 1910 — Gonçalves Viana, «Lusismos no Castelhana de Gil Vicente», em *Palestras filológicas*, Lisboa, Clássica, 1910, pp. 243-267.

HARDUNG 1875 — Victore Eugène Hardung, *Cancioneiro de Évora*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875.

HUIZINGA 1986 — Johan Huizinga, *L'autunno del Medioevo*, Florença, Sansoni, 1986 (1.^a ed. 1924).

JANNER 1943 — Hans Janner, «La glosa española. Estudio histórico de su métrica y de sus temas», em *Revista de Filología Española*, Madrid, XXVIII, 1943, pp. 181-232.

JENSEN – CIRURGIÃO 1973 — Gordon Jensen e António Cirurgião, «Poesia Peninsular do Século XVI: o Seu a Seu Dono», Coimbra, 1973.

JONES – LEE 1975 — Juan del Encina, *Poesía lírica y Cancionero musical* (ed. de R. O. Jones e Y. Carolyn R. Lee), Madrid, Clásicos Castalia, 1975.

JORGE 1921 — Ricardo Jorge, «A Intercultura entre Portugal e Espanha no Passado e no Futuro», em *Congresso Científico Luso-espanhol*, Porto, Araújo, 1921.

KENISTON 1937 — Hayward Keniston, *The Syntax of the Castilian Prose. The Sixteenth Century*, Chicago, The University of Chicago Press, 1937.

LAPESA 1953 — Rafael Lapesa, «La lengua poética desde Macías hasta Vilasandino», em *Romance philology*, VII, 1953, pp. 51-59.

BIBLIOGRAFIA

LAPESA 1986 — Rafael Lapesa, *Historia de la lengua española*, Madrid, Gredos, 1986⁹.

LE GENTIL 1981 — Pierre Le Gentil, *La poésie lyrique espagnole et portugaise à la fin du Moyen Age*, Genebra-Paris, Slatkine, tt. I-II, 1981 (1.^a ed. 1949-53).

LIDA DE MALKIEL 1950 — María Rosa Lida de Malkiel, *Juan de Mena poeta del prerrenacimiento español*, México, Colégio del México, 1950.

LIDA DE MALKIEL 1977 — María Rosa Lida de Malkiel, «La dama como obra maestra de Dios»; «La hipérbole sagrada en la poesía castellana del siglo XV», em *Estudios sobre la literatura española del siglo XV*, Madrid, Porrua Turanzas, 1977, pp. 179-290 e pp. 291-309.

MACHADO 1977 — José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Horizonte, tt. I-V, 1977.

MACHADO 1991 — José Pedro Machado, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisboa, Notícias, 1991.

MAGNE 1944 — *A Demanda do Santo Graal* (ed. Augusto Magne), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, tt. I-III, 1944.

MARTINS 1972 — Mário Martins, «Da Glosa dos Provérbios de Santilhana em Gil Vicente», em *Estudos de Cultura Medieval*, Braga, Magnificat, 1972, 2 vols., vol. II, pp. 33-38.

MARTINS 1987 — Mário Martins, *O Riso, o Sorriso e a Paródia na Literatura Portuguesa de Quatrocentos*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1987².

MAZZOCCHI — Hernando de Ludueña, *Dottrinale di gentilezza / Doctrinal de gentileza*, edição por Giuseppe Mazzocchi, Nápoles, Liguori, 1998.

MENDES DOS REMÉDIOS 1905 — Joaquim Mendes dos Remédios, *Senanças de D. Francisco de Portugal*, Coimbra, França Amado, 1905.

MENDOZA NEGRILLO 1973 — Juan de Dios Mendoza Negrillo, *Fortuna y Providencia en la literatura castellana del siglo XV*, Madrid, Anejos del Boletín de la Real Academia española, XXVII, 1973.

MENÉNDEZ PIDAL 1978 — Ramón Menéndez Pidal, «La lengua de Cristóbal Colón», em *La lengua de Cristóbal Colón; el estilo de Santa Teresa y otros estudios sobre el siglo XVI*, Madrid, Espasa-Calpe, 1978⁶, pp. 9-46.

MENÉNDEZ PIDAL 1987 — Ramón Menéndez Pidal, *Manual de gramática histórica española*, Madrid, Espasa-Calpe, 1987¹⁹ (1.^a ed., 1904).

BIBLIOGRAFIA

MICHAËLIS DE VASCONCELOS 1897 — Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «Das allgemeine Liederbuch (1448-1516)», em *Grundriss der Romanischen Philologie*, Estrasburgo, Trübner, II, 2, III, 1897, pp. 264-280.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS 1922 — Carolina Michaëlis da Vasconcelos, *O Cancioneiro de Fernandes Tomás*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922 (ed. facs. Lisboa, IN-CM, 1980).

MICHAËLIS DE VASCONCELOS 1986 — Carolina Michaëlis da Vasconcelos, «Mil Provérbios Portugueses», em *Revista Lusitana* (n.s.), 7, 1986, pp. 29-71.

MILLER 1982 — *Obras de Henrique da Mota. As Origens do Teatro Ibérico* (apresentação e estudo de Neil T. Miller), Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1982.

MORAIS 1889 — António de Moraes Silva, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Empresa fluminense, tt. I-II, 1889.

MORREALE 1961 — Margherita Morreale, «Biblia romanceada y diccionario histórico», em *Studia Philológica (Homenaje a Dámaso Alonso)*, Madrid, Gredos, 3 vols., 1961; vol. 2, pp. 509-536.

MORREALE 1968 — Margherita Morreale, recensão a «Carvajal, *Poesie* (ed. E. Scoles), Roma, Ateneo, 1967, em *Revista de Filología Española*, LI, 1968, pp. 275-287.

NAVARRO TOMÁS 1986 — Tomás Navarro Tomás, *Métrica española*, Barcelona, Labor, 1986⁷.

NIGRIS 1988 — Juan de Mena, *Poesie minori* (ed. Carla Nigris), Nápoles, Liguori, 1988.

NORONHA 1871 — Tito Noronha, *O Cancioneiro Geral de Resende (Curiosidades Bibliográficas)*, Porto, Livraria Internacional, 1871.

NUNES 1615 — Filipe Nunes, *Arte Poética e da Pintura e Simetria, com Principios de Perspectiva*, Lisboa, 1615.

NUNES 1975 — José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa, Clássica, 1975⁸ (2.^a ed. corrigida e aumentada, 1930; 3.^a ed. corrigida, 1945).

NUNES 1981 — José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica*, Lisboa, Clássica, 1981⁸ (2.^a ed. corrigida e modificada, 1921; 3.^a ed. corrigida, 1943).

PERIÑAN 1968 — Blanca Periñan, «La poesía de Suero de Ribera», em *Miscellanea di studi ispanici*, Università di Pisa, 1968, pp. 9-138.

BIBLIOGRAFIA

POZZI 1980 — *Trattati d'amore del cinquecento* (ed. de Mario Pozzi), Bari, Laterza, 1980.

PRESOTTO 1997 — Juan de Dueñas, *La Nao de Amor. Misa de Amores*, edição crítica, estudo e comentário por Marco Presotto, Viareggio, Baroni, 1997.

REBELLO 1984 — Francisco Rebello, *O Primitivo Teatro Português*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1984².

RESENDE 1545 — Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, 1545.

RICARD 1951 — Robert Ricard, *Sources inédites de l'histoire du Maroc-Portugal*, Paris, Geuthner, 1951.

RICO 1966 — Francisco Rico, «Un penacho de penas. Sobre tres invenciones del *Cancionero General*», em *Romanistisches Jahrbuch*, Hamburgo, XVII, 1966, pp. 274-284.

RODRIGUES 1929 — Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, Lisboa, Academia das Ciências, 1929.

ROMEU FILGUERAS 1965 — José Romeu Filgueras, *La música en la corte de los Reyes Católicos, IV, 1/2, Cancionero musical de Palacio (siglos XV-XVI)*, 3-A/B, Barcellona, C.S.I.C., 1965.

RUGGIERI 1931 — Jole Ruggieri, *Il Canzoniere di Resende*, Genebra, Olschki, 1931.

SANTA ROSA VITERBO — Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e Hoje Regularmente se Ignoram* (Lisboa, t. I, 1798, t. II, 1799), ed. crítica Mário Fiúza, Porto, Civilização, t. I, 1965, t. II, 1966.

SARAIVA — *Ditos Portugueses Dignos de Memória: História Íntima do Século XVI*, [2.^a edição], anotada e comentada por José Hermano Saraiva, [Mem Martins], Europa-América, s.d. [1.^a 1980; 3.^a 1997].

SARAIVA 1981 — António José Saraiva, *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, Lisboa, Bertrand, 1981³.

SARAIVA-LOPES 1985 — António José Saraiva, Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Ed., 1985¹³.

SCHOLBERG 1971 — Kenneth R. Scholberg, *Sátira e invectiva en la España medieval*, Madrid, Gredos, 1971.

SCHOWINGEN 1981 — Karl von Schowingen, «Sentenzen und Leben des Dom Francisco de Portugal, Graf von Vimioso», em *Portugiesische Forschungen der Görres-Gesellschaft*, 17, 1981-82, pp. 12-46.

SCOLES 1967 — Carvajal, *Poesie* (ed. Emma Scoles), Roma, Ateneo, 1967.

SILVA DIAS 1970 — José Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Clássica, 1970⁵.

SILVA DIAS 1969 — José Sebastião da Silva Dias, *A Política Cultural de D. João III*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969.

SILVA NETO 1986 — Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença, 1986⁴.

SOUSA VITERBO 1901 — Sousa Viterbo, *A Livraria Real, sobretudo no Reinado de D. Manuel*, Lisboa, Academia das Ciências, 1901.

SOUSA VITERBO 1905 — Sousa Viterbo, *Notícia de Alguns Arabistas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905.

STEGAGNO PICCHIO 1964 — Luciana Stegagno Picchio, *Storia del teatro portoghese*, Roma, Ateneo, 1964.

STEGAGNO PICCHIO 1969 — Luciana Stegagno Picchio, *Ricerche sul teatro portoghese*, Roma, Ateneo, 1969.

STEUNOU-KNAPP 1975 — Jacqueline Steunou — Lothar Knapp, *Bibliografía de los Cancioneros Castellanos del siglo XV y repertorio de sus géneros poéticos*, Paris, CNRS, t. I, 1975, t. II, 1978.

TARRACHA FERREIRA 1993 — Garcia de Resende, *Antologia do Cancioneiro Geral* (selecção, organização, introdução e notas por Maria Ema Tarracha Ferreira), Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, s.d. (1993).

TAVANI 1980 — Giuseppe Tavani, «La lirica galego-portoghese», em *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters*, Heidelberg, Winter, II, 1, fasc. 6, 1980.

TERRACINI 1951 — Lore Terracini, *L'uso dell'articolo davanti al possessivo nel «Libro de buen amor»*, Turim, Università di Torino, vol. III, fasc. 5, 1951.

TEYSSIER 1959 — Paul Teyssier, *La langue de Gil Vicente*, Paris, Klincksieck, 1959.

TEYSSIER 1987 — Paul Teyssier, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1987³.

BIBLIOGRAFIA

TILLIER 1985 — Jane Yvonne Tillier, «Passion Poetry in the *Cancioneros*», em *Bullettin of Hispanic Studies*, LXII, 1985, pp. 65-78.

TOCCO 1993 — Valeria Tocco, «Osservazioni sul bilinguismo in Portogallo (sec. XV-XVII)», em *Il Confronto Letterario*, 20, 1993, pp. 319-334.

TOCCO 1997 — D. Francisco de Portugal. I Conte di Vimioso, *Sentenças*, edição crítica e estudo por Valeria Tocco, Viareggio, Baroni, 1997.

TORNER 1966 — Eduardo Martínez Torner, *Lírica hispánica. Relaciones entre lo popular y lo culto*, Madrid, Castalia, 1966.

VÁSQUEZ CUESTA 1981 — Pilar Vásquez Cuesta, «O Bilinguismo Castelhano-Português na Época de Camões», em *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1981, pp. 807-827.

VÁSQUEZ CUESTA 1987 — Pilar Vásquez Cuesta, «La anexión de Portugal a España», em *Historia de España*, Madrid, Espasa-Calpe, t. xxvi, 1987, pp. 469-505.

VIEIRA 1871 — Fr. Domingos Vieira, *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, Porto, E. Chardron e B. H. de Moraes, 5 vols., 1871-1874.

WHINNOM 1968 — Keith Whinnom, «Hacia una interpretación y apreciación de las canciones del *Cancionero General* de 1511», em *Filología*, Buenos Aires, XIII, 1968-69, pp. 361-381.

WHINNOM 1971 — Diego de San Pedro, *Obras completas* (ed. Keith Whinnom), Madrid, Clásicos Castalia, tt. I-II, 1971.

WHINNOM 1981 — Keith Whinnom, *La poesía amoratoria de la época de los Reyes Católicos*, University of Durham, 1981.

WILLIAMS 1986 — Edwin Williams, *Do Latim ao Português*, Rio de Janeiro, Tempo Libero, 1986 (1.^a ed., Oxford, 1938).

ZUMTHOR 1973 — Paul Zumthor, *Lingua e tecniche poetiche nell'età románica*, Bolonha, Il Mulino, 1973.

ÍNDICE DOS
PRIMEIROS VERSOS

Índice por ordem numérica

1	Quem vos poderá servir	75
2	Se fizesse fundamento	76
3	S'alguém deseja prazer	77
4	Que não tenha mais prazer	78
5	Passa a vida tão asinha	79
6	Triste dom e triste terra	80
7	Por esta regra segura	81
8	Vão em conta meus cuidados	82
9	Bem e mal tão pouco dura	83
10	Um só bem de grande grória	84
11	Quem de mim s'há-de doer?	85
12	Oh, quem nunca conhecera	86
13	Tristeza pois não podeis	87
14	Que terrível desconcerto	88
15	A vida não dura mais	89
16	São tão mal aventurado	90
17	Quando vendo-vos me via	91
18	Remédio de minha vida	92
19	Se não tivesse poder	95
20	Tivera mais que perder	97
21	Desejar e bem querer (Aires Teles)	100
	Quem d'amores tem o cume	101
	Este meu senhor quis vir (Aires Teles)	102
	Qu'aproveita bem falar	104
	Meu amor tanto vos amo	105
	Sem outros mais argumentos (Aires Teles)	106
	Meu amor, tanto vos quero (Aires Teles)	107
22	De quanto he trabajado	108
23	Vi mi mal enverdecer	109

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS

24	Lo que más muerte ordena	110
25	Yo vi triste sojuzgarme	111
26	Es tan grave mi tormento	112
27	Dulce vista y bien passado	113
28	En la vida que Amor	114
29	A ver en tanta hermozura	115
30	Oh, gloria de mi desseo	116
31	Como contento veví (mote)	120
	Amor, desque te serví	120
32	Voluntad, n'os trabajéis (Pero Secutor)	121
	De cobrar gosto perdido	121
33	El morir triste consiento (anónima)	124
	Pues mi vida vos desplaze	124
34	Oh, mui estreitos bocais	127
35	Sois ages no português	128
36	Estudais e fogis de mi	129
37	Abaixo d'Escaropim	130
38	Das três grandes Guiomares	131
39	Guai de mim se não tivera	134
40	Señora, no quiere Dios	138
41	Oh, morto sentido de vivo sentir	139
42	Isto acho em Belém	141
43	Amores que meu cuidado	142
	Ando triste, desvelado (Manuel de Goios)	143
44	Meu bem sem vos ver	145
	Sospiros, cuidados (Garcia de Resende)	146
45	Qual é'quela cousa que nunca se viu	147
	Saber, gentileza em vós s'envestiu (Garcia de Resende)	147
46	Senhores não seja só	148
	Tenho muito bons embargos (Luís da Silveira)	148
47	O vosso coração d'ouro (Luís da Silveira)	151
	Não há i quem se conheça (João Rodrigues de Sá)	151
	Quem diz qu'o meu coração	152
48	Desejando sempre vida (Aires Teles)	154
	Quando vida desejei	154
49	Oh, que ditoso falar (Aires Teles)	155
	Se tivera que dizer	155
50	É rezão que vos lembreis	156

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS

51	Olhe bem no seu olhar	157
52	Foi feito tão atrevido	159
53	Eu cuidei em vos louvar (Conde de Borba)	161
	Como se pode fazer	161
54	A grória de se perder (Aires Teles)	162
	Se prazer é ser perdido	162
55	Desejo de vos louvar (João da Silveira)	164
	Como quem fala de fora	164
56	Quem quiser sarar o mal (Simão de Sousa)	166
	A vista qu'há-de salvar	166
57	Vossa graça e parecer (Simão de Sousa)	168
	Louvar vossa perfeição	168
58	Fortuna, sortes, mau fado (Simão de Miranda)	169
	Qual vos eu quisesse mais	169
59	Quem tiver algum padrão (Aires Teles)	170
	Não fiar mais em prendê-lo	170

Apêndice 2

1	Voluntad, n'os trabajéis	172
2	Isto acho em Belém	174

Apêndice 3

1	Em vos dar conta de mim (Manuel de Goios)	175
2	Meu senhor, des que partistes (Garcia de Resende)	177
3	Senhor, a longa esperança (Gil Vicente)	179

Índice por ordem alfabética

54	A grória de se perder (Aires Teles)	162
29	A ver en tanta hermozura	115
15	A vida não dura mais	89
56	A vista qu'há-de salvar	166
37	Abaixo d'Escaropim	130
31	Amor, desque te serví	120
43	Amores que meu cuidado	142
43	Ando triste, desvelado (Manuel de Goios)	143

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS

9	Bem e mal tão pouco dura	83
31	Como contento veví (mote)	120
55	Como quem fala de fora	164
53	Como se pode fazer	161
38	Das três grandes Guiomares	131
32	De cobrar gosto perdido	121
22	De quanto he trabajado	108
48	Desejando sempre vida (Aires Teles)	154
21	Desejar e bem querer (Aires Teles)	100
55	Desejo de vos louvar (João da Silveira)	164
27	Dulce vista y bien passado	113
50	É rezão que vos lembreis	156
33	El morir triste consiento (anónima)	124
Ap. 3	Em vos dar conta de mim (Manuel de Goios)	175
28	En la vida que Amor	114
26	Es tan grave mi tormento	112
21	Este meu senhor quis vir (Aires Teles)	102
36	Estudais e fogis de mi	129
53	Eu cuidei em vos louvar (Conde de Borba)	161
52	Foi feito tão atrevido	159
58	Fortuna, sortes, mau fado (Simão de Miranda)	169
39	Guai de mim se não tivera	134
42	Isto acho em Belém	141
24	Lo que más muerte ordena	110
57	Louvar vossa perfeição	168
21	Meu amor tanto vos amo	105
21	Meu amor tanto vos quero (Aires Teles)	107
44	Meu bem sem vos ver	145
Ap. 3	Meu senhor, des que partistes (Garcia de Resende)	177
59	Não fiar mais em prendê-lo	170
47	Não há i quem se conheça (João Rodrigues de Sá)	151
47	O vosso coração d'ouro (Luís da Silveira)	151
30	Oh, gloria de mi desseo	116
41	Oh, morto sentido de vivo sentir	139
34	Oh, mui estreitos bocais	127

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS

49	Oh, que ditoso falar (Aires Teles)	155
12	Oh, quem nunca conhecera	86
51	Olhe bem no seu olhar	157
5	Passa a vida tão asinha	79
7	Por esta regra segura	81
33	Pues mi vida vos desplace	124
21	Qu'aproveita bem falar	104
45	Qual é'quela cousa que nunca se viu	147
58	Qual vos eu quisesse mais	169
17	Quando vendo-vos me via	91
48	Quando vida desejei	154
4	Que não tenha mais prazer	78
14	Que terríbel desconcerto	88
21	Quem d'amores tem o cume	101
11	Quem de mim s'há-de doer?	85
47	Quem diz qu'o meu coração	152
56	Quem quiser sarar o mal (Simão de Sousa)	166
59	Quem tiver algum padrão (Aires Teles)	170
1	Quem vos poderá servir	75
18	Remédio de minha vida	92
3	S'alguém deseja prazer	77
45	Saber, gentileza em vós s'envestiu (Garcia de Resende)	147
16	São tão mal aventurado	90
2	Se fizesse fundamento	76
19	Se não tivesse poder	95
54	Se prazer é ser perdido	162
49	Se tivera que dizer	155
21	Sem outros mais argumentos (Aires Teles)	106
Ap. 3	Senhor, a longa esperança (Gil Vicente)	179
40	Señora, no quiere Dios	138
46	Senhores não seja só	148
35	Sois ages no português	128
44	Sospiros, cuidados (Garcia de Resende)	146
46	Tenho muito bons embargos (Luís da Silveira)	148
20	Tivera mais que perder	97

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS

6	Triste dom e triste terra	80
13	Tristeza pois não podeis	87
10	Um só bem de grande grória	84
8	Vão em conta meus cuidados	82
23	Vi mi mal enverdecer	109
32	Voluntad, n'os trabajéis (Pero Secutor)	121
57	Vossa graça e parecer (Simão de Sousa)	168
25	Yo vi triste sojuzgarme	111

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

Abranches, D. Álvaro de 15, 157, 166, 168
 Abreu, João de 157, 170
 Vasco Gomes de 164
 D. Afonso (Marquês de Valença) 11
 D. Afonso (Príncipe) 16
 D. Afonso V 11, 12, 151
 Aguiar, Jorge de 161
 Ayola, Gonçalo de 179
 Albuquerque, D. Afonso de 159
 D. Álvaro (filho do 2.º Duque de Bragança) 14
 António, Frei 34
 Alighieri, Dante 44, 55
 Almeida, Álvaro Fernandes de 162
 Álvaro Gonçalves de 28, 157, 159
 D. Francisco de 164
 Lourenço de 164
 Pedro de 166, 170
 Anriques, Catarina 50, 128
 Lianor 56, 161
 Luís 86
 Aragona, Tullia de 47
 Ataíde, D. Ana de 14
 D. António (1.º Conde de Castanheira) 14, 27, 28, 31, 33
 D. António de (2.º Conde de Castanheira) 14
 D. António (5.º Conde de Castanheira) 57
 D. João (4.º Conde de Castanheira) 57
 Nuno Fernandes de 162
 Ataíde, D. Nuno António de 57
 Azevedo, Luís de 64

B

Badajoz 166
 Barradas, Diogo 33, 159, 161
 Barreto, Jorge 156
 D. Beatriz (Infanta) 54
 D. Bernaldo 27
 Bernardes, Diogo 58, 115
 Bragança, D. Jaime de 56
 Branco, D. Gonçalo de Castel 166
 D. João de Castel 168
 D. Martinho de Castelo (Conde de Vilanova) 17, 151
 Brandão, Diogo 41
 Brito, Álvaro de 88
 Francisco de 166

C

D. Camila 151
Capitão da Ilha 166
 Capitão, Jorge Gonçalves 170
 Cappellanus, Andreas 43
 Carlos V 16, 18
 Cartagena 121
 Carvalho, Pedro 34
 Castro, D. Guiomar 51
 D. Joana de 56
 D. Pedro de 17, 27
 D. Rodrigo de (*o Monsanto*) 51, 131, 166
 Catulo 61
 Cavalcanti, Guido 55
 Chichorro, Martim de Sousa 15
 Chicorro, Vasco Martins 170
Comendador-mor de Avis 168
 Conde de Alcoutim 164
 Conde Almirante 27
 Conde de Farão 164
 Conde de Marialva 30

Conde de Olivença 28
 Correia, Enrique 161
 Costa, D. Álvaro da 27
 Coutinho, Fernando 56
 Gonçalo 159
 D. Vasco (Conde de Borba, aliás
 de Redondo) 15, 56, 127, 128,
 130, 135, 161
Craveiro 156, 168
 Cunha, Nuno da 170

D

Dantas, Luís 159
 Dias, Damião 29
 Díaz de Toledo, Pedro 56
 D. Diogo (Duque de Viseu) 11, 12,
 49, 56
 Dueñas, Juan de 44

E

Eça, Jerónimo 49
 Encina, Juan del 121
 Esteves, Cristóvão 29, 34
Estribeiro-mor 157, 166
 Estúñiga, Lope de 132

F

Fernandes, Afonso 33
 Diogo 130, 159
 D. Fernando (2.º Duque de Bragança)
 14
 D. Fernando (3.º Duque de Bra-
 gança) 11, 12
 Ferreira, Inácio 58
 D. Filipe (futuro Filipe II) 18
 D. Filipe III 58
 Fogaça, João 56, 161, 164
 Tristão 164, 168
 Fóis, Vasco de 157, 164, 166, 170
 Freire, D. Margarida 164
 Freitas, D. Briolanja 12

G

Gama, Duarte da 56, 159, 161
 Goios, Estêvão de 143
 Manuel de 15, 22, 71, 142, 143,

156, 157, 159, 161, 164, 168,
 175

Gomes, João 88
 D. Gonçalo 157
 Gregório XIII, Papa 12
Guerra, o porteiro 80

H

Henriques, D. Guiomar 51, 54
 Homem, Francisco 162, 170

I

D. Isabel (irmã do Duque de Bra-
 gança) 11, 143
 D. Isabel (filha dos Reis Católicos)
 16
 D. Isabel (filha de D. Manuel) 16

J

D. Jaime (Duque de Bragança) 16
 D. João (Príncipe) 18
 D. João I 11, 13, 15
 D. João II 11, 12, 45, 49, 56, 154,
 169
 D. João III 11, 13, 14, 16, 17, 18,
 21, 22, 25
 D. Juana (filha de Carlos V) 18

L

Lancastre, D. Isabel de 28
 Leão, Gil Nunes de 58
 Lemos, Duarte de 161
 Lobo, João 51, 131, 132, 164, 166
 Maria de Sousa 49
 Lopes, D. João 170
 López de Haro, Diego 46
 López de Mendoza, Íñigo (Mar-
 quês de Santillana) 56
 Lorris, Guillaume de 43
 Ludueña, Hernando de 50
 D. Luís (Infante) 18, 58, 59, 60

M

Macedo, D. Felipa 13
 Macedo, D. João Gonçalves 13
 Manrique, Jorge 41, 48
 D. Manuel (Príncipe) 18

D. Manuel 11, 12, 13, 14, 16, 17,
22, 26, 34, 35, 54, 143
Manuel, D. Joana 155
D. João 83, 90, 155
Marcão, Diogo 101
D. Maria (filha de D. João III) 18
o Marquês 164
Mascarenhas, D. João Rodrigues
55, 170
Melo, Diogo de 157, 162, 164
D. Garcia (*o brazeiro*) 51, 54
D. João de 28
Jorge de 164
Lionel de 49
Martim Afonso de 170
Mena, Juan de 41, 105
Mendes, António 87
Diogo 34
Mendoça, D. Joana 162, 169
D. Nuno 14
Pedro de 170
Meneses, D. Duarte de 159
D. Garcia de 11, 12, 54
D. Guiomar 51, 132, 168
D. João de 45, 56, 157, 161, 166
D. João (Conde de Tarouca) 53,
54, 159
Luís de 166
D. Manuel de 161
Meneses, Aires Teles de 39, 45, 46,
47, 48, 49, 54, 100, 102, 106, 129,
154, 155, 157, 162, 166, 170, 171
Fernão Teles de 45
Rui Teles de 13
Mexías 46
Miranda, Simão de 169
Moniz, Pero 162
Mota, Henrique 51

N
Neto, Brás 33
Noronha, Afonso de 159, 161
D. Francisco 33
D. Guiomar de 13
Pedro de 164
Núñez, Nicolás 82
D. Nuno 170

O
Oliveira, Jorge de 39, 54, 169
Ovídio 129, 151

P
Pacheco, D. Alonso 155, 166, 169
D. Pedro 90
Petrarca, Francesco 61
Pio V, Papa 12
Pisan, Christine de 56
Portugal, D. Afonso de (bispo de
Évora) 11, 12, 13, 14, 21, 31, 32
D. Afonso de (2.º Conde de Vi-
mioso) 12, 14, 19, 26, 27, 28, 141
D. Brites 12, 27
D. Henrique de 14, 56
D. João de 14, 26, 28
D. Manuel de 14, 26, 28
D. Martinho de 12

R
Resende, Duarte de 48
Garcia de 15, 16, 22, 71, 132,
139, 145, 146, 147, 157, 159,
161, 162, 164, 166, 168, 169,
170, 177
Jorge de 132
Ribeira, Suero de 44, 50
Ribeiro, Pero de Sousa 80, 128, 161
Rodrigo, Mestre 159
Rodrigues, Jorge 56
Rute, Jacob 16

S
Sá, D. Beatriz de 166
João Rodrigues de 151, 157,
162, 166, 169, 170
Henrique de 151
San Jordi, Jordi 61
San Pedro, Diego de 42
Santillana, Marquês de (*vide López
de Mendoza, Iñigo*)
Sapaio, Afonso Lopes 21, 22
D. Sebastião 18
Secutor, Pero 121, 151, 172
Séneca 44, 45, 56, 57

Sem, António 50
 Simão de Sousa 50
 Sepúlveda, Diogo de 54, 159
 Serpa, Garcia de Melo de 50
 Silva, Afonso da 15
 António da 170
 Aires Teles da 45
 Francisco da 162
 Gonçalo da 166
 D. João da 51, 157
 Silveira, D. Diogo Lobo da (Barão de Alvito) 17, 27, 30, 32, 33, 49, 162, 164, 166, 168
 Fernão da (Coudel-mor) 11, 49, 50, 88, 126, 170
 Fernão da 164
 Francisco da 49
 João da 54, 159, 164, 166
 João Fernandes da 164
 Jorge da 49, 128, 164, 166
 Luís da 32, 33, 39, 49, 128, 148, 151, 157, 164, 168
 Martinho da 132
 Nuno Martinho da 49
 Simão da 157, 166, 168, 170
 Sousa, Brites de 162
 Filipa de 50
 Francisco de 46, 162, 166
 D. Manuel de 27
 D. Margarida 45, 104

Pedro de 50, 128
 Simão de 50, 128, 134, 136, 137, 157, 166, 168, 169

T

Teles, Aires (*vide* Meneses, Aires Teles de)
 Fernão 164
 Rui 32
 Toledo, Pedro Díaz de 56
 Tomás, São 47

V

Vargas, Sebastião 16
 Vicente, Gil 20, 21, 22, 56, 65, 69, 71, 130, 134, 179
 Vilhana, D. Beatriz de 169
 Vilhena, D. Ana de 45
 D. Brites de 13, 164
 D. Filipa de 49
 D. Guiomar de Portugal e 13, 14, 20
 D. Joana de 13, 19
 D. Maria de (neta de D. Francisco de Portugal) 14
 D. Maria de (mãe de Aires Teles) 45
 Manuel de 162
 Viveiro, D. Francisco de 162, 164, 170

ÍNDICE GERAL

NOTA PRÉVIA	7
1. D. FRANCISCO DE PORTUGAL, 1.º CONDE DE VIMIOSO: DOCUMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA.....	9
APÊNDICE 1	
Uma queixa ao rei D. João III: ms. 7, n.º 4 da Biblioteca Nacional de Lisboa (1544).....	25
2. A OBRA DO CONDE DE VIMIOSO	
2.1 Introdução.....	39
2.2 A lírica amorosa	40
2.3 A poesia de circunstância	48
2.4 As composições colectivas	53
2.5 As Sentenças.....	56
2.6 Retórica e métrica	60
2.7 D. Francisco, poeta bilingue	64
2.8 Critérios desta edição	70
2.8.1 Regras de transcrição	71
AS POESIAS	
A poesia amorosa	75
A poesia amorosa em castelhano	108
As composições de circunstância	127
As composições colectivas.....	142

ÍNDICE GERAL

APÊNDICE 2	
Variantes das líricas n.º 32 e n.º 42	172
APÊNDICE 3	
Trovas dirigidas ao Conde	175
AS SENTENÇAS	
Lista das abreviaturas	183
Sentenças em prosa	185
Sentenças em verso	201
Glossário essencial das Sentenças	237
BIBLIOGRAFIA	239
ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS	251
ÍNDICE ONOMÁSTICO	259

Valeria Tocco formou-se na Universidade de Pavia (Itália) e doutorou-se em Bolonha. Actualmente trabalha nas Universidades de Pisa e Bérgamo. O seu campo de investigação é, predominantemente, o da poesia dos séculos XVI e XVII, para o estudo da qual contribuiu com vários ensaios e edições críticas, entre as quais a da *formosa As Cortes de Pamira* de Diogo de Sousa (Bari, Adriatica, 1996). Está presente nesta mesma colecção com a sua edição das *Obras Poéticas* de Diogo Brandão.

Outros títulos publicados nesta colecção
na Série *Poesia do Tempo dos Descobrimentos*:

O Cuidar e Suspirar [1483]

Fixação do texto, introdução e notas
por Margarida Vieira Mendes

Diogo Brandão: Obras Poéticas

Fixação do texto, introdução e notas
por Valeria Tocco

Obras de Álvaro de Brito

Edição de Isabel Almeida

ISBN 972-8325-93-2



9 789728 325930

As edições de literatura histórica – quer de fontes quer de estudos – ocupam lugar de relevo nos interesses do público. Que é preciso satisfazer, prezando a qualidade. Não poucos leitores querem conhecer o passado, e não se limitam a convencionais interpretações. Há muitos que se embrenham afoitamente em novas perspectivas e em novas problemáticas. Que podem contribuir para esclarecer os dias que vivemos. Novas margens, outras margens. Com este conjunto de publicações, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses iniciou, em 1997, uma nova colecção que se designou *Outras Margens*; assim mesmo. Onde têm saído alguns títulos de importância para alargar o número de leitores do que tem vindo a ser investigado e escrito em Portugal. Em que cabem também reedições de obras fundamentais, que se encontravam esgotadas. Sobre o passado de um Povo que pelo Mundo se espalhou.

Joaquim Romero Magalhães
Comissária-Geral da CNCDP